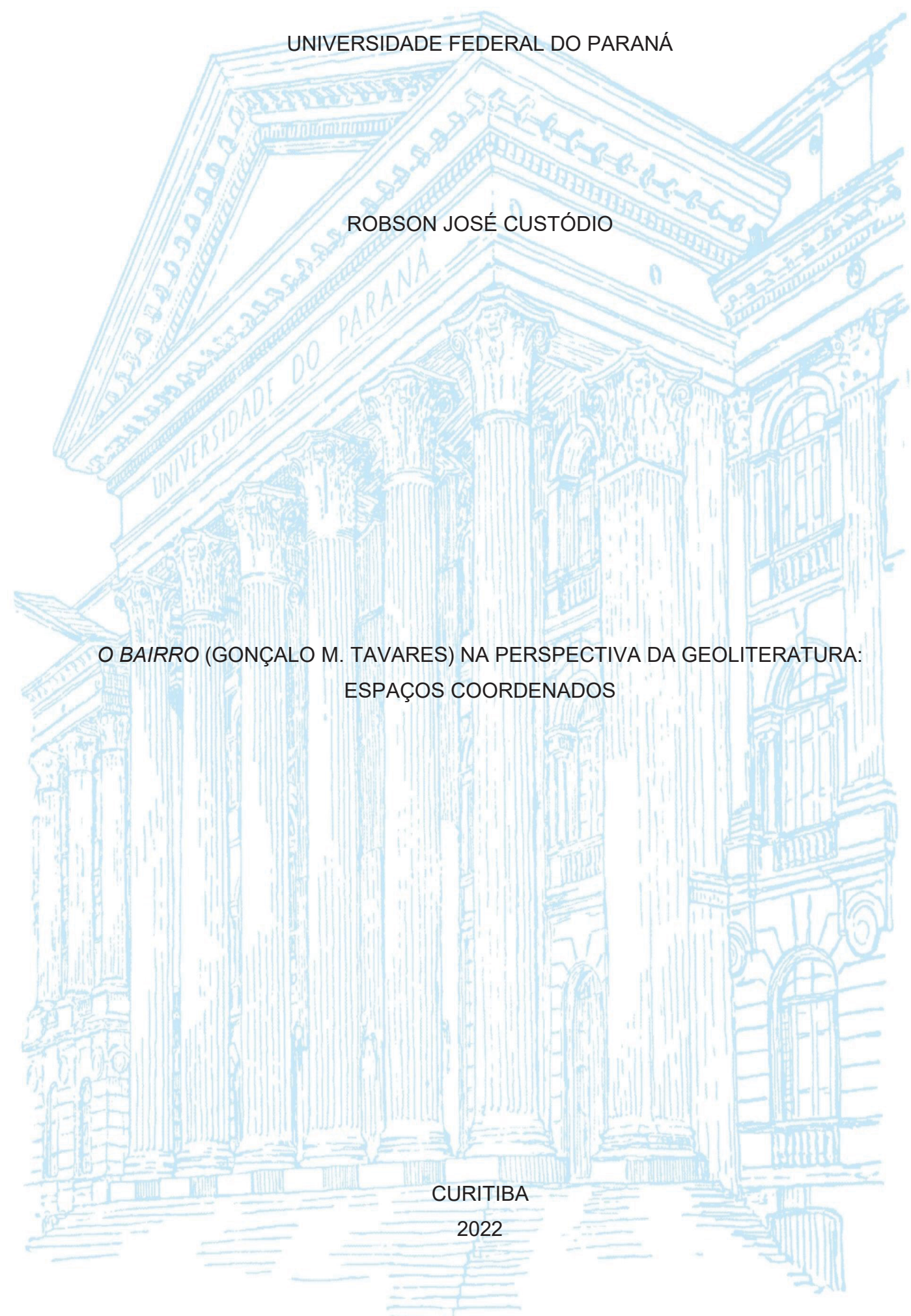




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROBSON JOSÉ CUSTÓDIO

O BAIRRO (GONÇALO M. TAVARES) NA PERSPECTIVA DA GEOLITERATURA:
ESPAÇOS COORDENADOS

CURITIBA

2022

ROBSON JOSÉ CUSTÓDIO

O BAIRRO (GONÇALO M. TAVARES) NA PERSPECTIVA DA GEOLITERATURA:
ESPAÇOS COORDENADOS

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras, área de Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Augusto Nery

CURITIBA
2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Custódio, Robson José

O bairro (Gonçalo M. Tavares) na perspectiva da geoliteratura :
espaços coordenados. / Robson José Custódio. – Curitiba, 2022.
1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese em Letras) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Letras.

Orientador : Prof. Dr. Antonio Augusto Nery.

1. Tavares, Gonçalo M., 1970-. 2. Literatura portuguesa.
3. Literatura e geografia. I. Nery, Antonio Augusto, 1981-.
II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em Letras. III. Título.

Bibliotecária : Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **ROBSON JOSÉ CUSTÓDIO** intitulada: **O Bairro (Gonçalo M. Tavares) na perspectiva Geoliterária: espaços coordenados**, sob orientação do Prof. Dr. ANTONIO AUGUSTO NERY, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 31 de Março de 2022.

Assinatura Eletrônica

31/03/2022 18:16:56.0

ANTONIO AUGUSTO NERY

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

31/03/2022 18:16:29.0

RICARDO JUNIOR DE ASSIS FERNANDES GONÇALVES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS)

Assinatura Eletrônica

31/03/2022 18:17:31.0

GABRIEL DORIA RACHWAL
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

31/03/2022 18:16:56.0

JOSÉ CARVALHO VANZELLI

Avaliador Interno Pós-Doc (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

31/03/2022 18:16:18.0

TELMA MACIEL DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA)

Ao Vicente Guilherme e à Cecília, minhas poesias de todas as manhãs.

À Gracieli, meu girassol ao longo do sol da vida.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento que deve sempre ser expresso, em todas as nossas conquistas, por isso agradeço...

Primeiramente, a Deus por sempre me guiar na vida e nas escolhas, por me proteger conforme a sua vontade, por meio de seus intermediários, por suas energias.

Ao professor Dr. Antonio Augusto Nery, por ser genial em tudo que diz, por sempre me dar força e acreditar que tudo isto aqui poderia dar certo. Com certeza, você foi mais do que meu orientador, foi um exemplo e inspiração de profissional durante esses quatro anos, foi meu terapeuta, meu amigo de bar, meu companheiro de vida. Espero que possamos caminhar juntos por longos anos, na academia e nas ruas.

Ao professor Dr. Daniel de Oliveira Gomes, por me motivar a construir esta caminhada, desde os primeiros momentos ainda lá no mestrado.

Aos membros da banca, por cederem algumas horas de seu trabalho para se debruçarem sobre esta tese, lendo-a com atenção e carinho.

Ao professor Dr. Ricardo Assis, em especial, por me mostrar inteligivelmente que a geografia e a literatura podem ser companheiras em nossas pesquisas.

A todos os professores deste Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, que contribuíram com o pesquisador que agora sou.

À minha esposa e filhos por enfrentarem, indiretamente, esta pesquisa, esses longos quatro anos de trabalho. Vocês são as pessoas mais importantes da minha vida e devo, eternamente, agradecer-lhes o amor, os abraços dados e porque são a minha segurança. Espero poder ser exemplo na vida de vocês, Vicente e Cecília, e quando entenderem bem o mundo em que estamos, quero poder orgulhá-los pelo que construí com vocês, a vocês.

Aos meus pais e irmãos por compreenderem que quem eu sou hoje é fruto do que vivemos juntos, mesmo que, às vezes, não da forma como se esperava.

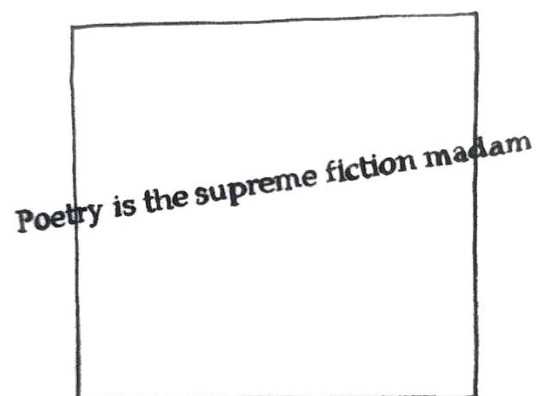
À Camila e à Luciana, por serem sempre aquele ponto de confiança que precisamos para acreditarmos em nós mesmos, por nos fazer sorrir e chorar diante das circunstâncias da vida e por me motivarem, desde o princípio, sobretudo quando eu não acreditava mais em mim.

A todos os professores das escolas públicas onde estudei, que me ajudaram a alçar novos voos, que me fizeram acreditar que a educação vale a pena.

Aos meus colegas de pesquisa que caminharam junto comigo na construção desta tese.

A todos os meus amigos que me viram chegar onde cheguei.

Por fim, quero agradecer – não de forma feliz – a todos os percalços que a sociedade, como um todo, quis me fazer engolir; por tentarem me fazer desistir, por me desmerecerem pela cor e origem social, por me julgarem e dizerem que eu não conseguiria, por ironizarem o meu cabelo, a minha cor, o meu jeito. Eu consegui, mas não sou a regra da sociedade, sou mais uma exceção, infelizmente.



Gonçalo M. Tavares, a partir de Wallace Stevens

O espaço, uma necessidade biológica de todos os animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social, e mesmo um atributo espiritual.

Yi-Fu Tuan

*“Que não nos curvemos
Que não nos entreguemos
Que continuemos a marcha da liberdade”*

Carlos de Assumpção

O senhor Breton questionou: *entre a literatura e a vida, quem é a lâmpada e a luz e quem é o inseto que por ela é atraído?*

Gonçalo M. Tavares

RESUMO

Resguardar: (i) guardar com cuidado; (ii) proteger; (iii) colocar a salvo. Com alguns de seus profusos significados, esse é o verbo que devemos conjugar quando pensamos em *O bairro*, de Gonçalo M. Tavares (1970-). (i) Guardar com muita cautela as dez obras escritas dessa série literária, mais algumas crônicas esparsas, publicadas entre 2002 e 2014, um projeto que se dedica a contar as histórias peculiares de alguns intelectuais, de forma curta, imagética e reflexiva. Há, talvez, outros adjetivos que possam ser movimentados para descrever a escrita de Tavares, mas é certo que todos os textos nos fazem pensar não só na literatura, mas também em nosso dia a dia. (ii) Proteger os seus senhores: além dos 11 dedicados às narrativas, há mais 28 habitantes nesse lugar, apresentando-nos relatos de seus cotidianos, tentando desenvolver relações entre si e com os espaços íntimos, sendo alguns desses contatos feitos de forma voluntária, outros, nem tanto. Cada um deles homenageia um intelectual consagrado no mundo literário e filosófico, mas é importante alertar que não se trata aqui de relatos biográficos, embora sintamos, sorrateiramente, a presença deles nos comportamentos, falas e gostos dos senhores. Nesse bairro, eles são apenas residentes. (iii) Colocar cada um desses senhores a salvo, em um espaço único, dos problemas do mundo externo. Seria como um lugar de resistência contra as barbáries do que vem além das fronteiras. *O bairro*   delineado por um mapa, uma representação gráfica que posiciona a residência de cada um dos senhores em determinada região; são todos vizinhos, como em uma cidade. Diante disso, a proposta desta pesquisa de doutorado   visitar esse bairro por um viés geoliter rio. Os capítulos são dedicados a ler cada uma das obras dessa série de Tavares, com foco no espaço e suas propriedades, utilizando como ferramenta teórica conceitos norteadores da geografia humana e da filosofia, sobretudo. Para tanto, é pertinente destacar que ideias de Milton Santos, Michel de Certeau, Marc Augé, Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre e Yi-Fu Tuan são relevantes para o encaminhamento desta discussão, que percorre os rumos da interação ser humano-espaço (consideramos aqui as poliédricas possibilidades de relação que o indivíduo pode desenvolver com o lugar em que habita: sua casa, os lugares de circulação, como a rua, as paisagens, os objetos, etc.; as suas diversas relações de vizinhança; as circunstâncias do espaço geográfico, tendo temas como a globalização, a população e a política). Assim, testaremos a hipótese de que   possível ler a literatura sob o viés geográfico.

Palavras-chave: Espaço. Geoliteratura. Bairro. Literatura Portuguesa Contemporânea. Gonçalo M. Tavares.

ABSTRACT

To safeguard: (i) to guard carefully, (ii) to protect, (iii) to save. With some of its profuse meanings, this is the verb we should conjugate when we think of *O bairro*, by Gonçalo M. Tavares (1970 -). (i) Carefully keeping the ten written works of this literary series, plus a few scattered chronicles, published between 2002 and 2014. A project that is dedicated to telling the peculiar stories of some intellectuals, in a short, imaginative and reflective way. There are perhaps other adjectives that can be used to describe Tavares' writing, but it is certain that all the texts make us think not only of literature, but also of our daily lives. 2) Protecting their misters: in addition to the 11 inhabitants dedicated to narratives, there are 28 more in this place, presenting us with reports of their daily lives, trying to develop relationships with each other and with intimate spaces, some of these contacts made voluntarily, others, not so much. Each of them pays homage to an intellectual renowned in the literary and philosophical world, but it is important to point out that this is not about biographical accounts, although we surreptitiously feel their presence in your behavior, speech and tastes. In this neighborhood, they are just residents. 3) Placing each of these gentlemen safe, in a unique space, from the problems of the external world. It would be like a place of resistance against the barbarities of what comes across borders. *O bairro* is delineated by a map, a graphic representation that positions the residence of each of the lords in a certain region; they are all neighbors as in a city. Therefore, the purpose of this doctoral work is to visit this neighborhood from a geoliterary point of view. The chapters are dedicated to reading each of the works of this series by Tavares with a focus on space and its properties, using as a theoretical tool guiding concepts of human geography and philosophy, above all. Therefore, it is pertinent to highlight that the ideas of Milton Santos, Michel de Certeau, Marc Aug , Maurice Merleau-Ponty, Jean Paul Sartre and Yi-Fu Tuan are relevant for the forwarding of this discussion, which runs along the paths of man-space interaction (here, the polyhedral possibilities of relationships that the individual can develop with the place where he lives are considered: his house, the places of circulation, such as the street, landscapes, objects, etc.; his different neighborhood relations; the circumstances of the geographic space, with themes such as globalization, population and politics). Thus, we will test the hypothesis that *O bairro* guards, in its narratives, different ways of living (and understanding) the space.

Keywords: Space. Geoliterature. Neighborhood. Contemporary Portuguese Literature. Gonçalo M. Tavares

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – O MAPA DE O <i>BAIRRO</i>	16
FIGURA 2 – OS ISOLADOS NO BAIRRO.....	23
FIGURA 3 – HABITAÇÃO DO SENHOR VALÉRY 25	
FIGURA 4 – PERSEGUIR E/OU SER PERSEGUIDO.....	28
FIGURA 5 – O PONTO FINAL.....	29
FIGURA 6 – “É ASSIM QUE EU FUJO DA CHUVA”	34
FIGURA 7 – TRIÂNGULO E QUADRADO	38
FIGURA 8 – TRIÂNGULO E TRIÂNGULO	39
FIGURA 9 – QUADRADO DIVIDIDO EM MUITOS BOCADINHOS	39
FIGURA 10 – VERDADE X MENTIRA	42
FIGURA 11 – HABITAÇÃO DO SR. VOLTAIRE	44
FIGURA 12 – HABITAÇÃO DO SENHOR WALSER	56
FIGURA 13 – OS PENSAMENTOS NO EPICENTRO DO CAOS.....	69
FIGURA 14 – OS PONDERADORES NO BAIRRO	75
FIGURA 15 – HABITAÇÃO DO SENHOR SWEDENBORG.....	77
FIGURA 16 – HABITAÇÃO DO SENHOR BRETON	97
FIGURA 17 – OS EXCÊNTRICOS NO BAIRRO	111
FIGURA 18 – HABITAÇÃO DO SENHOR JUARROZ	113
FIGURA 19 – HABITAÇÃO DO SENHOR CALVINO.....	125
FIGURA 20 – IRREGULARIDADE INICIAL.....	129
FIGURA 21 – TRAJETO COMUM	133
FIGURA 22 – A MANEIRA DIFERENTE DE EXECUTAR O PERCURSO	134
FIGURA 23 – A POSSÍVEL RUA <i>LE GRAND</i> , INDICADA PELO SENHOR.....	137
FIGURA 24 – O MUNDO DESCOBERTO PELOS PERDIDOS, COM BASE NA MENTIRA	139
FIGURA 25 – OS CRÍTICOS NO BAIRRO	142
FIGURA 26 – HABITAÇÃO DO SENHOR KRAUS	144
FIGURA 27 – HABITAÇÃO DO SENHOR BRECHT.....	159
FIGURA 28 – A SALA DE REUNIÃO (INÍCIO DAS REFLEXÕES DE BRECHT).....	159
FIGURA 29 – A SALA DE REUNIÃO (FINAL DAS REFLEXÕES DE BRECHT).....	168
FIGURA 30 – OS OBCECADOS NO BAIRRO	169
FIGURA 31 – HABITAÇÃO DO SENHOR HENRI	171
FIGURA 32 – HABITAÇÃO DO SENHOR ELIOT	181

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OS ISOLADOS.....	23
2.1	COERÊNCIAS E COMPROVAÇÕES DA VIDA COTIDIANA EM <i>O SENHOR VALÉRY E A LÓGICA</i> – NOÇÕES DE ESPAÇO E LUGAR	25
2.1.1	Os outros, os outros dele mesmo e a lógica como fugacidade diária.....	35
2.2	OS LUGARES PELOS QUAIS O TEMPO PASSOU: <i>O SENHOR VOLTAIRE E O SÉCULO XX</i>	44
2.3	O PECULIAR ACASO NA RESIDÊNCIA DO SENHOR WALSER: UMA RELAÇÃO TOPOFÍLICA	56
2.3.1	O caos como instrumento de relações.....	63
3	OS PONDERADORES.....	75
3.1	PERCEPÇÃO NO ESPAÇO A PARTIR DAS INVESTIGAÇÕES GEOMÉTRICAS DO SENHOR SWEDENBORG	76
3.1.1	O espaço percebido.....	78
3.2	O SENHOR BRETON COMO <i>VOYEUR</i> DE SI MESMO E DE SUA VIZINHANÇA.....	96
4	OS EXCÊNTRICOS.....	111
4.1	A REALIDADE ABSOLUTA E O ESPAÇO REJEITADO EM <i>O SENHOR JUARROZ</i>	112
4.1.1	Passeios pelo espaço rejeitado	121
4.2	UM PROVINCIANO NO TEMPO E NO ESPAÇO: UM PASSEIO DO SENHOR CALVINO PELO BAIRRO	125
4.2.1	Sonhos	125
4.2.2	Um passeio	127
5	OS CRÍTICOS	142
5.1	O CHEFE, SEUS AUXILIARES E UM ESPAÇO SOCIOPOLÍTICO: PONDERAÇÕES DO SENHOR KRAUS	144
5.1.1	Antes das eleições	146
5.1.2	Depois das eleições.....	152
5.2	O SER HUMANO E SEU ESPAÇO <i>SUB JUDICE</i> : OLHARES DO SENHOR BRECHT SOBRE O MUNDO CONTEMPORÂNEO	158
5.2.1	O ser humano e as intuições de poder	160

5.2.2	O ser humano e o estado de resiliência.....	163
5.2.3	O ser humano e as intervenções	165
6	OS OBCECADOS	169
6.1	UM COPO DE ABSINTO, POR FAVOR: O ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E O NÃO LUGAR	171
6.2	OS ESPAÇOS LITEROGEOGRÁFICOS NAS CONFERÊNCIAS DO SENHOR ELIOT: SETE VERSOS, SETE FRAGMENTOS	181
6.2.1	Primeira conferência: “Vem ver o dia crescer entre o chão e o céu”, de Cecília Meireles, e o espaço geográfico, segundo Eric Dardel	182
6.2.2	Segunda conferência: “Estais dispensados, meus aliados, meus violentos, meus indícios”, de René Char, e a noção de evento, de Milton Santos	185
6.2.3	Terceira conferência: “Não sou ninguém; não tenho nada a ver com explosões”, de Sylvia Plath, e o mundo percebido, conforme Merleau-Ponty	187
6.2.4	Quarta conferência: “Tenho tantas coisas na minha cabeça, não pode ser para mim”, de Marin Sorescu, e o corpo como espaço, de acordo com Yi-Fu Tuan	189
6.2.5	Quinta conferência: “O jardim não mudou, o silêncio está intacto”, de W. H. Auden, e a ideia de sacrifício, de Maurice Blanchot.....	191
6.2.6	Sexta conferência: “Uma paisagem absolutamente canônica, melhorada pela inundação”, de Joseph Brodsky, e a produção da racionalidade do espaço, para Milton Santos.....	192
6.2.7	Sétima conferência: “Sete noites mais alto muda o vermelho para vermelho”, de Paul Celan	194
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
	REFERÊNCIAS	201

Poema raro

*Se o poema raro, não publicado,
se encontrasse escrito nos lençóis da maca,
debaixo das costas do morimbundo,
o intelectual, informado de tal facto,
não hesitaria um segundo.
Empurraria o morimbundo, se possível ligeiramente para o lado,
se necessário para o chão,
e com uma caneta entre os dedos,
copiaria para o seu caderno preto
a preciosidade finalmente descoberta.
(TAVARES, 2005a, p. 147).*

1 INTRODUÇÃO

A discussão desenvolvida nesta tese parte do “vazio”, tal qual imagina Gonçalo M. Tavares em suas obras. Para ele, o vazio possibilita a visibilidade das coisas. Podemos, assim, exprimir que o vago instaura reflexões e desperta incógnitas ou até mesmo nos fornece respostas – não consideremos aqui a apatia e o tédio que podem surgir a partir do cotidiano do mundo; é, provavelmente, muito mais do que isso. Saberemos melhor, adiante, o que esse vácuo revelará, mas certamente o caminho a ser trilhado nesta análise é o da curiosidade, a hipótese de conhecer e preencher o desabitado, até porque, pensando em Aristóteles, quaisquer espaços ou lugares do mundo confirmam a inexistência do vazio, dispondo pouco a pouco os objetos. “Se todas as coisas estiverem umas por cima das outras nós não as conseguiremos ver” (TAVARES, 2019, p. 2), então nos encorajemos a ver o que nos é permitido. Tavares (2019, p. 3) elucida:

Há inúmeros exemplos. O músico John Cage mostrou que o importante é o intervalo entre as notas dó, ré, mi. Ou seja, o que é importante é o espaço vazio. Nas artes plásticas, a questão da tela em branco também está muito clara. Para os surrealistas claramente a cegueira, o vazio, o branco, é aquilo que permite a imaginação. [...] Diante do branco, diante do vazio, eu posso criar as minhas imagens individuais e criativas. A ideia que muitas vezes passa da angústia diante da folha em branco, quer do escritor, quer do pintor, é uma ideia que eu gosto de contrapor com outra. A primeira grande tarefa de um criador não é preencher o vazio, pelo contrário, é esvaziar o cheio. Esvaziar, limpar, pôr de novo a tela em branco e aí, sim, começar a pintar, ou aí, sim, começar a escrever.

A partir disso, esta pesquisa também segue revisitando a série *O bairro*, “esvaziando” as dez obras que figuram um mapa elaborado para ele próprio. Nosso

papel, neste trabalho, será “limpar, pôr de novo”, na perspectiva do espaço, os cotidianos literários (que por diversas vezes se confundem com as rotinas geográficas) das personagens. Esse território, tal qual se percebe na solidão do corpo – como afirma Meneses (2016) –, desenvolve relações em um isolamento positivo. Segundo o crítico, Gonçalo é capaz de explorar todas as potências do corpo, apresentando sentidos em tudo que escreve:

O corpo [...] não possui apenas uma dimensão de máquina, aquela a que corresponde o funcionamento dos órgãos. O corpo permite ligar, é um dispositivo de ligações - a pessoas, coisas, máquinas. Ler, amar, dormir, dançar, brincar são ligações, são desejos. Se o funcionamento maquínico do corpo acontece em boa parte à nossa revelia, as ligações são promovidas por cada corpo, se excetuarmos casos de corpos (que ainda são demasiados, ainda majoritários) em que a única ligação desejada é o alimento (MENESES, 2016, p. 185).

Esse universo tavariano se sustenta e garante-se na continuidade por meio dos leitores, com os seus devaneios e reflexões que surgem após as leituras, o que pode ser uma possibilidade de reformulação de escrita, de compreensão de mundo e texto, de expansão do espaço e da fluidez da obra.

Voltemos ao início: Gonçalo Manuel Albuquerque Tavares (1970-) é natural de Luanda, Angola, mas pouco ficou em terras africanas; ainda na infância, mudou-se com os pais para Aveiro, em Portugal. Sua carreira literária só teve início aos 30 anos, em 2001, com a publicação do *Livro da dança* – para ele, publicar demandava primeiramente um bom desenvolvimento de leitura (TAVARES, 2016). O autor foi (e continua sendo), por diversas vezes, premiado em Portugal e no mundo¹. Destaca-se que é atualmente (2022) professor na Universidade de Lisboa, em disciplinas de psicomotricidade – talvez, tendo em vista a docência, justifique-se o movimento que é provocado (seja pelo autor, seja pelo narrador) dentro das obras.

¹ “Entre os quais o Prémio LER/Millennium BCP 2004, o Prémio José Saramago 2005 e o Prémio Portugal Telecom de Literatura 2007 (Brasil), com o romance *Jerusalém*; o Prémio do melhor livro estrangeiro em França, em 2010, para outro romance da sua Tetralogia *O reino, Aprender A Rezar na Era da Técnica*; obras da sua série *O bairro*, como *O Senhor Valéry* e *O Senhor Kraus*, foram vencedoras do Prémio Branquinho da Fonseca/Fundação Calouste Gulbenkian e o Prix Littéraire Européens 2011, ‘Étudiants Francophones’ (França), respectivamente [...]. Todos esses prêmios, todas as mais de 250 traduções em curso, em cerca de 45 países são prova da aceitação global de um escritor absolutamente ímpar no panorama literário, já não apenas português ou europeu, mas mundial. E todas as iniciativas, reações e criações que surgiram e vão surgindo a partir das suas obras um pouco por todo o mundo dizem muito da sua escrita absolutamente universalizante” (CORGA, 2013, p. 1).

Ademais, em uma breve nota, publicada no livro *Histórias falsas*, afirma que naqueles textos o seu interesse era

exercer um ligeiro desvio do olhar em relação à linha central da história da filosofia; por outro lado, [ele] tinha curiosidade em perceber o modo como a ficção [...] se pode encostar suavemente a um fragmento da verdade até o ponto em que tudo se mistura e se torna uniforme (TAVARES, 2008a, p. 9).

Entretanto, isso não é algo exclusivo dessa obra. A mistura e a reflexão propostas, além do gosto pelo movimento, são encontradas como, possivelmente, um parâmetro nos textos tavianos, constituindo uma tentativa de escrita. A ideia dianteira de sua poesia, como ele mesmo afirma, são as relações entre (ou com) os homens e, também, os espaços².

Em suma, temos que Gonçalo se preocupa – ou pelo menos tenta – com cada vocábulo utilizado, de modo que todo o raciocínio obtido durante e no fim da leitura seja, de fato, proveitoso, criando uma organicidade implícita. É, dessa maneira, uma “tentativa de levar a escrita do cérebro aos olhos e de não a deixar sair daí. Evitar que se pense, transferir tudo para uma questão óptica. Não penses, vê – e vê, não penses. Mas ver o que nos é mostrado e ver ainda o resto. Ao lado, em cima, embaixo, antes, depois” (TAVARES, 2015a, p. 1). É isso, ler Gonçalo M. Tavares nos possibilita mexer com a consciência, o visual, o riso, a curiosidade, seguindo, assim, pegadas deixadas pelo autor em nossas leituras. São hipóteses que se confirmam, que nos comovem a conhecê-lo mais a cada novo texto lido:

Um autor cujo tempo lhe chega como um murmúrio escreve para além do que é atual, do estrito contexto histórico-político que é o nosso. Só desta forma, só não contaminado – diríamos, intoxicado – pelas pequenas ou grandes questões do tempo, se poderá com mais clareza entendê-lo, e, com esse entendimento, ajudar a melhorá-lo. Literariamente falando, talvez só assim se seja lido dentro de três séculos. Gonçalo M. Tavares é, pois, um autor inatual e assim intemporal, colocando o ser humano em perspectiva para além do espaço-tempo (MENESES, 2016, p. 184).

² De modo a ampliar esse olhar sobre a obra de Gonçalo M. Tavares, indica-se a leitura de seu *Atlas do corpo e da imaginação*, publicado em 2021, no Brasil, pela editora Dublinense. Nele, constatamos diversas questões – o que é comum em seus textos –, mas também respostas para uma possível compreensão de como o movimento do corpo sobre o espaço e a percepção deste diante do mundo são tão importantes a Tavares. O *Atlas* surgiu de sua tese de doutoramento na Faculdade de Motricidade, da Universidade de Lisboa, e serve, como ele mesmo afirma na síntese (nas páginas finais), para pensar a ação dos seres: “o movimento humano abre o mundo, não o fecha como acontece com o agir da máquina – fechar o mundo é saber o que vai surgir nele” (TAVARES, 2021, p. 509).

Destarte, estabelecemos como proposta fazer uma dessas leituras, saímos da ignorância, zeramos o cronômetro com a perspectiva de decifrar metáforas espaciais, partindo, então, do zero para, passo a passo, fitar as relações (in)transponíveis dos senhores de *O bairro*.

Para Vaz-Pinto (2020), o projeto de Gonçalo, por ser de um cenário contemporâneo, é uma poética em total desenvolvimento. Essa concepção é sustentada por diversos outros pesquisadores e não é por menos, pois *O bairro*, por exemplo – projeto-foco deste texto –, iniciou-se em 2002, mas ainda não se encerrou por completo, uma vez que, dentro do esboço, há 39 senhores para serem registrados em obras próprias. Por enquanto, apenas 11 deles se manifestaram literariamente – o último (o senhor Voltaire) ainda apenas em contos espalhados:

Implica começar por perguntar que sentido palavras como construir, projetar, habitar podem adquirir quando associadas a um projeto literário. Um Bairro ‘em construção’, habitado por escritores com os quais se vai escrevendo uma particular história da literatura, projeto para durar a vida toda, como tem afirmado o autor. Este desejo de fazer mundo vai na contramão de um olhar passivo e melancólico, assume um caráter performático, de constituição de território, o qual pressupõe um olhar atento ao presente e a elaboração de estratégias para nele atuar (VAZ-PINTO, 2020, p. 22).

Praticamente, é pensar que na obra sempre haverá pontos de partida, mas dificilmente entraremos em marcas de fim. Como Vaz-Pinto (2020, p. 21) afirma, é “um espaço que tem assegurado a possibilidade de experimentação e potência inventiva”.

O bairro, desse modo, é uma série que nos coloca em uma realidade fantástica a partir de senhores intelectuais³. São obras com narrativas curtas, mas não simplórias, que resguardam formas particulares de nos retratar a realidade (ficcional e verossimilhante). São textos alegóricos, capazes de nos colocar diante de reflexões que possivelmente nunca tivemos do cotidiano em que habitamos. Os protagonistas dessas histórias são, pois, isso: habitantes; moradores que precisam conviver com

³ Os intelectuais já serviram de base na obra de Tavares em *Biblioteca* (TAVARES, 2009a), em que ele cria – em ordem alfabética –, como que em um dicionário, alguns breves pensamentos sobre o mundo e os seus habitantes, dentre outros assuntos. Na lista, encontramos como personagens, por exemplo, Adorno, Catulo, Clarice Lispector, Deleuze, Freud, Graciliano Ramos, Hannah Arendt, Heráclito, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, Kafka, Lygia Fagundes Telles, Mallarmé, Molière, Octavio Paz, Parmênides, Rubem Fonseca, Sylvia Plath, Tolstói, Verlaine, Yukio Mishima, entre vários outros.

suas rotinas cheias de problemas, divertimentos e curiosidades; vizinhos que às vezes se relacionam, às vezes se entreolham, ocasionalmente trocam farpas; residentes de espaços únicos, de memórias e de ambições.

Os 39 ocupantes desse território são (talvez) releituras de intelectuais. Onze deles, como já dito, já surgiram em obras⁴: *O senhor Valéry e a lógica* (2002); *O senhor Henri e a enciclopédia* (2003); *O senhor Juarroz* (2004); *O senhor Brecht* (2004); *O senhor Kraus* (2005); *O senhor Calvino* (2005); *O senhor Walser* (2006); *O senhor Breton e a entrevista* (2008); *O senhor Swedenborg e as investigações geométricas* (2009); e *O senhor Eliot e as conferências* (2010)⁵. Há, também, as narrativas breves de *O senhor Voltaire e o século XX*, crônicas publicadas na *Revista Notícias Magazine*, de Portugal, em 2013, que ainda não integraram uma obra como as outras dez da série, mas demonstram que é possível todos os outros 28 senhores aparecerem em narrativas próprias, bem como outros intelectuais serem incorporados ao mapa da série⁶. Tavares afirmou durante conferência do Grupo de Pesquisa Colonialismo e Pós-Colonialismo em Português, na Universidade de São Paulo, em 2019⁷, que esses nomes funcionam como uma espécie de homenagem, como se fosse dar nomes de escritores às ruas – para ele, a rua não vai se parecer com o

⁴ Além dos 11 já apresentados na sequência do texto, são residentes deste local: ao norte, o senhor Proust; ao nordeste, os senhores Rimbaud, Balzac e Carroll; mais abaixo, a leste, os senhores Melville, Cortázar e Gogol; a sudeste, encontramos a senhora Woolf e os senhores Burroughs, Wells, Joyce, Kafka, Mishima, Andersen e Lorca; ao sul, o senhor Borges; ao lado, a sudoeste, os senhores Pessoa, Pirandello, Warhol, Duchamp, Corbusier, Lloyd Wright e a senhora Bausch; por fim, a oeste do mapa, os senhores Musil, Foucault, Wittgenstein, Beckett e Orwell.

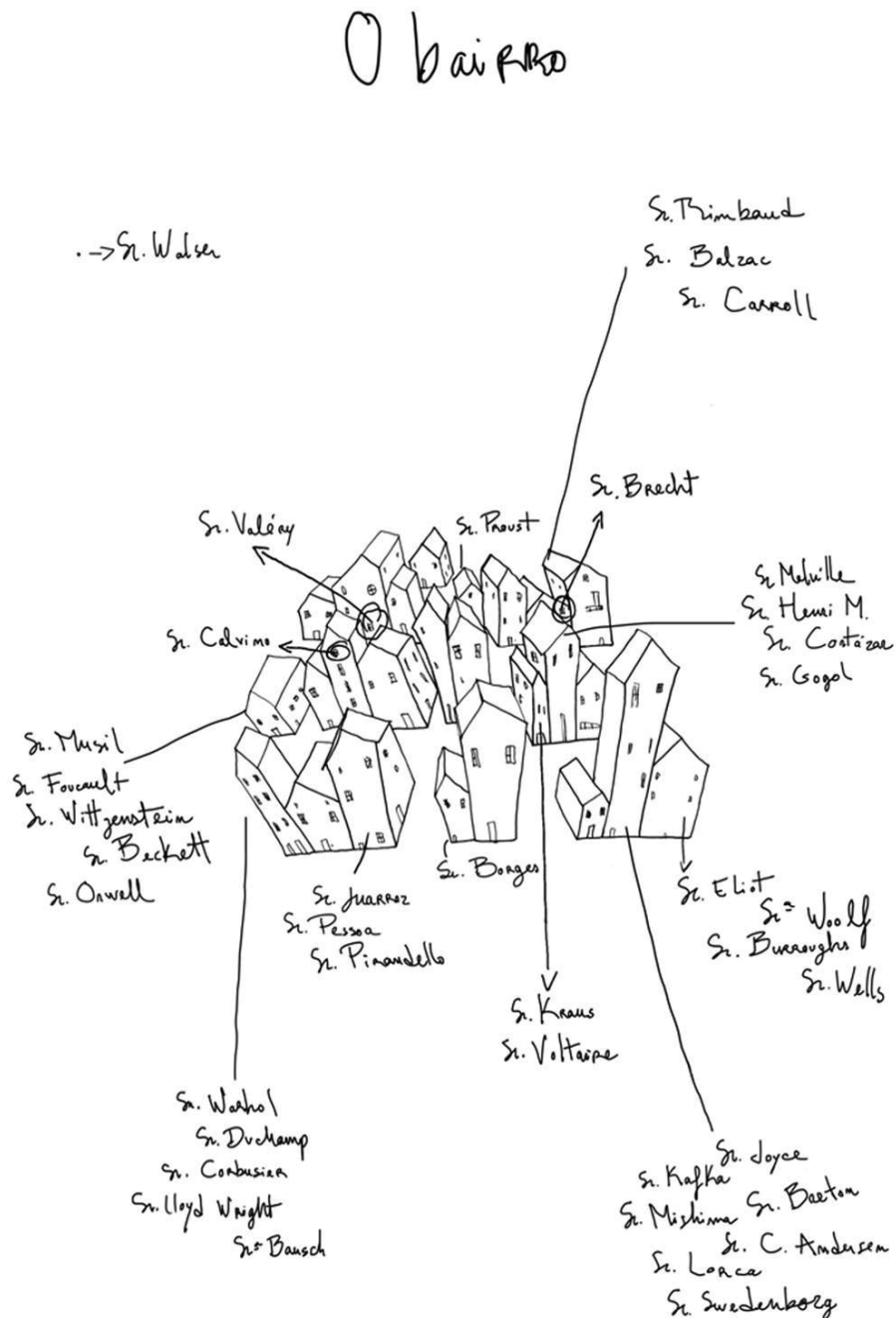
⁵ As datas aqui apresentadas são das primeiras edições, publicadas em Portugal pela editora Caminho. No Brasil, as obras foram publicadas pela editora Casa da Palavra: *O senhor Brecht* em 2005; *O senhor Juarroz*, *O senhor Kraus* e *O senhor Calvino* em 2007; *O senhor Walser* em 2008; *O senhor Breton e a entrevista* em 2009; *O senhor Valéry e a lógica* e *O senhor Swedenborg e as investigações geométricas* em 2011; e *O senhor Henri e a enciclopédia* e *O senhor Eliot e as conferências* em 2012. Como se percebe, as obras não seguiram a mesma cronologia de publicação, o que, talvez, não interfere na compreensão do todo da série, visto que elas não são, necessariamente, interdependentes.

⁶ Esses intelectuais – que claramente são advindos das leituras de Tavares – conseguem ser percebidos pelas marcas deixadas nas ficções, por meio de seus comportamentos ou gostos, por exemplo. As personagens, por mais que não sejam as mesmas da vida real, admitem características semelhantes de seus homônimos ao longo das narrativas. Após uma análise breve, alguns nomes são atribuídos a esses senhores intelectuais: o poeta francês Paul Valéry (1871-1945); o pintor belga Henri Michaux (1899-1984); o dramaturgo alemão Bertold Brecht (1898-1956); o poeta argentino Roberto Juarroz (1925-1995); o jornalista austríaco Karl Kraus (1874-1936); o escritor italiano Italo Calvino (1923-1985); o escritor suíço Robert Walser (1878-1956); o poeta e teórico francês André Breton (1896-1966); o cientista e filósofo sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772); o poeta e crítico inglês T. S. Eliot (1888-1965); e o escritor e filósofo francês François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudônimo Voltaire (1694-1778).

⁷ Evento do grupo de pesquisa articulado entre os programas de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa e em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (CNPq/USP). Disponível em: <https://celp.fllch.usp.br/goncalomtavares>.

escritor, da mesma forma que esses senhores não refletirão os seus intelectuais literalmente.

FIGURA 1 – O MAPA DE O BAIRRO



FONTE: extraída das primeiras páginas das obras da série *O bairro*.

Além disso, essa noção de cidade que o bairro taviariano traz é o mote para todo esse projeto literário, bem como é o guia que levou esta pesquisa a acontecer. Esse espaço “permite captar, uma imagem sólida e compacta de cidade, enquanto os juízos esparsos de quem vive ali alcançam menor consistência, [...] a cidade que

dizem possui grande parte do que é necessário para existir” (CALVINO, 1990, p. 65). Nosso propósito é revisitar a série, na perspectiva do espaço, dentro da organicidade das obras, desligadas umas das outras – a princípio.

Para tal feito, será importante, para a construção desta discussão, nos ampararmos em diversos campos do saber capazes de decifrar os espaços dos textos literários, como a geografia, a filosofia e a antropologia. Isso, concordando com o que ressalta Borges Filho (2007, p. 13), é uma necessidade para os estudos do espaço na literatura, porquanto cumpre ao pesquisador dessa questão a compreensão da oferta teórica que faz a interdisciplinaridade: é a oportunidade de entender as relações do ser humano com o mundo de maneira global, por meio de pistas “verificadas junto ao texto literário”. A partir disso, partimos do pressuposto de que o bairro criado por Gonçalo é um lugar heterotópico⁸, nos termos foucaultianos, sendo possível afirmar que nos deparamos nesta análise com um lugar sem lugar, um lugar fundante de um novo real, capaz também de ultrapassar a imaginação e transformar-se em uma instituição própria da sociedade.

A heterotopia é determinada pela verossimilhança, pela possibilidade de concretização na realidade do espaço representado; é um mundo simples, mas poderia ser um refúgio para todos. Como uma tentativa de descobertas de um interior perdido dentro de si, sente-se uma definitiva compensação. São

lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis (FOUCAULT, 2009, p. 415).

Outrossim, é importante olhar para a contribuição da geografia, de fato, nas determinações de espaço, tendo em vista que, de acordo com Santos (2017, p. 21), o espaço é “definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. Dessa maneira, a série de Tavares, observando as narrativas,

⁸ Em minha dissertação de mestrado, defendida em 2017, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), discuti, dentre outras ideias, a possível presença da heterotopia de Michel Foucault na série; entretanto, não pude estabelecer diálogo com todas as obras minuciosamente (CUSTÓDIO, 2017). O que pretendo, por ora, é não só confirmar esse conceito nos 11 enredos desenvolvidos por Tavares, mas, sobretudo, voltar-me à geoliteratura para reler a série na perspectiva da construção espacial.

desenrola-se a partir da existência de elementos e de relações entre os senhores e seus espaços dentro de seus cotidianos. Para Moretti (2003), há um caminho de construção que permite uma associação entre os estudos da geografia e da literatura. Trata-se, basicamente, segundo Santos (2017, p. 20), de uma manifestação da espacialidade da realidade:

O mundo é um só. Ele é visto através de um dado prisma, por uma dada disciplina, mas, para o conjunto de disciplinas, os materiais constitutivos são os mesmos. É isso, aliás, o que une as diversas disciplinas e o que, para cada uma, deve garantir, como uma forma de controle, o critério da realidade total. Uma disciplina é uma parcela autônoma, mas não independente, do saber geral. É assim que se transcendem as realidades truncadas, as verdades parciais, mesmo sem a ambição de filosofar ou de teorizar.

Em outras palavras, as duas grandes áreas – geografia e literatura – são capazes de se complementar e fornecer raciocínios próprios e únicos. As descrições da terra, de seus habitantes, de suas relações entre si, bem como das explicações sobre tais relações, sendo inseparáveis, servirão como rumo para este trabalho.

Assim, estamos diante de uma série que exige um olhar pormenorizado e explicativo, visto que, consoante Santos (2017), a descrição, cuja vontade de explicação é seu alicerce, presume um sistema; “quando este faz falta, o que resulta em cada vez são peças isoladas, distanciando-nos do ideal de coerência própria a um dado ramo do saber e do objeto de pertinência indispensável” (SANTOS, 2017, p. 18). Não basta, portanto, ter o conceito espacial isoladamente da questão verossimilhante. É preciso que se olhem as questões nas suas mais diversas relações e provocações ao real.

Eduardo Marandola Jr., um dos principais pesquisadores contemporâneos envolvendo geografia e literatura, afirmou que é impossível lermos cientificamente um campo em detrimento do outro (2009, p. 488). É uma discussão muito complexa, que se reverbera desde as narrativas de Émile Zola, no realismo francês, em que o espaço não era apenas um elemento constituinte do romance, mas “utilizava-se dele e da ambientação como recurso narrativo, sendo tão entranhado à trama quanto os demais elementos” (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 489). Quer dizer, o espaço não é só o cenário dos acontecimentos, mas um elemento revelador para se compreender, por exemplo, quem são as personagens, o porquê suas realidades se originam da forma como acontecem, os discursos reproduzidos, dentre diversas outras

circunstâncias. Salienta-se aqui o que, para os geógrafos, é relevante ao se pensar a literatura como campo de análise aos seus estudos:

A partir dela (e não nela) os significados, o sentido dos lugares, as identidades territoriais, os sentimentos de desterritorialização e de envolvimento com o meio, a percepção da paisagem, os sentimentos topofóbicos e topofílicos (rejeição e afeição aos lugares), além dos símbolos e metáforas de natureza espacial e telúrica tornaram-se foco do estudo geográfico de obras literárias (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009, p. 494).

Assim como podemos fazer o inverso, a partir da geografia, o significado das territorialidades, do comportamento da sociedade, das paisagens, das relações diárias entre os homens, e entre os homens e os espaços, assim como todos os conceitos já referenciados por Marandola Jr. e Oliveira (2009), passam a ser constituintes de devidas atenções para a leitura do romance, da poesia. É uma forma de se pensar efetivamente a vida ficcional diante da vida real, em um movimento praticamente catártico e crítico-social. Paulino (2021) considera que a literatura, enquanto instrumento de discurso, é capaz de recriar experiências geográficas que talvez não seriam vividas pelo sujeito na vida real e nivela as ciências para elas nos fornecerem ações plenas no espaço com possibilidades de verdade e coerência. A literatura: “cria espacialidades com seu aparato sógnico, ou seja, figura uma dada realidade sensível [...]; trata-se de uma dimensão do espaço fornecida pela literatura, de sua apropriação criativa de um determinado contexto” (PAULINO, 2021, p. 208, grifos da autora). É certo dizer, pensando em suas palavras, que a literatura - embasada na geografia - explora a inserção e contribuição do sujeito em seu entorno social, político, histórico e cultural, sendo - em suas palavras - um “saber sobre a vida” (idem.).

Sob esse viés, Chaveiro (2021) - diante de seus estudos envolvendo geografia e literatura - afirma que, ao o indivíduo se manifestar (e se movimentar), cria-se uma construção de relações imbricadas que coloca o sujeito em constante desenvolvimento político e social, elas sobrepujam os saberes a cada nova constituição de discurso: “se há uma dimensão política no fazer literário, há uma dimensão literária no fazer geográfico” (CHAVEIRO, 2021, p. 179). Ou seja, qualquer experiência humana executada na sociedade possui a linguagem como instrumento de informação. De qualquer forma: “não há exterioridade entre narrativa e território porque não há exterioridade entre relações sociais e vida humana” (CHAVEIRO, 2021,

p. 179). Enfim, o que se quer enfatizar é que toda criação na Terra é ferramenta para a criação literária e é por isso que é praticamente impossível deslocar uma ciência em direção a outra, sendo tão importante observar, hoje, a literatura por esse viés, sobretudo pelas diversas e constantes mudanças nas relações humanas. As letras expandem aquilo que precisa ser dito:

A dimensão literária da geografia repousa nisso: o reconhecimento da geografia como narração, esta, aberta, inventada, possível a um sem-número de possibilidades. O movimento da literatura em que a palavra se realiza na plenitude – no fazer geográfico vai além da linguagem: interpela o sujeito que fala, em que contexto fala, por que fala. No modo de produção do dizer, as peças da dizibilidade são internas e externas, interroga-se quem fala em nossos dedos que escreve; procura-se o sentido de todas as ações. No dizer advém o contexto, as circunstâncias, as esferas econômicas e políticas. Sujeito, linguagem e território se enovelam na busca de sentido: eis a dimensão literária da geografia; eis a dimensão política da literatura (CHAVEIRO, 2021, p. 185).

O texto literário vai às raízes, às entranhas do espaço social e tira dali interpretações de cenas comuns do cotidiano, tateando o corriqueiro, ouvindo as poliédricas diversidades e sociabilidades, os múltiplos olhares sobre o território, os lugares e não lugares. Contudo, como ressalta Chaveiro (2021), com a fluência estética e filosófica.

É nesse sentido, portanto, que percorreremos, além de Milton Santos (2012a, 2012b, 2014, 2017), teorias delineadas por Michel de Certeau (1998), Marc Augé (2012) e Eric Dardel (2015), para sustentar os conceitos geográficos e espaços de interação, desde as relações inter-humanas às associações indivíduo-objetos.

Para uma topoanálise – forma de estudo das relações de intimidade com os seus espaços –, buscamos olhar para Yi-Fu Tuan (1980, 1983); já com Maurice Merleau-Ponty (1999), Gaston Bachelard (1978) e Ernest Cassirer (2012), ressaltamos os espaços psicológicos, as interações do ser humano com o seu próprio espaço, recorrendo aqui, também, às análises de Santos (2012a, 2012b, 2014, 2017). Por fim, Maurice Blanchot (2011, 2013) e Jean-Paul Sartre (1963, 1972) são bases para uma discussão filosófica do espaço, na forma como conseguimos pensar as nossas interações e justificar a espacialidade na ficção. Trata-se de teóricos capazes de traçar poliédricas discussões dentro das narrativas de Tavares, desde os comportamentos e interações com os espaços íntimos – como seus objetos e a própria

casa – e o próprio bairro – ora caminhando pelas vielas e ruas, ora frequentando os espaços públicos.

É certo que muitos outros textos se debruçaram sobre *O bairro*, mas esta tese se diferencia pela completude de considerar a série um todo em um único estudo e pela escrita centrada não na teoria, mas na própria ficção, guiando-nos a entender os espaços construídos, atribuídos e ressignificados, alimentando os estudos da geoliteratura de maneira singular⁹. Enfim, a hipótese central deste trabalho é a de que toda a série de Tavares fora desenvolvida sem atenuar o viés espacial. Isto é, *O bairro* manifesta diversas formas de se viver o espaço; é possível olhá-lo a partir de não um único ponto de vista espacial, mas buscando na essência geográfica a natureza dele. Enfim, pergunta-se: o que essa literatura de Gonçalves M. Tavares permite dizer acerca da espacialidade como um todo? É o que se tenta responder nos capítulos subsequentes.

Esta tese, por fim, possui cinco grandes seções. Nelas, faremos uma análise literária das obras da série de Tavares, a partir de temáticas e/ou teorias em comum, já pensando na organicidade do bairro e suas relações de vizinhança. A preocupação

⁹ Citamos alguns trabalhos que se voltaram à série *O bairro* para demonstrar de que maneira a obra é vista pela crítica acadêmica. Alguns deles se aproximam da discussão espacial, porém pensando mais nas relações que alguns senhores se propõem a exercer nas narrativas, uma questão mais de alteridade: *Gonçalo M. Tavares: os pontos no mapa e a desrazão do mundo*, tese de Maria da Graça Ribeiro da Mata dos Santos (Universidade de Évora, 2016), disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/18419>; *Gonçalo M. Tavares e os seus senhores*, tese de Liani Fernandes de Moraes (Universidade São Paulo, 2012), disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-21082012-110842/en.php>; *A literatura de Gonçalo M. Tavares: investigação arqueológica e um dançarino sutil nas esferas O Bairro e O Reino*, tese de Júlia Vasconcelos Studart (Universidade Federal de Santa Catarina, 2012), disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100689>; *O bairro de Gonçalo M. Tavares: máquina de criar vizinhanças*, artigo de Maria Elisa Rodrigues Moreira (pós-doutoramento na Universidade Federal de Uberlândia), disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/6495>; *Dialogismo e polifonia na série "O Bairro" de Gonçalo M. Tavares*, tese de Fabiano Cardoso (Universidade Estadual Paulista, 2019), disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/181138>; *Gonçalo M. Tavares: brincando de ser clássico*, artigo de Telma Maciel da Silva (Universidade Estadual Paulista, 2011), disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46817>. Além disso, é importante destacar alguns textos que se dedicaram a observar outras obras de Tavares, seja pensando o espaço, seja discutindo sua narrativa peculiar: *As expressões do desencanto na série O Reino de Gonçalo M. Tavares*, tese de Suelen Maria Mariano de Sousa (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015), disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012036_2015_completo.pdf; *O poder e a violência em O Reino*, de Gonçalo M. Tavares, dissertação de Maria Isabel da Silveira Bordini (Universidade Federal do Paraná, 2014), disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37170>; *Um reino de muitos reinos: a busca de uma causa ausente em Gonçalo Tavares*, tese de Ronan Simioni (Universidade Federal de Santa Maria, 2017), disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/14124>; *Olhares descentrados na contemporaneidade: os anormais em Gonçalo M. Tavares e Lúcia Jorge*, tese de Juliana Florentino Hampel (Universidade de São Paulo, 2017), disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-10112017-115950/pt-br.php>.

desses capítulos estará em se debruçar sobre as diversas teorias da geoliteratura para ler as narrativas da série. Essas leituras estarão subdivididas de acordo com as suas proximidades de enredo ou localização, começando por *O senhor Valéry*, *O senhor Walser* e *O senhor Voltaire*, “Os isolados”, que integram esse capítulo devido ao afastamento geográfico e social, às dinâmicas de lógica e caos – que fazem com que eles se distanciem dos demais; o último entra nessa lista porque ainda não há obra criada, mas textos em folhetins. Os senhores Valéry e Walser são quase vizinhos a noroeste do bairro, enquanto o senhor Voltaire mora a leste.

Na sequência, o capítulo “Os ponderadores” traz *O senhor Swedenborg* e *O senhor Breton*, que insistem em fazer reflexões cotidianas, um de cada jeito, seja por questões com respostas em branco, seja por desenhos abstratos/geométricos; ambos dividem o mesmo prédio no bairro, a sudeste do mapa. O terceiro é destinado a “Os excêntricos”, *O senhor Calvino* e *O senhor Juarroz*, moradores que vivem com as suas formas próprias, singulares, suas manias estranhas, seus jeitos únicos de compreender e viver o espaço; o primeiro fica a oeste, o segundo, a sudoeste.

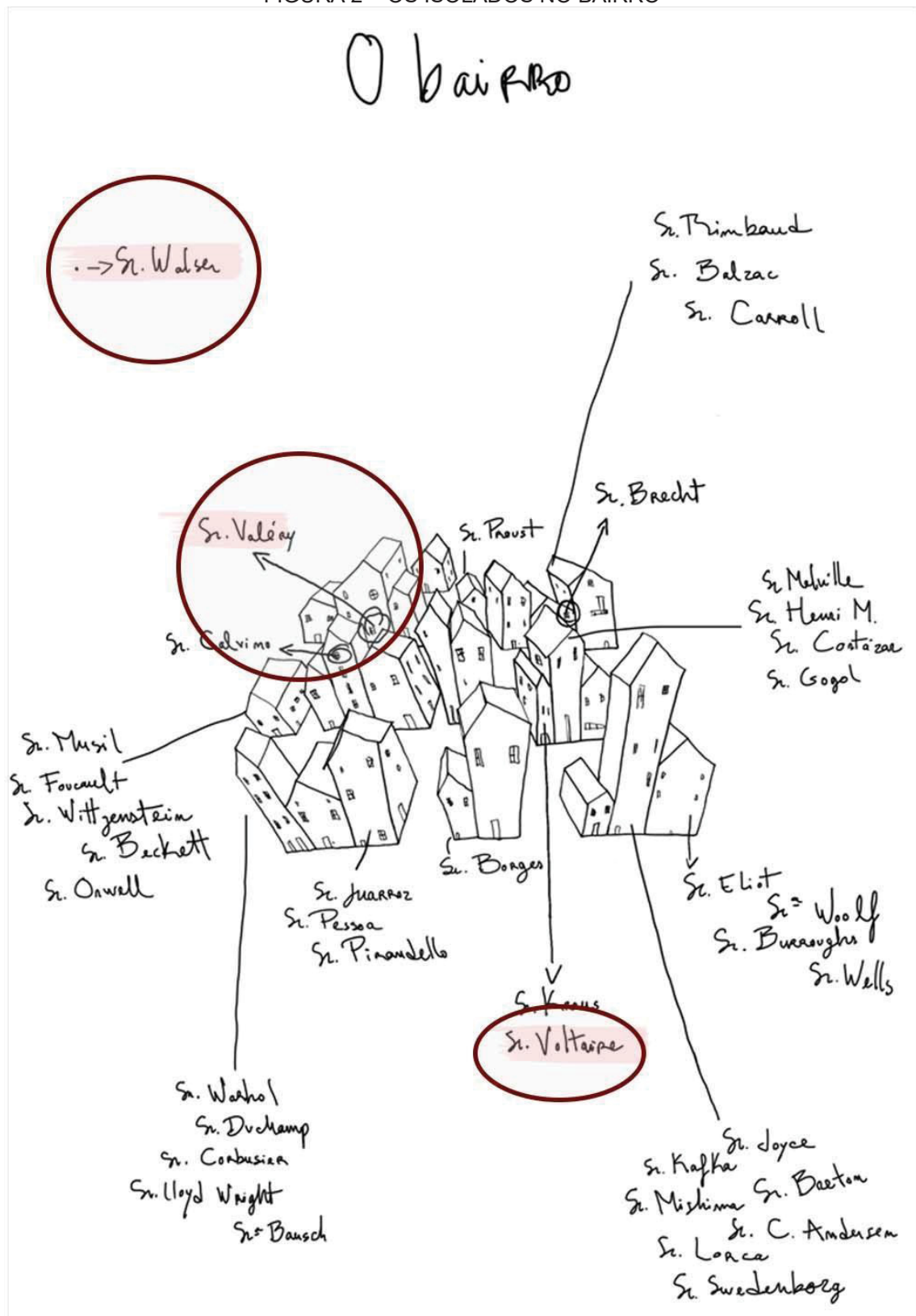
O quarto capítulo é intitulado “Os críticos”, sendo integrado por *O senhor Kraus* e *O senhor Brecht*, indivíduos que examinam o mundo em que habitam e os sistemas político-sociais nele presentes, usufruindo da ironia, do sarcasmo e dos relatos metafóricos. Brecht reside a nordeste do bairro e Kraus, a leste. Por fim, na derradeira partição “Os obcecados”, capítulo composto por *O senhor Henri* – habitante a leste do mapa – e *O senhor Eliot* – a sudeste –, os senhores são viciados pelas suas atividades diárias: o primeiro pelo absinto e as visitas ao bar, que geram longos monólogos perdidos, mas bastante verdadeiros, e o segundo pelas conferências e lições de vida no auditório do bairro a partir de trechos literários, que, a cada nova palavra proferida, nos colocam em um mundo diferente e memorável.

É importante, ainda, nessas últimas linhas do introito, avisar ao caro leitor e à cara leitora de que, por nos primeiros capítulos ter que apresentar diversos conceitos e ainda naturalizar as ideias geográficas, tomaremos a liberdade de nos estender um pouco mais em algumas discussões teóricas. Todavia, é preciso que isso seja feito a fim de que os capítulos subsequentes sejam melhor compreendidos e vistos por você, leitor e leitora.

A partir de agora, seguimos por *O bairro*, na perspectiva geoliterária.

2 OS ISOLADOS

FIGURA 2 – OS ISOLADOS NO BAIRRO



FONTE: extraída da série.

Os três protagonistas deste capítulo não são vizinhos lado a lado, quiçá se entrecruzam em algumas páginas.

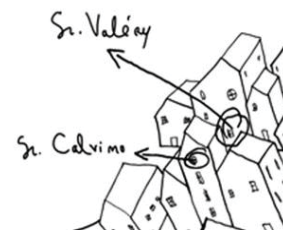
O senhor Valéry não é muito de fazer amizades, prefere passear isoladamente pelas ruas pensando nas diversas possibilidades que os elementos podem ter para se desenvolver ou simplesmente aparecer. Na obra, 25 microcontos vão sendo escritos de acordo com as tentativas da personagem de se encaixar no mundo – ele é um rapaz baixo, inocente (muitas vezes infantil), tem um animal de estimação singular, para não dizer esquisito, um “casamento” perfeito (mas que poucos sabem da presença ou existência de fato dessa pessoa) e uma casa de férias extravagante. Sua residência fica a noroeste de *O bairro*, ao lado do senhor Calvino e na mesma direção do senhor Walser, que, por sinal, também pertence a este capítulo.

O senhor Voltaire, segundo morador a ser visitado neste capítulo, aparece localizado a leste do mapa. É o último intelectual a dar vistas aos leitores por Gonçalo M. Tavares e, por enquanto, é apenas um enredo em dez crônicas, publicadas entre 17/11/2013 e 26/01/2014, na revista virtual *Notícias Magazine*, de Lisboa. Isso nos confirma a possibilidade de que todos os outros senhores desse espaço ganharão histórias próprias. Vizinho no mesmo prédio do senhor Kraus e lateral dos senhores Henri, Melville, Cortázar e Gogol, esse cidadão é cético, curioso e um tanto quanto perdido em suas próprias análises. Com seu senso de observação, está sempre atento ao que os sentidos podem despertar em sua mente – por certo, a fala às vezes toma passo antes do pensamento. Suas reflexões e narrativas giram em torno de fotografias, memórias e da história do século XX.

Já o senhor Walser, o último integrante deste capítulo, é o indivíduo mais distante do centro do lugar, morando em uma casa isolada no meio da mata, também a noroeste de *O bairro*, possível de se alcançar apenas por uma longa e fechada trilha. Ele projetou a sua casa para viver sua vida exilada de todos – mesmo querendo receber algumas visitas, sobretudo da amada –, mas não era um exílio qualquer. Sua intenção era de que ali habitassem a ordem, a organização e o equilíbrio. Entretanto, as reformas necessárias – a uma casa recém-construída – fazem com que o caos adentre as portas de seu espaço. Sua esperança e satisfação, que eram sólidas, passam a ser líquidas rapidamente.

2.1 COERÊNCIAS E COMPROVAÇÕES DA VIDA COTIDIANA EM *O SENHOR VALÉRY E A LÓGICA* – NOÇÕES DE ESPAÇO E LUGAR

FIGURA 3 – HABITAÇÃO DO SENHOR VALÉRY



FONTE: extraída da série.

O senhor Valéry se frustra na rua. É certo que o fato de ele ser mais baixo do que os outros o coloca em uma posição desfavorável. Subir em um banco ou imaginá-los de cima para baixo são soluções que ele tenta encontrar diante da situação, mas em vão, porque é praticamente impossível que irrompa a barreira da realidade ou da gravidade. De qualquer forma, ele explica: “Sou igual às pessoas altas só que por menos tempo” (TAVARES, 2011a, p. 9). Todas as vezes que sai às ruas, a provocação se torna a mesma. Ao subir em seu banquinho, o senhor preconiza ser igual a todos os outros, por muito tempo e imóvel, mas, não sendo o suficiente, planeja outras possibilidades, como congelar um salto por uma hora (o que parece muito ilógico para quem vê de fora; para ele, é apenas um sonho que não pode ocorrer e um impulso para provocar outras oportunidades, imaginando ser mais alto ao olhar todos 20 centímetros acima de suas cabeças). Consequentemente, o pequeno rapaz “tinha dificuldade em se lembrar da cara das pessoas com quem cruzava. No fundo, com a altura, o senhor Valéry perdeu amigos” (TAVARES, 2011a, p. 12). Ser mais baixo implica que ele olhe o outro; esse fato obriga o pequeno rapaz a observar o seu entorno quando está caminhando, o espaço que habita, e, ao cruzar com as pessoas, a tentar criar relações.

Para Santos (2017), os indivíduos estão presentes nos espaços uns dos outros, desenvolvendo relações em seus movimentos diários e que cada um apresenta individualmente. Basicamente, “o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada uma” (SANTOS, 2017, p. 317). A ideia, portanto, de sociabilidade se torna cada vez mais presente enquanto as pessoas criam proximidades nos seus territórios, mesmo que o território

não pertença propriamente a ele: “Ela [a proximidade] tem que ver com a contiguidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações” (SANTOS, 2017, p. 318).

Entretanto, na ficção, o narrador expõe o caráter relacional do senhor Valéry em um alto nível de complexidade. O protagonista não sente necessidade de manter contato fixo ou recorrente com os outros moradores do bairro, tampouco com qualquer outro ser externo ao lugar. Seu casamento, por exemplo, é com um ser ambíguo – que pode ser ele mesmo. Em sua concepção, os indivíduos podem ser concebidos como seres de pura dubiedade, até, possivelmente, dicotômicos; dessa maneira, o senhor conseguiria sobreviver. “Há cubos e esferas imperfeitas, [...] e isso, para mim, é perfeito” (TAVARES, 2011a, p. 37), ironiza Valéry. Essa concepção contrapõe-se àquilo que a psicologia social sugere: o ser humano é um animal que sobrevive diante das relações sociais, é o que garante a sua identidade e seu meio comunicacional, tidos como necessários para o indivíduo (LANE, 2006; MYERS, 2014).

Todo cidadão exerce um papel na sociedade, seja em um grupo reduzido, como a família, seja dentro de organizações. Lane (2006) e Myers (2014) salientam que qualquer “eu” só é possível de ser definido se encontramos uma relação com o “outro”, ou seja, a nossa identidade particular resulta das inter-relações, das comunicações e dos agrupamentos que fazemos em uma sociedade. Todas as nossas atitudes resultam daquilo com que fizemos contato no espaço:

É neste sentido que questionamos quanto a ‘identidade social’ e ‘papéis’ exercem uma mediação ideológica, ou seja, criam uma ‘ilusão’ de que os papéis são ‘naturais e necessários’, e que a identidade é consequência de ‘opções livres’ que fazemos no nosso conviver social, quando, de fato, são as condições sociais decorrentes da produção da vida material que determinam os papéis e a nossa identidade social (LANE, 2006, p. 22).

Somos, como Aristóteles observou há muito tempo, animais sociais. Falamos e pensamos com palavras que aprendemos com os outros. Ansiamos nos conectar, pertencer e ser estimados. [...] Como seres sociais, respondemos a nossos contextos imediatos. Às vezes, a força de uma situação social nos leva a agir de modo contrário a nossas posições expressas em palavras. [Todavia, ressalta-se que] forças internas também importam. Não somos folhas soltas, simplesmente levadas por este ou aquele caminho pelos ventos sociais. Nossas atitudes internas afetam nosso comportamento (MYERS, 2014, p. 30-31).

No geral, as forças internas acabam moldando outros comportamentos, compondo uma organização social, interferindo em outros papéis sociais, até porque, pensando na história do senhor Valéry, o indivíduo faz parte dessa cidade, desse espaço. Assim, Tavares, por intermédio do narrador onisciente, coloca-nos diante de um ser complexo na obra e que procura pessoas de mesma estruturação psicológica. Contudo, como o próprio protagonista confessa, as pessoas não são capazes de redistribuir emoções sólidas, tais quais as dele; a opção para se manter no bairro é o seu comportamento singular, lógico e pleno de curiosidades.

Mesmo que teóricos definam que nossa individualidade depende das relações dentro dos grupos, a solução que o senhor encontra é manter os contatos simplórios, necessários e subjetivos. É certo, em contrapartida, que uma das poucas proximidades que o senhor Valéry desenvolve é com o seu animal doméstico – um bichano que ninguém nunca viu, mantido preso dentro de uma caixa com dois furos. Sua intenção era não criar nenhum tipo de afeto – “é melhor evitar os afetos por animais domésticos, eles morrem muito, e depois é uma tristeza para o coração” (TAVARES, 2011a, p. 13) –, sendo a interação com o animal feita pelos buracos: o de cima para a comida, o de baixo para a limpeza diária.

O senhor Valéry pode ser visto, pelas ideias de Certeau (1998), como “caminhante”, ou seja, aquele que não só ocupa o espaço, mas o integra de modo a conhecê-lo e apresentá-lo pelo seu contato direto, pelas suas viagens cotidianas, uma vez que o que vai conseguir moldar o território, neste caso, *O bairro*, é o movimento, a interação com o espaço.

Os jogos dos passos moldam os espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade, mas não têm nenhum receptáculo físico. Elas não se localizam, mas são elas que espacializam. Nem tampouco se inscrevem em um continente como esses caracteres chineses esboçados pelos falantes, fazendo gestos com os dedos tocando na mão. Certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá) (CERTEAU, 1998, p. 176).

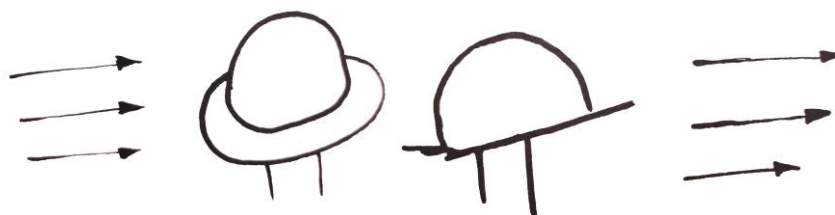
Dessa maneira, a ideia de ter um espaço estrutural não se efetiva somente na existência dos elementos, mas também demanda a presença de relações entre os caminhantes, entre os senhores, entre os habitantes/visitantes do bairro. Essa ação,

mesmo que simplória, é necessária. Valéry, por exemplo, disfarçava ao passar por algumas senhoras nas ruas, mas mantinha sempre a educação de levantar o chapéu ao cruzar com elas – entretanto, às vezes o esquecia e levantava a franja, acreditando estar com o adorno. Para evitar tal constrangimento em suas caminhadas diárias, “o senhor Valéry passou a precaver-se e antes de sair de casa enterrava o seu chapéu de coco até o fundo da cabeça para ter a certeza de que o levava” (TAVARES, 2011a, p. 15). O grande problema é que essa atitude o deixou com má fama, pois, de tanto enterrar o chapéu na cabeça, passou a não conseguir retirá-lo para o cumprimento.

As senhoras prosseguiam o seu caminho, e pelo canto do olho viam o senhor Valéry suando, com a cara vermelha de impaciência, e com uma das mãos de cada lado puxando para cima o chapéu como se faz às rolhas das garrafas difíceis. Como não podiam esperar pelo fim da ação do senhor Valéry, que certas vezes durava longos minutos, as senhoras afastavam-se antes de assistir ao desenlace da situação (TAVARES, 2001a, p. 16).

A mesma relação acontecia com aquele que ele dizia perseguir ou com a crença de que estava sendo perseguido. Sua preferência, porém, é ficar estático, sem movimento – por pura preguiça de sofrer com a perseguição –, pois o caminhar o provoca a sempre ter companhia, algo que, tudo indica, não é sua intenção diante das situações cotidianas no bairro. Sua explicação se efetiva, neste caso, com um desenho:

FIGURA 4 – PERSEGUIR E/OU SER PERSEGUIDO



FONTE: Tavares (2011a, p. 47-48).

A ponderação do senhor, assim, contribui para a efetivação do que diz Certeau (1998) em relação ao espaço (referindo-se à cidade): é preciso ter relações entre os transeuntes, mesmo que involuntárias, mesmo que por meio de uma perseguição irreconhecível ou não desejada. Essa ideia se aproxima do que crê Platão (2017) ao definir a cidade em *A república*, alegando que sua origem está no fato de não sermos autossuficientes, por isso sua completude se daria nas relações com os

outros e com os objetos¹⁰. O ato de caminhar é visto, portanto, como um meio de apropriação, de realização do lugar, origina a movimentação necessária, dá-nos significações e relatos, pois contratos acabam sendo efetivados com as pegadas nas ruas – acordos de memórias.

No conto de *O senhor Valéry, Uma viagem a pé*, o narrador nos coloca diante de um impasse do protagonista: quais são as distâncias possíveis dentro da cidade e para fora dela? O senhor Valéry decide um dia se deslocar a um lugar longe da cidade (qual?, não sabemos – pelo menos não nos é dito). Lembrando que seus passos são pequenos devido à sua estatura, ele se coloca na indagação de ir caminhando ou de trem: com a primeira opção, ele demoraria dez horas e, com a segunda, 20 minutos. A questão é que, segundo as suas concepções, os lugares que ele encontraria ao final da viagem seriam diferentes, uma vez que o ponto que se encontra a poucos minutos é muito anterior ao que levaria dez horas para se alcançar. “É evidente que não é o mesmo lugar” (TAVARES, 2011a, p. 39), afirma o rapaz.

FIGURA 5 – O PONTO FINAL



FONTE: Tavares (2011a, p. 39).

Se levarmos em conta as considerações de Santos (2017, p. 116) acerca da totalidade, essa afirmação de Valéry, de fato, estaria correta, visto que todos os lugares, por questão de tempo, são diferentes devido à história ali perpassada nesses momentos diferentes: “O que a caracteriza no Tempo 1 não é aquilo que a define no Tempo 2”, isto é, as peculiaridades que ali se dispõem em uns 20 minutos serão adversas das que possivelmente estarão depois de dez horas, o todo será diferente do anterior. Na prática, retomando a Figura 5, é possível observar que momento da história diferentes lugares ocupam nos dois deslocamentos ilustrados pelas setas.

¹⁰ “Um homem toma outro para uma necessidade, e outro ainda para outra, e, como precisam de muita coisa, reúnem numa só habitação companheiros e ajudantes. A essa associação pusemos o nome de cidade” (PLATÃO, 2017, p. 72).

Santos (2017), por conseguinte, define a noção de totalidade como todos os elementos que ali estão presentes e que formam um conjunto amplo de unidade, não sendo puramente uma soma deles, mas o contrário: as partes explicando a totalidade. “A realidade é a totalidade dos estados de coisas existentes [...]. A totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento” (SANTOS, 2017, p. 116). Diante disso, o movimento transforma o todo em partes, não sendo possível isolar essas duas ideias, porque, sem movimento, não há história.

É possível alegar que todos os passos que os indivíduos praticam no lugar são carregados de histórias e de mudanças; no bairro, não poderia ser diferente com o senhor Valéry – e tantos outros que caminham pelas ruas desse espaço. Isso faz com que novos conhecimentos sejam produzidos ao ambiente na ficção; as interações dos lugares com os protagonistas e antagonistas possibilitam, ainda, que as partes formem o todo e vice-versa, com bases cognitivas relevantes sendo formadas em cada situação. De qualquer forma, não se pode ignorar o fator tempo, que acaba influenciando a compreensão da totalidade:

O problema do tempo se levanta em toda a plenitude, pois a interpretação dinâmica dos fenômenos reside no reconhecimento do processo, que é a realidade definitiva. A coisa acabada nos dá uma cristalização do movimento, mas não a própria vida. A significação somente é obtida quando alcançamos entender [...] o presente iminente, inconcluso, não apenas projeto e não ainda realidade terminada [...], pois o presente contém um apetite para um futuro não realizado (SANTOS, 2017, p. 121).

As mudanças provocadas entre um ponto e outro na viagem do senhor Valéry só garantem que haja uma evolução de tempo, tornando-se, assim, outro fragmento, mas continuando a ser totalidade. O que é importante destacar é que essas totalidades, por suas convivências e relações, acabam sendo no passado sempre incompletas, no presente um processo de completude e no futuro uma plenitude que será logo refutada e modificada, buscando se totalizar novamente. O resultado apresentado ao leitor, ao longo das narrativas, possui a perfeição esperada por meio de suas paisagens – que não se modificam facilmente, a não ser que as personagens se coloquem com o propósito de modificá-las –, pelas configurações estruturais, como os prédios e vielas da cidade habitada.

Tendo a certeza, portanto, de que os dois pontos de partida são idênticos, mas os de chegada não serão iguais, o protagonista reforça:

Se eu for de trem e esperar parado, no destino, 9 horas e 40 minutos, esse meu destino não será o mesmo do que aquele onde eu chego em dez horas caminhando a pé; já que eu estive lá, nesse lugar, mesmo que parado, 9 horas e 40 minutos o modificando (TAVARES, 2011a, p. 40).

Destarte, toda e qualquer presença em espaço é passível de mudanças, mesmo que, aparentemente, simplórias. É preciso reforçar que, quando há mudança em determinado grupo, por exemplo, todo o restante que tem relações com ele sofrerá variações:

Quando a sociedade muda, o conjunto de suas funções muda em quantidade e em qualidade. Tais funções se realizam onde as condições de instalação se apresentam como melhores. Mas essas áreas geográficas de realização concreta da totalidade social têm papel exclusivamente funcional, enquanto as mudanças são globais e estruturais e abrangem a sociedade total, isto é, o Mundo, ou a Formação Socioeconômica. [...] A totalidade é uma realidade fugaz, que está sempre se desfazendo para voltar a se fazer. O todo é algo que está sempre buscando renovar-se, para se tornar, de novo, um outro todo. [Dessa maneira], a atualidade é unidade do universal e do particular: este aparece como se fosse separado, existindo por si, mas é sustentado e contido no todo [e, portanto] a totalidade é, ao mesmo tempo, o real-abstrato e o real-concreto. Só se torna existência, só se realiza completamente, através das formas sociais, incluindo as geográficas. E a cada momento de sua evolução, a totalidade sofre uma nova metamorfose. Volta a ser real-abstrato (SANTOS, 2017, p. 116-122).

A cada novo ciclo, as formas são modificadas pelo movimento tomado pelo indivíduo. Por meio da personagem, o espaço da ficção é apresentado, tornando-se eles, os protagonistas, um modal; os senhores do bairro são capacitados a nos apresentar novos lugares em suas devidas distâncias e com suas ressignificações históricas, ideológicas ou temporárias, como veremos nos próximos capítulos.

Aqui, ressalta-se a diferença entre os termos “espaço” e “lugar”. Temos em conta a ideia de espaço como um ambiente de relações, diferente de lugar, que é o espaço sem contatos entre os indivíduos, aqueles que ainda não obtiveram relações estabelecidas. De acordo com Certeau (1998, p. 201-202),

um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar 'próprio' e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programa conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem, portanto, nem a univocidade nem a estabilidade de um 'próprio'.

Entretanto, Marc Augé (2012), em *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, vê esses conceitos de maneira contrária: lugar é onde realmente se efetivam as relações sociais entre os seres humanos. Afinal, “o espaço é um lugar praticado”. Ora, o espaço é um ponto de relações, que partiu do vazio, sendo preenchido pouco a pouco, ocupando e dispondo os utensílios e pessoas no mundo, visto que só haverá espaço (ou lugar) quando houver materialidade¹¹. Em contingência a isso, no conto *A casa de férias*, a percepção de lugar cerateutiano se explicita quando o senhor afirma haver apenas a porta e uma fachada na residência, porém, devido ao único acesso, é necessário que haja uma transição nesse lugar – seja entrada, seja saída –, tornando-o um espaço de relações a partir do momento em que pessoas passam por ali. É óbvio que, por ser de repouso, ela exista como um ponto de encontro, revezando entre o vazio e o habitado, aparentemente às margens do mapa do bairro (não se pode afirmar com certeza isso, visto que nem o narrador, nem o próprio autor indicam outras residências fora do espaço desenhado, mas, por ser uma casa de férias, temos que ela está fixada em uma região distante de sua residência).

¹¹ “Preferimos conservar o conceito de espaço como um conceito amplo que abarcaria tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações. Esse espaço seria composto de cenário, natureza e ambiente. A ideia de experiência, vivência, etc., relacionada ao conceito de lugar segundo vários estudiosos, seria analisada a partir da identificação desses três espaços sem que, para isso, seja necessário o uso da terminologia 'lugar'. Dessa maneira, não falaríamos de lugar, mas de cenário, natureza e ambiente e da experiência, da vivência das personagens nesses mesmos espaços” (BORGES FILHO, 2007, p. 22).

Além disso, embora goste muito da sua casa de férias do jeito que ela é, o senhor a repensa de outra maneira, como uma alternativa – “melhor só mesmo uma casa com quatro portas, em quadrado, sem nenhuma parede. O centro restando como o único lugar onde se pode estar sentado” (TAVARES, 2011a, p. 29). Dessa maneira, é possível entrar por qualquer lado, sem grandes complexidades, como a sua casa, no bairro, talvez seja. É tornar simples o espaço de descanso, tendo em vista que nos enfrentamentos diários é preciso ter um fôlego, diante de suas lógicas e opções cotidianas.

Todavia, complexidade é o que atrai os pensamentos do senhor Valéry. Ao refletir sobre os prédios do bairro, ele define que, se todos os prédios fossem, em vez de torres, cubos, não existiriam confusões entre verticais e horizontais; não teríamos, assim, conflitos – nem nas escolhas, nem nas definições das operações. A partir disso, somos levados a pensar que, dentro do bairro tavariano, há apenas torres na vertical: “uma torre é feita para ver tudo, [...] não há torres horizontais” (TAVARES, 2011a, p. 31). O ato de ver, por meio desse critério estabelecido pelo senhor, é algo de extrema importância para a decisão de manter os prédios como torres. Se todos os moradores fossem cegos, por exemplo, seria possível apenas senti-los, mas em sua estrutura única e estrutural – sendo na vertical ou na horizontal. Como cubos, todos os elementos seriam iguais, mesmo com a ausência da visão – mas é importante considerar que, embora o sentido seja o mesmo, as sensações são diferentes para cada indivíduo. A visão é, dentre todos os sentidos, o mais explorado dentro de uma cidade.

Merleau-Ponty (1999, p. 25) ressalta, por outro lado, que o ato de ver é diferente de sentir: “O objeto visto é feito de fragmentos de matéria e os pontos do espaço são exteriores uns aos outros. Um dado perceptivo isolado é inconcebível, se ao menos fazemos a experiência mental de percebê-lo”. O sensível é apenas a matéria esperando ser explorada para obter sentimento – mas isso demanda o usufruto de todos os outros sentidos humanos. No conto *O espelho*, o narrador apresenta mais uma personalidade do senhor Valéry: a neutralidade quanto à beleza, o que nos favorece na compreensão de seu comportamento diante de seu espaço. Ele não se achava nem bonito, nem feio e, para evitar pensar o contrário, mandou trocar todos os espelhos de sua casa por quadros de paisagens. Dessa maneira, ele não saberia como realmente era sua aparência e como possivelmente as pessoas o poderiam ver: “Se me visse bonito ficaria com medo de perder a beleza; e se me visse

feito ficaria com ódio das coisas belas. Assim, não tenho medo nem ódio” (TAVARES, 2011a, p. 51).

Para Merleau-Ponty (1999), esse é um ótimo exemplo de como o campo visual, o visível, é apenas aquilo que se apreende com os olhos e, se quer sentir algo, é preciso explorar todos os sentidos; o depósito de visões vai ganhando significado ao passo que o ouvimos e tocamos, por exemplo. No bairro, as torres possibilitam criar esse campo visual e esse registro de estruturas, não mais do que isso. Valéry, para poder compreender melhor o lugar em que habita, circula e tenta se relacionar com as ruas, as pessoas, os objetos, as paisagens – mesmo com a sua individualidade e lógicas abstratas para a compreensão do mundo.

Nós construímos, pela ótica e pela geometria, o fragmento do mundo cuja imagem pode formar-se a cada momento em nossa retina. Tudo aquilo que está fora desse perímetro, não se refletindo em nenhuma superfície sensível, não age sobre nossa visão mais do que a luz em nossos olhos fechados. [Assim], o campo visual é este meio singular no qual as noções contraditórias se entrecruzam porque os objetos – as retas de Müller-Lyer – não estão postos ali no terreno do ser, em que uma comparação seria possível, mas são apreendidos cada um em seu contexto particular, como se não pertencessem ao mesmo universo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 26-27).

Dessa maneira, os sujeitos se colocam à disposição para garantir que eles passem de um contexto particular para um contexto social, de grupo. Em *O espirro*, por exemplo, o protagonista se coloca em contato com a chuva, ou melhor, apresenta seu medo da chuva; ele se considerava um especialista em se esquivar do fenômeno natural, desenhando-o (Figura 6).

FIGURA 6 – “É ASSIM QUE EU FUJO DA CHUVA”



FONTE: Tavares (2011a, p. 21).

Depois dos diversos episódios, orgulhava-se por permanecer seco, porque detestava a representação urbana do guarda-chuva – considerava-o feio. Entretanto, sua estratégia cai por terra quando ele lida com situações não naturais, advindas de pessoas em suas residências, o que confirma o êxodo e a construção de novas cidades: “Uma senhora que fazia limpeza no passeio atirou um balde cheio de água para a rua no preciso momento em que o senhor Valéry passava” (TAVARES, 2011a, p. 22). Caiu em cima do rapaz, mas ele afirma que isso só pôde acontecer porque ele estava no ponto central marcado pela lógica do destino entre as retas horizontal e vertical¹².

2.1.1 Os outros, os outros dele mesmo e a lógica como fugacidade diária

O senhor Valéry cria lógicas para tudo; possivelmente essa é uma maneira de a personagem fugir das concretudes e exatidões do mundo. Para ele, é simples observar os detalhes na subjetividade única de cada elemento, de cada atitude das pessoas do bairro; ele é um confesso indeciso, detesta ter de escolher, mas sempre recria situações e/ou histórias como forma de justificar a ânsia pela perfeição quase matemática do cotidiano.

Em sua casa, o senhor pintou o lado esquerdo de azul e o lado direito de vermelho. Para quê? Há duas justificativas: a primeira, dita aos outros, é para que ele nunca fique de costas para os objetos, pois era preciso que o que estivesse do lado direito fosse pego pela mão direita, bem como o que se encontrava do lado esquerdo fosse manipulado com a mão de mesmo lado; a segunda, mais coerente com a pessoa dele e assumida, porém, pelo narrador, é para que ele jamais se engane com qual mão deve pegar os objetos (e isso só era possível porque o senhor também pintara as mãos esquerda e direita com as mesmas cores dos objetos, sabendo exatamente, então, qual era a mão correta). Além disso, Valéry deixava os objetos mais pesados no centro da casa, para que pudesse pegá-los com as duas mãos, tendo o cuidado de estar usando os membros corretamente de acordo com a sua divisão. Se, por

¹² A ingenuidade aparentemente infantil do senhor Valéry, percebida em suas reflexões acerca do comportamento do ser humano, também pode ser notada em outra protagonista tavariana: Hanna, de *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai* (TAVARES, 2015b).

acaso, decidisse fazer uma mudança – o que era raro –, as cores precisariam ser também alteradas¹³.

A partir de Augé (2012), podemos afirmar que essa estratégia assegura ao protagonista uma garantia de identificação com o seu lugar. É ali que seus valores estão mais presentes do que os espaços de passagem, como as ruas do bairro; o fato de pintar sua casa de cores determinadas de acordo com o seu lado reforça a ideia de propriedade, de posse da residência. A casa é o primeiro ambiente, onde as experiências são provocativas, felizes ou não, porém singulares. Todas as práticas de vida partem dali, são espaços construídos, reconstruídos e ressignificados. “Eles se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos” (AUGÉ, 2012, p. 52). Ao nascermos, nascemos também para um lugar que adquirirá nossos costumes e atribuições; a casa do indivíduo perdura a identidade do ser, vejamos pelo senhor Valéry, que a mantém da forma como acredita ser mais costumeira para as suas lógicas de cotidiano.

Se, de acordo com a reflexão de Augé (2012), alguém não pertence a um lugar específico, de nascimento, sendo apenas um estranho, e é designado a uma residência, o lugar se torna emprestado, recebendo a ideia de “próprio” por atribuição de onde o corpo foi colocado. No geral, o lugar de nascença constitui a existência e caracterização do ser, mas é digno que mudanças aconteçam, tendo de se ressignificar, além de reconstruir sua identidade. Na série de Tavares, muitos outros habitantes estão ali presentes, com as suas próprias identidades – o que perceberemos melhor nos próximos capítulos e subcapítulos –, o que não deixa de ser uma forma de garantir a identidade do próprio bairro, da cidade em que eles estão, como possivelmente uma experiência sociológica na visão de Hall (2006)¹⁴. Valéry

¹³ Esse mesmo comportamento é percebido no uso de seus sapatos: “O senhor Valéry andava pela rua com um sapato preto no pé direito e um sapato branco no pé esquerdo” (TAVARES, 2011a, p. 25). E seguia sua lógica para enfrentar as pessoas, seus vizinhos, justamente porque todos o julgavam e caçoavam-no – para que um esteja errado, o outro precisa estar certo, é preciso invertê-los. Não bastava, as chacotas ainda continuavam. Ele concluiu, entretanto, despreocupando-se, que “se dizem que as duas estão erradas é porque as duas estão certas [...] Está sempre certo, pensava” (TAVARES, 2011a, p. 27).

¹⁴ Esta tese não se preocupa com discutir o valor ideológico de identidade, de acordo com os raciocínios dos estudos culturais e de análise do discurso, mas é válido se lembrar das dianteiras tomadas por Stuart Hall (2006, p. 80), por exemplo, na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, na qual afirma que todo ser adquire, também, identificação com a exterioridade, uma vez que ela é vinculada a lugares, histórias ou espaços de passagem: “Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento”. Além-se pensar que o sujeito sociológico, de acordo com o autor, é formado e modificado em um diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. Já o sujeito pós-moderno “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006,

anda pela cidade e conquista seus contínuos espaços, mas sua casa é seu lugar de propriedade, seu lugar de origem.

Santos (2017, p. 327) recorda que essa desterritorialização global a que o senhor se submete permitiu que o sujeito, hoje, conseguisse adquirir tanta identidade quanto a sua casa faz a ele: “A circulação é mais criadora que a produção”, mesmo que Valéry esteja submetido por longo tempo aos seus costumes e atividades (como pudemos perceber com a existência da casa de férias). A residência é, de qualquer maneira, marca do aprendizado do indivíduo, de sua origem, um espaço fundamental que não será substituído pelo espaço novo quando na mudança, mas será acrescentado ao nupérrio:

O projeto da casa, as regras da residência, os guardiões da aldeia, os altares, as praças públicas, o recorte das terras correspondem para cada um a um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social. Nascer é nascer num lugar, ser designado à residência. [...] Porém, essa ocupação singular e exclusiva é mais a do cadáver no túmulo do que a do corpo que nasce ou vive. Na ordem do nascimento e da vida, o lugar próprio, como a individualidade absoluta, são mais difíceis de definir e de pensar. Michel de Certeau vê no lugar, qualquer que seja ele, a ordem ‘segundo a qual elementos são distribuídos em relações de coexistência’ e, se ele exclui que duas coisas ocupam o mesmo ‘espaço’, admite que cada elemento do lugar esteja ao lado dos outros, num ‘local’ próprio, define o ‘lugar’ como uma ‘configuração instantânea de posições’, o que equivale a dizer que, num mesmo lugar, podem coexistir elementos distintos singulares, sem dúvidas, mas sobre os quais não se proíbe pensar nem as relações nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação do lugar comum. Assim, as regras da residência que atribuem o lugar à criança [...] situam-na numa configuração de conjunto cuja inscrição no solo ela compartilha com outros (AUGÉ, 2012, p. 52-53).

No geral, é pensar que todo indivíduo, ao passo que possui a sua residência, com as suas peculiaridades, detém as marcas dos lugares que frequenta, circula ou se aposenta, assim como age e vive o senhor Valéry. Mas ele explica:

– É que absorvo demasiado as coisas. É como se ao atravessar uma rua nova o chão ficasse colado aos meus sapatos e mais ninguém tivesse espaço para poupar os pés. É como se a partir daí só os pássaros pudessem percorrer a rua – finalizava, num tom poético,

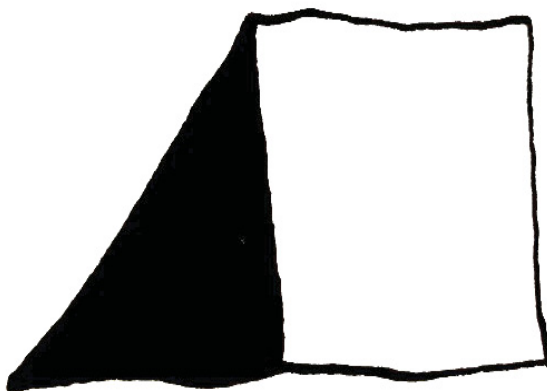
p.13). Existe, assim, uma dependência dos sujeitos com os espaços que se inter-relacionam; havendo mudanças ou não, o indivíduo constrói relação com o outro, adquirindo informações presentes em outras existências, em suas respectivas convivências.

muito tom poético, muito raro em si, pois era um homem que se orgulhava da sua lógica (TAVARES, 2011a, p. 79).

O pequeno rapaz andava sempre pelas mesmas ruas do bairro – às vezes no escuro, à noite, para fugir da própria sombra –, com os mesmos sapatos: um par determinado para cada rua e um pé de cada cor; no total, havia apenas cinco pares diferentes. Por esse comportamento atípico aos outros, mas muito comum ao senhor, ele só conseguira conhecer cinco ruas de seu território. “– O problema – explicava o senhor Valéry – não é dos sapatos, é da minha vontade de levar para casa tudo aquilo em que toco” (TAVARES, 2011a, p. 79). Pensando em Augé (2012), portanto, para quem carregamos conosco registros dos lugares pelos quais passamos, o senhor – por seu desejo idiossincrático – rouba do mundo tudo aquilo que endossa a sua completude: “Na verdade, as ruas agarram-se aos meus sapatos porque eu não sou feliz” (TAVARES, 2011a, p. 79), justifica-se.

Ademais, para exemplificar o seu pretexto de incompletude, o senhor desenha um triângulo retângulo; para ele, caso sinta saudades de ser quadrado, a forma deveria se unir não ao que deseja ser, mas àquilo que não ambiciona ser. Dessa forma, caso se junte ao que deseja, será como mostrado na Figura 7.

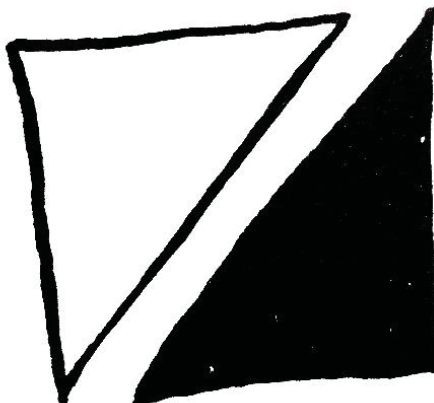
FIGURA 7 – TRIÂNGULO E QUADRADO



FONTE: Tavares (2011a, p. 80).

Agora, ao se juntar ao que não gosta, será como na Figura 8.

FIGURA 8 – TRIÂNGULO E TRIÂNGULO



FONTE: Tavares (2011a, p. 81).

Entretanto, para o senhor Valéry, todos nós somos como na Figura 9.

FIGURA 9 – QUADRADO DIVIDIDO EM MUITOS BOCADINHOS



FONTE: Tavares (2011a, p. 82).

Isso porque somos vários pedaços de coisas que gostamos e não gostamos, completando-nos, como ressalta Augé (2012), pelos lugares que frequentamos, circulamos e nos aposentamos.

Nesse contexto, Emmanuel Lévinas (2000), em um dos capítulos de *Ética e infinito*, reflete acerca da responsabilidade que temos com o outro, ou seja, pensando naquilo que não nos pertence, incluindo os próprios espaços. Para ele, reconhecendo positivamente o exterior, conquistaremos o compromisso diante daquilo que já é do outro. Assim, “la responsabilidad, en efecto, no es un simple atributo de la subjetividad, como si ésta existiese ya en ella misma, antes de la relación ética. La subjetividad no

es un para sí; es, una vez más, inicialmente para otro” (LÉVINAS, 2000, p. 80)¹⁵. Compete, outrossim, não ao fato de que eles nos sejam conhecidos; a proximidade pode acontecer tanto em um mesmo espaço quanto em setores distantes, mesmo que a relação não seja intencional. Não basta, aqui, afunilar a discussão na ideia de alteridade – em que o estado do outro se torna relevante, de maneira geral –, mas observar que todos os indivíduos apresentam um princípio de insuficiência, como para Blanchot (2013), necessário de se completar com o outro ou um grupo de outros. Para Valéry, essa incompletude é suficiente para sua sobrevivência, como já se percebeu, mas seus contatos na comunidade transparecem a sua necessidade de existência a partir das proximidades com os outros. Acontece que, em determinadas situações, esses “outros” não contribuem para a proximidade com a personagem. Certo dia, uma senhora – por acidente – atirou um balde de água certamente na sua cabeça; ela simplesmente limpava sua calçada naquele exato momento, um azar, portanto.

Sabe-se, porém, que sua simpatia era pouca. O conto *O prego*, por exemplo, demonstra que o senhor consegue adquirir a responsabilidade com o outro, mas não proximidade, porque não a desejava. Ele alegava conhecer pessoas arrogantes, “pessoas que andam na rua como se fizessem um favor ao ato de andar” (TAVARES, 2011a, p. 61), define o protagonista. Ele as compara com o ato de fixar um prego na parede: “Se nos julgarmos mais inteligentes que essa tarefa, corremos o risco de falhar o prego, acertando em cheio o nosso próprio dedo” (TAVARES, 2011a, p. 62), complementa. Para ele, pessoas humildes são melhores, pois não são nem chefes, nem empregadas, mas são do mesmo nível que sua tarefa, que o seu caminhar, apenas partilhando do mesmo destino. É de extrema importância, também, relevar que nem sempre uma sociedade composta por seres iguais é de fato uma sociedade, pois isso pode ser tomado por regimes insatisfatórios para alguém. Os indivíduos acabam por viver por si só.

Ora, esta exigência de uma imanência absoluta tem por correspondente a dissolução de tudo aquilo que impediria o homem (já que ele é a sua própria igualdade e sua determinação) de se pôr como pura realidade individual, tanto mais fechada quanto ela é aberta a todos. O indivíduo afirma para si, com seus direitos inalienáveis, sua recusa de ter outra origem que si, sua indiferença a toda dependência teórica frente a um outro que não seria um indivíduo como ele, quer

¹⁵ “A responsabilidade, com efeito, não é um simples atributo da subjetividade, como se esta existisse já nela mesma, antes da relação ética. A subjetividade não é um para si; é, uma vez mais, inicialmente para outro” (tradução nossa).

dizer, ele mesmo, indefinidamente repetido, quer seja no passado ou no porvir – assim mortal e imortal: mortal em sua impossibilidade de se perpetuar sem se alienar. Imortal, já que sua individualidade é a vida imanente (BLANCHOT, 2013, p. 13).

Valéry é quase imortal pela composição intrínseca do seu ser, da sua existência, até mesmo pela sua própria intrarrelação, convívio com o outro dele mesmo.

Em *Os roubos*, o narrador de Tavares garante ao leitor que a relação com o outro não é propriamente filantrópica, revelando um lado de Valéry temeroso. O medo dos outros faz com que ele tenha segurança somente em sua casa de dois cômodos; para isso, possuía também dois sacos pretos, para usufruí-los em uma cerimônia recorrente: antes de “sair de um compartimento da casa para outro, colocava todos os objetos existentes no compartimento num dos sacos pretos, passando depois para outro espaço, já com o coração tranquilo” (TAVARES, 2011a, p. 73). No outro cômodo, retirava apenas os objetos daquele determinado espaço, deixando o restante dentro do saco para tirá-los somente quando estivesse em seu devido espaço de origem.

O comportamento parece se associar ao que Dardel (2015) propõe na perspectiva da geografia humana sobre a natureza: não é ela que é ocupada, ela já existe, são os homens que a ocupam e a manipulam. Em sua percepção singular, Valéry decidira ter poucas posses, poucos objetos e poucos espaços para ocupar, visto que o contrário lhe daria muito trabalho para manejo diário – imaginemo-lo carregando os seus dois sacos pelas ruas do bairro. Dessa maneira, a segurança (ou a preocupação com ela) se completa com a personagem depositando em um cofre de banco esses dois sacos ao ter de sair de casa: “– É apenas por precaução” (TAVARES, 2011a), ressalta o senhor.

Para Sartre (1972, p. 123), o indivíduo se submete a um comportamento parecido com que tem o ente ficcional em causa, devido à responsabilidade que lhe é estabelecida, pois ele “supera perpetuamente a condição que lhe é dada; revela e determina sua situação, transcendendo-a para objetivar-se, pelo trabalho, pela ação ou pelo gesto”, o que foge da vontade ou da carência externa (ou a outrem), pois este é mais abstrato e imediato.

A partir de *O espelho*, conto já referenciado neste capítulo, conseguimos corroborar essa assertiva de Jean-Paul Sartre (1972). Essa narrativa coloca Valéry sob o estigma de sua própria beleza: sê-lo-ia belo? Não, pelo menos para o narrador,

mas também não se considerava feio. Assim, relembrando, para que isso não o incomodasse, o rapaz preferiu retirar todos os espelhos da casa para que, dessa maneira, não conhecesse a sua imagem exterior. A visão, portanto, não seria capaz de se atrever a si mesma¹⁶, mas dentro do espelho o reflexo seria obviamente lançado ao seu conhecimento.

Diante do impasse, Valéry é posto pelo narrador diante dos outros do bairro e, dessa maneira, consegue determinar sua aparência: “– Se me sorriem percebo que estou bonito, se desviam os olhos percebo que estou feio” (TAVARES, 2011a, p. 52), ou seja, é pelo contato com as pessoas que ele se reconhece, é durante os longos passeios pelas ruas que ele se encontra dentro de seu próprio espaço, dentro de seu próprio corpo. “Por vezes, depois de se deparar com alguém que desviava os olhos, o senhor Valéry, percebendo, passava a mão pelo seu cabelo, penteando-se ao mesmo tempo que procurava um outro rosto dentro de si próprio, agora mais agradável” (TAVARES, 2011a, p. 52). Pensando nisso, ressaltamos a capacidade do indivíduo de construir diversos significados em seus lugares (AUGÉ, 2012) a partir de seus próprios objetos, de seus gestos e de sua conduta dentro do espaço. O ser humano carrega em si uma materialidade significativa, adquirindo significação apenas pela relação entre o presente e o contexto – e, de maneira geral, com o lugar em que reside –, explicados pelo futuro (SARTRE, 1972).

O senhor Valéry é um ser que se descobre e se localiza pelo outro e por seu próprio corpo, por meio de suas construções de raciocínios extremamente subjetivas – seguindo a lógica –, que auxiliam o leitor a alcançar *O bairro*, de Gonçalo M. Tavares. Em certo momento de sua rotina, esse senhor se pôs em embate ao tentar encontrar sua própria casa; isso porque seu pensamento, durante a caminhada, procurava diferir a verdade da mentira¹⁷. Após o raciocínio, ele parou em frente à casa de outro senhor

¹⁶ Camões, em seu Soneto 042, exalta o poder da visão diante dos objetos que vê. O olhar, no texto, é testemunha da transformação de uma matéria em outra (CAMÕES, 1598, Soneto 042, disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf> Acesso em: 05 de mar. 2019).

¹⁷ Valéry, durante sua caminhada, se concentra em tentar diferenciar a verdade da mentira, o que acaba sendo um grande dilema a ele: “A única hipótese de a verdade sobreviver é multiplicá-la. Se a verdade é uma única, e a mentira pode ser todas as bilhões de possibilidades que restam, então descobrir a verdade será quase impossível: um acaso milagroso; e a mentira, pelo contrário, aparecerá sempre, em todo o lado [...] O que é preciso é ter tantas verdades como mentiras [...] ou então... E, para exemplificar o que dizia, o senhor Valéry fez um desenho” (TAVARES, 2011a, p. 53). Os desenhos eram completados, ao passo que um sorriso irônico surgia:

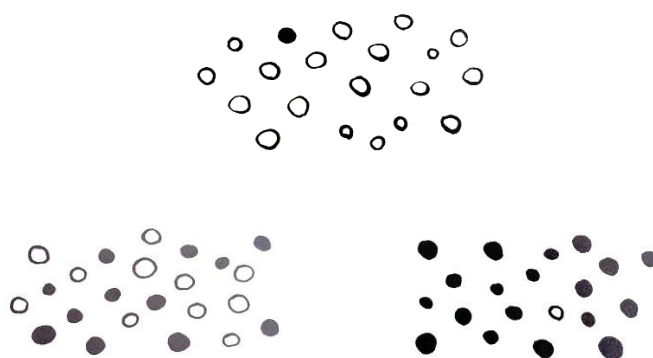
do bairro com a chave posicionada na fechadura: “– Cá está – murmurou o senhor Valéry – se todas estas casas fossem minhas, com a exceção de uma, provavelmente não tinha me enganado. Seria mesmo muito azar enganar-me” (TAVARES, 2011a, p. 55). Infelizmente, não é possível ser dessa maneira; de qualquer forma, ele ainda tentou abrir a porta de outrem quebrando a chave dentro do ferrolho.

A ousadia da personagem aponta para o reconhecimento de que as situações arbitrárias dos homens – no aspecto da existência, não do gênero – estão intimamente atreladas às concepções sistêmicas dos objetos e das ações, pelo viés de Milton Santos (2017), e são tarefas necessárias dentro de um espaço social e geográfico, sendo um caminho intencionalmente construído para determinados objetivos. Assim, como pensa Santos (2017, p. 333, grifo do autor), essas situações são

frutos da ciência e da tecnologia, [...] buscam a exatidão funcional, aspirando, desse modo, a uma perfeição maior que a da própria natureza. É desse modo que eles são mais eficazes que os objetos naturais e constituem as bases materiais para as ações mais representativas do período. Vivemos o mundo da ação em *tempo real*. Já que as etapas da ação podem ser rigorosamente previstas, a ordem temporal assim obtida se associa à ordem espacial dos objetos, para atribuir a maior produtividade econômica ou política às ações e ao espaço em que incidem. Trata-se da possibilidade de uma ação racional sobre um espaço racional. Como o espaço não é homogêneo, evoluindo de modo desigual, a difusão dos objetos modernos e a incidência das ações modernas não são as mesmas em toda parte. Alguns subespaços, dotados com as modernizações atuais, podem acolher as ações de interesse dos atores hegemônicos.

Essa construção acaba não sendo de interesse na hierarquia do bairro, até porque Gonçalo M. Tavares não define todos os habitantes pelos seus

FIGURA 10 – VERDADE X MENTIRA



FONTE: Tavares (2011a, p. 53-54).

comportamentos, mas pelo seu vínculo intelectual. Em todas as narrativas da série, os comportamentos são heterogêneos, com personalidades singulares, mas atendo-se à linha citadina, como moradores de determinada região. Dessa maneira, esses subespaços, mantendo-se vinculados ao interesse do indivíduo – homogêneo ou não –, são constituídos de ações de próprio domínio; inclusive, esses lugares se ligam pelos ideais, pelos interesses de cada senhor, embora Valéry resolva as suas problemáticas pelas lógicas e desenhos: “– Uma causa vale menos do que um efeito e um efeito vale menos do que um acontecimento sem causa [- o senhor dizia.] Por isso ele agia sem pensar nos efeitos da sua ação. Agia porque gostava da ação que fazia. E bastava-lhe” (TAVARES, 2011a, p. 49).

2.2 OS LUGARES PELOS QUAIS O TEMPO PASSOU: O SENHOR VOLTAIRE E O SÉCULO XX

FIGURA 11 – HABITAÇÃO DO SR. VOLTAIRE



FONTE: extraída da série.

O perigo é uma percepção relativa, pois cada um pode senti-lo de maneira diferente. Entretanto, o senhor Voltaire deixa implícito em sua fala que, por mais controverso que aparenta ser, o medo é o único sentimento comum entre todos os indivíduos, sobretudo quando se trata de uma reação abstrata a outro indivíduo: “Não há nada mais perigoso do que um humano venenoso” (TAVARES, 2014c). Isso porque, para ele, o sujeito tem dimensões semelhantes. Quando o objeto é muito menor em relação a ele, o medo não é aparente, mas é um engano achar que as coisas pequenas não são perigosas – “o perigo não é uma questão de fita métrica” (TAVARES, 2014c) –; é, provavelmente, maior o risco, uma vez que não é possível enxergá-lo. Essa invisibilidade do ser possibilita ao senhor Voltaire criar uma

delimitação para os lugares¹⁸, pois o que é pequeno é ainda maior do que o invisível, mas, de qualquer modo, o que não se vê ainda ocupa um espaço: “O maior perigo, eu diria, vem até daquilo que não vemos [...], não te podes defender daquilo que não vês, eis o óbvio. [... Mas,] em suma, até o invisível pode ser veneno” (TAVARES, 2014c). em outras palavras, o espaço é ocupado até por seres microscópicos, que possibilitam uma interação com outros seres, sendo a relação perigosa ou não. Todavia, esses seres nos dão a chance de trabalhar a imaginação diante da representação, pois, pensando em Bachelard (1978), essa ação não é nada mais do que expressões comunicando aos leitores as próprias imagens. Segundo ele,

em tal imaginação, há, diante do espírito de observação, uma inversão total. O espírito que imagina segue aqui o caminho inverso do espírito que observa. A imaginação não quer chegar a um diagrama que resuma conhecimentos. Procura apenas um pretexto para multiplicar as imagens e, quando a imaginação se interessa por uma imagem, majora o valor (BACHELARD, 1978, p. 296).

Dessa maneira, o leitor deve se lançar diante da representação, buscando trabalhar a imaginação diante da imagem pretendida pelo narrador. Santos (2017) ressalta ainda que os símbolos – por mais invisíveis que sejam – são criados por ideologias para integrar a vida real. É o que acontece, portanto, com as fotografias do século XX do senhor Voltaire; elas são capazes de revelar transformações que perpassam um século inteiro. O protagonista, nessas ligeiras crônicas de relatos cotidianos, expõe-nos espaços simbólicos transformados pelas atitudes do ser humano.

Em uma conversa com o senhor Foucault¹⁹, em praça pública, Voltaire vai pouco a pouco destacando fotografias com as suas respectivas passagens no tempo, resgatando símbolos e ideologias da vida real:

– Eis aqui – e o senhor Voltaire aponta para uma das primeiras fotografias do álbum que tem nas mãos – eis aqui uma rua cheia de animais que respiram e de objetos que são vendidos. Nas ruas dos ricos, observa-se, há menos quantidade, por metro quadrado, de

¹⁸ Isso de acordo com o que nos diz Augé (2012) em relação aos não lugares, pois eles são formados pelos símbolos que nos remetem a outros pontos dentro da cidade; são rastros que nos dão a ideia de contrato com determinado ponto e uma identidade.

¹⁹ Habitante do lado oposto do bairro, tendo em vista a localização da casa do senhor Voltaire, o senhor Foucault ainda não tem obra dedicada aos seus relatos diários.

animais que respiram e também é menor o número de objetos embora o preço seja maior (TAVARES, 2013a)²⁰.

Nesse contexto, o narrador nos abre a possibilidade de se atentar às questões socioeconômicas – não no bairro especificamente, mas nas cidades, de um modo geral, no século XX – a partir da realidade na rua. Talvez seja apenas uma observação paralela, mas ele consegue contrastar os homens que vivem em uma comunidade de classe mais baixa, considerando o comércio popular de rua, aos que habitam em espaços mais ricos: “Nas melhores ruas da cidade os cães têm movimentos de madame; e a educação impera” (TAVARES, 2013a), revela sarcasticamente o narrador.

Santos (2017) explicita que as sociedades se realizam por meio das formas sociais, das diversas realidades e suas respectivas evoluções no tempo, mesmo que mudanças bruscas ocorram. Já Dardel (2015) delibera que, geograficamente, a cidade é, de modo geral, a rua. Isso porque é nela que conhecemos os homens e as diversas possibilidades de interação e realidades possíveis²¹. Assim como apresenta o senhor Voltaire, em sua narrativa, Eric Dardel (2015) coloca a rua não sendo apenas uma redução de espaço, mas algo múltiplo, como uma abertura para as experiências citadinas, como uma forma da vida cotidiana em que o indivíduo é transeunte. Ademais, para ele, o sujeito é

elemento constitutivo e permanente, às vezes quase inconsciente, na visão de mundo e no desamparo do homem; realidade concreta, imediata, que faz do cidadão ‘um homem da rua’, um homem diante dos outros, sob o olhar de outrem, público no sentido original da palavra. Para muitos homens, sobretudo os dos séculos passados, a rua é onde se nasce, onde se vive e onde se morre sem que se possa sair. A rua da Idade Média, ruela tortuosa, rua com escadarias, impasse, com sua fisionomia pitoresca ou sórdida, com suas corporações de ofício instaladas desde tempos imemoriais, suas tendas, seus ruídos, seus odores, o cruzamento próximo e suas vias

²⁰ Esta ideia de cenas e fotografias do cotidiano pode ser encontrada também em outras obras do autor, tais como: *Short Movies* (TAVARES, 2015a) e *Canções Mexicanas* (TAVARES, 2013h).

²¹ Esvaindo da discussão teórica e associando-a a uma questão poética, destaca-se Álvaro de Campos, em seu poema *Passagem das horas*. De acordo com seu texto, o homem vive se conhecendo pelas relações que desenvolve pouco a pouco. A utopia da cidade e suas diversas possibilidades de interação também se efetivam na rua, como defende o geógrafo Dardel (2015). A existência, desse modo, do eu lírico é apreendida de cotidianos efetivados ao longo do tempo, das realidades e dos espaços, com o eu lírico nos colocando diante de situações típicas da convivência e do conhecimento do eu com o lugar pelo qual passa: “Rua a passear por mim a passear pela rua por mim/ [...] O chão no ar o sol por baixo dos pés rua regas flores no cesto rua/ O meu passado rua estremece camion rua não me recordo rua/ [...] Rua pra trás e pra diante debaixo dos meus pés/ Rua em X em Y em Z por dentro dos meus braços/ Rua pelo meu monóculo em círculos de cinematógrafo pequeno” (CAMPOS, s/d).

adjacentes. A rua entregue à noite, à obscuridade e ao silêncio, é o ponto de ancoragem do homem no universo, seu espaço concreto e familiar (DARDEL, 2015, p. 28).

Também, muitos seres, como manifestado pelo senhor Voltaire e tantos outros senhores de *O bairro*, têm suas relações e seus diálogos desenvolvidos na rua. Pela perspectiva experiencial de Yi-Fu Tuan (1983), em *Espaço e lugar*, a rua é um caminho de busca pelo conhecimento. A experiência de contato possibilita explorar não só o tato, mas tantos outros sentidos: a ideia de experimentação envolve “diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos [...], até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização” (TUAN, 1983, p. 9). É nesse sentido que as emoções se envolvem para a construção de significados diante das situações; além de serem aspectos importantes para a construção das relações, é – pelos termos tuanianos – um colorido para a experiência humana. Por conseguinte, é possível dizer que não se conhece algo ou alguém em essência, mas se cria conhecimento pelo sentimento e pensamento, sendo preciso se jogar no desconhecido para desenvolver relações, para experienciar o incerto, trabalhar os dois extremos para as afinidades dentro de um espaço, no circundar de uma rua ou nos simples lugares de passagem:

A experiência tem uma conotação de passividade; a palavra sugere o que uma pessoa tem suportado ou sofrido. Um homem ou mulher experiente é a quem têm acontecido muitas coisas. No entanto, não falamos das experiências das plantas e, mesmo nos referindo aos animais inferiores, a palavra ‘experiência’ parece inapropriada. Porém, existe um contraste entre um cachorrinho e um experiente mastim; e os seres humanos são maduros ou imaturos dependendo de terem ou não tirado vantagens dos acontecimentos. Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 1983, p. 10).

Destarte, o campo subjetivo está intrinsecamente ligado ao mundo objetivo, todos os estímulos visuais são despertados ao conhecimento, ao raciocínio. A cidade vai sendo conhecida pelas sensações despertadas na rua e ganhando discernimento para se concretizar no conhecimento.

O senhor Voltaire, em suas narrativas, de um modo geral, demarca a evolução da sociedade e seus respectivos comportamentos ao longo dos tempos. Pensando em Dardel (2015), quando se refere ao século XX como um momento de urbanização, de ascensão dos homens e de crescente perspectiva das cidades, o tempo é capaz de modificar não só o território paisagístico, como também recebe responsabilidade pelas mudanças no espaço de relações. Além disso, é importante lembrar aqui o que diz Cassirer (2012), remetendo a Kant: o espaço é a concretização de nossa experiência exterior, enquanto o tempo é da experiência interior. A diferença é que o contato que se mantém no mundo externo difere nos instrumentos utilizados no outro lado, ou seja, a metodologia utilizada para organizar o mundo, pois, com a experiência interior, envolve-se muito mais com a memória. Aliás, Cassirer (2012) ressalta o fato de que um espaço nunca se identifica como ele mesmo nos diferentes tempos. Um rio ou uma praça de antes não são os mesmos de agora, nem serão idênticos aos do futuro. Novas experiências são aplicadas a esses espaços em diferentes tempos: “O tempo é pensado no início não como uma forma específica da via humana, mas como uma condição geral da vida orgânica. A vida orgânica existe apenas na medida em que evolui no tempo” (CASSIRER, 2012, p. 85). É, basicamente, uma sequência ou um ciclo de atividades.

Nesse sentido, por exemplo, diante de uma de suas fotografias, o senhor salientou uma importante mudança no papel que a mulher exerceu em uma cidade ao longo dos tempos: “No início do século XX, as mulheres trabalham em casa onde o silêncio permite que as mãos se tornem rápidas nessa caligrafia concreta designada como trabalho manual. Costurar é fazer arquiteturas mínimas” (TAVARES, 2013a). O patriarcado, além disso, é delimitado e apontado pelo narrador como um sistema comum nesse século:

A velha mulher, com a faca que corta o pão, faz danças sensatas e exatas para que o velho homem, o seu marido, receba na mão o tamanho exato dessa parte do mundo que se come. Na cozinha, em 1960, é a mulher que tem a faca; e na rua quem tem a faca é o homem. Isto, em 1960 (TAVARES, 2013b).

A representação de família dada anteriormente é, para o senhor Voltaire, de modo geral, a forma do conservadorismo, sendo caracterizados por seus costumes e tradições: “Uma família é estável quando se contabilizam as energias internas e se

percebe que não há cortes de energia entre pais e irmãos, entre a avó e a sua lenta cadeira de baloiço...” (TAVARES, 2013b).

Em suas fotografias da década de 1960, Voltaire registra diversos eventos que se modificaram ao longo do tempo – a cadeira da avó não balança mais da mesma maneira que balançaria no presente, não se posiciona no mesmo lugar que antigamente, pois “o organismo nunca está localizado em um único instante” (CASSIRER, 2012, p. 86). Ele perpassa, mas se modifica, os tempos não podem se subdividir em tempos individuais, os lugares frequentam, digamos, diferentes situações de acordo com a sua evolução; é um ciclo, no qual a memória se torna a principal ferramenta para a localização do passado: “Não podemos descrever o estado momentâneo de um organismo sem levar em consideração a sua história e sem referi-lo a um estado futuro para o qual este estado é apenas um ponto de passagem” (CASSIRER, 2012, p. 86). A memória, enfim, está situada em todas as nossas relações com o outro e com o espaço, não é algo que deve se desprezar ao olhar para um lugar no presente e no futuro – espaço e tempo, portanto, estão interligados:

Cada estímulo que age sobre um organismo deixa nele um *engrama*, um traço fisiológico definido; e todas as futuras reações do organismo dependem da cadeia desses *engramas*, do *complexo de engramas* conectados. [Dessa maneira,] as impressões anteriores não devem ser apenas repetidas; devem também ser ordenadas e localizadas, e referidas a diferentes pontos do tempo. Tal localização não é possível sem a concepção do tempo como um esquema geral – como uma *ordem serial* que compreende todos os eventos individuais. A percepção do tempo implica necessariamente o conceito de tal ordem serial correspondente àquele outro esquema que chamamos de espaço (CASSIRER, 2012, p. 86-7, grifo do autor).

Mas é de grande valia evidenciar que essa memória não se trata somente de uma simples repetição ou retorno, mas de uma lembrança que renasce e que demanda uma movimentação dos ciclos e sentidos, da imaginação, do processo criativo próprio do ser humano – uma percepção, como lembra Bachelard (1978). O homem vai ao passado, resgata a memória e tenta revivê-la e reorganizá-la no presente, criando sentidos, como uma possível memória simbólica, que faz com que haja uma reconexão com a experiência passada. O senhor Voltaire, por conseguinte, adquire essa capacidade de resgatar o passado pela memória e destaca que os tempos mudaram, como ele mesmo deixa implícito ao apresentar a evolução da mulher no século XX.

De acordo com a narrativa, houve uma devida inversão nos papéis sociais, a partir dos quais as mulheres conseguiram ultrapassar os limites arcaicos em seus costumes: “As mulheres têm a responsabilidade de fazer o relato da História do Mundo e da Família. E tem ainda de fazer o relato da história da própria casa e do próprio bairro. No século XX, são as mulheres que fazem a história” (TAVARES, 2013c). As mulheres conseguem ser vistas no mercado de trabalho, quebram também os limites socioeconômicos. Aquela “mulher-objeto” transpassa suas balizas para atingir uma posição além daquela visão realista do século XIX²². É possível ressaltar o papel desse grupo na constituição da sociedade, mas ainda mais destacar a importância das tarefas, do trabalho, nas demarcações de papéis sociais nos espaços. A atividade laboral, inclusive, é uma das representações da cidade no processo globalizante²³. Não obstante, esse processo teve origem – como entrega outra fotografia de Voltaire – na Revolução Industrial e com os processos de êxodo no mesmo contexto: “As fábricas invadem o espaço à volta da cidade e rapidamente invadem também a pauta da música artificial e a pauta da música natural, substituindo, assim, o som do pássaro pelo som da máquina, o som do voo da ave pelo som suave do fumo a sair da chaminé” (TAVARES, 2013b). É um tempo que Dardel (2015, p. 29) denomina como uma circunstância que ultrapassa a geografia humana:

Imensas populações nascem e se movem na grande cidade, um número enorme de homens é, praticamente, ‘de desenraizados’, sem

²² O senhor Voltaire enfatiza, além disso, a transição da visibilidade externa em relação a quem é a mulher na sociedade: “No século XX, ao domingo no parque junto à erva, os homens procuram diamantes e as mulheres procuram homens que procuram diamantes. Existe a música escutada pelas mulheres que guardam os olhos para os homens e pelos homens que querem ver as mulheres dançar” (TAVARES, 2013a). O interesse é externalizado e vivido, não como já apresentado por Eça de Queirós (1845-1900) em seus romances, com o casamento sendo apenas um contrato, mas como um jogo de prazer e de interesse social, cheio de tabus. Entretanto, ressalta Voltaire, “para os homens com desejo a música só existe se as mulheres dançarem. A dança feminina é, portanto, a prova de que a música existe. Isto, no século XX. No século XXI tudo mudou” (TAVARES, 2013a), todos dançam, não só aquela mulher vista apenas como um sinônimo de posse, de objeto.

²³ Santos (2017) apresenta a divisão social do trabalho como algo representativo na constituição do espaço social. Para ele, esse papel movido “pela produção, atribui, a cada movimento, um novo conteúdo e uma nova função aos lugares. [...] [Assim,] num primeiro momento, ainda não dotado de próteses que aumentem seu poder transformador e sua mobilidade, o homem é criador, mas subordinado. Depois, as intervenções técnicas vão aumentando o poder de intervenção e a autonomia relativa do homem, ao mesmo tempo em que se vai ampliando a parte da ‘diversificação da natureza’ socialmente construída. [...] Lembremo-nos, em primeiro lugar, de que a cada novo momento histórico muda a divisão do trabalho. É uma lei geral. Em cada lugar, em cada subespaço, novas divisões de trabalho chegam e se implantam, mas sem exclusão da presença dos restos de divisões do trabalho anteriores” (SANTOS, 2017, p. 131-136). Cada nova divisão de trabalho garante o seu tempo, o seu momento, não devendo, ou melhor, não sendo uma repetição, por mais repetitivo que pareça ser. O trabalho é uma grande concepção de que o tempo interfere nas localizações dos indivíduos e nas coisas do espaço.

ligações duráveis com a terra ou com um horizonte natural, seres nos quais os observadores mais ‘objetivos’ concordam em reconhecer o caráter irritadiço, volúvel, sujeito a psicoses ou a contágios afetivos. O homem torna-se também construtor de espaços, abrindo vias de comunicação: caminhos, pistas, estradas, vias férreas, canais são maneiras de modificar o espaço, de o recriar. A rota desfaz o espaço para recriá-lo, reagrupá-lo.

O ser humano é um elemento importante para a localização das situações nos diversos tempos da história, não só na forma como existe a relação entre o ser e o mundo, mas como isso pode se tornar visível aos outros. Para Santos (2017), as diversas temporalidades nos conduzem às diversas formações socioespaciais, formando novos agrupamentos de acordo com as divisões executadas ao longo do tempo. Dessa maneira, os eventos decorrentes das influências humanas têm os seus determinados pontos no tempo e no espaço: “Todos os lugares existem em relação com um tempo do mundo, tempo do modo de produção dominante, embora nem todos os lugares sejam, obrigatoriamente, atingidos por ele” (SANTOS, 2017, p. 138). Existe um papel, em contrapartida, de diferenciação pelo que ocorre em diversas situações no tempo do mundo, cuja dimensão geográfica externa, segundo ele, é o próprio mundo; diferentemente dos limites internos que não são possíveis de definir, não é absoluta.

É relevante saber, por exemplo, de que maneira determinado evento modifica (ou simplesmente interfere) os diversos lugares durante a Revolução Industrial, como já citado pelo senhor Voltaire, em suas narrativas, ou, também, como as mulheres se estabeleceram em diferentes espaços, não só na divisão social do trabalho. Milton Santos (2017) quer, possivelmente, nos chamar atenção para a forma como os eventos são sucedidos, e que as áreas e regiões pelas quais se estende determinada atividade não terão como se comportar de maneira idêntica, mas semelhantes. “Cada área constitui uma situação particular. Cada lugar é uma combinação quantitativa e qualitativamente específica de vetores” (SANTOS, 2017, p. 151). Não é válido citar ou entender todos os lugares da mesma maneira, generalizando-os; é por isso que as questões temporais da narrativa se tornam tão importantes nesse aspecto, visto que as sucessões de fatos precisam ser compreendidas em seus campos de interferências e em diferentes séculos (aqui, neste caso).

O senhor Voltaire conta muitos dos principais eventos do século XX e resguarda a história em suas localizações e momentos específicos – sendo eles

concomitantes ou não em toda a Europa. A questão trabalhista, em amplas lentes, é posta como uma situação de determinações (opressoras) e hierarquia social, justificando as mobilizações sociais, diante das relações de trabalho, da seguinte forma:

Segundo parece, em 1936²⁴, uns tantos ocuparam uma fábrica e entraram na propriedade privada do patrão com os seus gritos públicos – palavras ditas e comunidade como se aquilo fosse um coro grego e muito clássico. De fato, as manifestações e as greves trazem palavras misteriosas que conseguem juntar milhares de pessoas. Eis uns dos lemas: os operários têm pescoço como as rosas e os patrões tesoura como os jardineiros. Era o que se ouvia, em surdina, em algumas manifestações (TAVARES, 2013e).

Em contrapartida, em outro momento, Voltaire relata os eventos das greves e as contribuições dos sindicatos: “Antes de determinada data do século XX, os sindicatos dos trabalhadores eram tão ilegais como o ato de assassinar a vizinha. Depois, assassinar manteve-se ilegal” (TAVARES, 2013d). E continua:

Havia uma lei de 1884²⁵ que permitia que os trabalhadores se pudessem juntar, mesmo que não fosse para trabalhar. O quer era uma lei perigosa, diga-se. Se quem trabalha se junta fora do local de trabalho, é porque algures, por aí, existe vinho, baile ou uma tendência perigosa para a revolução. Daí a importância de se oferecer vinho e música aos trabalhadores que se junta (TAVARES, 2013e).

Pelo menos assim se garantiria a manutenção da hierarquia. Voltaire ainda rememora o processo de modernização do mundo, sobretudo no que tange à urbanidade dos territórios. Devido a esse processo, as periferias surgiram, para ele, graças ao também avanço da comunicação e da informação entre as sociedades, fazendo com que houvesse uma extrema expansão territorial dos grandes centros e da criação das avenidas pelo mundo:

Como se vê por esta foto – disse o senhor Voltaire –, em 1955 já há cortinados feios, e o rádio encontra-se no canto do quarto, e o quarto encontra-se no canto da casa, e a casa encontra-se no centro do bairro, e o bairro encontra-se no canto da cidade. Portanto, o rádio é o único centro das vidas que foram empurradas para a periferia. O

²⁴ O senhor Voltaire se refere aqui às manifestações de junho de 1936, na França, em que Trotsky expôs uma nova fase do movimento operário francês, motivada pela crise do sindicalismo francês.

²⁵ Revogação da Lei Le Chapelier (1884), aprovada nos primórdios da Revolução Francesa (1791) para proibir sindicatos e manifestações trabalhistas, autorizando, a partir de então, a formação de sindicatos de categorias trabalhistas.

rádio traz notícias do centro e assim o ouvido das pessoas que vivem na periferia torna-se uma parte fisiologicamente central, fisiologicamente atualizada (TAVARES, 2013d).

O rádio é, por sua representatividade, o único instrumento dos grandes centros a frequentar os ouvidos das pessoas que estiveram condicionadas às margens da cidade, só ele está atento e preocupado com elas, mas só essas pessoas, como revelam os enunciados subordinados adjetivos usados pelo narrador, porque, de todas as outras vidas (dos indivíduos despreocupados com essas marginalizações e dos presentes na burguesia central), a informação, o progresso e a hierarquia eram mantidos.

Diante disso, é preciso reforçar o fato de que os eventos históricos possuem uma rede de solidariedade, uma vez que são capazes de se manifestar em caráter somente de tempo e espaço: um se dá na noção de origem e causa, que permite que seja a mesma em diversas regiões; o outro remete à localização propriamente dita, que, neste caso, possui eventos concomitantes, superpostos, acontecendo comumente, independentemente das regiões ou da relação centro-marginal (SANTOS, 2017). O geógrafo afirma que, ao considerarmos as ocorrências conjuntas de diversos eventos – de ordem e duração não idênticos –, eles são superpostos:

[É] como um nó, um lugar de encontro. É como se o evento amarrasse essas diversas manifestações do presente, unificando esses instantes atuais através de um verdadeiro processo químico em que perdem suas qualidades originais para participar da produção de uma nova entidade que já aparece com suas próprias qualidades (SANTOS, 2017, p. 154-155).

É, praticamente, a união dos tempos para a formação de uma única localização, relações que se imbricam no singular para o desenrolar das atividades nas possibilidades de extensões. Reforçando o que a geografia humana nos passa, por meio dos eventos somos capazes de definir muitas das composições dos lugares e o processo evolutivo pelo qual aquele instante passou, visando à mudança. Calvino (1990) pode ser corroborado a partir do discurso de Santos (2017) ao contar a história da cidade de Zaíra dos altos bastiões, em sua obra *As cidades invisíveis*. Para ele, a memória está garantida não pelas belas construções da cidade, mas pelos eventos que a compuseram; deduzimos, então, que o passado consegue resgatar a memória e os espaços:

[A cidade é feita] das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; o fio esticado do lampião à balaustrada em frente e os festões que empavesavam o percurso do cortejo nupcial da rainha; a altura daquela balaustrada e o salto do adúltero que foge de madrugada;²⁶ [...] A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1990, p. 14-15).

Em outras palavras, a história dos eventos está intrinsecamente ligada à história dos locais atuais, que, conseqüentemente, se liga à existência dos homens, pois é do mundo, desses espaços, que o indivíduo retira suas ideias. As localizações e os objetos resguardam narrativas que são próprias deles, bem como faz o senhor Voltaire, ao dar oportunidade às situações históricas por meio de suas fotografias e leves recordações. Em uma dessas imagens, o senhor se reconhece, pois se tratava de um documento de identidade: “Um papel com tinta por cima, mas esse papel com tinta por cima parece conhecer-te melhor do que a tua própria mãe. Tem os teus dados, os teus números, os teus nomes” (TAVARES, 2013c). Consideremos que isso seja uma forma de ele se fixar no espaço, como um indivíduo identificado e registrado, porém, para ele, só há um problema: esse papel reúne tudo da ciência – os números e as palavras, menos as emoções, porque, voluntariamente ou não, ele ainda existe e sente. “A ficha de um cidadão, o documento que o identifica, além dos números das datas de nascimento e da altura, grande ou pequena, e além dos nomes próprios e de família e do sítio onde vive... em suma, além dos números e das palavras, deveria ter versos” (TAVARES, 2013c), ressalta o senhor, buscando, na percepção dos versos, atribuir o ser subjetivo, abstrato. Independentemente disso, notamos que os objetos se encontram nos lugares possuídos de sentidos em relação ao meio e à ordem temporal em que se descobrem. Na esteira de Santos (2017), todos os

²⁶ Calvino (1990, p. 14) continua: “A inclinação de um canal que escoia a água das chuvas e o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela; a linha de tiro da canhoneira que surge inesperadamente atrás do cabo e a bomba que destrói o canal; os rasgos nas redes de pesca e os três velhos remendando as redes que sentados no molhe, contam pela milésima vez a história da canhoneira do usurpador, que dizem ser o filho ilegítimo da rainha, abandonada de cueiro ali sobre o molhe”.

elementos ocupam um lugar no espaço e são reconhecidos a partir do momento em que são inseridos na existência do ser. Basicamente, “o objeto existe geograficamente em um lugar e, no momento em que nele se instala, ganha uma outra certidão de idade. O fato da inserção em um determinado meio é diferente do fato de existir de forma absoluta” (SANTOS, 2017, p. 157), ou seja, determinado objeto, um documento ou uma fotografia, por exemplo, tem sua origem no lugar exato em que nasceu, mas também terá um epicentro em outro lugar, a partir do momento que seja inserido nesse outro lugar.

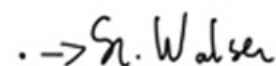
Talvez seja por isso que alguns conflitos surjam e permaneçam na sociedade, devido às origens e interesses antitéticos de cada pessoa, pelo sim e pelo não, pelo Norte e pelo Sul, pela concomitância e coexistência, pela distinção, enfim, dos sistemas em períodos diferentes. O senhor Voltaire, usando de sua esperteza, propõe, diante disso, que a cidade seja dividida em dois extremos: “Em vez de mulheres para um lado, homens para outro, crianças para um lado, velhos para outro – comecemos então a propor: quem diz sim para aquele lado, quem diz não para o outro. [...] Duas cidades opostas. Duas cidades quase inimigas” (TAVARES, 2013g). Os problemas seriam capazes de resolução ou criariam mais dilemas pela dupla possibilidade de pensamentos (somente)²⁷. Ora, o habitante, em certo momento – reflete Voltaire –, percebe o mundo intrincado e constata a necessidade de organização: “O mundo não

²⁷ Em *O útil e o inútil*, o senhor Voltaire pondera sobre a filosofia, não em seu caráter teórico, simplesmente, mas de que forma ela consegue ser algo usual em nosso cotidiano, de uso constante – tal como se define esse adjetivo dentre múltiplos verbetes –: “Tenta com ela abrir uma porta fechada à chave, mas não consegue. Tenta com a filosofia cavar um buraco na terra, e nada – nenhum buraco. Tenta com ela rodar um parafuso e o parafuso nicles, não se mexe. Tenta subir a um prédio, usando a filosofia, e não consegue – fica no mesmo sítio, no piso zero. Não tem motor nem rodas, não serve para mudar de ponto no espaço” (TAVARES, 2013f). A filosofia não é vista, portanto, como um objeto material e que pode ter seu uso visto concretamente, como procurou entender o senhor. Além disso, academicamente, não é comum identificar a filosofia como “objeto”, pois ela não se encerra, não se compreende a utilidade tal como procura o narrador. Entra-se em um dilema, a partir do momento em que o senhor Voltaire compara o tempo à filosofia: “Como fazer um risco, um traço a caneta preta, no tempo? [...] Não consigo fazer um traço no tempo, só no espaço, na folha branca ou na parede – eis o que diz o desenhador do espaço que queria muito ser desenhador a sério, mas não consegue” (TAVARES, 2013f). Se o registro fosse feito no tempo, a marca seria definitiva, pois, como já visto em discussões anteriores, o tempo resguarda a memória do passado, as vivências do presente e as perspectivas do futuro. Entretanto, de qualquer maneira, a filosofia foi definida pelo senhor como inútil; dessa maneira, ele a jogou para longe, como se fosse mesmo um objeto sem forma e sem objetivo, como se fosse uma pedra: “Pega nela, puxa o braço e zás: lá para o fundo! [...] No entanto, de repente, ali, de novo, o raio da coisa! À sua frente, junto aos seus pés. Que fazer?” (TAVARES, 2013f). Ele pensou que o mundo estaria livre do pensamento, daquele elemento que nos faz refletir, do questionamento, mas ela não se desprende do mundo e está em nosso entorno em todas as situações; sua localização é permanente. Esse comportamento reforça o pensamento da aporética de Sócrates em relação à filosofia, ou seja, é impossível determiná-la como uma ciência exata, sendo seu principal objetivo – segundo a teoria socrática – o exercício da razão, a produção de indagações a partir de uma dúvida, não respostas.

está bem; está torto, mal feito, é caótico, estranho e imprevisível, mas eu estou completamente convencido de que se em vez de dez dedos tivéssemos onze ou nove o mundo ainda estaria mais desorganizado” (TAVARES, 2014a). O problema não são as opções, não são as quantidades, mas o próprio habitante, o próprio ser; não adianta ter a simetria e a harmonia na teoria, portanto, como reverbera Bachelard (1978, p. 297), o objeto real e a imaginação são processos diferentes, pois o primeiro se completa em si mesmo, enquanto o segundo é só uma reflexão subjetiva: “No plano da imaginação, ele não se ‘enganou’, já que a imaginação não se engana nunca, já que a imaginação não tem que confrontar uma imagem com uma realidade objetiva”. Para o senhor Voltaire, seria necessário olhar os impasses e os outros com os sentidos, na tentativa de evitar as posturas dos homens em suas relações com o tempo e o espaço. O mundo se torna, dessa forma, defectivo, visto que as pessoas não se permitem: “Se queres que os outros te observem com atenção, se queres que os outros detectem em ti detalhes e pormenores essenciais: fecha os olhos. Finge-te cego” (TAVARES, 2014b). Será preciso utilizar os outros sentidos, a percepção das coisas. O narrador, inclusive, reforça que os objetos se permitem descrever, enquanto os humanos tendem apenas a ser observadores. As propriedades são os nossos sistemas – acontece que eles são regidos pelos homens: “Não se endireita a sombra de uma vara torta” (TAVARES, 2014b) – politicamente, a encruzilhada é muito mais superior, além das forças primárias do intelecto.

2.3 O PECULIAR ACASO NA RESIDÊNCIA DO SENHOR WALSER: UMA RELAÇÃO TOPOFÍLICA

FIGURA 12 – HABITAÇÃO DO SENHOR WALSER



FONTE: extraída da série.

A mudança sempre representa a troca de uma condição por outra, ou melhor, de um lugar por outro. Entretanto, para o senhor Walser, a mudança não é só isso, sendo (puramente) a oportunidade de fugir da solidão; é o momento pelo qual ele esperava para receber visitas – não necessariamente de outros homens, mas, às vezes, de outras perspectivas, outras ideias. Ele teria agora um espaço só seu, de sua

posse, subordinado às suas decisões. Mudara-se para uma casa novíssima – como ele costuma ressaltar – a noroeste do bairro, podendo ser acessada apenas por uma estrada no meio da mata, “com uma largura, a certo momento, não superior a dois metros – tinha de ser defendida” (TAVARES, 2008b, p. 13). E por que defendida? Quais são os receios que o senhor possui em relação ao seu lugar? Basicamente, o senhor Walser sente a necessidade de preservar a paz que a floresta lhe traz, mas também obter relações humanas que não infrinjam a eficácia do silêncio dali, tendo, com ele, apenas a oportunidade de trocar algumas ideias, criar diálogos lucubrados, sem, conforme o senhor, o barulho disforme da cidade; a ideia de criação desse lugar era atrair o oposto: “A cordialidade, o aperto de mão entre dois homens que se entendem depois de uma longa conversa argumentada, um abraço comovido de uma despedida e, eventualmente, quem sabe [...] um beijo apaixonado” (TAVARES, 2008b, p. 14). Isso porque, de fato, ele resguarda um carinho por aquele lugar, que não fora escolhido por acaso:

Situada a uns bons quilômetros do bairro mais próximo, a construção estava rodeada, como se disse já, de uma concentração de natureza nada receptiva a caminhares solitários, tal o emaranhado de galhos de árvores que pareciam por vezes absolutamente incontroláveis – como que dementes; quanto mais pensar na possibilidade de avanço de coisas mais largas: um mero carrinho de mão, por exemplo, tinha um único trajeto possível para alcançar a casa de Walser [...]. A partir de um certo momento, em que a estrada já só ia dar à sua casa, ultrapassados todos os cruzamentos, Walser sabia mesmo que não poderia contar com ninguém senão consigo próprio para defender o pequeno tapete de terra organizada que os bons materiais da civilização haviam construído (TAVARES, 2008b, p. 13-14).

Embora demonstrasse afeto pelo lugar, Walser tinha a consciência de que essa proteção não era de sua responsabilidade, devendo ser do controle de uma instituição maior do que ele, que rege o funcionamento da convivência, mas sua confiança nos seres humanos era inferior ao seu compromisso com cuidar da casa, o que fazia com que ele detivesse um machado escondido em sua casa, um objeto justificado por ele como uma infiltração de agressividade, visto que parecia um tanto cheio de peculiaridade em suas extremidades – ele conhecia os homens “o bastante para não ter ilusões exageradas” (TAVARES, 2008b, p. 14).

Diante disso, podemos afirmar que – com base no que já foi visto em algumas páginas anteriores – o senhor Walser tenta, possivelmente, transformar aquele

espaço em lugar, pensando em Marc Augé (2012), ou o lugar em espaço, com base naquilo que nos apresenta Michel de Certeau (1998)²⁸. É certo, portanto, que a relação desenvolvida pelo senhor com a sua morada é aproximativa: “A casa não era para o senhor Walser apenas um lugar que a humanidade conquistara ali à floresta, ao espaço que as coisas não humanas pareciam ter determinado como seu” (TAVARES, 2008b, p. 11); era algo realmente maior do que isso, uma oportunidade, segundo ele, de começar a estabelecer comunicações entre os indivíduos, de estabelecer usufruto para a paisagem. O narrador onisciente presente na obra confirma e registra essa felicidade e esperança, a partir daquela mudança para Walser:

No meio de arbustos, ervas selvagens e outras manifestações da natureza ainda em pleno e imprevisível trajeto de vida, eis que foi possível construir – por via de um sentido técnico especializado de que só a grande civilização é capaz – a casa simples, sem nada de luxuoso ou ostensivo, uma mera casa para viver, a de Walser, homem que se encontra, por enquanto, sozinho no mundo, mas que vê naquela construção finalmente terminada – quantos anos demorou?!, tantos! – uma oportunidade para no fundo, sejamos sinceros, encontrar companhia (TAVARES, 2008b, p. 11).

Santos (2012a), remetendo-se aos pensamentos de Hegel, afirma que o comportamento afetivo, bem como o demonstrado pelo senhor com a natureza, com o seu espaço, nada mais é do que a expurgação do espírito, a materialização da abstração do pensamento, ou seja, a relação de proximidade descrita anteriormente é garantida devido a uma idealização preconcebida pelo indivíduo que transformou esses elementos não mais em um fantasmagórico conjunto de objetos, mas uma materialização daquilo que adveio do pensamento. Entretanto, simplificamos esse contato ao conceito de topofilia, de Yi-Fu Tuan (1980, p. 107):

A palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humano com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos

²⁸ Lembremos que Augé (2012) determina o espaço de relações como lugar, enquanto Certeau (1998), como espaço.

que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

Decerto, esse neologismo não é muito difícil de ser admitido pelo senhor Walser, visto que, desde o princípio, como nos alerta o narrador, há uma ambientação com vínculo e afinho ao lar, é onde o morador estabelece a sua residência e, de maneira proposital, longe do centro do bairro. Pensando, dessa forma, no que alega Tuan (1980), o ser que habita esse pequeno imóvel isolado consegue estabelecer uma relação topofílica, sentimental com o seu espaço. Aos poucos, vamos percebendo que há um apego verdadeiro do senhor com suas materializações, confirmando a hipótese lançada.

Sob essa óptica, é preciso reforçar que topofilia volta-se à ideia de sentimento a determinado ambiente. Isso porque o senhor Walser só escolhe o lugar que ocupa por causa da localização – afastado e cercado pela floresta. Não é uma questão turística, pois nesse aspecto o homem só garantiria um contato superficial com aquele espaço, muitas vezes por meio da fotografia; o morador, de fato, garante união ao lugar, à natureza, constrói uma história com o lugar e registra memórias com os objetos e micro/macrolugares. Ora, destacamos que, “na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais” (TUAN, 1980, p. 110). Enquanto para boa parte da população falte esse contato com a natureza, com o espaço e com o mundo físico – típico de um tempo quase bucólico –, para o senhor Walser era o ideal para se fixar e ter-se o lar. Tuan (1980, p. 130) reforça que as pessoas sonham com lugares ideais: “Em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém”. É claro que os gostos variam de acordo com cada indivíduo, mas o que não se pode negar é que muitos procuram uma boa hospitalidade para se viver. O lar, ressaltando o significado afetivo do substantivo, resguarda valores individuais, denota a sensação de abrigo e cuidado.

Pensando em Baudrillard (1981), vemos que a residência de um homem é possuidora de mais significações do que objetos, porque a partir dela se acoplam ideologias diversas. Dessa forma, o lar – composto por aspirações, desejos e particularidades – não pode ser apenas a casa do senhor Walser, mas todo o sentimento e apego que ele demonstra com o estado dos objetos, com o meio ambiente que o cerca e com o qual mantém relações. Ora, se o espaço natural não existe por si só, muito menos as estruturas construídas, somente suas ideologias

impregnadas, todo o território ocupado por Walser é uma “espécie de mentira funcional”, como diria Santos (2012a), isto é, a semantização dos produtos interfere na construção, na mudança e nos modelos de produção, a ponto de alterar sua compreensão original: as ideias “já não representam as coisas tal como elas existem; procuram criar uma nova existência pela fabricação de objetos” (SANTOS, 2012a, p. 37). Os senhores, aqui nesse bairro, não se desprendem de seus valores e ideologias, mas provavelmente tentam insuflar suas racionalidades ao lar para torná-lo somente seu. Assim, essa semantização dos objetos “dá ao envoltório artificial da Terra uma significação cada dia mais equívoca” (SANTOS, 2012a, p. 38). Para, portanto, conhecermos o homem e seu espaço, devemos, como diria Santos (2012a, p. 38, grifo do autor), arrancar os símbolos que ocultam a verdade da natureza e ressignificá-los²⁹:

Tudo isso torna a leitura da paisagem, e *a fortiori* do espaço, extremamente difícil. A dificuldade, no entanto, é talvez mais aparente do que real. Se existe multiplicidade, é a dos objetos individuais, e o que procuramos não é uma lei dos objetos. Os objetos não passam de objetivações e individuações. O que nos interessa é a lei do movimento geral da sociedade, pois é pelo movimento geral da sociedade que apreendemos o movimento geral do espaço.

É por meio do movimento dessas cortinas de fumaça do espaço natural que a sociedade como um todo se forma, mesmo que essa “mentira funcional” se constitua, também, até porque não temos o controle do limítrofe caminho que as significações podem tomar. Ressalta-se Santos (2012a, p. 38), ao citar o antropólogo francês Maurice Godelier: “Não é o sujeito que se engana, é a realidade que o engana”. Isso justamente porque o que se vê é um processo consequencial.

O senhor Walser, por exemplo, afirma sempre que sua nova residência é a casa dos sonhos. Essa sua atitude nefelibata é registrada por seus sentidos: a visão, ao ver as mudanças novas e construídas por seus ideais, ao avistar o galho das árvores balançando com o vento; a audição, ao ouvir o silêncio e os poucos sons que vinham da floresta³⁰; o olfato, ao sentir o cheiro de novo da casa, o odor das madeiras, da pintura; o paladar, com a percepção do prazer, buscando o sabor de suas energias,

²⁹ Santos (2012a) chama esse processo de defetichização do espaço, fetiche que advém da vida própria do símbolo sob a matéria inerte.

³⁰ Nos capítulos posteriores, perceberemos que os sons silenciosos da floresta serão interrompidos e substituídos pelo som do caos de uma reforma predial.

o gosto de conquistar algo esperado; e o tato, ao, na sua pele, o vento bater e ouriçar suas sensações, ao tocar as mãos nos ladrilhos da parede, os pés na terra limpa. Toda essa sinestesia é provocada não somente pelo movimento no espaço feito por seus passos, mas também pela ideia de que, naquele lugar, o senhor se coloca em outro mundo, com outras percepções, como

do pé de trás que vem ainda com o cheiro à terra e com a sensação, nada objetiva, mas que existe, de que se está rodeado de coisas vivas que não compreendemos na totalidade e não nos compreendem – os elementos da floresta –, desse pé de trás para o pé da frente, que já ultrapassou a ombreira da porta (TAVARES, 2008b, p. 15).

É claro, com a racionalidade deturpada, tendo a mentira funcional, o narrador nos coloca diante da incerteza dos objetos, porém é certo que a sensação valida toda a veracidade da existência daquele lugar, como ele mesmo afirma:

Quando fechava a porta atrás de si, Walser sentia virar as costas à inumana bestialidade (de que saíra, é certo, há bilhões de anos atrás, um ser dotado de uma inteligência invulgar – esse construtor solitário que era o Homem) e entrar em cheio nos efeitos que essa ruptura entre a humanidade e a restante natureza provocara; uma casa no meio da floresta, eis uma conquista da racionalidade absoluta (TAVARES, 2008b, p. 15).

Tuan (1980) afirma que o ambiente – devido a essas idiossincrasias – pode produzir uma sensação de abrigo ao homem, mas com a condição de ser acessível, penetrável (a floresta é fonte de materialidade e espiritualidade). Lembremo-nos de que a casa do senhor Walser pode ser acessada apenas por uma única estrada vinda do centro do bairro: “Na atualidade, uma cabana na clareira da floresta continua atraindo o homem moderno, que sonha com o retiro” (TAVARES, 2008b, p. 131). Era o sonho de Walser retirar-se e viver daquela forma. Afirmar, entretanto, que aquele espaço é de origem racional é retomar o que diz Cassirer (2012), visto que a conquista absoluta de sua casa só pode ser uma atividade humana e não animalesca. Isso porque o ser humano cria relações de intimidade com os seus espaços, além de estabelecer certa hierarquia sobre eles, diferentemente do animal que apresenta menos interação (ou interação diferenciada). O que ocorre é que o homem está diante de um espaço subjetivo e relativo, não sendo, portanto, exato. “Demócrito declara que o espaço é não-ser, mas que este não-ser tem, não obstante, uma verdadeira

realidade” (CASSIRER, 2012, p. 76). Esse espaço tem as suas propriedades materiais; em contrapartida, quem define a compreensão dele é o próprio caráter da vida cultural do homem:

Com relação ao espaço orgânico, o *espaço de ação*, o homem parece inferior aos animais em muitos aspectos. Uma criança tem de aprender muitos talentos com os quais o animal já nasce. Mas o homem compensa essa deficiência com outro dom que somente ele desenvolve, e que não tem qualquer analogia com coisa alguma da natureza orgânica (CASSIRER, 2012, p. 76, grifo do autor).

Em suma, tal espaço é pertencente ao ser de instinto, sem muitas complexidades, que age de acordo com as suas necessidades e interesses imediatos. Em outras palavras, a familiaridade exigida pelo ser humano é um caminho do prático – o espaço exato só existe na teoria, por verdade. O “não ser”, consoante a visão grega do abstrato, é a existência comprovada de uma casa no meio da floresta, muito além de uma junção de madeiras e mobílias. Decerto, o pensamento daquele senhor tira a veracidade das peças e a insere nas relações abstratas, no intrínseco da visão. É pensar que esses instrumentos tomam outro direcionamento e muitas vezes exigem mudanças: “Os pontos e linhas do geômetra não são objetos físicos, nem psicológicos; não são nada além de símbolos de relações abstratas. Se atribuirmos uma ‘verdade’ a essas relações, o sentido do termo verdade terá de ser redefinido” (CASSIRER, 2012, p. 77). Não enxergamos, talvez, que lidamos com as hipóteses dos objetos.

Destarte, a relação de intimidade com o local provocada pelo senhor Walser é, tendo em vista a perspectiva de Certeau (1998), uma condição do espaço de relações, de trocas com os outros, justamente porque existe uma condicionante fixada na memória desde a infância de apego com aquilo que se sonha: “Como o senhor Walser está contente!” (TAVARES, 2008b, p.11), afirma o narrador no início do primeiro capítulo e, novamente, no início do terceiro. Essa ênfase nas primeiras páginas do livro garante que exista uma prática de espaço; como diria Certeau (1998, p. 191), a “relação de uma pessoa consigo mesma comanda as alterações internas do lugar [...] ou os desdobramentos caminheiros das histórias empilhadas num lugar”. O espaço, dessa forma, é transformado diante de suas próprias relações – é claro que, sendo Walser o outro, a prática não é como pensa Michel de Certeau, mas isso muda a partir do momento em que outros homens iniciam pequenas reformas em sua casa nova.

2.3.1 O caos como instrumento de relações

Walser possuía grandes expectativas com a sua posse, divertia-se com os ladrilhos das paredes e do chão – ressaltava o quanto eles foram postos perfeitamente, sem erros nas combinações dentro de seus limites; os rodapés eram perfeitos esteticamente; ali, era possível tomar água como quando criança, com a boca na torneira: “Com a mão limpou os pingos que lhe caíam do queixo e quase soltou um urro de contentamento por aquele tempo, finalmente, de clara solidão. Por ali, nem um único ruído de homem” (TAVARES, 2008b, p. 21). De acordo com Storr (2013, p. 30), estar sozinho não significa ser solitário. Essa atividade está mais relacionada à capacidade do ser humano de entrar em contato consigo mesmo, com sua interiorização e própria satisfação: “A capacidade de ficar sozinho passa então a estar ligada à descoberta e à realização de si, à conscientização de nossos mais profundos sentimentos, impulsos e necessidades”. Dessa maneira, o indivíduo tem a possibilidade de confiar em seu próprio espaço, acreditar que o seu ambiente é seguro e de seu domínio; não seria, pelo contrário, o ato de se negligenciar ou ser negligenciado dos espaços. O que o senhor Walser faz ao se colocar nesse novo ambiente de sua vida é tentar se reconectar com as suas energias primárias; é, como ressaltava Storr (2013), o que ocorre com o ato de dormir – basicamente, nós somos capazes de nos religarmos com o mundo durante o sono, estabelecendo uma nova experiência no espaço, só que agora na subjetividade. Assim, “a capacidade de ficar sozinho [se torna] um recurso valioso quando mudanças de atitude mental se mostram necessárias” (STORR, 2013, p. 37). Se as circunstâncias se alteram, é relevante repensar o significado da existência. Não se sabe, porém, quais conjunturas surgiram para que Walser procurasse ficar sozinho,³¹ ou melhor, aproximar-se somente daqueles que convidasse para frequentar a sua casa, mas é certo que o sabor e o sentimento atribuído à sua residência eram ternos e únicos, de configurações próximas da perfeição. Tuan (1983) ainda nos lembra de que, em uma cidade pequena, muitas vezes as casas são postas umas ao lado das outras porque as

³¹ Ao longo de minha dissertação de mestrado, discuti a relação existente entre o senhor Walser e Robert Walser – possível poeta de inspiração de Gonçalo M. Tavares para a criação da personagem. No trabalho, deduzimos que essa solidão existente na postura do senhor devia-se aos estigmas criados em sua descendência, visto que Robert permanecera em exílio boa parte de sua vida em um hospital psiquiátrico, morrendo – sozinho – em uma caminhada na neve (CUSTÓDIO, 2017).

pessoas naturalmente se espiam, no sentido de se preocuparem umas com as outras ou de apenas despertarem curiosidades nas vidas alheias. “As casas têm olhos. Quando são construídas próximas umas das outras, ouvem-se os ruídos dos vizinhos e as suas preocupações. Quando são construídas distantes umas das outras, a privacidade é melhor preservada – mas não garantida” (TUAN, 1983, p. 69). Possivelmente, é por isso que, no bairro, o senhor Walser preferiu se isolar, para não correr o risco de viver o ato da espionagem um do outro.

Embora saibamos que o senhor procura o exílio e poucas vezes partilha seus prazeres com outrem, Thereza M., uma correspondente dele, é a única pessoa com quem o protagonista pensa em dividir a sua felicidade. Ao escrever uma carta, dos muitos registros que poderia ter feito, o senhor se preocupa em apresentar o seu espaço, a sua posse única. Essa sua amada recebe dele as primeiras impressões de como o mundo se comportava ali, no meio da floresta, em sua casa. Suas belas palavras, que poderiam muito bem ser sobre o possível romance, materializa o amor daquele instante sobre a casa que lhe pertence:

Nas suas linhas descreve, de modo contido, o espaço, e convida-a, com os mais recatados termos, para uma visita. Quanto tempo demorou a escrever aquela carta? Muito. Cada palavra no seu sítio, escrita cada letra como se da sua forma dependesse a própria estrutura da casa, as suas fundações (TAVARES, 2008b, p. 22).

Para garantir que Thereza chegasse devidamente à sua casa, o senhor elaborou um mapa indicando a localização exata onde habitava dentro do bairro: “Queria ter a certeza de que ela – a ‘sua’ Thereza – alcançaria, sem desvios ou equívocos. A porta da sua casa nova” (TAVARES, 2008b, p. 22). Entretanto, para Certeau (1998), o mapa somente não seria a melhor maneira de indicar um caminho, visto que seria necessário, além disso, ter o percurso, ou seja, a indicação de como se deve chegar e o que se deve fazer para alcançar a sua residência. Seria “um ato de enunciação que fornece uma série mínima de caminhos pelos quais se pode entrar [em cada lugar]” (CERTEAU, 1998, p. 204). Dessa forma, descrevendo as ações possíveis, os atos de **ir** e de **movimentar-se** podem ser executados com mais segurança e possibilidade de concretude:

A questão toca, finalmente, na base dessas narrações cotidianas, a relação entre o itinerário (uma série discursiva de operações) e o mapa

(uma descrição redutora totalizante das observações), isto é, entre duas linguagens simbólicas e antropológicas do espaço. [...] Nos dois casos, um *fazer* permite um *ver*. Mas há também casos em que um pequeno percurso supõe uma indicação de lugar, [...] um elemento de mapa é o postulado de um itinerário. O tecido narrativo onde predominam os descritores de itinerários é, portanto, pontuado de descritores do tipo mapa que têm como função indicar ou um *efeito* obtido pelo percurso ('você vê...'), ou um *dado* que postula como seu limite ('há uma parede'), sua possibilidade ('há uma porta') ou uma obrigação ('há um sentido único') etc. (CERTEAU, 1998, p. 205, grifo do autor).

Em geral, esse mapa é insuficientemente eficiente sozinho, pois nos fornece a visualização das circunscrições, mas subtrai as perspectivas de práticas de espaço. É claro, ainda nos faltam os operadores geográficos que nos possibilitam a execução efetiva da viagem, mas, em um mapa, o desenho de meios de transporte, por exemplo, seria capaz de nos indicar as operações históricas já executadas para a possibilidade de elucidação. Logo, as ilustrações conseguem nos demonstrar uma prática produzida: "O mapa junta lugares heterogêneos, alguns recebidos de uma tradição e outros produzidos por uma observação" (CERTEAU, 1998, p. 206-207). Com os percursos, é garantida a transição de um local a outro até o destino final, permitindo que ações sejam executadas; com os mapas, há uma exposição das informações resultantes.

Jogando com a ficção, essa atitude do senhor de indicar sua localização à amada só comprova mais ainda a sua relação afetiva com o seu lugar, como ressalta Tuan (1980, p. 129) ao alegar que "certos meios ambientes possuem o irresistível poder de despertar sentimentos tofílicos". São a casa e o seu entorno que nos dão a possibilidade de despertar a afetividade, o prazer e a alegria demonstrados pelo senhor Walser. Aquele lugar era uma preciosidade conquistada pela personagem, como ressaltado pelo narrador; era a sua possibilidade de se deixar ser livre diante de suas materialidades, diante de seus pensamentos e diante das relações da cidade. Podemos dizer, assim, que o senhor vive até então, como teoriza Tuan (1983, p. 59), na noção de espaciosidade, pois ele está intimamente ligado com a liberdade, o que implica necessariamente o espaço envolvido para exercer as devidas relações: "O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples em que esta transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se". A partir desse ato, o espaço consegue ser experienciado, conhecido e dominado pelo indivíduo. Se ele não se movimentar, ficando paralisado em algum lugar, não será

possível ocorrer nem o simples ato de domínio sobre os próprios pensamentos diante do espaço. Todos nós somos livres e experimentamos circunstâncias desde a primeira infância; o senhor Walser, por assim dizer, tentava garantir que isso ocorresse diante dos pequenos contatos que ele se permitia fazer com a sua casa e a floresta que era habitada:

Por vezes desorientava-se. De um compartimento ia dar a outro e depois ainda a outro e quando queria recuperar o objeto que deixara atrás por vezes encontrava dificuldades. Mas como isso, em vez de o aborrecer, o divertia! Como se sentia infantil, nesses instantes. Como percebia então que todo o seu percurso de homem feito nada lhe trouxera de juízo contido; exagerara, sim, mas que podia fazer: estava a começar a vida, não a terminá-la (TAVARES, 2008b, p. 19).

Ora, é possível dizer que essas experiências do senhor com os seus objetos permitem ampliar a sua sensação de espaciosidade. Seu espaço ocupado é imenso, com somente a sua presença; seu corpo consegue se conectar com todas as partes apesar de as distâncias serem amplas, dado que ali não há muitas outras pessoas circulando. Ao deixar um objeto para trás, por exemplo, sua abrangência diante do espaço aumenta, sua conquista é certa e se expande diante de suas mãos; como diria Tuan (1983, p. 61), “as coisas que antes estavam além do seu alcance físico e horizonte mental agora fazem parte do seu mundo”. Não obstante, essa possibilidade pode ser arriscada, pois não haverá mais limites para serem observados e a liberdade nos provocará certa vulnerabilidade:

O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade (TUAN, 1983, p. 61).

O espaço aberto nos convida à ação e nos deixa expostos, coloca-nos obsessivamente a procurar ocupá-lo, pois nós, como homens, precisamos de restrições (TUAN, 1983). Walser quer ocupar a sua casa com a sua mobília, com os seus desejos, com os seus valores estabelecidos e, quiçá, com os outros (convidados): “De fato, não construía aquela casa para o homem solitário que era

naquele momento. Sejam os claros, sem entrar em pormenores” (TAVARES, 2008b, p. 17). Mas o espaço ocupado no meio da floresta o coloca em uma bifurcação diante da espaciosidade, visto o tamanho do ambiente.

O que poderia garantir uma real dissolução nesse impasse seriam os plausíveis desejos e as legítimas experimentações daquele instante, a forma como ele estabelece contato com o meio ambiente, interferindo nas escolhas e, sobretudo, na noção de espaciosidade, mesmo que diante de uma floresta, fechada, sem vista panorâmica e longe do centro do bairro. Acontece que “as árvores, que de um ponto de vista fecham o espaço, de outro são meios pelos quais se cria uma consciência peculiar de espaço” (TUAN, 1983, p. 64), pois elas estão alinhadas para nos dar visibilidade para o além, mas, mentalmente, nos possibilitam enxergar o infinito; é possível que elas nos guiem para muito distante do que esperamos, dependendo muito da relação humana criada ou simplesmente objetivada. A espaciosidade, no fim das contas, torna o homem importante diante de seu ego, pela possibilidade de pertencimento em todos os lugares. O senhor Walser, em meio a tantas árvores, busca fantasiar a sua ocupação com a sua casa e aproximar-se de pessoas verdadeiramente convidadas por ele, como a sua amada.

Contudo, a carta por meio da qual o senhor Walser proporcionaria a divisibilidade da topofilia com Thereza não foi enviada. Mal ele termina de escrevê-la, antes mesmo de inserir as folhas em um envelope e enviá-las, o som da campanha toma o silêncio de sua concentração. Alguém o incomodava à porta. Sua estranheza é certa, visto que sua mudança não passara de duas horas. A esperança de permanecer sozinho irrompeu-se com a presença de um homem que vinha consertar sua torneira do banheiro, a qual, segundo o profissional, precisava de alguns ajustes. O conhecimento dele de sua casa era algo que incomodara o senhor, justamente porque a propriedade o pertencia, mas, possivelmente, aquele homem à porta saberia dos problemas, pois o construtor a teria edificado. A partir desse momento, involuntariamente, o seu domínio do território oscila, iniciando uma perda da total noção de espaciosidade.

O rapaz, sem pestanejar, entra em sua casa sem mesmo ser convidado, indo em direção ao cômodo referenciado. Isso, provavelmente, deixa o senhor Walser com o receio de que muitas outras falhas possam aparecer em sua residência. A sensação de estar no lugar perfeito, nesse ínterim, o impediria de reconhecer que muitos outros problemas ocorreriam ali. E isso

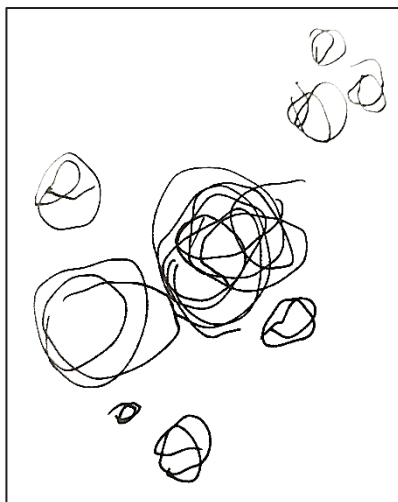
quer nas coisas mais ou menos concretas que diziam respeito a si próprio – nessa sensação de estabilidade que reúne estados musculares, ritmos respiratórios e um inegável conforto de espírito que jamais ser algum poderá desenhar – quer nas coisas da casa. Uma torneira ainda não estava terminada? Pois bem, que sabia ele de tais assuntos? (TAVARES, 2008b, p. 25).

A partir desse pensamento, o senhor permitiu que ele fizesse os prováveis consertos, pois o caos era um dos piores dilemas em sua vida: “Que nada fique a meio” (TAVARES, 2008b, p. 25), ressaltava o senhor. Ele demonstrava insatisfação naquilo, não era algo que ele esperava, porém tinha a consciência de que não adiantava discutir com o encanador, uma vez que de nada entendia de obras: “Retirada já de seu sítio e colocada no chão, a torneira parecia estar num momento de repouso, e Walser sentia o ímpeto de agradecer já àquele homem, mesmo antes de ele terminar o seu trabalho” (TAVARES, 2008b, p. 27). Assim, o senhor se mostrava certo de que a presença do trabalhador em sua casa só o impediria mais ainda de aproveitar a sua residência, mesmo que ele estivesse ali para tornar a relação mais íntima entre o senhor e aquele espaço. Walser

ansiava, na verdade, pelo momento em que se sentaria de novo na sua sala nova, usufruindo desse inesquecível cheiro a tinta e a verniz que parece ter um sentido bem determinado, um sentido não material, mas histórico – cheiro que de certa maneira parecia ser a analogia, no mundo físico, da expressão do clássico começo de uma narrativa – o infantil ‘era uma vez’ (TAVARES, 2008b, p. 27-28).

Como se estivesse, analogamente, na inocência da descoberta e do prazer infantil, seus pensamentos já não se organizam mais, não sabe como deve se comportar ou como deve ser visto, arduamente são representados (Figura 13).

FIGURA 13 – OS PENSAMENTOS NO EPICENTRO DO CAOS



FONTE: Tavares (2008b, p. 29).

É certo que o caos o perturba e a possível aproximação dos outros com a sua posse acaba sendo um fardo angustiante. No entanto, o homem é social por natureza (STORR, 2013); o próprio senhor Walser já se mostrou disposto a receber convidados. Mas, quando o encanador toma posse do chão do banheiro, espalhando as suas ferramentas sem ao menos se preocupar com o espaço que ocupava, o senhor inicia uma sessão de preocupação: “Quanto mais objetos estivessem à vista mais tempo demoraria o homem a sair” (TAVARES, 2008b, p. 31). Quando ele, aos poucos, vai recolhendo os seus objetos e a esperança de solução ao senhor Walser vai se sucedendo, a campainha toca novamente. Era um segundo homem alegando que o chão do soalho estava precisando de manutenção. Aos poucos, essa situação vai se tornando comum: a campainha toca e outro homem “invade” a sua morada – as trancas das janelas, o esgoto, a rede elétrica, as paredes, a tubulação, o telhado, tudo parecia precisar de reforma naquele instante. Indubitavelmente, o que incomodava o senhor Walser não era o fato de haver reformas para serem feitas, mas por ele ainda não ter aproveitado a sua casa por completo, por simplesmente nem a conhecer a ponto de saber que necessitava de ajustes:

Nova não apenas no sentido de ser de construção recente – que diabo, não passava sequer um dia – mas também no sentido em que a juventude de uma coisa é definida por uma distância razoável em relação à sua morte. Aquela casa tinha um longo percurso à sua frente, desde essa manhã – o momento de sua inauguração plena; e os andaimes como que anunciavam ou eram já, eles próprios, agora exteriormente, a manifestação de uma fraqueza, de algo que não está a funcionar, da necessidade de uma reparação. O seu ofício, no entanto, era outro – certamente cada um daqueles passos teria um

sentido técnico que ele jamais se atreveria a discutir –, sempre respeitara o destino e as inclinações individuais de cada um (TAVARES, 2008b, p. 42).

Não seria ele, portanto, que iria interferir na necessidade técnica daquelas manutenções, mas, aparentemente, era algo que atrapalhava o próprio destino e forma de viver do senhor. A partir do momento em que outros invadem o seu espaço, o senhor internaliza um perigo à sua espaciosidade, pois existe uma expectativa de divisibilidade involuntariamente provocada pelos outros; assim sendo, Walser não teria aquele lugar só para ele. Tudo que era somente de seu domínio – desde a casa até a floresta – seria agora percebido também por aqueles trabalhadores. Se, então, considerarmos a solidão uma conjuntura para a vastidão, deveremos destacar o que escreve Tuan (1983, p. 67): “A sós, nossos pensamentos vagam livremente no espaço. Na presença de outros, os pensamentos recuam devido ao fato de que outras pessoas projetam seus próprios mundos na mesma área”. Existe um risco certo com aqueles outros seres ali na casa de Walser, pois não se sabe de onde eles vêm, quais são as suas culturas e suas experimentações externas, além do corpo físico ocupando materialmente a sua casa. Reforçamos que a presença de outros indivíduos no espaço provoca consideráveis metamorfoses:

A companhia de seres humanos – mesmo de uma única pessoa – produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade. Por outro lado, à medida que as pessoas penetram no espaço, para cada uma chega um ponto em que a sensação de espaciosidade passa ao seu oposto[:] apinhamento (TUAN, 1983, p. 67).

Portanto, o que queremos dizer é que todos esses seres restringem a liberdade do senhor Walser, expropriando-o de seu espaço, ou seja, apinham-no. “Ele sente que perde o poder para organizar as coisas no espaço de uma única perspectiva, que é a sua” (TUAN, 1983, p. 67). O fato é que, a cada novo ocupante em sua casa, mesmo que temporariamente, eles arriscam a movimentação livre; seus objetos, móveis e roupas, que antes estavam ali, não representavam risco, pois são seres inanimados, não são intrusos³². O fato de vivermos em sociedade, como reforça Storr (2013), nos condiciona a sair do estado de solidão e muitas vezes somos

³² Retratos, patuás, presentes e lembranças, em contrapartida, trazem lembranças, mas não o apinham, apenas movimentam a memória. Tuan (1983) ainda recorda que um homem rico, pleno de ego material, não sofre apinhamento por parte de seus empregados, devido ao seu baixo *status* – eles lhe são invisíveis.

preparados, pelas diversas formalidades e etiquetas, a evitar contatos quando estes nos ameçam. Não é necessário que haja esse risco apenas dentro de um grande grupo de pessoas; uma só pessoa em um mesmo cômodo, como nos lembra Tuan (1983, p. 70), pode nos colocar em apinhamento:

Quer a natureza mantenha ou não seu ar de solidão, pouca relação tem com o número de pessoas que vivem e trabalham nela. A solidão é quebrada não tanto pelo número de organismos (humanos e não humanos) na natureza, mas pela sensação de trabalho – incluindo o trabalho da mente – e de objetivos diferentes, reais e imaginários. [...] As pessoas são seres sociais. Gostamos da companhia de nossos semelhantes. Como toleramos ou apreciamos a proximidade física de outras pessoas, por quanto tempo e em que condições, varia sensivelmente de uma cultura para outra.

Quer dizer, há diversas culturas espalhadas pelo mundo e cada uma estabelece um jeito diferente e próprio de evitar problemas com o fluxo de pessoas. Muitos escolhem a proximidade com os outros, enquanto alguns buscam a privacidade, se adaptando com pequenas mudanças estruturais ou de comportamento. No caso do senhor Walser, ele tentava compreender – por não ser técnico em construções civis – a presença daqueles trabalhadores em sua casa, mas ela “aos poucos começava a ficar irreconhecível, pois os problemas pareciam ser maiores do que ao início se suspeitara” (TAVARES, 2008b, p. 35). Isso o incomodava, é certo, pois não estava mais da forma como ele a havia visto no início do dia.

Walser estava em absoluta constatação de estar passando por um processo de apinhamento – embora alguns tentem amenizar a situação: “– Não é bonito, mas é provisório – alguém disse, tranquilizando Walser” (TAVARES, 2008b, p. 35). Mas não era o suficiente, pois outros, em certo canto da casa, avisavam-no de que os trabalhos não seriam finalizados naquele dia, o que transtornava os pensamentos do senhor, tendo em vista que tudo não estava mais em seu domínio, a sua posse não era mais da forma como gostaria que estivesse:

Um segundo homem que se dedicara aos encanamentos tentava, nesse meio tempo, desobstruir um tubo de esgoto, enquanto o primeiro encanador explicava, com paciência, a Walser que, sendo impossível terminar naquele dia o trabalho, seria necessário cortar a água pelo menos durante uns dias. Por seu turno, os homens que se encontravam à volta das paredes – a encher fissuras e orifícios com betume de celulose – disseram também ser impossível terminar ainda durante o dia (TAVARES, 2008b, p. 36).

As obras iam cada vez se complicando mais, mesmo seu sofá – que parecia novo – foi levado para regular as molas; a luz seria cortada, pois a rede elétrica precisava ser toda revista, como alertou o eletricista. Tudo isso era aceito pela formalidade e etiqueta de Walser, por não ter domínio técnico, como ele mesmo ressaltava: “De fato, parecia-lhe à primeira vista despropositado, sendo um leigo, é certo, o derrube de uma parede por uma questão de má colocação inicial da rede elétrica, mas que sabia ele do assunto?, repetia para si próprio” (TAVARES, 2008b, p. 39). Mas Walser compreenderia melhor se fosse avisado de tal reforma, de tais problemas irresolutos em sua residência, poderia até mesmo ajudar os operários de certa forma. Tuan (1983, p. 73) sinaliza que o processo de apinhamento poderia não acontecer se um sujeito contribuísse com o outro, por exemplo: “Quando as pessoas trabalham juntas por uma causa comum, um homem não tira espaço do outro; pelo contrário, ele aumenta o espaço do companheiro, dando-lhe apoio”. O ato de auxiliar na atividade do outro permitiria que o senhor Walser ainda permanecesse em domínio de sua casa e de sua floresta – seriam ali todos os seres altruístas com o espaço do outro. Agora, quando um quer se sobrepor ao poder do outro, o espaço tende a ser dividido e passa a ser de domínio daquele que apresenta maior poder (neste caso, os trabalhadores, pois possuem conhecimento técnico sobre aquelas atividades na casa). Nossas frustrações advêm muitas vezes de outras pessoas, porque seus desejos acabam suprimindo os nossos:

As pessoas frequentemente se colocam em nosso caminho, e poucas vezes o fazem inocentemente, como os tocos de árvores e os móveis que nada fizeram para estarem aí. Num estádio lotado todo são bem-vindos; contribuem para a vibração da partida. No caminho de volta para casa, guiando o carro na estrada congestionada, as outras pessoas incomodam. Quando o motor do carro da frente afoga, chegamos a pensar que foi de propósito. O estádio tem uma densidade demográfica maior que a da estrada, mas é nesta que sentimos o dissabor da restrição espacial (TUAN, 1983, p. 73).

Atividades que são conflitantes, portanto, sempre serão motivos de apinhamento. O domínio, como dito, será daquele com maior poder na restrição espacial, como quando o senhor Walser questiona a necessidade de tamanha reforma em uma casa nova: “– Foi por causa da eletricidade? – Não, não... – respondeu um dos homens. – Assim fica melhor, facilita a passagem. Dá uma maior sensação de

conforto, unimos estes dois compartimentos e fica uma área enorme” (TAVARES, 2008b, p. 39). A falta de conhecimento do senhor não permitiu que negasse tal afirmação; a casa já não mais lhe pertence como antes, poderia ser somente uma preocupação do outro com o espaço do “eu”, mas inegavelmente a sua espaciosidade havia sido substituída pelo apinhamento. Por outro lado, Tuan (1983) salienta que do turbilhão é possível tirar uma oportunidade de engrandecimento. Seria, como vivemos em boa parte das sociedades, um processo de adaptação e readaptação humana diária: “Um homem não é apenas um mineiro, não é só ‘nosso pai’, mas também um indivíduo com o qual poderia ser possível uma troca prolongada – abrindo mundos através do diálogo ou do trabalho comum” (TUAN, 1983, p. 74). Todos os indivíduos, assim dizendo, possuem suas habilidades naturais de socialização, diferentemente do animal; é por isso que procuramos viver em grupos (CASSIRER, 2012).

A privacidade espacial naturalmente não garante a solidão; mas é uma condição necessária. Viver constantemente em um grupo pequeno e fechado tende a restringir o aumento da consideração pelos outros em duas direções opostas: em um extremo, uma intimidade entre os próprios indivíduos, que transcende a camaradagem e os laços familiares; e no outro extremo, uma preocupação generalizada pelo bem-estar da humanidade, do mundo todo. O mundo nos parece espaçoso e amistoso quando concilia nossos desejos, e limitado quando eles são frustrados (TUAN, 1983, p. 74).

O senhor Walser tende a caminhar pelo primeiro extremo: visar à boa convivência entre ele e os operários, pelo menos por um instante. No fim do dia, os trabalhadores, paulatinamente, foram pedindo ao senhor para repousar na sua casa: “Escurecera já, e até lá abaixo, ao aglomerado de casas do bairro mais próximo, era necessário percorrer vários quilômetros e este estava longe de ser o melhor trajeto para se fazer à noite” (TAVARES, 2008b, p. 45). Dessa forma, aquele indivíduo, que antes tinha um infinito espaço ao seu alcance, agora precisava organizar lugares para muitos homens dormirem sem se atrapalhar durante o sono.

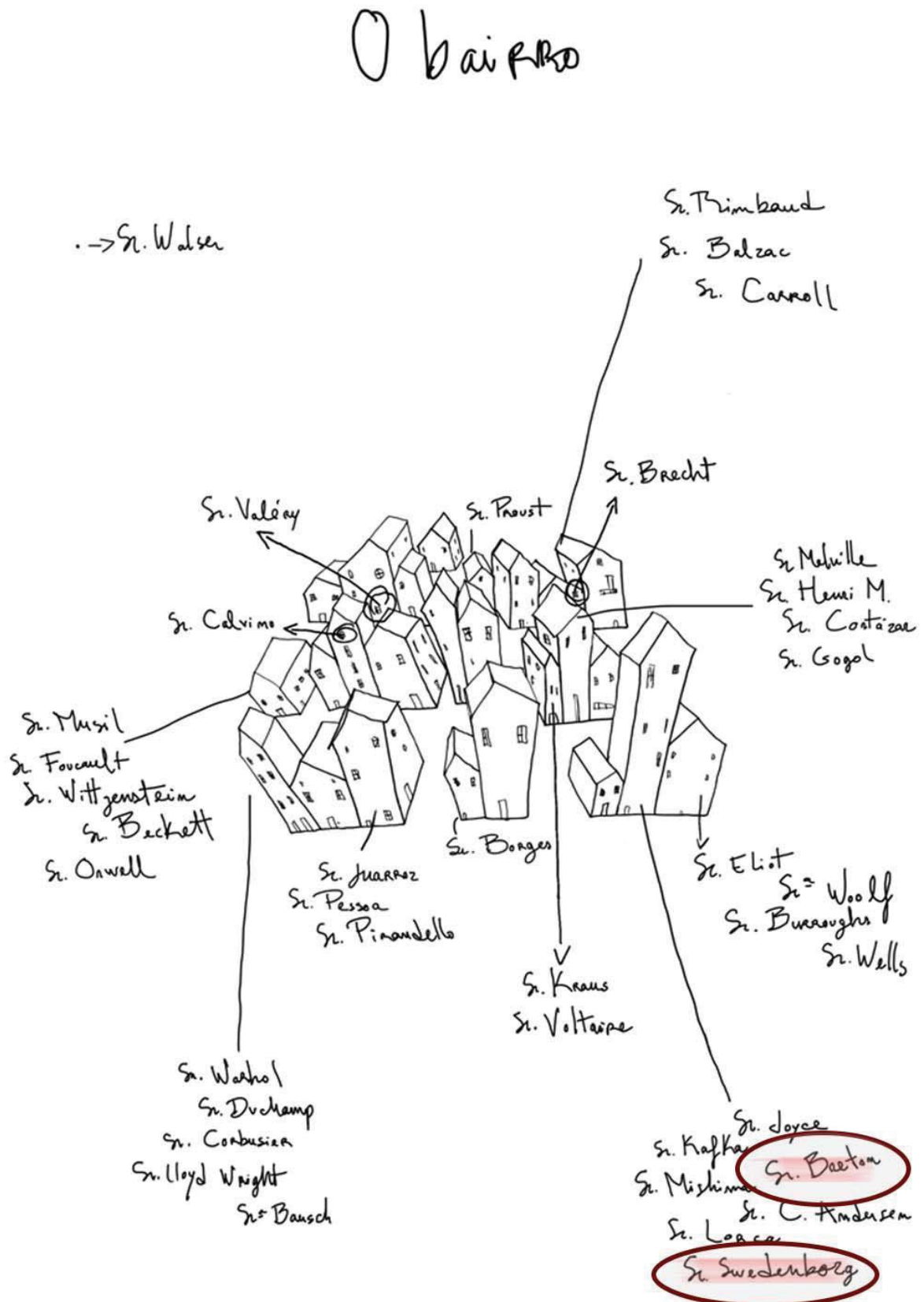
Walser, embora já cansado, mantinha toda a sua energia concentrada na hospitalidade: procurou cobertores, foi buscar dois colchões, almofadas – tentava enfim que ninguém se sentisse desconfortável na sua casa. A certa altura sentia mesmo que a melhor maneira de agir era deixar os homens à vontade – cada um encontrando por si o canto mais confortável para repousar. De resto, já não lhe pediam permissão, fato a que não dava demasiado relevo, até porque – devido às ferramentas, aos tijolos e a vários outros objetos espalhados pelo

chão e ainda à imensa poeira que dificultava a visão – a circulação era difícil, e muitos dos que se encontravam nos compartimentos mais ao fundo teriam dificuldade em se aproximar da sala onde Walser permanecia. O espaço já não permitia grandes exigências de delicadeza (TAVARES, 2008b, p. 45).

Já sendo noite e todos alocados em algum canto da casa, Walser decide também repousar em seu quarto, o problema é que, devido à reforma, ele não sabia mais onde ficava. Não havia eletricidade, não havia água, não havia mais organização, somente o caos perdurava ali e o silêncio, suplantando as vozes e os barulhos de obras. O senhor tentou, mesmo assim, com uma vela na mão, percorrer um trajeto até a sua cama, mas a iluminação era insuficiente e as paredes não existiam como antes; foi impossível entender como a sua casa era. Em um corredor estreito, então, ao lado de um dos trabalhadores, decidiu se deitar e descansar do primeiro e turbulento dia em sua casa nova. Sentou-se e puxou um cobertor, que já não cobria outro homem, pois o frio era intenso naquela noite em meio à floresta: “Enrolado por completo no cobertor e encostado a uma das paredes – a que haviam, reparara agora, retirado o rodapé –, Walser, finalmente, depois de um dia tão longo, e embora cheio de sede, adormeceu, tranquilo, pensando no dia seguinte” (TAVARES, 2008b, p. 47). Aquele senhor, que tinha no rodapé o símbolo de perfeição da casa, colocado de maneira singular e planejada, agora tinha de garantir o seu próprio descanso naquele espaço ocupado por diversos outros corpos, dividindo os cômodos que havia entre as experiências e sentimentos dos outros com o que restava de sua espaciosidade (é claro, limitada). Era preferível para ele, mesmo assim, embora tivesse sido um dia de diversos conflitos, ter sua casa espaçosa e amistosa conciliando os desejos alheios, do que limitada com poliédricas frustrações.

3 OS PONDERADORES

FIGURA 10 – OS PONDERADORES NO BAIRRO



FONTE: extraída da série.

Neste capítulo, daremos visibilidade a dois senhores e às reflexões nada comuns feitas por eles de seus respectivos cotidianos: o senhor Swedenborg e o senhor Breton.

O primeiro, sendo um rapaz que não se relaciona naturalmente com os outros senhores do bairro, procura divagar durante as longas palestras dos colegas, porém, por meio de suas investigações geométricas, temos múltiplas possibilidades de compreensão do presente, do cotidiano urbano, das relações entre os homens e das interações homem-espço. Durante a obra, o senhor Swedenborg sempre segue a lógica da geometria – por meio de seus desenhos, rabiscos e formas –, para, de fato, compreender o mundo. A narrativa, inclusive, é toda feita com a interação do texto verbal com o não verbal – pequenos comentários e formas geométricas³³; as ideias são ilustradas pelo narrador para nos dar uma imagem concreta de como o seu raciocínio se encaminha.

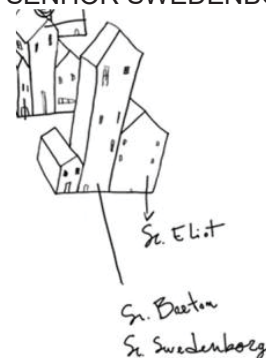
O senhor Breton, por sua vez, é o outro membro deste capítulo. Assim como o senhor Swedenborg, ele faz suas reflexões particulares, mas aqui ele age como em uma entrevista em frente a um espelho, sendo o seu reflexo o interlocutor possível para essa conversa atípica. Ele lança perguntas muito ponderadas e bem complexas, nas quais tenta provocar conclusões para ele mesmo e o leitor; como ele mesmo costuma dizer, são as perguntas que complicam a realidade. Nessa obra, ele prova essa assertiva, pois elas são, praticamente, enredos particulares e suas respostas são, na maioria das vezes, curtas e fugacidades do diálogo.

Quanto às suas localizações, observando o mapa, percebemos que ambos os senhores residem no mesmo prédio a sudeste do bairro. Os dois são, além disso, vizinhos dos senhores Joyce, Kafka, Mishima, C. Andersen e Lorca – e de mesmo edifício; além deles, ao lado de sua residência, estão os senhores Eliot, Burroughs, Wells e a senhora Woolf.

3.1 PERCEPÇÃO NO ESPAÇO A PARTIR DAS INVESTIGAÇÕES GEOMÉTRICAS DO SENHOR SWEDENBORG

³³ Essa brincadeira entre a imagem e o texto verbal se efetiva também no *Diário visual e gráfico*, idealizado pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), vinculada ao Ministério da Educação do Brasil. No material virtual, reúnem-se gráficos, tabelas, imagens, fotografias e palavras, traduzindo reflexões do e no mundo contemporâneo. Disponível em: <http://diariovisualegrafico.fundaj.gov.br/> Acesso em: 10 nov. 2021.

FIGURA 11 – HABITAÇÃO DO SENHOR SWEDENBORG



FONTE: extraída da série.

Enquanto muitos senhores em *O bairro* concentram suas atividades em seu próprio cotidiano, o senhor Swedenborg se dedica a visitar a rotina dos outros, não para prestigiá-los, como a maioria deve imaginar, mas para se dedicar ao seu próprio espaço no imaginário, às suas investigações e às suas teorizações. Como de costume, ele se encaminha apressadamente ao auditório onde o senhor Eliot realiza as suas conferências diárias acerca de versos poéticos da literatura global. Ele ia a passos rápidos, porque antes a música de fundo de seus pensamentos era a fala do senhor Brecht, localizada a alguns prédios acima do bairro – mas lá ele se dedicava a pensar sobre astronomia, sem nenhum motivo aparente. Ele era tão concentrado em seus pensamentos que pouco se relacionava com os outros: no caminho, “cruzou-se nessa altura com o senhor Calvino, que levava uma barra de ferro paralela ao solo [...] O senhor Calvino cumprimentou o senhor Swedenborg, mas este ia pensando em outra coisa” (TAVARES, 2011b, p. 11). É bem provável que ele estivesse pensando em suas próximas sondagens.

A rotina sempre é a mesma: ele sai de uma palestra, vai à do senhor Eliot e, durante toda a reunião, divaga em seus pensamentos, mantendo-se ocupado em um espaço só seu:

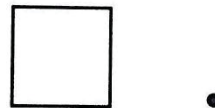
O senhor Swedenborg ainda escutou metade do título da conferência, mas de imediato a sua cabeça retomou o ponto exato onde tinha ficado nas suas investigações geométricas; investigações que se encontravam suspensas, na sua própria cabeça, desde a anterior conferência do senhor Eliot. Com os olhos completamente fixos e que pareciam atentos à conferência do senhor Eliot, a que assistia, o senhor Swedenborg avançava nos seus raciocínios interiores (TAVARES, 2011b, p. 12).

E assim segue esse senhor, em um processo de internalização que só se encerraria ao final da palestra de Eliot, com o barulho das palmas dos presentes: os senhores Borges, Breton, Balzac e Warhol – às vezes, alguns outros senhores perambulam por ali, mas sem dedicar atenção por muito tempo ao Eliot. Agora com a voz de Eliot ao fundo, seus pensamentos se desenvolvem, paulatinamente; com base em suas reflexões, algumas ideias podem ser de grande valia para pensar o espaço, seja ele ocupado ou não pelo corpo. Todas as ideias revezam entre a imagem e as palavras, mas sempre buscando a lógica para as circunstâncias do mundo.

3.1.1 O espaço percebido

O senhor Swedenborg define a sedução como estar caminhando à frente do outro e ser seduzido como adquirir as formas do sedutor, perdendo a sua forma original, ou seja, é deixar se ocupar pelo outro, ao passo que também o ocupa.

2. Um ponto a caminhar à frente de um quadrado. É isto a sedução



[...]

4. Os ângulos retos ganham formas curvas. É isto ser seduzido



[...]

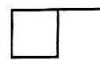
8. Ser seduzido é perder a forma original e ganhar a forma do sedutor



(TAVARES, 2011b, p. 14-16).

Diante do mesmo parâmetro, ele assevera que as formas (ou as pessoas) mudam a partir das construções de ideias, pois são transcurros inesperados na origem de cada modelo. Se as ideias não ocorrerem, mudanças na forma não ocorrerão, o que a manterá intacta do início ao fim da vida. E se o tempo não existisse, as ideias não aconteceriam, pois eles (o tempo e as ideias) são necessários um para o outro, segundo o senhor:

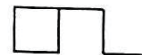
1. Uma ideia é uma linha que sai de uma forma



2. Podemos esquecer a ideia por medo de perder a forma

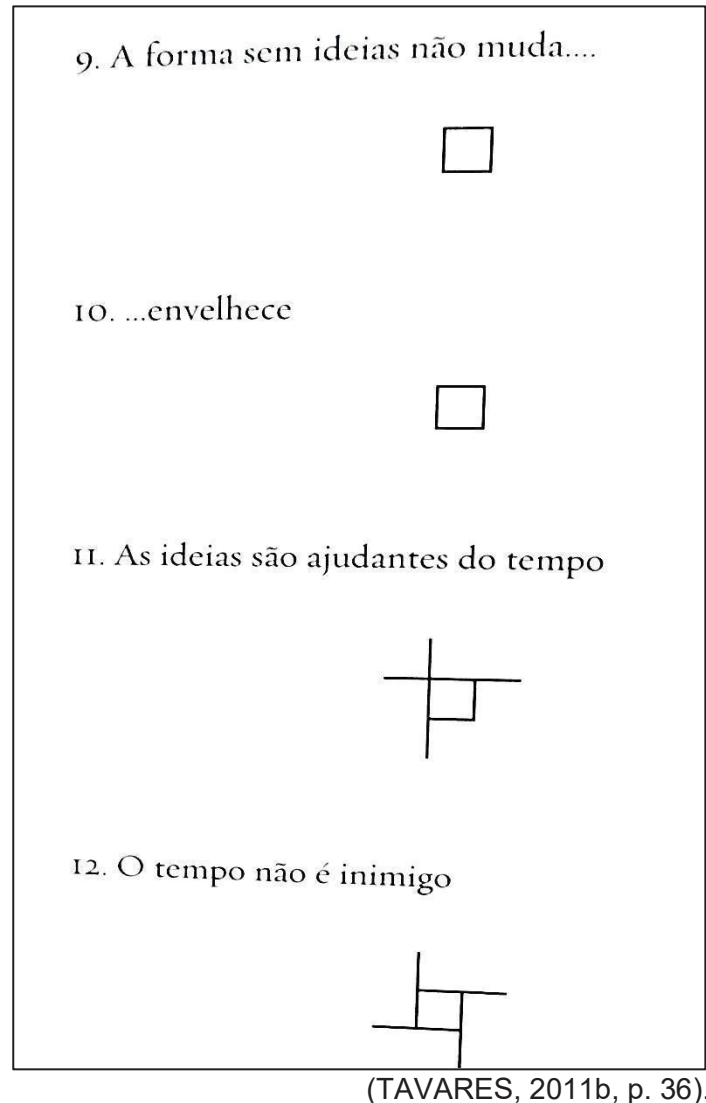


3. E podemos mudar a forma a partir da ideia



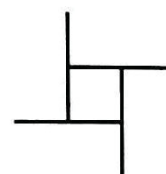
4. Uma ideia é o tempo atuando (a grande velocidade) sobre a forma.

(TAVARES, 2011b, p. 34).



Merleau-Ponty (1999), ao descrever a sensação do corpo experimentando o espaço, afirma que situações como as apresentadas pelo senhor são motivadas pela atividade empírica, advinda da relação da ação dos olhos sobre o mundo e da ação do corpo em contato com o outro. Entretanto, ele ressalta que o corpo e o empirismo não podem ser submetidos a um mesmo grupo, a um mesmo ponto, pois ambos são processos complementares para a formação de um sujeito perceptivo que a cada instante desenvolve “uma re-criação ou uma re-constituição do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 279). O senhor Swedenborg, da mesma forma, promulga a realidade a partir das transformações incertas do cotidiano de um indivíduo, como em uma dança em que as ações, muitas vezes, ocorrem de maneira espontânea, tal como é no processo de imaginação. Um quadrado, como ele exemplifica, possui diversas linhas que se movimentam e surgem a partir da forma original:

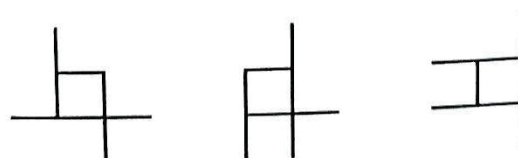
5. A imaginação é o movimento das linhas



(TAVARES, 2011b, p. 30).

Se um percurso novo é promovido, novas possibilidades de formas a cada tempo novo são transparecidas, o que não aconteceria, talvez, se o contrário ocorresse:

7. O movimento nomeia novas possibilidades



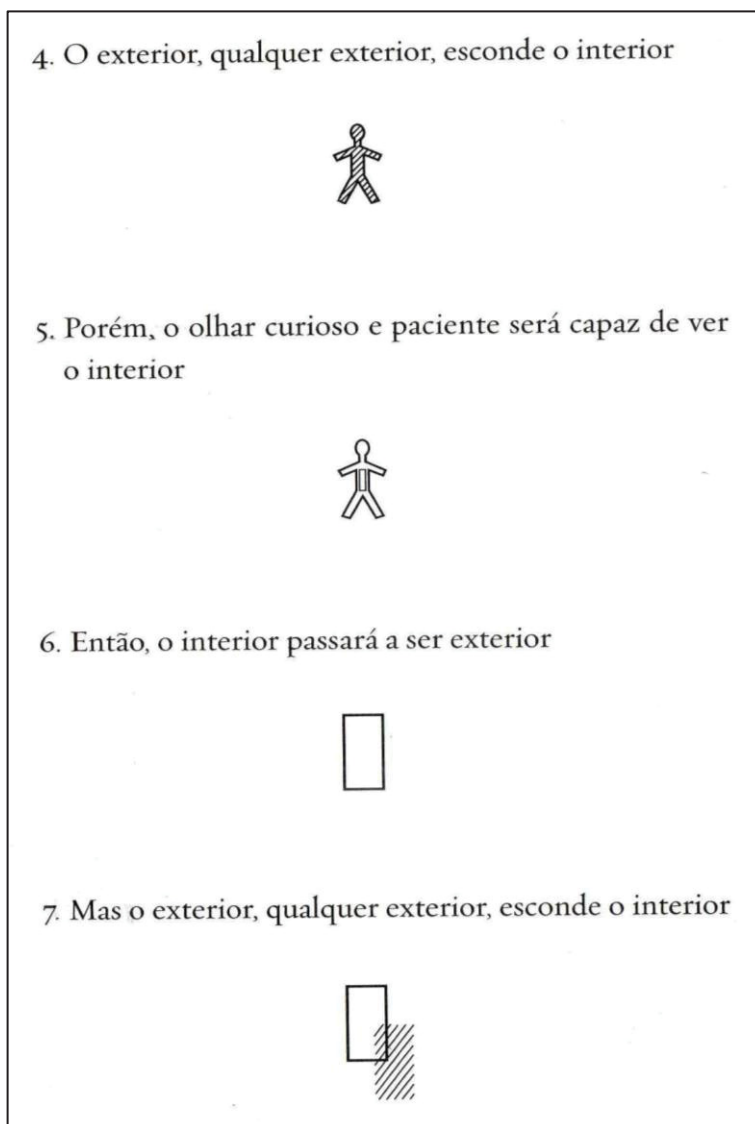
(TAVARES, 2011b, p. 30).

A realidade, portanto, dança, pois é um processo que abarca o movimento ao longo do tempo. Entretanto, mudanças devem ocorrer a cada nova interação do corpo com o espaço, pois, de qualquer forma, um pertence ao outro, como uma relação de dependência – até porque, se não fosse, não haveria nenhum percurso, nada internalizado e nada externalizado. É de grande valia salientar que essa experiência é apenas objetiva e exata, não sendo possível dizer que haja uma sensação perceptiva com essa ação. “A experiência do movimento próprio seria apenas uma circunstância psicológica da percepção e não contribuiria para determinar o sentido do objeto” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 274). É possível dizer, dessa maneira, que uma simples caminhada do senhor no espaço permitiria a ele apenas um processo de reconhecimento, de aquisição do espaço, quase como uma limitação da visão. A “dança” precisa acontecer de verdade, com passos acompanhando os melismas, mas também reinventando a coreografia sem permissão do companheiro ou companheira, inesperadamente; é como exemplifica Merleau-Ponty (1999, p. 275) com a interação com um cubo:

Para poder pensar o cubo, tomamos posição no espaço, ora em sua superfície, ora nele, ora fora dele, e desde então nós o vemos em perspectiva. O cubo com seis faces iguais é não apenas invisível, mas ainda impensável; ele é o cubo tal como seria para si mesmo, já que ele é um objeto. Há um primeiro dogmatismo, do qual a análise reflexiva os livra, e que consiste em afirmar que o objeto é em si ou absolutamente, sem perguntar-se o que ele é. Mas há um outro, que consiste em afirmar a significação presuntiva do objeto, sem perguntar-se como ela entra em nossa experiência. A análise reflexiva substitui a existência absoluta do objeto pelo pensamento de um objeto absoluto e, querendo sobrevoar o objeto, pensá-lo sem ponto de vista, ela destrói sua estrutura interna. Se para mim existe um cubo com seis faces iguais e se posso alcançar o objeto, não é que eu o constitua do interior: é porque pela experiência perceptiva eu me afundo na espessura do mundo.

É pela experiência de contato com o mundo que encontramos as diversas peculiaridades; as circunstâncias não são puramente projeções, mas de fato existem ali, como um processo de cotidiano em uma cidade, em um vilarejo, em uma rua e até mesmo na própria casa. Citando Aristóteles, Merleau-Ponty (1999, p. 276) reafirma que a percepção do mundo exterior não é reduzida ao simples toque dos dedos nos elementos: “O lado direito do médio e o lado esquerdo do indicador normalmente não ‘trabalham’ em conjunto, e, se ambos são tocados simultaneamente, então é preciso que existam duas bolas”. Não quer dizer que as sensações sejam somente diferentes, mas são, de fato, opostas (que acabam se complementando), porque o que um sente transmite ao outro, lançando-se ao cérebro e formando a imagem do local tocado. É quase como uma “(dupli)ação” desdobrada do próprio corpo a partir da percepção exterior e orientada pelo campo visual do indivíduo.

No capítulo *O seu melhor esconderijo é colocar uma venda nos olhos do outro*, o senhor Swedenborg afirma que “o exterior esconde o interior” (TAVARES, 2011b, p. 66), mas apenas os mais curiosos seriam capazes de enxergar o interior dos corpos:

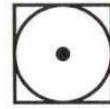


(TAVARES, 2011b, p. 67).

Dessa forma, se os olhos do outro forem tapados, o seu interior conseguirá ficar preservado. A repetição do conectivo adversativo na citação anterior, ademais, permite-nos pensar que, mesmo sendo tentado pela investigação do outro, o interior jamais será revelado por completo, porque ele sempre se renovará, independentemente de qual interior for revelado; é como se tivéssemos a plena capacidade de nos renovarmos a cada instante: “O movimento nomeia novas possibilidades” (TAVARES, 2011b, 30).

Swedenborg vai além e se aprofunda na forma geométrica, como sempre. Segundo os seus pensamentos, a forma só será modificada por completo se dentro dela inserirmos um novo centro:

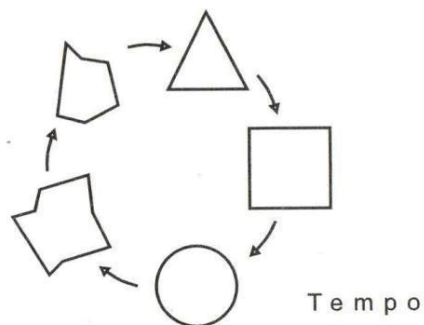
3. A imaginação cria novos centros na forma



(TAVARES, 2011b, p. 79).

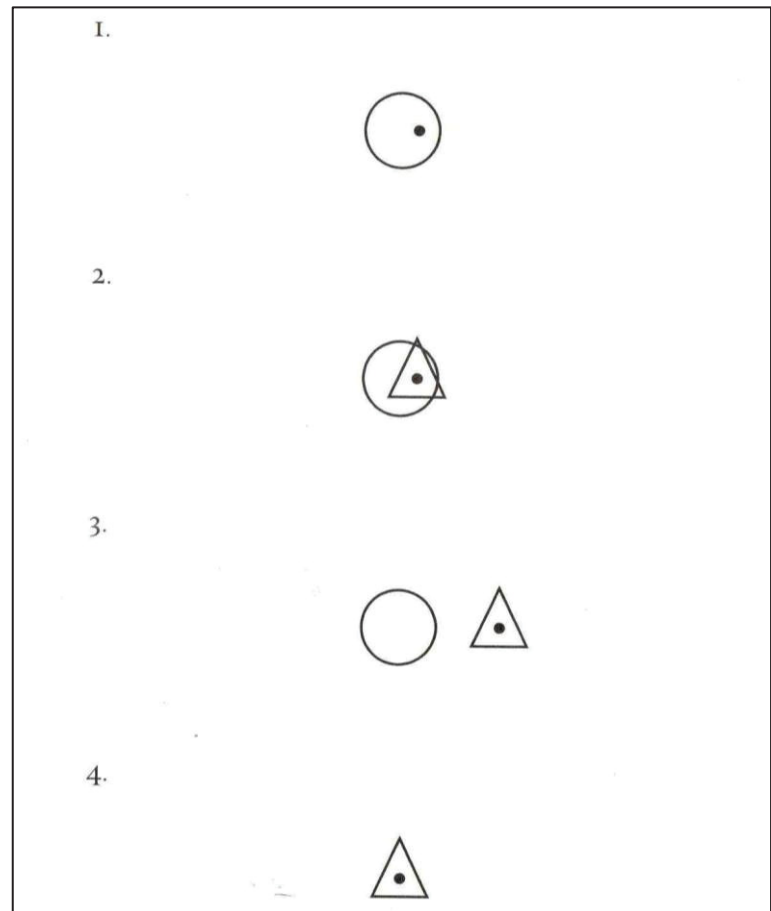
Para conseguirmos criar uma forma no espaço, será preciso dar a ela um novo centro e, a partir disso, direcionar a nossa mente ao interior. Pensando em sua teoria da sedução, entretanto, temos que as formas se modificam pela presença do outro e de acordo com o tempo estabelecido. Esse novo centro só será requisitado quando, em contato com o outro e o tempo, criarmos outras formas, mas flexibilizando para voltarmos à forma original ou cedendo à possibilidade de ser outra forma:

3. O tempo é o ligador universal. É o dissolvente universal



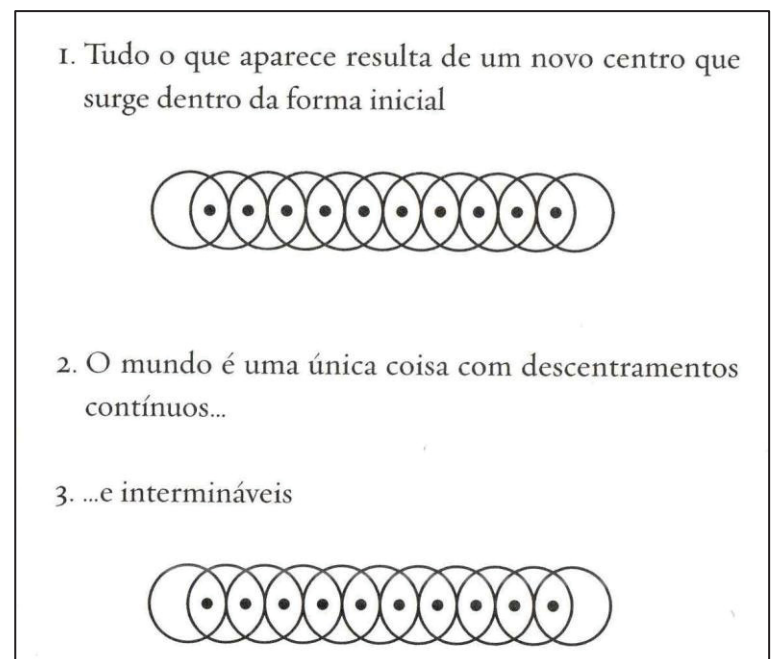
(TAVARES, 2011b, p. 32).

O senhor ainda indica como fazer para fugir de um compartimento, a partir dessa noção de centro. Para ele, isso só será possível quando virarmos centro de outro compartimento, assim:



(TAVARES, 2011b, p. 80).

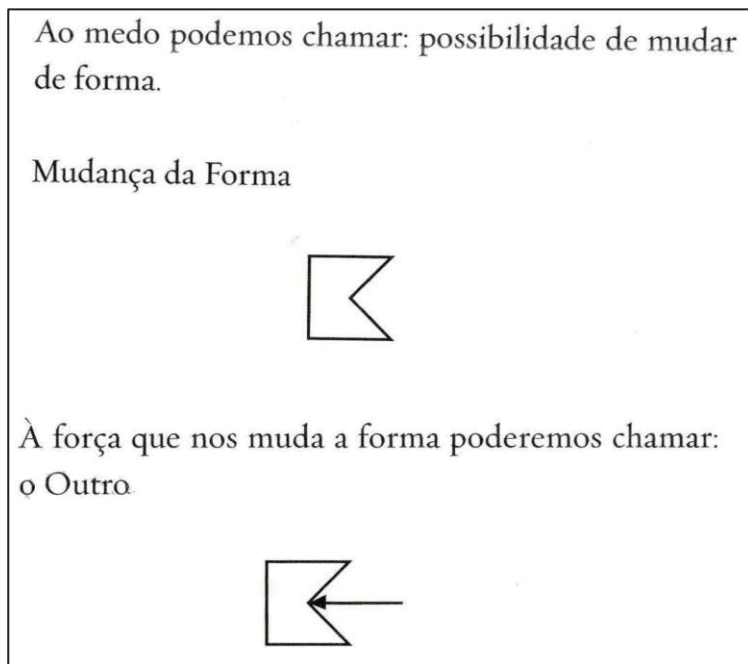
Ou assim:



(TAVARES, 2011b, p. 81).

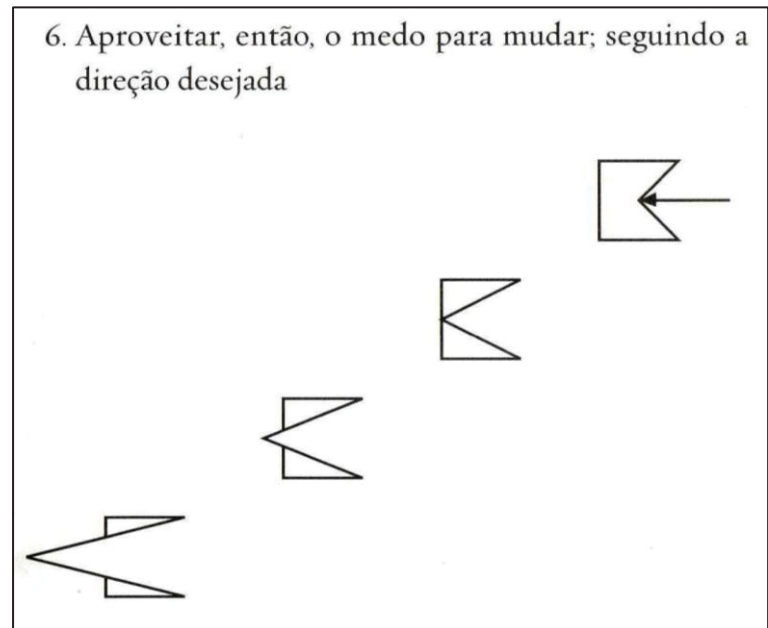
Para Santos (2014), as formas geográficas se tornam realidade pelo espaço e em determinado tempo. Ora, se as formas, segundo o senhor Swedenborg, garantem um novo centro a cada nova forma criada e se modificam pelo contato com o externo e com o tempo, é possível considerar que o que ambos dizem é verossímil para a formação de um espaço social. É como que condicionante na totalidade abstrata em que se materializam relações em determinado local. Citando Estrabão, Santos (2014, p. 30) diz que “os atributos de um lugar são devidos à natureza, porque, pensava ele, são permanentes, enquanto os atributos superpostos conhecem mudanças [... já] os atributos não naturais são destinados a permanecer”. Hoje, ele mesmo afirma, todos esses atributos são passíveis de mudanças, a depender da presença do homem e das evoluções históricas, que vão se caracterizar e ser olhados por particularidades significativas. O espaço e as suas formas geográficas, portanto, não serão sempre intactos e simples de se modificar, mesmo com a presença de Outros³⁴ ou combinações inertes. De qualquer modo, as formas recebem modificações espaciais por atividades produtivas e interações, mas “a função da forma espacial depende da redistribuição – a cada momento histórico, sobre o espaço total – da totalidade das funções que uma formação social é chamada a realizar” (SANTOS, 2014, p. 31). Essas relações são consequências do movimento histórico de determinada sociedade, de suas respectivas evoluções e possíveis comportamentos entre os homens. No entanto, o senhor Swedenborg nos alerta sobre o possível medo de aproximação do outro, algo que pode ocorrer. Acontece que, para ele, o medo é nominado como “a possibilidade de perder a forma” (TAVARES, 2011b, p. 38) – o que não quer dizer necessariamente que não haverá forma, mas, sim, uma mudança de forma, provocada por uma força na contramão da ida, que, dependendo do tamanho da força, terá modificações mais ou menos intensas:

³⁴ Entende-se, aqui, Outros – com inicial maiúscula – como um substantivo próprio que delimita a presença de todos os seres e coisas em um espaço social: “ventos, homens, mulheres, animais e coisas” (TAVARES, 2011b, p. 41).



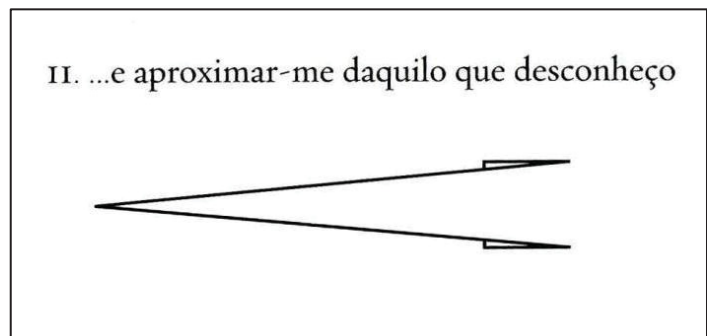
(TAVARES, 2011b, p. 38-39).

Esse medo, diante dessa reflexão, é o sentimento demonstrado pela aproximação feita pelo Outro. Isso, porque ele “tem medo de se perder ao se aproximar dos Outros [...], mas precisa dos Outros para não se sentir perdido” (TAVARES, 2011b, 75) ou muitas vezes sozinho, não só perdido. No entanto, o senhor ainda tenta buscar uma solução para suprimir essa sensação não bem-vinda em uma sociedade, por exemplo, mas o único jeito seria “eliminando o Outro ou afastando-o” (TAVARES, 2011b, p. 40). Swedenborg logo se arrepende, porque a presença do Outro se faz importante para a formação de uma totalidade: “Como o tempo prossegue, permanecer imóvel é avançar na direção desagradável. Não mudar não é ser imortal, é envelhecer” (TAVARES, 2011b, p. 41) e soluciona:



(TAVARES, 2011b, p. 41).

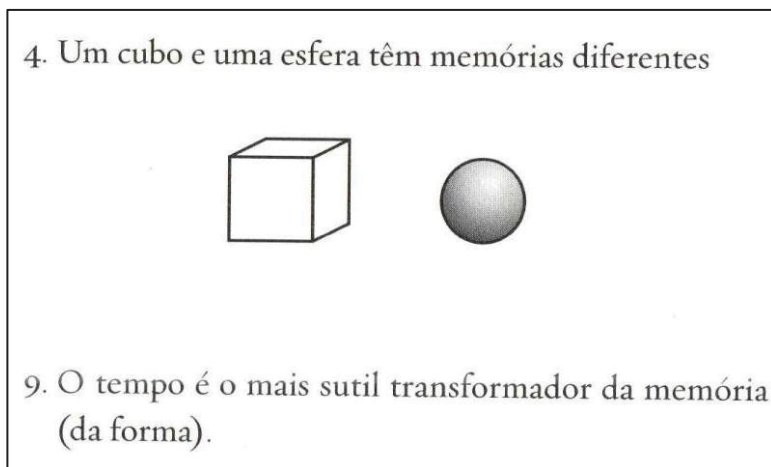
Ele lembra, ainda, que, sendo o tempo um fator condicionante para a mudança, ao não relembrar ou se arrepender do passado, não haverá alteração na forma, mas o desejo por algo e pelo que desconhecemos possui forças muito mais intensas capazes de alterar totalmente a nossa forma:



(TAVARES, 2011b, p. 43).

Santos (2012a, p. 59), na epígrafe do livro *Pensando o espaço do homem*, afirma que o espaço é a acumulação desigual de tempos, ou seja, para a constituição do espaço social, é preciso considerar o trajeto entre o passado e o futuro: “A noção de tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado”. Todas as formas são capazes de receber modificações, com circunstâncias de modo e lugar dispostas ao longo dos tempos, meios de difusão em processo de mudança: “A cada fase histórica, o papel

de cada estrutura social assim como seu conteúdo variam” (SANTOS, 2012a, p. 61), a pensar no jeito como o senhor Swedenborg ressalta acerca da memória das formas:

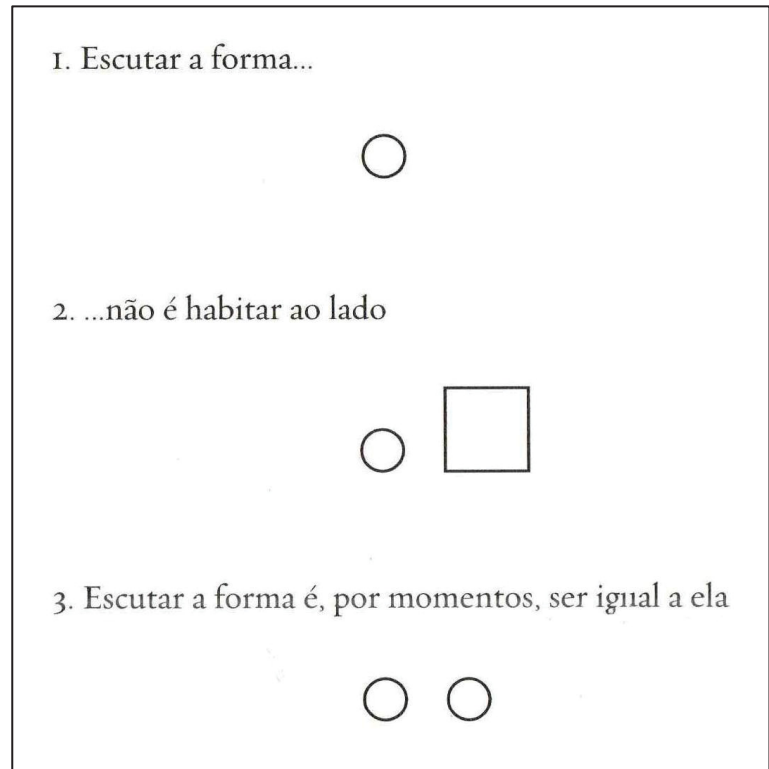


(TAVARES, 2011b, p. 57).

Retornando ao que diz Santos (2014, p. 30) sobre a formação social, todo e qualquer movimento de produção, por exemplo, supõe um local próprio para a sua realização; “o local torna-se assim, a cada momento histórico, dotado de uma significação particular”. Essa localização é vista por meio de determinada formação social e geográfica:

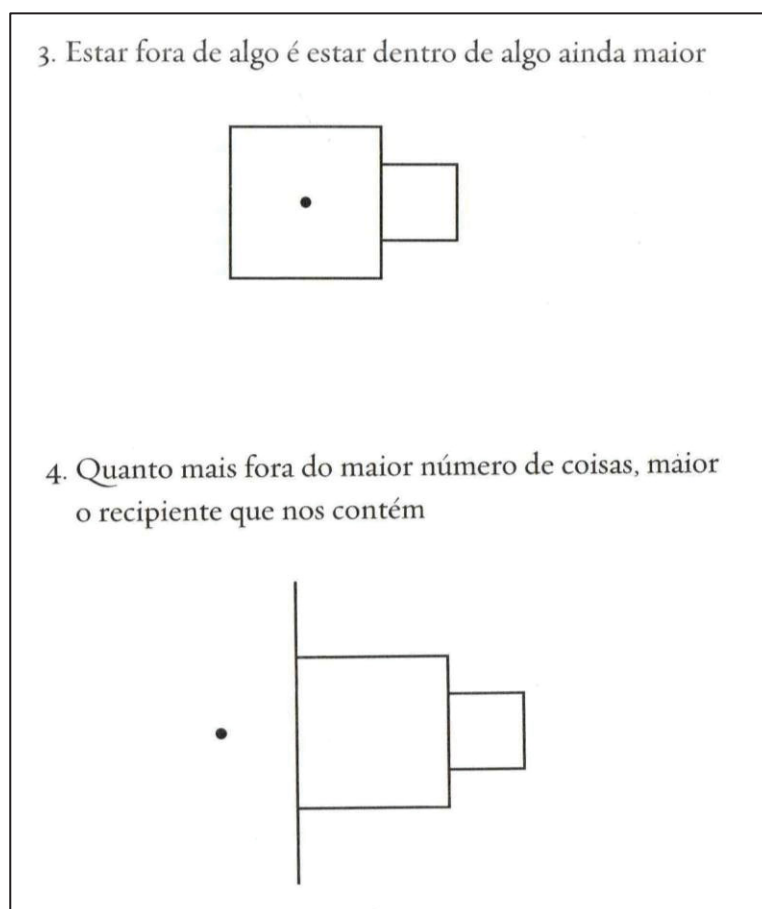
Cada combinação de formas espaciais e de técnicas correspondentes constitui o atributo produtivo de um espaço, sua virtualidade e sua limitação. [...] O movimento do espaço, isto é, sua evolução, é ao mesmo tempo um efeito e uma condição do movimento de uma sociedade global. Se não podem criar formas novas ou renovar as antigas, as determinações sociais têm de se adaptar. São as formas que atribuem ao conteúdo novo *provável*, ainda abstrato, a possibilidade de tornar-se conteúdo novo e real (SANTOS, 2014, p. 31, grifo do autor).

Destarte, a atribuição de significação às formas é subordinada, como o geógrafo mesmo ressalta, ao modo como as operações se realizam na formação social, de um jeito prático, exequível. Embora essas variantes sejam importantes para uma sociedade, a sincronia também se valida para garantir que o espaço continue existindo, seja somente pela forma geográfica natural, seja pela relação combinada entre dois (ou mais) indivíduos. A partir do senhor Swedenborg, talvez consigamos compreender melhor:



(TAVARES, 2011b, p. 52).

Um espaço é designado, segundo Santos (2012a), por seu processo metodológico e teórico, a partir de três conceitos: a forma, a estrutura e a função, mas ressalta que é impossível compreendê-lo referenciando suas partes separadamente. É preciso considerar que elas se relacionam e contribuem para uma totalidade, dentro de seus movimentos: “A interpretação de um espaço ou de sua evolução só é possível por meio de uma análise global que possa combinar simultaneamente essas três categorias analíticas” (SANTOS, 2012a, p. 55). Entretanto, se observarmos a forma como um todo, a análise será puramente empirista, como ressalta Merleau-Ponty (1999). Contribuindo com essa lógica, destacamos um dos devaneios do senhor Swedenborg, no qual ele conta como é estar dentro e fora de algum lugar:



(TAVARES, 2011b, p. 48-49).

Se estamos fora de qualquer dispositivo, de qualquer forma, estamos dentro do maior recipiente de todos: “O homem isolado (recusou todos os recipientes) é rodeado por Deus” (TAVARES, 2011b, p. 49). Em todo caso, é impossível se livrar da estrutura, porque as partes estão intrinsicamente interligadas: “As coisas nascem já prenhes de simbolismo, de representatividade, de uma intencionalidade destinados a impor a ideia de um conteúdo e de um valor que, em realidade, elas não têm” (SANTOS, 2012a, p. 59). Assim, as formas nos são apresentadas pelo seu exterior, mas simultaneamente nos colocam diante de sua função no espaço social.

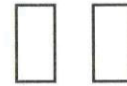
O senhor Swedenborg pensa que o mais antigo dos conflitos é entre o ser e o nada. Basicamente, “a primeira função de qualquer forma é ocupar espaço, impedir o vazio. A primeira função do vazio é ocupar o espaço, impedindo a forma” (TAVARES, 2011b, p. 107). De qualquer maneira, o lugar sempre estará ocupado, mesmo com a presença do nada, e as formas só existem porque ocupam um território; também, um espaço só é reconhecido, segundo Merleau-Ponty (1999), pois ele não é entendido como um simples lugar em que os objetos tomam as suas devidas posições, mas como um meio pelo qual essas ações podem acontecer.

Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhes seja comum, devemos pensá-lo como a potência universal de suas conexões. Portanto, ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como o ambiente das coisas, ora como seu atributo comum, ou então eu reflito, retomo o espaço em sua fonte, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra, e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte, passo do espaço especializado ao espaço espacializante (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 328).

É nesse segundo caso que se deve tomar o reconhecimento do espaço, pois não se daria, assim, ao sujeito perceptor apenas um local físico. É na noção de experiência, como já dito, que o espaço é apreendido. Acrescendo a isso, Merleau-Ponty (1999) ressalta que o corpo junto ao campo visual nos impõe uma orientação para estabelecer um conhecimento do espaço presente como em um pacto, permitindo a apreensão do espaço pelo corpo e o usufruto do corpo pelo espaço. São possibilidades que o campo perceptivo possibilita pela ação e pela compreensão do poder de posse dessas estruturas, visto que os caminhos a percorrer já serão aceitos pelo indivíduo.

O senhor Swedenborg diz que cada forma possui uma fenda, que só poderá ser enxergada se olharmos fixamente a ela e por muito tempo. Além disso, é preciso que façamos esse processo com intensa violência, pois as fendas só aparecem quando as formas são olhadas com violência: “A violência do olhar é proporcional ao tempo do olhar. Quanto maior o tempo atento ao olhar, mais visível se torna a fenda (e o segredo)” (TAVARES, 2011b, p. 60).

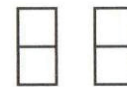
10. A transformação de uma forma noutras formas é uma etapa do segredo, mas não é a única nem a última



11. Pois todas as formas, por menores que sejam as suas dimensões, têm fendas (e às fendas poderá chamar possibilidades)



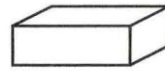
12. As fendas apenas se tornam visíveis se olharmos, mais uma vez, para as formas o tempo suficiente. E com violência



(TAVARES, 2011b, p. 61).

Para ele, nenhum homem é capaz de conhecer o último segredo de uma forma, porque não haverá tempo suficiente – a morte chegará ao indivíduo antes de isso acontecer. Seria capacidade somente do tempo encontrar e ver as transformações que o espaço sofre. Ainda nesse sentido, uma linha só conseguirá ser apreendida em sua essência se for vista tempo suficiente para encontrar outras formas. Dentro de uma linha, há um volume – mas isso é o seu interior. Ao seu exterior, ao campo de visão do homem, atribui-se somente uma linha:

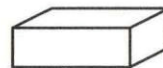
5. ... um volume já possui interior. É exterior e interior



6. Conclusão: todas as formas olhadas de longe (ou por pouco tempo) possuem unicamente exterior



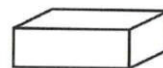
7. As formas olhadas de perto (ou por muito tempo) têm interior



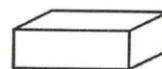
8. Ao exterior podemos chamar pele



9. Ao interior chamemos coração



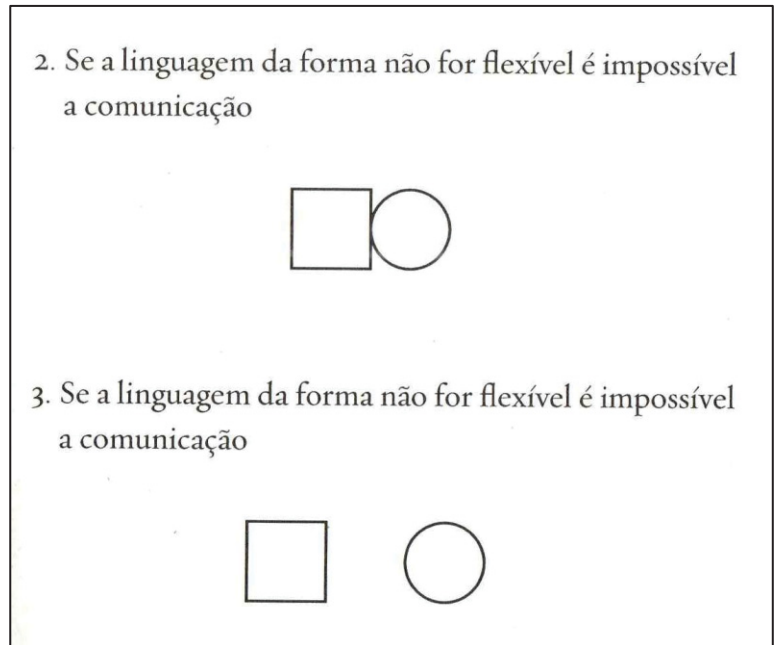
10. Só as formas vistas de perto ou durante muito tempo parecem ter coração



(TAVARES, 2011b, p. 69).

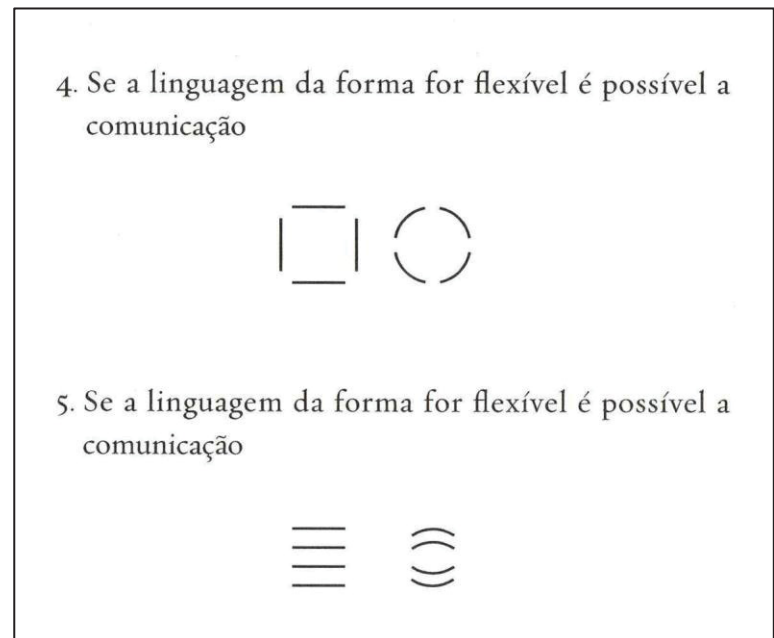
Seguindo uma lógica – matéria de especialidade de Swedenborg –, uma linha, por exemplo, só conseguirá ser vista como um volume se for verdadeiramente enxergada pelo outro, criando relações, permissibilidades. Mas o senhor observa que,

para as relações acontecerem coerentemente, as formas precisam ser como dois namorados:



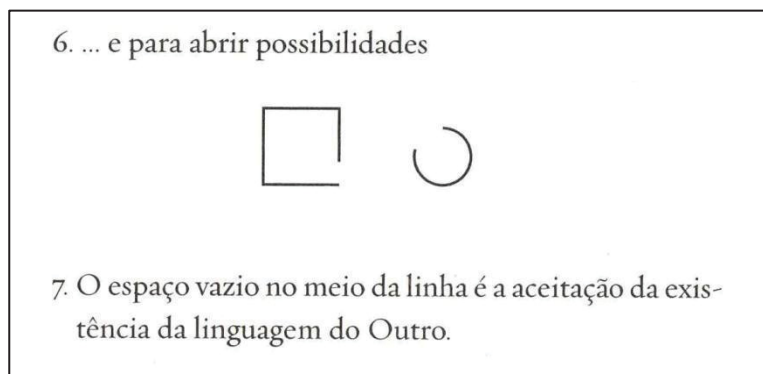
(TAVARES, 2011b, p. 73).

Por outro lado,



(TAVARES, 2011b, p. 74).

Em outras palavras, se os seres mantiverem a tensão entre si, será, pois, impossível que haja uma boa comunicação; a linha não conseguirá ser vista como uma forma:



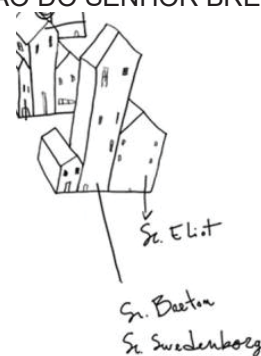
(TAVARES, 2011b, p. 77).

É preciso que, diante da forma geográfica, tenhamos impregnada a aceitação de um tempo transcorrente, que permitirá a mudança do espaço social em que as diversas relações se desenvolvem, sejam elas em uma residência, em uma rua, em um auditório, em um bairro. Aliás, neste momento, a conferência do senhor Eliot já está por terminar; as palmas já interrompem aquele antigo som silencioso da voz do conferencista que penumbrava o imaginário do senhor Swedenborg. Suas investigações geométricas terão de aguardar uma nova conferência de Eliot para continuar.

3.2 O SENHOR BRETON COMO *VOYEUR*³⁵ DE SI MESMO E DE SUA VIZINHANÇA

³⁵ Pensa-se em um observador espectador, que se debruça sobre o mundo pelo ponto de vista incrédulo daquilo que vê, que gostaria de estar ali, presente, mas prefere se manter distante para que as ações ocorram sem interrupções; ser um *voyeur* como Leite (1993, p. 95) propõe: “Eles nunca entenderão os *voyeurs* / Os umbigo-fascinados / E Cooper-excitados / *Voyeurs* olham de viés / Nunca fumam puros / Nem se ligam a técnicas / Exceto o olhar / São céticos assépticos / Culto a espelhos / De onde flagrar / Curvas labirínticos / *Spleen et ideal* / São os mestres da ficção-vida”. Dessa forma, é relevante ler o *voyeurismo* na obra *O senhor Breton e a entrevista* como se lê essa prática no poema de Leite (1993). Trata-se, basicamente, de uma compreensão poética de um eu lírico verossimilhante para entender o senhor Breton de Gonçalo M. Tavares.

FIGURA 12 – HABITAÇÃO DO SENHOR BRETON



FONTE: extraída da série.

Breton é vizinho do senhor Swedenborg, de mesmo prédio, mas tampouco troca olhares ou conversas com ele ou com qualquer outro senhor – na maioria das vezes, ele é apenas um observador. Seu único contato diário e certo é consigo mesmo, em frente a um espelho. O senhor Breton mantém suas ponderações como se estivesse em uma sessão de terapia, mas o terapeuta é ele mesmo e o paciente é o seu reflexo, que, por vezes, se distancia da conversa para fazer outras atividades, como um passeio pelas ruas do bairro. Na companhia dele, há um gravador, um maço de cigarros, uma cadeira, uma janela, além do próprio espelho.

Sob amplo olhar, todas as perguntas do senhor Breton a ele mesmo são complexas e contextualizadas com uma análise profunda, sendo seu foco sempre buscar um olhar do seu “eu” no reflexo do espelho acerca de seus próprios pensamentos: “Deixe-me colocar-lhe uma questão, senhor Breton. Todos conhecemos a noite e os dois lados que todas as noites têm: a noite dentro de casa e a noite fora de casa. Ou seja: há a tranquilidade e o esperado e há, ainda, o medo e a estranheza” (TAVARES, 2009b, p. 11). E assim prossegue com o discurso. No total, são elaboradas dez indagações, com a tentativa de entender o mundo, a poesia e o comportamento dos seres humanos diante de suas construções.

O que é importante compreender aqui não são essas interrogações provocativas, mas as respostas de um indivíduo feitas por meio de atitudes evasivas, com falas despreocupadas em fornecer uma réplica. Para a questão apresentada nas linhas anteriores, por exemplo, Breton reagiu da seguinte maneira: “Não respondeu à pergunta. Levantou-se da cadeira. Olhou para frente e viu a si próprio. [...] confirmando que o gravador continuava funcionando, fez a segunda pergunta” (TAVARES, 2009b, p. 12). Diante dessa conduta, é válido retomar a definição de espaço geográfico dada

por Santos (2014), para perceber a importância desse elemento narrativo para a construção da personagem.

A discussão foi apresentada na introdução desta tese: ele (o espaço) “é formado por sistemas de objetos e sistemas de ações, um conjunto indissociável. Cada subespaço inclui uma fração desses sistemas, cuja totalidade é o mundo” (SANTOS, 2014, p. 159). Dessa forma, as condutas de Breton não são meros casos isolados, mas podem ser consideradas, também, um sistema de ação interposto entre ele mesmo e os objetos que o cercam, inclusive seu próprio reflexo, uma tática que consegue a garantia de haver uma existência real de um espaço geográfico e social: “Cada lugar se define tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional” (SANTOS, 2014, p. 159), permitindo, assim, que os subespaços existam e se diferenciem uns dos outros, como lembra o geógrafo.

A ideia de coletividade proposta por Sartre (1963, p. 74, grifo do autor) aponta que as relações entre os homens são dadas em consequência de outra relação anterior, pois o que instiga o ser a agir e criar seus contatos é a ausência de algo, a pulsante procura por preencher o vazio: “Para nosotros, la realidad del objeto colectivo descansa sobre la *recurrencia*; manifiesta que la totalización no está terminada nunca y que la totalidad de existir lo es a título de *totalidad destotalizada*”³⁶. Ora, se a recorrência é, então, a procura por preencher esse vazio e a totalidade nunca será conquistada por completo, as relações (em conflitos ou não) dos homens promoverão o movimento e essa atividade constituirá um espaço geográfico e social. Lembremos de que o caminhante sobre a cidade permite que novas histórias sejam contadas a cada novo passo dado e a cada novo grupo criado. A relação com os coletivos dentro do campo social possibilita que o universal seja vivenciado e as suas condições sejam explicitadas. Segundo Sartre (1963, p. 74-75, grifo do autor), esses coletivos

se revelan inmediatamente a la acción y a la percepción; encontramos siempre en cada uno de ellos una materialidad concreta (movimiento, sede social, edificio, palabra, etc.) que sostiene y manifiesta una fuga que la corroe. Me basta como abrir la ventana: veo una iglesia, un banco, un café; tres colectivos; este billete de mil francos es otro; y otro el periódico que acabo de comprar. [...] También aquí son las uniones particulares una manera de realizar y de vivir lo universal en su materialidad; también aquí tiene esta particularidad una opacidad propia que impide que se la disuelva en las determinaciones

³⁶ “Para nós, a realidade do objeto coletivo apoia-se sobre a *recorrência*; ela manifesta que a totalização não está concluída nunca e que a totalidade de existir é a título de *totalidade destotalizada*” (tradução nossa).

fundamentales: eso significa que el ‘medio’ de nuestra vida, con sus instituciones, sus monumentos, sus instrumentos, sus ‘infinitos’ culturales, [...] sus fetiches, su temporalidad social y su espacio ‘hodológico’ *también* tiene que formar parte de nuestro estudio.³⁷

O senhor Breton, de forma semelhante, quando abre a janela, avista o bairro e os movimentos que ali percorrem. É uma ação que ele toma diariamente para si: observar o outro. Ao fim da segunda pergunta, ele se lembrou de um de seus vizinhos, o senhor Juarroz, e de seu comportamento comum em sua residência. Juarroz é morador de outro prédio do bairro, na mesma região de Breton, e costuma pensar e ver as coisas que pensa ao mesmo tempo: “Por exemplo, se pensava em uma mesa, mesmo estando a dois metros da mesa real e concreta, não conseguia vê-la: ficava como cego. Apenas via a mesa dentro de sua cabeça” (TAVARES, 2009b, p. 17). Assim, quando ele de fato via o objeto à sua frente, em sua materialidade, quer dizer que ele não estava mais no processo de imaginação, não era mais “cego”, como dizia. Ele estaria diante da concretude daquele item sonhado. Até chegou a passar pela cabeça de Juarroz a possibilidade de ele ser cego de verdade: “Pelo menos, se fosse cego, poderia pensar continuamente, sem qualquer interrupção imposta pelo mundo visível. A cegueira como libertação, de certa maneira” (TAVARES, 2009b, p. 17). Todas essas informações foram ditas pelo próprio Juarroz a Breton, de forma breve, em um de seus súbitos encontros. No entanto, o senhor Breton, para as palavras como um todo, não dá muita atenção, sobretudo quando se trata de indagações, pois ele acredita que a realidade se tornava muito complicada diante delas: “Sem perguntas, a realidade seria simples – pensava o senhor Breton [...]. Ocupou uma nova posição na cadeira. Olhou para o espelho. Depois, para o gravador. Estava funcionando. Podia continuar a entrevista” (TAVARES, 2009b, p. 21). Talvez seja por isso que ele sempre se coloca em fugacidade diante de suas próprias indagações, tornando o momento de réplica oportuno para desenvolver quaisquer outras atividades. Contudo, é importante salientar que um caminho social entre os homens é determinado e

³⁷ “Revelam-se imediatamente para a ação e para a percepção; encontramos sempre em cada um deles uma materialidade concreta (movimento, sede social, edifício, palavra, etc.) que suporta e manifesta uma fuga que a corrói. Basta-me como abrir a janela: vejo uma igreja, uma agência bancária, um café; três coletivos; esta cédula de mil francos é outro; e outro o jornal que acabo de comprar. Também aqui as uniões particulares são uma maneira de realizar e de viver o universal em sua materialidade; também aqui esta particularidade tem uma opacidade própria que impede que se dissolva nas determinações fundamentais: isso significa que o ‘meio’ de nossa vida, com suas instituições, seus monumentos, seus instrumentos, seus ‘infinitos’ culturais, [...] seus fetiches, sua temporalidade social e seu espaço ‘hodológico’, *también* tem de fazer parte de nosso estudo” (tradução nossa).

necessário; trata-se de um conjunto de contatos para os quais somos expostos e pelos quais o saber se movimenta, assinalando uma heterogeneidade vivida e produzida por meio de suas condições de existência e natureza social (SARTRE, 1963).

Para o senhor Breton, essa necessidade de convivência não é algo que ele leva para a concretude da relação; ele prefere, na verdade, ser mais um tipo de **espectador** do bairro:

O senhor Breton levanta-se. Está há muito tempo sentado. Estende as pernas. Dobra-se sobre si próprio, faz pequenos exercícios. Primeiro, dez flexões, depois, 15 abdominais. Tenta não olhar para o espelho, dirige-se à janela. Olha para fora. Começa a rir. Era o senhor Valéry passando na rua, lá embaixo. Avançava com dificuldade, pois estava com dois sapatos direitos calçados. Pessoa interessante, murmurou (TAVARES, 2009b, p. 25)³⁸.

Esses tipos de observação são feitos por ele a todo instante, entre uma pergunta e outra, entre uma olhada no espelho e uma tragada no cigarro. As atitudes dos outros são anotadas em sua mente, como quando a senhora Woolf saía de sua casa, o que ele percebia pelo barulho que escutava de forma nítida: “O senhor Breton ouviu um estrondo. Era a porta do prédio ao lado” (TAVARES, 2009b, p. 26), uma situação circunstancial que apenas pode ser testemunhada enquanto eram vizinhos.

Santos (2017) considera um espaço uma unidade da atividade de todos na condição de outros, ou seja, essa determinação só ocorre pela presença de um conjunto de indivíduos que exercem papéis diferentes, figurando a existência do próximo, o que impede a ocorrência completa do campo prático de cada um. Ele salienta que uma sociabilidade será cada vez mais intensa quanto maior for a aproximação entre as pessoas envolvidas, além de a relação espacial se dar com a coexistência da diversidade:

O papel da vizinhança na produção da consciência é mostrado [...] quando identifica na ‘densidade social’ produzida pela fermentação dos homens em um mesmo espaço fechado, uma ‘acumulação que provoca uma mudança surpreendente’ movida pela afetividade e pela paixão, e levando a uma percepção global, ‘holista’, do mundo e dos homens (SANTOS, 2017, p. 318).

³⁸ Essas observações citadinas acontecem de forma parecida em *Matteo perdeu o emprego* (TAVARES, 2013i). Nessa obra, o narrador nos convida a observar o comportamento das personagens em suas situações absurdas, satíricas, como se estivéssemos posicionados nas janelas delas julgando o que vemos, como vemos e quem vemos.

De modo geral, é diante dessa relação que os indivíduos adquirem um papel de solidariedade, a oportunidade de criar laços culturais e de modificar ou fixar sua identidade. Sublinhamos aqui que uma cidade, um território urbano por si só, incorpora diversas possibilidades (e frequentes) de relações humanas. Os subespaços são muito mais visitados pelos moradores nos espaços subdesenvolvidos devido às situações de renda, à expansão dos territórios e à menor racionalidade na administração da máquina urbana.

Sartre (1963) direciona a ideia de vizinhança aos passos da reciprocidade. Para ele, as relações se compreendem por intermédio de uma totalidade em curso, pela busca para o cumprimento de uma onipresença das ideias e dos seres – um visando ao seu mundo particular, contribuindo para a existência do outro e a regulação de um terceiro, unindo-se ao indivíduo mais próximo:

Mi comprensión sólo es mía en la medida en que es la de mi vecino: y la multiplicidad de identidades desaparece *en tanto* que cada comprensión implica todas las otras y las realiza; la ubicuidad es la reciprocidad de unidad excluyendo con un mismo movimiento lo múltiple y lo idéntico. El discurso nos da perfectamente esta doble negación con la primera persona del plural que manifiesta la interiorización de lo múltiple: en el *nosotros*, en efecto, lo múltiple no está suprimido, sino descalificado, se mantiene a título de ubicuidad. Y desde luego que se puede decir: 'Nosotros somos dos', como se dice: 'Ellos son dos'; pero en el segundo caso la enumeración es real, expresa la conmutatividad (cada uno puede ser la segunda unidad), mientras que, en el primero, esta conmutatividad es el contenido no explícito de la reciprocidad (SARTRE, 1963, p. 222-223, grifo do autor).³⁹

A realização das operações não é particular, como também não é de atribuição do outro, apenas, mas é de uma contribuição de um conjunto de seres. Sartre (1963), inclusive, afirma que a existência da cidade se dá pela organização social e material extraída da onipresença da ausência, que, por todas as ruas e subespaços, se condiciona às relações humanas. Nela, há uma distribuição, segundo

³⁹ “Minha compreensão somente é minha na medida em que é a de meu vizinho: e a multiplicidade de identidades desaparece ao passo que cada compreensão implica todas as outras e as realiza; a ubiquidade é a reciprocidade de unidade excluindo com um mesmo movimento o múltiplo e o idêntico. O discurso nos dá perfeitamente essa dupla negação com a primeira pessoa do plural que manifesta a interiorização do múltiplo: no *nós*, com efeito, o múltiplo não está eliminado, mas desqualificado, mantém-se a título de ubiquidade. E, certamente, que se pode dizer: ‘nós somos dois’, como se diz: ‘eles são dois’; porém, no segundo caso, a enumeração é real, expressa a comutatividade (cada um pode ser a segunda unidade), enquanto, no primeiro, essa comutatividade é o conteúdo não explícito da reciprocidade” (tradução nossa).

ele, de formas e divisões de trabalho, mas sempre haverá a conjuntura imediata do contato concreto de seus habitantes.

Santos (2017, p. 322), sob um ponto de vista próximo, assevera que a cidade é o lugar de maior mobilidade e de maior número de encontros, além de nela a contribuição mútua se tornar capaz de ser decifrada e analisada nas suas múltiplas esferas:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada um exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Dessa forma, a cidade consegue assegurar ao indivíduo intensos deslocamentos, provocando um intercâmbio de culturalidades e de entendimentos do saber, circunscritos aos acontecimentos simbólicos a partir das relações entre os seres humanos. Blanchot (2013) preconiza que existe um princípio de incompletude nos seres, capaz de provocar uma aproximação entre os indivíduos. A insuficiência do ser não busca a completude em outro, mas há uma necessidade de avizinhamento, pois, sozinho, o ser é um e se fecha a ele mesmo: “É como se fossem pressionados na portinhola pensamentos que não podem ser pensados senão em conjunto, enquanto sua multitude lhes impede a passagem” (BLANCHOT, 2013, p. 17). De modo geral, ele quer dizer que o ser humano visa a certo conflito com o outro ou uma multiplicidade de outros. O ser apela a uma comunidade, que ele chama finita por se encerrar muitas vezes no outro. Essa ideia é baseada no excesso do exterior do indivíduo para que ele seja capaz de se tornar suficiente – ou, no caso de Breton, autossuficiente – e sociável. Os seres comungam de um mesmo espaço e trocam suas realidades pela sua existência propriamente dita:

A comunidade não tem de se extasiar nem dissolver os elementos que a compõem em uma unidade supraelevada que se suprimiria a si mesma, ao mesmo tempo que ela se anularia como comunidade. A comunidade não é, no entanto, a simples colocação em comum, nos limites que ela traçaria para si, de uma vontade partilhada de ser vários, mesmo que fosse para nada fazer, quer dizer, nada fazer além

de manter a partilha de ‘alguma coisa’ que precisamente parece sempre já ter-se subtraído à possibilidade de ser considerada como parte a uma partilha: palavra, silêncio (BLANCHOT, 2013, p. 19).

Diante disso, o caminho é partilhar com base em sua insuficiência, que poria o ser em exposição ao outro. Assim, as relações são distribuídas com uma origem e um fim, em um mesmo grupo. A ideia de “comum-unidade”, podemos dizer, dimensiona-se nas relações de vizinhança, constituindo contribuições conjuntas para a existência do espaço⁴⁰.

Em contrapartida, o senhor Breton se condiciona a uma relação não muito presencial, de contato, mas de *voyeur*, como já percebemos no momento em que ele, pela abertura da janela, observava o senhor Valéry fazendo as suas trocas de sapatos, de acordo com a rua que viraria: “O senhor Breton maravilhava-se com aquilo. O senhor Valéry queria agora ir para o lado esquerdo do bairro: e ali estava ele calçando dois sapatos esquerdos” (TAVARES, 2009b, p. 26). O observador, então, continuou tragando o seu cigarro, terminou-o e afastou-se da janela para recomeçar a entrevista. Após ligar o seu gravador, voltou a dissertar sobre as palavras e a relação do indivíduo com elas; ele divaga em seus pensamentos, como entrevistador, certamente. Ao terminar, questionou-se se concordaria com o seu pensamento. No entanto, o senhor Breton foi mais drástico agora e decidiu não só se silenciar na resposta, como deixou de lado sua cadeira, seu cigarro e seu espelho para caminhar pela cidade e exercer seu papel de observador na rua, não mais diante da janela. Ele dizia estar cansado e, por isso, era o momento ideal para a atividade: “Apesar de aquele edifício ser

⁴⁰ Gonçalo M. Tavares, em uma crônica publicada na revista lisboeta *Notícias Magazine*, define a vizinhança pelo tanto de distância tomada, caracterizando essa ação pelo contato (distante, é claro) estabelecido pelos seres entre duas janelas; por exemplo, “a vizinhança pode ser definida e sintetizada desta forma. Dois homens falam entre si, de janela para janela. É evidente, portanto, que a vizinhança é, em primeiro lugar, uma forma de dois corpos não estarem juntos. Isso mesmo: de não estarem juntos. Só há vizinhança com afastamento, e não o contrário, como se pensa. Duas pessoas que vivem juntas não são vizinhas; duas pessoas que dormem na mesma cama não são vizinhas. A vizinhança, claro, não tem metros exatos de distância imposta. Porém, quando dois corpos não têm entre si (nariz-nariz, boca-boca) mais do que, digamos, dois centímetros, então é um fato que esses dois corpos deixaram há segundos (há centímetros atrás) de ser vizinhos e estão já ou no estado de paixonite forte ou de zanga robusta. Dois corpos que fazem amor não estão em estado de vizinhança, como é evidente. Tudo é, pois, questão de distâncias. Vizinhança, excitação, amor e zanga. Fita métrica e sinal positivo ou negativo resumem estes estados. Vizinhança, amor, zanga. A vizinhança é, por isso, definida (resumida) arquitetonicamente por duas janelas. Se dois corpos estão em duas janelas distintas então esses dois corpos são vizinhos um do outro. No fundo, então, temos aqui dois vizinhos. E podemos pensar num compartimento de fazer vizinhos, numa máquina de fazer vizinhos. E ela aqui está. É uma espécie de barraca, uma espécie de pequeno armazém que tem duas janelas, lado a lado. É uma máquina de fazer vizinhos. Uma máquina para treinar a boa vizinhança” (TAVARES, 2014d). A janela é isso: a máquina de fazer vizinhos. Para o senhor Breton, portanto, é o espaço excêntrico de sua casa para as suas ações observatórias, é, praticamente, o epicentro do seu *voyeurismo*.

extremamente povoado, não cruzou com ninguém nas escadas. Saiu à rua e começou a andar. Nas ruas do bairro, passou pelo senhor Duchamp” (TAVARES, 2009b, p. 29).

Aparentemente, o senhor Duchamp estava concentrado em outra atividade e praticamente não o viu cruzando seu caminho. Com o seu senso de observação, Breton sabia que Duchamp pensava em como criar um mapa para o tempo: “Um mapa abrangente em que todos os acontecimentos históricos estivessem situados um espaço concreto. Não era apenas um mapa da geografia do mundo, mas sim da geografia e da história” (TAVARES, 2009b, p. 29). Ele sabia que muitos eventos aconteceram em um mesmo lugar e tempo, por isso era necessário, para ele, criar essa representação gráfica: “Em vez de cada país ser um plano, seria um poço, com determinada profundidade histórica. Como fazer um mapa desses?” (TAVARES, 2009b, p. 29). Isso era algo que permeava também a cabeça do senhor Breton, mas não para resolver o dilema, era só um pensamento complexo em suas ideias; devido a isso, o senhor Breton nem tentou incomodá-lo com qualquer outra questão, colocando-se apenas como uma testemunha naquele instante em que ele não tinha a intenção de se colocar dessa forma.

Certeau (1998) sinaliza que posturas a partir do exercício do olhar transfiguram o sujeito em *voyeur*, porque ele se torna um ser que avista as coisas como se estivesse do alto de um prédio, imobilizando a massa pelo olhar. Breton, por vezes, é esse espectador no espaço que lê o universo de cima aos poucos, por puro prazer, com uma espontaneidade que visa ao domínio da cidade, do bairro. Os que se colocam nessa posição fogem da “comum-unidade”, atribuindo-se uma própria identidade de observador:

Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitava e pelo qual se estava ‘possuído’. Ela [a elevação] permite lê-lo, ser um olhar solar, um olhar divino. Exaltação de uma pulsão escópica e gnóstica. Ser apenas este ponto que vê, eis a ficção do saber. [...] A vontade de ver a cidade precedeu os meios de satisfazê-la (CERTEAU, 1998, p. 170).

Pensando nisso, a relação de todos os sujeitos com o espaço é provada com essa assertiva. A visão é uma função muito mais enfática e primária do que o gosto pelo contato físico. O prazer do olhar é posto por Freud e Lacan (HASSAN, 2008), por exemplo, em equidade com as questões sexuais, pois o olho que vê é também o olho que sente, é o elemento pulsional ligado ao prazer, ao desejo e ao gozo. Calvino

(1990, p. 64), por outro lado, retrata o poder do olhar sobre a cidade como um “comandante em uma nau”, são os olhos que dão forma à cidade: “Quem passa assobiando, com o nariz empinado por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima [...]. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão”. Não há visão melhor do que a outra, mas olhares diferentes sobre a cidade – o que torna múltipla a visão sobre ela, criando cidades particulares por meio dos olhares individuais. É importante, porém, desvendar os diversos mistérios que são resguardados em uma localidade, observando cada detalhe do espaço; só assim será possível compreendê-lo. Andrade (2014, p. 67), por sua vez, afirma que o *voyeur* é um ser isolado da cena, que determina o seu próprio campo de visão, pelo seu olhar e por suas escolhas; ele é um ser “sempre disposto ao flagrante, a ele interessa a luminosidade artificial das ruas, o jardim das delícias, [...] a fim de captar *flashes* de glória, de pouca duração”. Ressalta que esses indivíduos são, geralmente, discretos diante de suas ações e “olham de viés o mundo exterior. Interessa-lhes exercitar o olhar para flagrar os aspectos da realidade” (ANDRADE, 2014, p. 69).

O senhor Breton às vezes é discreto, mesmo nas tentativas de se encontrar com os outros, com contatos mínimos, com meros cumprimentos. Em outras situações, se mostra disposto a conversar com alguém para quebrar o seu papel de observador, visto que ele vive seus dias nessa função, focado em si mesmo, como em um dia que ele “estava sentindo necessidade de falar com alguém. [Assim,] aproximou-se do local onde o senhor Eliot costumava dar conferências. E ali estava ele, em pleno discurso. Mais uma conferência, pensou o senhor Breton, e afastou-se” (TAVARES, 2009b, p. 31). Poderia ter desistido de estabelecer contato com alguém além dele mesmo, mas o senhor Kraus vinha ao longe e possibilitou que seu desejo se tornasse realidade: “– Há uma ciência a inventar – disse o senhor Kraus, ao mesmo tempo em que apertava a mão do senhor Breton. – Sim? – questionou o senhor Breton, aliviado por ouvir outra voz que não a sua. – E que ciência é essa?” (TAVARES, 2009b, p. 31). O senhor Kraus explicou a Breton que essa ciência se referia a uma que não teria sido ainda desenvolvida por completo e prosseguiu em um longo discurso – uníssonos –, provocando certo dissabor em Breton por compreender que aquela conversa não seria de duas pessoas, mas de um único senhor falando: “O senhor Kraus tinha uma certa tendência para dominar por completo uma conversa” (TAVARES, 2009b, p. 32). Para dar sequência, entregou um jornal a Breton para que

ele o lesse – o que parecia algo forçoso a ele – e entendesse bem sobre o que falava em seu discurso. Aquilo não representava um bom diálogo. Para acrescentar, Kraus emendou outro discurso sobre outro assunto, o que incomodou Breton, mas, por ser educado, permanecera ali em prontidão, ouvindo-o e acompanhando-o em sua fala; entretanto,

o senhor Breton já se despedira do senhor Kraus, um falador por excelência. Precisava agora andar e não ouvir ninguém. Levava nas mãos o jornal. Começou a aproximar-se dos limites do bairro. Lá de cima, o barulho do motor. O senhor Corbusier e sua avioneta. Continuou a andar até sair do bairro e começar a embrenhar-se na floresta. Um pouco de natureza, pensou o senhor Breton. Muitos metros à frente, vislumbrou a casa do senhor Walser, quase escondida pelo mato, que não parava de atacar aquela intromissão da engenharia. O senhor Breton nem se aproximou. Não queria incomodar ninguém (TAVARES, 2009b, p. 34).

A conversa com Kraus já tinha desgastado a sua possibilidade de estabelecer contatos; assim, o seu papel de observador parecia muito mais promissor e contributivo aos seus pensamentos. O passeio foi suficiente para que ele voltasse à sua casa e retornasse à sua entrevista, a se olhar no espelho e ser um *voyeur* de si mesmo.

Um espaço sem interação é, para Certeau (1998), uma cidade-panorama, uma projeção, uma colocação a distância. Seria como um papel de verossimilhança em “um simulacro ‘teórico’ (ou seja, visual), em suma um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas” (CERTEAU, 1998, p. 171). O *voyeur* se torna um ser estranho para a cidade propositalmente, porque é esse o papel de um observador: ele não se coloca em ação no cotidiano dos outros seres. A tentativa frustrada de Breton comprova que ele se identifica muito mais com essa prerrogativa de espectador e que, tentando cumprir aquilo que Certeau (1998) chama caminhante, acaba limitando o seu trabalho com a visão – o que vai de encontro às suas atitudes demonstradas ao longo da narrativa, sentado em sua cadeira acomodada na sala ou apoiado na janela de sua casa. Certeau (1998, p. 171) ressalta:

O corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse

entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada.

Nessa forma de narrativa, não há um espectador, mas trajetórias, caminhos percorridos e alterações de espaço, sendo, como ele mesmo diz, a cidade papel de outro, um território geográfico puramente de construções e práticas diárias, havendo apenas uma visão limitada e opaca das pessoas que habitam, também dos locais frequentados e dos espaços de interações. A cidade, para Certeau (1998), é uma constituinte de um passado opaco e de um futuro incerto em determinada superfície. É a realização da ação presente modificando um estado em uma noção urbana de relações:

A cidade instaurada pelo discurso utópico e urbanístico é definida pela possibilidade de uma tríplice operação: 1) a produção de um espaço próprio [...]; 2) estabelecer um não tempo ou um sistema sincrônico para substituir as resistências inapreensíveis e teimosas das tradições [...]; 3) enfim, a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade (CERTEAU, 1998, p. 173).

Em suma, é estabelecer fronteiras e organizar a cidade nesse limite – o que ocorre inteligivelmente com o senhor Walser e é reconhecido por Breton ao se aproximar da casa dele depois da trilha na floresta –; é saber lidar com as adversidades – como quando Breton, embora desgostando do falatório do senhor Kraus, permanece em sua presença e ainda lê seus artigos de jornais –; e é estabelecer um sistema de organização – podendo ser pensado pelas ideias de Duchamp, ao tentar elaborar um mapa para o tempo. Esse último ponto também pode ser raciocinado a partir de um dos artigos escritos pelo senhor Kraus e lido por Breton, forçosamente ao manter contato com o articulista durante a sua caminhada:

A competência, excelência, é uma coisa vasta e grande como o Universo./ [...] É que um homem, se quiser, se fizer força, pode ser hábil fazendo pastéis,/ contabilidade de empresas difíceis, e pode ser capaz, ainda de correr 100 metros em menos de dez segundos./ [...] O necessário, mesmo, é sermos especialistas em competência./ [...] o velho chinês Sun Tzu [...] se lembrava/ dos vigorosos, rápidos e especializados governos da República (TAVARES, 2009b, p. 33).

É dessa forma que a cidade se constitui, mas advertimos que a presença do sujeito torna a existência dela possível, um lugar de transformações e momentos de intervenções. A cidade, segundo Certeau (1998, p. 173), possibilita engendrar o espaço a partir de múltiplas propriedades, umas sobre as outras:

Nesse lugar organizado por operações ‘especulativas’ e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação. De um lado, existem uma diferenciação e uma redistribuição das partes em função da cidade, graças a inversões, deslocamentos, acúmulos, etc.; de outro lado, rejeita-se tudo aquilo que não é tratável e constitui, portanto, os ‘detritos’ de uma administração funcionalista (anormalidade, desvio, doença, morte etc.). Certamente o progresso permite reintroduzir uma proporção sempre maior de detritos nos circuitos da gestão e transforma os próprios déficits (na saúde, na seguridade social, etc.) em meios de densificar as redes da ordem. Mas, de fato, não cessa de produzir efeitos contrários àquilo que visa: o sistema do lucro gera uma perda que, sob as múltiplas formas da miséria fora dele e do desperdício dentro dele, inverte constantemente a produção em ‘gasto’ ou ‘despesa’. Além disso, a racionalização da cidade acarreta a sua mitificação nos discursos estratégicos, cálculos baseados na hipótese ou na necessidade de sua destruição por uma decisão final.

A cidade é, antes de tudo, um lugar de observações, um espaço estático que vai ganhando movimento de acordo com o poder panóptico⁴¹ do sujeito. Aos poucos, esses olhares trocados vão ganhando força e deixando de ser apenas um instrumento de *voyeurismo* e passando a ser um mecanismo de relações entre os indivíduos.

Ademais, o senhor Breton, sempre em suas respostas, se coloca no papel de espectador, seja de si mesmo, seja dos seus vizinhos. Após a sétima pergunta, por

⁴¹ Foucault (1987) se lança ao projeto panóptico de Jeremy Bentham – filósofo iluminista britânico – para pensar as prisões e a forma como elas estabelecem a vigilância dos seres. Nesse projeto, todos são observados em sua máxima, a visão se torna uma ferramenta para estabelecer o poder de um sobre o outro. Mas, ao passo que o sujeito é visto, ele também vê – de forma turva, hierarquicamente abaixo, mas com o exercício do olhar. Esse modelo arquitetônico tem o seguinte princípio: “Na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. [...] A visibilidade é uma armadilha” (FOUCAULT, 1987, p. 177). Pensando nisso, podemos dizer que o senhor Breton exercita o seu poder de vigia sobre os outros e sobre ele mesmo. O bairro talvez seja um projeto panóptico para ele, garantindo que esteja em uma autossupremacia do olhar. É certo, porém, que em muitas das vezes o seu papel de espectador é quebrado pelo contato estabelecido. Mas veremos mais adiante, nas linhas finais, que sua intenção também é de quebrar isso.

exemplo, ele parou, fumou outro cigarro e encaminhou-se para a janela, de novo; de lá, viu logo abaixo o senhor Juarroz em uma caminhada: “O senhor Breton conhecia praticamente todos os seus vizinhos. Sabia pormenores, coisas íntimas até” (TAVARES, 2009b, p. 41). O *voyeur* se coloca em um momento de lembrança ao recordar uma história contada pela mulher de Juarroz: a esposa gostava de comer antes de dormir, já Juarroz, de “ver” antes de pegar no sono – esses dois comportamentos eram para tentar dormir melhor:

Como não apreciava substitutos técnicos da velocidade normal dos acontecimentos do mundo, o senhor Juarroz nunca ligava a televisão, optando pela janela, Ali, parado, concentrava-se e via. Um pouco como ele, agora, o senhor Breton, estava fazendo: ver pela janela (TAVARES, 2009b, p. 41).

Só depois de exercitar a visão por alguns minutos, o senhor Juarroz se recolhia à sua cama ao lado da esposa, que, provavelmente, já havia comido algo. Era uma prática recorrente de ambos, mas o ver antes de dormir permitia a ele um sono com visões excepcionais: “A esposa do senhor Juarroz, no entanto, comentava que ele, de noite, simplesmente fazia barulhos obscenamente estranhos com a boca” (TAVARES, 2009b, p. 42). Mas isso segundo a esposa dele; como era algo muito íntimo e não possível de ser observado pela janela do prédio vizinho, o senhor Breton não poderia garantir como verdade “se havia sons e mais ou visões acompanhadas de uma sonoridade insólita” (TAVARES, 2009b, p. 42). Essa sua reflexão foi rapidamente interrompida pelo aceno do senhor Juarroz lá de baixo, o que fez com que o senhor Breton se recolhesse e voltasse ao seu momento de observação própria. Antes de retornar à entrevista, ele leu mais um artigo do senhor Kraus que discutia os gastos do Estado em uma Casa de Música – apenas um exercício para a sua visão e imaginação. “Voltou à sua cadeira e olhou para si próprio [como de costume]. Ou melhor, para o espelho. O entrevistado já denotava fisicamente algum cansaço. Era a altura de prosseguir, sem pausas, até o fim” (TAVARES, 2009b, p. 43).

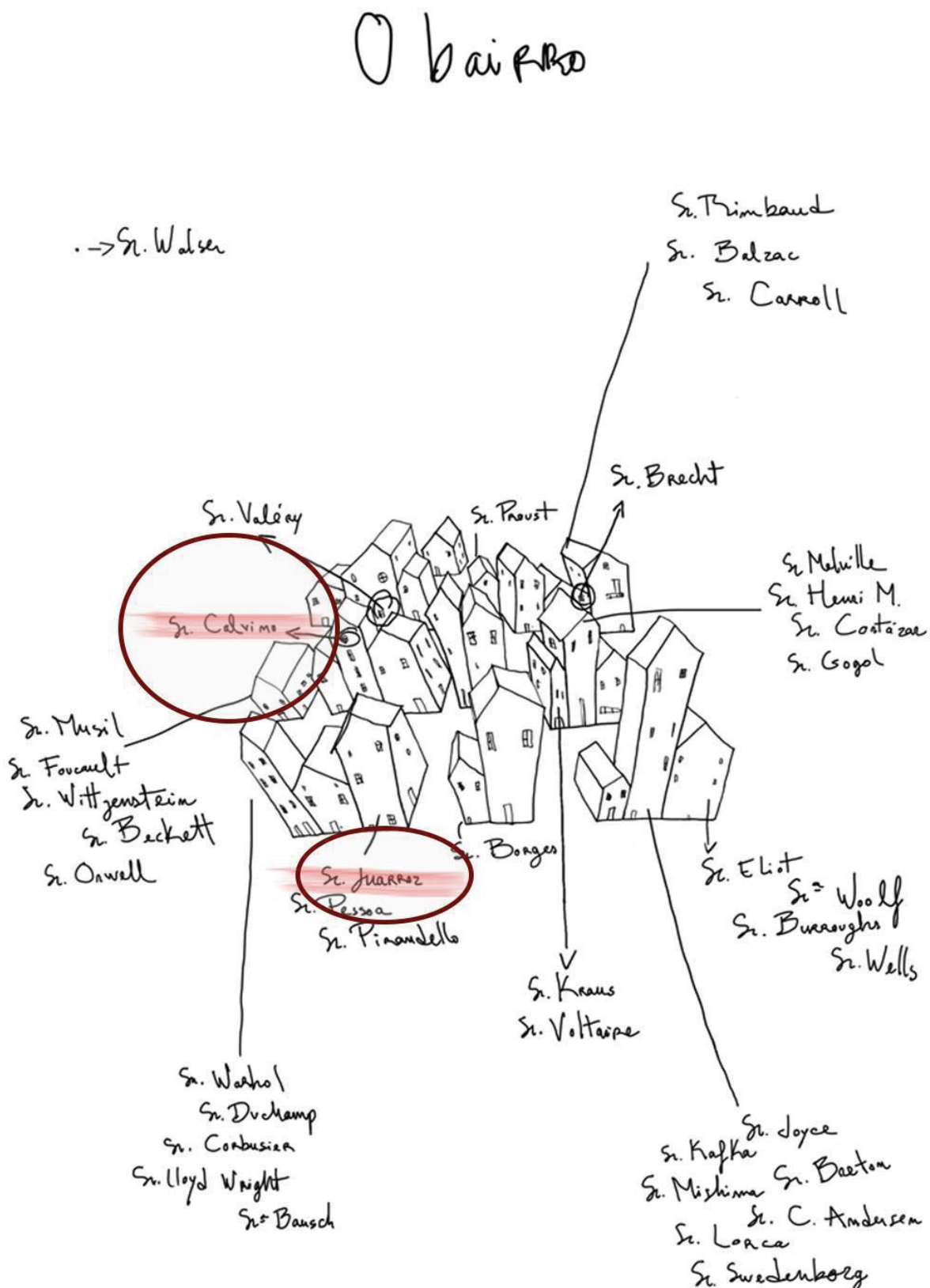
Já nas últimas perguntas, o seu comportamento após as suas questões era o mesmo, mas de modo mais cabisbaixo, lento e sem fôlego. Embora fosse o fim daquele ritual, era tempo ainda de uma última reflexão. O senhor Breton se aproximou da janela novamente, observou algum vizinho que passava pela rua e cogitou lançar um objeto em queda livre:

Pensou então se, daquela altura, atirando com força uma moeda na cabeça de alguém, se a moeda seria capaz de matar. Uma moeda, atirada com força e batendo em cheio na cabeça. Há pontos do cérebro tão sensíveis que se, a uma certa velocidade, uma moeda, por mais baixo valor que tenha, acertá-los, a pessoa morrerá, murmurou (TAVARES, 2009b, p. 54).

Depois disso, procurou uma moeda entre as suas quinquilharias para testar a sua teoria, mas, antes de encontrá-la, a campainha tocou. Não se sabe quem estava atrás daquela porta, talvez um vizinho ou alguma ilusão de sanidade para evitar quaisquer tragédias no bairro, cometidas pelos pensamentos do senhor Breton. É certo, porém, que ele tenta exercitar ao máximo o seu papel de *voyeur* do bairro, indo, muitas vezes, além de um insólito espectador, tentando manter contato e a sua relação – atípica – de vizinhança.

4 OS EXCÊNTRICOS

FIGURA 13 – OS EXCÊNTRICOS NO BAIRRO



FONTE: extraída da série.

Neste capítulo, reunimos dois senhores que possuem em comum a habilidade de pensar fora do mundo real; é por isso que os nomeamos excêntricos. Tanto o senhor Juarroz quanto o senhor Calvino caracterizam-se por se distanciar do centro do pensamento para justificar o mundo em que vivem.

Na primeira parte, lançamos nossos olhares ao senhor Juarroz, um ser de noções de realidade muito particulares. Ele detesta deixar de pensar – isso muito o aborrece, tanto é que, nas vezes em que se coloca a caminhar ou frequentar outros lugares do bairro, o seu exercício mental não deixa de funcionar. Essa é a sua principal ferramenta de uso. Além disso, é importante já pensar de princípio que as particularidades do exterior são pouco priorizadas por ele. Julgamos mais relevante nos concentrarmos em seu mundo interior do que no espaço que seu corpo habita.

Já em um segundo momento, o senhor Calvino nos possibilita movimentar o campo das ideias e nos leva a um passeio pelo bairro. Em uma caminhada de um dia, pouco a pouco o narrador nos apresenta um indivíduo que se preocupa muito mais com o conhecimento e que detesta ser interrompido pelos outros ao longo de seus devaneios. Além disso, ele não costuma parar muito para observar a realidade, uma vez que isso desviaria o seu pensamento para outra importância que não merece tanta atenção. Partimos, portanto, da percepção para compreender o espaço social vivido pelo senhor Calvino.

Quanto às suas localizações no bairro, o primeiro senhor vive quase ao sul, sendo vizinho de mesmo prédio dos senhores Pirandello e Pessoa; à direita, estão os senhores Warhol, Duchamp, Corbusier, Lloyd Wright e a senhora Bausch; à esquerda, o senhor Borges; e, aos fundos, o senhor Calvino. Ademais, o segundo senhor tem sua residência construída a noroeste do lugar, fazendo vizinhança com os senhores Musil, Foucault, Wittgenstein, Beckett e Orwell à direita e, aos fundos, com o senhor Valéry.

4.1 A REALIDADE ABSOLUTA E O ESPAÇO REJEITADO EM O SENHOR JUARROZ

FIGURA 14 – HABITAÇÃO DO SENHOR JUARROZ



FONTE: extraída da série.

O vocábulo “realidade” vem do latim *realitas*, que significa “o que existe”. Todo o seu uso é centrado naquilo que pode ser visto na ideia do real ou da verossimilhança. Entretanto, para o senhor Juarroz, a realidade é uma matéria de desconstrução de certezas, um exercício que não o satisfaz nem um pouco, mas insiste em permanecer em seu pensamento. As situações excêntricas do senhor existiam aos outros de forma diferente da dele, até de nós, leitores, porque não nos parece comum (mas o que é comum senão aquilo que se padroniza em nossas realidades?). De qualquer forma, era uma atividade que o aborrecia e que só deixava de ser feita se era mesmo fundamental:

Eis algumas situações em que era obrigado a deixar de pensar:

- quando falavam com ele muito alto;
- quando o insultavam;
- quando o empurravam;
- quando tinha de utilizar qualquer objeto útil à sua volta (TAVARES, 2007, p. 9).

A realidade é, portanto, o pensamento em exercício do senhor Juarroz, que não poderia ser interrompido por coisas fúteis. As situações anteriores demonstram que ele só perde a atenção quando os outros tentam resgatar a sua presença no mundo, ao tentar estabelecer contato de alguma maneira com ele. Segundo Certeau (1998), esse comportamento é típico de pessoas que tentam provocar a realização do espaço geográfico (no sentido social, de encontros e desencontros), pois é nele que há a possibilidade de estabelecer contatos múltiplos. Todavia, o senhor Juarroz ensina que muitas vezes essa relação não é necessária para a realização do espaço, nem por isso ele deixa de existir. Acontece que muitas vezes procuramos estabelecer contato apenas com o pensamento próprio – atitude que não precisa ser vista como

um comportamento típico de um ser individualista, não nesse caso. O senhor Juarroz, em sua realidade, não é compreendido facilmente pelos outros, que

supunham que ele:

- era surdo (porque não ouvia quando falavam com ele muito alto);
- era covarde (porque o insultavam e ele não reagia);
- era muito covarde (porque o empurravam e ele não reagia);
- era desastrado (porque pegava mal nas coisas, deixando-as cair ao chão) (TAVARES, 2007, p. 9).

Ora, por que algumas pessoas insistem em estereotipar outrem a partir de uma característica isolada? Juarroz não era surdo, nem desastrado, muito menos covarde – e não é uma defesa vazia –; simplesmente, ele sentia a necessidade de se colocar em seus próprios pensamentos e não podia, naquele instante, ser interrompido por uma realidade distante daquela que ele estava habitando. A realidade, para ele, “era uma matéria que o aborrecia” (TAVARES, 2007, p. 9) e, para enfrentá-la, seria necessário reinventar seu senso de observação da facticidade⁴². Para isso, de forma a preservar o seu pensamento e o conhecimento, o senhor criava, em diversos momentos, estratégias estranhas para isolar o seu corpo diante da matéria externa:

Punha uma venda nos olhos para não ser distraído pelas formas e cores das coisas, [...] quando as coisas [...] faziam sons, utilizava algodão nos ouvidos. Porém, certas coisas, devido aos seus aromas fortes, insistiam em infiltrar-se pelo nariz do senhor Juarroz, o que o levava, por vezes, a tapá-lo com uma mola. [...] Mas] antes de entrar por completo nos seus pensamentos, o senhor Juarroz dizia ainda, para quem o quisesse ouvir: – Agora, por favor, não se aproximem de mim. Acima de tudo não me toquem. Não estraguem tudo (TAVARES, 2007, p. 63).

A metodologia do senhor era certa e esperançosa, um sistema que dava certo para ele e, possivelmente, daria para nós em sociedade, mas seria difícil andarmos com os nossos sentidos tapados, isolados do mundo, visto que temos a necessidade do outro, como diria Sartre (1963). Não é assim que se deve permanecer

⁴² A realidade também é algo que aborrece o narrador na série *O reino*, de Gonçalo M. Tavares. Seus livros obscuros ressaltam a natureza humana em seus pontos de bondade e maldade, sua racionalidade e irracionalidade, a profusão do senso de consciência, a permissibilidade corruptiva do ser, uma mescla entre a sanidade e a loucura dos seres humanos. De modo geral, essa série busca perceber a realidade na mais complexa exposição dos indivíduos em uma sociedade.

se o propósito é obter um espaço realizado; o contato com as ferramentas do mundo é necessário para conhecer a si próprio. Não é certo, porém, negar a atitude dele, mas ser concessivo à sua dinâmica. Ao pedir para que as outras pessoas não estraguem o que ali acontecia, o senhor quebra a expectativa de que não haveria ninguém por ali. Sim, há tantas pessoas – não contáveis – que não seria possível dizer que ele estivesse em um espaço isolado do bairro. A quem ele diz isso? Aos outros senhores? Às suas pessoas íntimas, como sua esposa? Ou aos desconhecidos que habitam a redor? Não importa saber quem são, mas o que são: controversos de sua liberdade de viver a realidade do pensamento, símbolos de desejo do homem de viver o contato com o outro. São pontos que abominam o seu espaço absoluto, ou seja, seu espaço de intimidade consigo mesmo. A partir do momento em que o senhor Juarroz priva seus sentidos do mundo, ele nada mais faz do que criar um espaço absoluto encerrado em si mesmo, um mundo em que não haverá interferências do exterior, tampouco o controle de suas saídas sensoriais.

Dessa maneira, a integração com o espaço exterior não pode se tornar impossível de acontecer, porquanto elementos compulsórios e específicos são necessários também de existir, como a morte pura. Há apenas, digamos, um bloqueio temporário dos sentidos. Para pensar tal situação, tomamos a ideia de rejeição apresentada por Pankow (1988, p. 171): “O fator principal que conduz a isso é a dinâmica da rejeição: rejeição do outro, de valores, rejeição pura e simplesmente. Uma não-aceitação como esta, transformada em lei”, o que impossibilitaria a afinidade do corpo com o espaço externo. Explorando essa perspectiva, Juarroz, analogamente pensando em um cogumelo, acredita que o mundo com uma única dimensão não possui consequências:

– O veneno está só no lado esquerdo do cogumelo venenoso – pensava o senhor Juarroz, que, como há muito tempo não saía, estava convencido de que a realidade apenas tinha uma dimensão, como o desenho na folha de papel. Pode-se sempre comer o outro lado – dizia (TAVARES, 2007, p. 11).

Portanto, é possível viver bem dentro de sua dimensão – mesmo que interna –, ignorando toda a presença do veneno externo que pode prejudicar seu espaço absoluto; é uma questão de escolha do sujeito. O senhor, estando há muito tempo dentro de sua dimensão, acaba ignorando o fato de que um mundo externo presencia também o seu cotidiano. Ele há tempos não circulava pelo espaço; essa falta de

visibilidade do mundo o coloca à margem do espaço social – seja por circunstâncias próprias, seja por intromissões do agente externo em seus sentidos. O fato de ele ter naquele instante apenas uma dimensão do mundo não o isenta de conhecer mais dimensões; como ele mesmo diz, “estava convencido de que a realidade” acontecia em apenas um lado. Considerar, pois, outro lado perigoso é infantil de sua parte, mesmo que o escondendo após comê-lo, como conclui em seu pensamento.

No capítulo *Educação e natureza*, Juarroz demonstra mais uma atitude de rejeição do externo ao afirmar que, quando toca um pedaço de terra, ele pratica um ato obsceno – assim como a realidade já é, por completo, uma ferida em seu pudor: “Era como espreitar pela fechadura da porta uma senhora a despir-se” (TAVARES, 2007, p. 47). Para ele, o uso do tato sobre os elementos naturais é considerado falta de educação, o sentido mais grosseiro: “– Tocar nas coisas, além de revelar falta de gentileza revela ainda um fracasso, primeiro, do pensamento, depois, da audição e do olfato e, por último, da visão” (TAVARES, 2007, p. 47). Juarroz só toca nas coisas se sente que já fracassou, que não obterá mais nenhum sucesso com os outros sentidos. O dilema, nessa situação, é quando ele se depara com outras pessoas, outros seres de sua mesma espécie. Segundo o seu pensamento, os seres humanos só se cumprimentam, só se tocam, ao trocar vivências e tantas outras famigeradas atitudes sentimentais que extrapolam as trocas de olhares, as aguçadas olfativas e as atenções sonoras. Isso se comprova a partir do “momento em que [ele] dava um vigoroso aperto de mão a um vizinho” (TAVARES, 2007, p. 47). Quer dizer que ou ele não deu atenção suficiente e necessária ao vizinho de forma intencional, ou não fez isso porque seus outros sentidos falharam ou não se sustentaram por tanto tempo no encontro.

Pankow (1988) questiona-se, ao observar o homem diante de seus perigos no espaço, acerca do preço que devemos pagar quando não consideramos o outro lado importante à existência. Para ela, isso só consegue ser respondido a partir do momento em que eliminamos essa outra dimensão por completo, vivendo em um mundo absoluto. Também, é possível que essa estranheza seja incorporada a um único corpo, revelando atitudes com que nem mesmo nós sabemos lidar. De qualquer forma, há uma convicção em relação ao humano: o que é alheio aos seus gostos, valores e impregnações sociais, ou seja, o ser estranho é uma peculiaridade única por possuir em seu interior outra característica, o estado de ser diferente:

Quando o homem pode reconhecer limites e suportar tê-los (o que o separa de tudo o que não é idêntico a ele mesmo), pode acontecer um encontro, que é diferente de um jogo com e no espelho. A angústia do 'Outro' total veio a ser, em nossos dias, tão insuportável que o racismo e o terrorismo progridem perigosamente depois da Segunda Guerra Mundial (PANKOW, 1988, p. 172).

Não só essas condições, como tantas outras, estão presentes em nossos dias. O fato de não aceitarmos a presença daquilo que nos é estranho conflita com a nossa própria existência, não porque um é hierarquicamente melhor do que o outro, mas porque um acredita estar, em comparação ao outro, em uma posição acima, em um tipo de escada social. Sob esse olhar, voltando à ficção, o senhor Juarroz consegue justificar esse cenário a partir do capítulo *Resolução de problemas práticos*, criando um pensamento, embora imagético, muito concreto e material. De acordo com as suas conclusões, o mundo andava dessincronizado, “pois de um lado havia inundações e do outro pessoas com sede, quando finalmente começou a prestar atenção ao ruído de uma torneira a pingar” (TAVARES, 2007, p. 35). O espaço social é, pois, tão imperfeito que as existências no mundo, mesmo ocorrendo ao mesmo tempo, se dão de formas diferentes umas para e com as outras.

Enquanto o senhor observava por um longo tempo os pingos caindo da torneira, imaginava, provavelmente, que aquele desperdício poderia fazer falta a alguém com sede – talvez estivesse ele contribuindo para as desigualdades no planeta: “O senhor Juarroz voltou então a pensar que o mundo estava dessincronizado porque ali, na sua casa, havia uma torneira a pingar enquanto noutras casas não” (TAVARES, 2007, p. 35). A diferença de realidade ali constatada o instiga em pensamento a tomar algumas atitudes – enquanto para alguns a angústia do outro provoca a extirpação, devido à ojeriza sentida, para outros, como Juarroz, os acontecimentos simultâneos revelam a proatividade necessária para tentar reverter o quadro, fazer com que, talvez, todas as casas possuam a mesma realidade que a dele, por exemplo.

Na sequência, ele “tentou depois lembrar-se da ferramenta utilizada para apertar a torneira, e de fato ela estava ali mesmo, certamente deixada pela esposa, para que ele agisse em conformidade” (TAVARES, 2007, p. 35); se mobilizarmos os pensamentos kantianos acerca da ética e moral sociais (KANT, 2007), teremos que Juarroz se lança à ideia de que um homem, quando age em conformidade, faz isso apenas por ser uma ação socialmente correta, dentro de seus interesses próprios,

para reverter a desigualdade existente, e não porque ele considera isso moral. Caso ele não o fizesse, a sua recusa seria vista como algo ruim, mesmo que o favorecesse individualmente (ele não sofre com a sede, por exemplo). Percebemos que sua mulher contribui cedendo a ferramenta e, talvez, mobilizando-o a agir de tal forma, não por Dever⁴³, como diria Kant (2007), como uma ação de boa-fé, mas para cumprir com aquilo que a sociedade determina como algo moral, dentro de seus costumes. É provável que a esposa dele aja dentro do dever kantiano, sem inclinação sensível, e por isso tenta fazer com que seu esposo aja de tal forma, mas, como sua ação não é voluntária, é por interesses, ela, embora respeitosa, ainda é em conformidade com o Dever, evitando as punições verbais e humanas que possivelmente viriam a cercá-lo.

No entanto, o senhor não conseguia se recordar do nome daquela mesma ferramenta que lhe permitiria entrar nas moralidades sociais e legais, “mesmo depois de olhar longamente para aquele instrumento, não se conseguia lembrar do seu nome” (TAVARES, 2007, p. 35). O que seria aquele objeto? O que ele representava? Em aspectos empíricos, muitas vezes nos falta saber também quais são as ferramentas possíveis para resolver as problemáticas dos que estão à margem e, tal como Juarroz, comportamo-nos dessa forma: “– Não mexo em coisas de que não sei o nome” (TAVARES, 2007, p. 35). O problema, então, permanece da mesma maneira, sem evoluções ou quaisquer mudanças. As posturas intactas dos indivíduos diante das incógnitas problematizam e não permitem que as engrenagens da sociedade sejam lubrificadas para andar para frente, alavancando os sujeitos e tornando a sociedade mais equitativa. Só que Juarroz não deixa por menos e decide – visto que não mexeria no instrumento cujo nome era desconhecido – eliminar o problema do gotejo de sua torneira por meio do pensamento (lembremo-nos de que, para ele, esse sentido, ou melhor, a realidade é uma matéria que o aborrece):

Decidiu então eliminar o ping-pong da torneira através do pensamento, pois através da ação nunca mais chegaria lá. Começou assim a pensar numa música de Mozart, tendo o cuidado adicional de colocar o seu volume acima do volume da realidade. Assim fez. Resultou (TAVARES, 2007, p. 35-6).

⁴³ O Dever, para Kant (2007), volta-se à ideia de que existe uma moral a ser cumprida, independentemente de qualquer lei social existente. Quando agimos por Dever, fazemos uma ação boa por vontade própria. Entretanto, agir em conformidade com ele é uma ação louvável, mas perpassada pela lei social; ela é feita porque, pelo contrário, existiriam consequências legais.

O efeito natural da ação de Juarroz é o que muitos, hoje, fazem, apenas sobrepondo uma nuvem sobre o problema para tentar, de fato, resolvê-lo. Se ele não é visto, nem percebido, ele não existe. É claro que, com a ingenuidade do senhor, essa intencionalidade foi temporária para, ali, ele conseguir resolver o problema do gotejo, mas, se observarmos bem, essa postura será a que tomaremos diante de qualquer desigualdade no mundo. O que Pankow (1988) aponta, portanto, é algo real no contexto do século XXI, diante do sexismo, racismo e/ou qualquer outra forma de sobrepujamento entre as pessoas na sociedade como um todo e que também é corroborado pela realidade do senhor Juarroz. Reforçamos esse discurso a partir do pensamento de Santos (2012a, p. 34), ao afirmar que, quando o espaço se tornou um produto no mercado, os sistemas de exclusão acabaram sendo responsáveis pela “união” ocorrente na sociedade – união porque é a única possibilidade de encontrar dois grupos socioeconomicamente diferentes dentro do mesmo espaço social: “A unidade dos homens pelo espaço é, pois, uma falsa unidade, a unidade externa da atividade de todos enquanto outros [...]. É dessa falsa unidade que a separação se alimenta”. Esse sistema se revela no espaço que aparentemente une e vive apenas dessa imagem, mas que, quando confrontada ou destrinchada, acaba desabrochando as impressões de reunião: “O espaço, habitação do homem, é também o seu inimigo, a partir do momento em que a unidade desumana da coisa inerte é um instrumento de sua alienação” (SANTOS, 2012a, p. 35), isto é, o espaço nem sempre está a favor do indivíduo e exige cautela.

Hobsbawm (2017), analisando o contexto burguês do século XVIII, destaca que os que estão à margem da sociedade possuem três possibilidades para mudar as suas situações: lutar para ascender na classe, permitir-se viver oprimido ou rebelar-se contra a atual situação. Entretanto,

qualquer que fosse a verdadeira situação dos trabalhadores pobres, não pode haver nenhuma dúvida de que todos aqueles que pensavam um pouco sobre a sua situação – isto é, que aceitavam as aflições dos pobres como parte do destino e do eterno rumo das coisas – consideravam que o trabalhador era explorado pelo rico, que cada vez mais enriquecia, ao passo que os pobres ficavam ainda mais pobres. E que os pobres sofriam porque os ricos se beneficiavam. O mecanismo social da sociedade burguesa era profundamente cruel, injusto e desumano (HOBBSAWM, 2017, p. 325-326).

Era justamente o contrário disso que Juarroz queria provocar em sua própria consciência. O estado do ser marginalizado e oprimido não deveria ser aceito por quem vive sob essas condições, mas a ação física do senhor tinha menos expressividade do que seu pensamento, o que fez com que reagisse de tal maneira, sobrepondo um cenário fantástico, límpido e sem grosseiras condições do ser, aumentando, simplesmente, o som da canção para esquecer o que poderia estar vivendo um outro indivíduo em outra residência.

Com a recente globalização, as condições dos pobres se agravaram e é na cidade que encontramos com maior expressividade a massa dessas pessoas dentro das condições precárias do ser. Santos (2017, p. 322) salienta que, hoje em dia, “a cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir”. Não sabemos, porém, se as pessoas em quem o senhor Juarroz pensa estão próximas demais dele, no bairro, quer dizer, se são vizinhos dele que não possuem o gotejamento na torneira, mas a realidade apontada é típica do comportamento urbano espacial: a cidade abriga a presença dos pobres, aumentando e enriquecendo a diversidade socioespacial, como diria Santos (2017, p. 323), “que tanto se manifesta pela produção da materialidade em bairros e sítios tão contrastantes, como pelas formas de trabalho e de vida”. Não quer dizer que isso seja algo bom; pelo contrário, ter uma realidade como essa aponta como tal subdesenvolvimento está cada vez mais difícil de superar.

Nesse contexto, percebemos a importância dos pensamentos de Juarroz em querer tornar a realidade do outro igual à sua; são essas possibilidades de interação (mesmo a distância, sem contato) que criam comunicações expressas entre as diferentes situações socioespaciais, gerando cooperações dentro de um ponto de solidariedade entre as diferentes presenças. Convém ressaltar que, “por serem ‘diferentes’, os pobres abrem um debate novo, inédito, às vezes ruidoso, com as populações [...], com] as coisas já presentes” (SANTOS, 2017, p. 326) e com a esfera comunicacional fortemente ativa (SANTOS, 2012, 2017). Em outros aspectos, por exemplo, da questão técnica e informacional, as condições são outras e menos expressas, com menos oportunidades de inserção, o que os obriga a permanecer em estado de passividade. Por outras palavras,

trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado como carência a satisfazer – carência de todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania. Esse futuro é imaginado ou entrevisto na

abundância do outro e entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo Mundo e percebidas no lugar (SANTOS, 2017, p. 326).

Vejamos que tudo isso se dá pela falta de atenção a essa população, devido à falta de oportunidades dignas e solucionáveis. Não é uma posição pura e simplesmente perplexa e omissa, mas de total negação, em muitas das vezes, o que pode ser provado pela postura primária tanto de Juarroz quanto de sua esposa, que não se omitem a executar algo, apenas se negam, ao final, por puro comodismo.

4.1.1 Passeios pelo espaço rejeitado

O senhor Juarroz, mesmo não mantendo relações afetivas ou sensoriais completas com os espaços externos à sua casa, frequentava-os, preservando o seu pensamento ativo e pulsante. O espaço rejeitado, isto é, o espaço externo ao corpo, é privado pelo pensamento e por seus costumes próprios. Quando decidiu viajar, por exemplo, não se esqueceu de seu hábito de leitura e levou em sua mala seis exemplares do mesmo livro. Acontece que, fazendo isso, ele obteria a mesma realidade em todas as suas leituras, não tendo a oportunidade de se distanciar por muito tempo de seu cotidiano. Entretanto, a mala dele ficava muito pesada com essa quantidade de livros, não permitindo que as viagens acontecessem:

O senhor Juarroz chegava à conclusão de que não podia levar para a viagem a sua casa inteira, até porque assim não iria em direção a um outro lugar, mas sim em direção aos seus objetos, em direção, no fundo, à sua própria casa. E tal viagem tornava-se, então, desnecessária, pois o senhor Juarroz estava já, observando bem, em sua própria casa (TAVARES, 2007, p. 25).

Esse senhor parece querer nos alertar para o fato de que muitas vezes não nos desprendemos de nosso local fixo e íntimo nos passeios distantes dele. Ao carregar os objetos de nossa casa, por exemplo, a bagagem (não só de viagem, mas de conhecimento, da abertura ao novo) não irá vazia aos outros espaços; não seríamos como estrangeiros em terras novas, em que os costumes antigos, arraigados ao ser, são deixados em nossa residência para vivenciarmos novas experiências (RELLA, 2010). Por outro lado, apoiar-nos-íamos naquilo que já dominamos, esquecendo que é preciso captar coisas novas pelos lugares por quais

passamos. O próprio narrador de Tavares reconhece isso: “Para ser uma viagem a sério, o senhor Juarroz não deveria levar nada: nem um objeto. ‘Em direção ao desconhecido’, murmurava” (TAVARES, 2007, p. 25). Quando vamos a outro lugar, devemos ir sem bagagem, portanto. Assim como considerar essa assertiva diante de nossas leituras, não precedendo nada diante do texto; caso façamos o contrário – mesmo que com seis edições do mesmo texto –, os olhos sobre as palavras verão as mesmas concepções, sempre.

Diante de todas essas complexidades, o senhor Juarroz decidiu não mais viajar. Do que adiantava sair de casa sem qualquer bagagem? “Começava a pensar que, assim, desprotegido, apanharia frio, passaria fome, além de correr o risco de apanhar diversas outras angústias existenciais e higiênicas” (TAVARES, 2007, p. 26). Sem qualquer mala, pensava o senhor, os riscos poderiam ser maiores do que se estivesse com suas edições literárias – a falta do conhecimento, por vezes, é mais arriscada do que qualquer outra ausência de algo, digamos.

Ao ficar em casa, tal como era o senhor Breton, Juarroz se dava a oportunidade de ser *voyeur* à beira de sua janela, porque, para ele, era algo muito deselegante não observar nada diante de tantas coisas a ser vistas. Entretanto, as suas ações sentiam a necessidade de explorar o mundo a partir dos próprios sentidos do corpo. Assim,

como era possível dentro de casa ouvir o silêncio, o senhor Juarroz abria a janela para entrarem ruídos, pois, no fundo, detestava o silêncio. Como as mãos eram, acima de tudo, máquinas de tocar nas coisas, o senhor Juarroz, quando ficava em casa em frente à janela aberta, gostava de encostar a sua mão esquerda ao vidro. Como uma das características mais entusiasmadas do ser humano era a capacidade de cheirar e saborear, o senhor Juarroz, quando ficava em casa com a janela aberta para ver e ouvir, com a mão direita encostada ao vidro para tocar, gostava ainda de beber um café bem quente e de cheiro intenso. Como gostava muito de pensar, o senhor Juarroz, quando ficava em casa, com a janela aberta, e com a mão esquerda encostada ao vidro, a beber um café quente, perdia-se nos seus pensamentos e, assim, quando a sua esposa lhe perguntava o que vira e ouvira da janela, o senhor Juarroz não sabia o que responder porque não se lembrava de nada. E apenas uma chávena de café vazia provava algo: ele bebera, de fato, o café (TAVARES, 2007, p. 29).

Diante dessa postura, o senhor concluía que o mundo seria muito mais presencial e próximo dos seres humanos se todos os sentidos também tomassem um

café e deixassem uma xícara vazia para provar às pessoas que o tempo passa e as situações ocorrem, umas atrás das outras. Acontece que, como ele mesmo ressalta, “os pensamentos também não deixavam provas” (TAVARES, 2007, p. 31), então como provar que a realidade também existe se ela não nos deixa uma xícara vazia, com a borra de café ao fundo? A realidade material diante do pensamento não consegue sobreviver em seu pleno curso e comprovar que, de fato, ela ocorre. Como os acontecimentos não são marcados e não tomam café, nenhum rastro é deixado para provar que aconteceu. Decerto, os nossos sentidos sobrevivem, mesmo que sôfregos diante dos ocorridos, porque eles são imateriais e independentes uns dos outros; explora-se, é certo, a máxima de seu propósito no instante em que são convocados pelo ser, mas é somente isso. Eles não deixam pegadas, tampouco migalhas para trás, de modo a nos mostrar que o instante existiu.

Após se encostar à janela e refletir sobre o envolvimento demasiado dos sentidos em nossas ações, o senhor Juarroz passou a pensar muito no que faria antes de fazê-lo. Então, “o senhor Juarroz hesitava em pegar na sua chávena de café porque não conseguia deixar de pensar que não são as mãos que pegam nos objetos, mas sim os objetos que pegam nas mãos” (TAVARES, 2007, p. 57). O movimento aqui acreditamos ser contrário e, por isso, ele se recusava a compreender que a xícara poderia agarrar a sua mão. Mas, em vez de executar ele mesmo o movimento antes que o objeto corresse em direção ao seu corpo, esperava, “ficava por longos minutos a olhar para ela, de modo agressivo” (TAVARES, 2007, p. 57) e, após esse instante de admiração, reclamava de seu café frio, enquanto ainda esperava entender de que modo poderia tomar aquele café sem ser o objeto a tocar a sua mão.

Para aquele senhor, o uso das mãos, explorando o sentido tátil, representa muito mais para o corpo do que o simples “tocar nas coisas”, não só pela xícara, como visto, mas para representar a existência da ação, do estado da materialidade e/ou dos objetos do mundo e em determinado lugar: “Para um analfabeto[, por exemplo,] escrever é um trabalho manual [...]. É um trabalho físico semelhante a moldar barro ou a coser um determinado tecido” (TAVARES, 2007, p. 55). Isso pelo fato de ele desconhecer o ato da escrita, visto que isso seria o único domínio de suas mãos, um trabalho manual sem a criação e registro das ideias, sem saber da existência do pensamento e do conhecimento em si. Ora, se o indivíduo domina a propriedade da escrita, a situação se modifica e cria uma competitividade agora não mais vazia, como para um analfabeto:

[Juarroz] fazia, assim, jogos para verificar quem era mais criativo: se o seu pensamento, se a sua escrita. Para o senhor Juarroz – que se considerava árbitro desta disputa, portanto: exterior e neutro em relação ao seu pensamento e à sua escrita – a vitória final era sempre da mesma parte: do pensamento. A sua escrita nunca conseguia ser tão original como os seus raciocínios (TAVARES, 2007, p. 49).

Só que, mesmo sendo imparcial, o senhor Juarroz sempre se deparava com a escrita argumentativa de possuir provas de sua criatividade, diferentemente do pensamento que tangia a concretude material: “A escrita [...] acabava sempre por o acusar de ser um árbitro parcial. Um batoteiro⁴⁴, portanto” (TAVARES, 2007, p. 49). Entretanto, para o senhor Juarroz, a escrita não passa de um trabalho manual, realmente, e se convencia cada vez mais “de que tudo na existência, mas mesmo tudo, não passava de trabalhos manuais” (TAVARES, 2007, p. 55), ou seja, as atividades do cotidiano são feitas no automático, não mais havendo reflexões diante das ações. Os trabalhos são basicamente manuais, porque o percurso do dia a dia passou a ser tão globalizado, tecnológico, que não é mais possível estabelecer o conhecimento diante daquilo que se faz, simplesmente se faz – é o que muito se preza, hoje, o técnico diante da reflexão, da crítica:

- a invenção da máquina de lavar roupa permite que um cidadão deixe de lavar roupa com as mãos;
- a invenção do telefone evita que o cidadão percorra grandes distâncias só para dar um recado;
- a invenção da escada permite que um cidadão não necessite de subir lá em cima (TAVARES, 2007, p. 19).

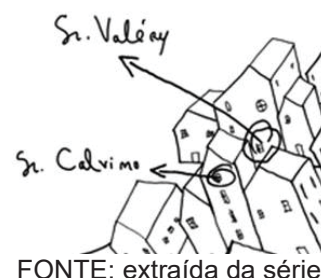
Para Santos (2017), as evoluções tecnológicas são praticamente inevitáveis e servem para suprir uma necessidade do ser humano na sua existência no espaço. Ele justifica essa inevitabilidade em função do imaginário do ser, que, diante da mais-valia, se compromete a suprir uma necessidade de acordo com a evolução do cotidiano. Muitos desses materiais são incorporados às nossas funções e, assim como a escrita de Juarroz, impostos como um modo de ser à natureza e ao território: “A artificialidade do objeto técnico é a garantia de sua eficácia para as tarefas para que foi concebido” (SANTOS, 2017, p. 182). A técnica desenvolve apenas a dimensão

⁴⁴ Segundo o Dicionário Aulete (2011), “batoteiro” é quem trapaceia no jogo, quem mente, quem conta vantagem diante daquilo que não tem.

lógica dos elementos, expatriando o conhecimento de sua invenção e prática, vivendo de sua própria racionalidade e de sua pluralidade de comandos. Isso pode ser percebido não só pela escrita, como também por outras funcionalidades do corpo. De acordo com o senhor Juarroz, “os dentes, a língua, e a garganta funcionavam, em conjunto, como escultores do ar, transformando este em palavras. Dizer a palavra mais simples [...] pressupõe um *trabalho manual* (TAVARES, 2007, p. 39, grifo do autor). Se, pelo contrário, não produzíssemos palavras com esses órgãos, apenas faríamos longos ruídos incompreensíveis, porque eles são técnicos, automáticos e sem a força do pensamento ante suas execuções.

4.2 UM PROVINCIANO NO TEMPO E NO ESPAÇO: UM PASSEIO DO SENHOR CALVINO PELO BAIRRO

FIGURA 15 – HABITAÇÃO DO SENHOR CALVINO



FONTE: extraída da série.

4.2.1 Sonhos

O senhor Calvino experienciou três sonhos.

Nefelibato, Calvino se demonstrou também íntegro ao pular da janela de um prédio de 30 andares para alcançar as suas peças de roupas lançadas ao universo. Não sabemos quem as jogou, tampouco qual seria a intenção dessa ação. Entretanto, o senhor tinha a certeza de que precisava pegá-las para que elas ocupassem o seu lugar de origem funcional – o seu corpo. Vestia, pouco a pouco, peça por peça, antes mesmo de impactar o chão: “Dá o último jeito no nó da gravata, bem a tempo, é o momento: chega ao chão, impecável” (TAVARES, 2007b, p. 9). Não conseguimos afirmar que o prédio de onde se jogara pertencia a *O bairro*, mas, se fosse isso, tratar-se-ia, por ora, de uma cena comum aos transeuntes das ruas tavianas.

Na segunda vivência lúdica, o senhor vê uma borboleta elaborando as suas peripécias, batendo as suas asas sobre as coisas: “Calvino fecha as janelas: não quer

que ela saia” (TAVARES, 2007b, p. 11). Provavelmente, as fendas cerradas são os buracos de seu sonho por onde o inseto poderia sair; era preciso deixá-la ali, vivenciando as energias de sua experiência noturna. Ela voa e pousa em diversos lugares: na sombra do senhor Calvino; nas pernas de uma mulher; sobre uma equação de segundo grau; vai em direção a um bife cru, mas sem sucesso, pois o senhor a espanta antes mesmo de as patas tocarem a carne; em um quadro; e, por fim, na orelha esquerda do senhor.

Nesse último lugar, a borboleta se sente tão à vontade que decide entrar, batendo as suas asas dentro da cabeça dele. É uma sensação prazerosa, segundo Calvino, sentir as asas abrindo e fechando, “como se a partir dali já não precisasse de pensar em mais nada, como se o mundo estivesse, finalmente, pensado e resolvido, sem a necessidade de qualquer renúncia humana” (TAVARES, 2007b, p. 11-12). É como se o inseto houvesse levado para o seu cérebro tudo que seus pés tocaram, todas as suas experiências ventiladas, deixando Calvino pleno. Na vida real, os homens precisam abrir mão de seus desejos, prazeres e intuítos ideológicos para que um mesmo espaço possa ser convívio por todos e tudo. Não são os valores individuais que se sobrepõem, mas o interesse coletivo – o que acaba sendo um grande desafio para muitos, que por vezes preferem se tornar negacionistas diante do incontestável –, sendo custoso, na verdade, fazer todos os prazeres coexistirem. Pelas teorias freudianas, as narrativas oníricas são desejos reprimidos acontecendo. Levando isso em conta, é relevante pensar que o senhor Calvino anseia por um espaço em que todas as pessoas coexistam sem a necessidade de criar conflitos entre os sujeitos de diferentes características e só ambiciona isso porque esse enredo não acontece no espaço real, visto que tantas hostilidades são presenciadas pelos seres humanos a cada instante. “Porém, ainda no sonho, Calvino acorda. Uma forte dor de cabeça: e parece não querer passar” (TAVARES, 2007b, p.12) – são, talvez, os problemas reais surgindo aos poucos.

O terceiro sonho de Calvino se dá dentro da barriga de uma baleia. Enquanto calculava e discutia percentagens com um possível sócio, foi deglutido ao longo de uma venda de grandes importâncias: petróleo e livros. Calvino não era muito de conviver com as pessoas, comportando-se tal como o senhor Valéry, seu vizinho de bairro, andando pelas ruas, com os seus pensamentos próprios e pouca (ou nenhuma) troca com os outros moradores. Entretanto, dentro da barriga da baleia, ao virar-se de costas ao seu sócio, Calvino se depara com tantos outros senhores e senhoras:

Os poucos que não estão com pressa, aqueles que param, discutem entre si, percentagens também: 30, não, 37!, não, não, 32! Todos discutem, ele próprio não consegue deixar de repetir para si próprio: 43%, pelo menos 43%! Mas ao mesmo tempo existe aquela sensação de que estão todos dentro do estômago da baleia, de que aquelas pessoas que ele vê na cidade, cheias de pressa, de um lado para o outro, a discutir percentagens, e ele próprio, há muito foram comidos (TAVARES, 2007b, p. 13).

Provavelmente, há muito tempo estão tão distraídos com outras importâncias, com outros eventos, que pouco percebem o lugar onde estão. Ali dentro, reúnem-se pessoas em seu senso comum; estão todas dentro de um único conforto social e com baixos resultados, uma vez que não conseguem entrar em um acordo a ponto de permanecerem há tanto tempo dentro de um estômago e nem desconfiarem que haja algo de errado.

4.2.2 Um passeio

Um bosque é um caminho que se bifurca, segundo Umberto Eco (1994), em *Seis passeios pela ficção*. Entendendo essa sua metáfora, é certo que um bosque é o texto essencialmente narrativo em que se encontram diversos indivíduos, situações, espaços, tempos e memórias.

Por meio de um único passeio pelo bairro, em um dia, que inicia ao nascer do sol e finaliza ao entardecer, o senhor Calvino trabalha o seu campo das ideias singularmente, pois é onde ele se sente seguro de si mesmo. Eco (1994, p. 9) alerta acerca daquilo que muitos enredos costumam implementar: “Todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho”, ou seja, o texto não diz tudo que se precisa saber de uma narrativa, pois, senão, muitas páginas teriam de ser usadas para isso. Tavares (2007b) provavelmente se atém a esse artifício em seus enredos, o que se comprova pelos sonhos já contados, fragmentados em três capítulos isolados pelo narrador.

Ademais, partes da obra *O senhor Calvino* são tidas, sob um olhar crítico exterior, pelos preceitos de Eco (1994) – e, por que não, de Italo Calvino (1979), em *Se um viajante numa noite de inverno*, obra de inspiração às conferências daquele autor, em 1993, na Universidade de Harvard. Ambas também foram produzidas ao

entorno dos balbuciaros de Jorge Luís Borges (1944), a partir do texto *O jardim de veredas que se bifurcam*.

Em determinados dias, o seu cérebro emocionava-o o suficiente, e por isso podia evitar outras emoções circunstanciais. Pelo menos, aquelas eram controláveis. Lembrava-se bem, aliás, da infelicidade que acontecera a um seu amigo que, como tinha paralisia facial, estava sempre a rir, acontecesse o que acontecesse (TAVARES, 2007b, p. 53).

O narrador, nesse trecho, apresenta dois momentos diferentes para serem preenchidos pelo leitor-modelo da obra. Assim, verificamos que a mente de Calvino se centra nas ideias, sobretudo, não havendo lugar para muitos sentimentos, somente para aquilo provocado por seus pensamentos. Entretanto, vemos que os termos “circunstanciais” e “aquelas” são capazes de provocar uma necessidade de preenchimento por parte do leitor, porém que o período é interrompido por uma lembrança do senhor da emoção de outro agente, a infelicidade, que se contrapõe ao fato de a paralisia mantê-lo sorrindo. O período e o parágrafo se encerram e, no livro, são separados por uma linha em branco do parágrafo subsequente. Não há mais nada disso, apenas o silêncio marcado pelo narrador para dar voz à imaginação do leitor.

O espaço – e tantos outros elementos e momentos da narrativa – que o narrador deixa vago ao leitor será ocupado em uma transposição de um lugar fictício a um lugar real, como em um acordo de leitura proposto por Eco (1994, p. 83): “Quando entramos no bosque da ficção, temos de assinar um acordo ficcional com o autor e estar dispostos a aceitar, por exemplo, que lobo fala”. Só que tantas situações e lugares frequentados pelas personagens serão vistos como algo comum, tendo em vista que eles (na realidade) existem e são fáceis de imaginar ao longo da leitura,

porque isso é o que acontece no mundo de nossa experiência [...] Os mundos ficcionais são parasitas do mundo real, porém são com efeito ‘pequenos mundos’ que delimitam a maior parte de nossa competência do mundo real e permitem que nos concentremos num mundo finito, fechado, muito semelhante ao nosso, embora ontologicamente mais pobre (ECO, 1994, p. 83-91).

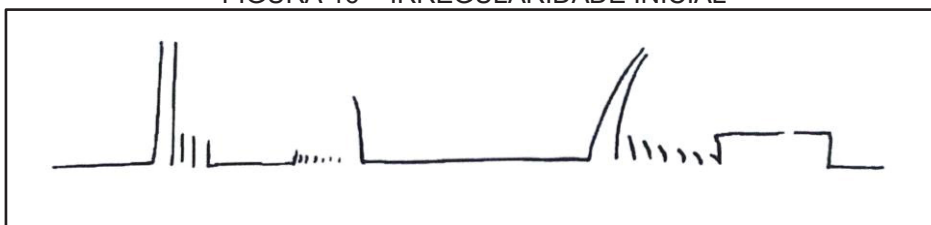
Toda caracterização, seja ela espacial ou não, presente na obra automaticamente será reverberada ao longo da atividade interpretativa. É claro que o fator cromático, por exemplo, não consegue ser contestado facilmente e adquirir

múltiplas percepções, mas, de qualquer modo, o [E]co de leitura (com a liberdade irônica cedida pelo termo) permanecerá, o que é um jogo válido a se pensar na obra em questão.

O senhor Calvino não se surpreendia com o mundo em que vivia. Não havia nada de diferente ou peculiar demais que o fizesse virar ou brilhar os olhos, mas, em se tratando das ideias, a reação do senhor era singular. Isso o encantava de verdade. Segundo ele, viver a vida própria não era tão somente a partir da existência ou da vida espacial, com as suas poliédricas relações, mas também ter suas próprias ideias, ser autêntico: “Ter vida própria não era [...] apenas passar por experiências atribuladas no jogo das aproximações e afastamentos humanos, para ele quem não tinha pensamentos próprios não tinha vida própria” (TAVARES, 2007b, p. 53). Esse jogo sobre o qual se refere o narrador é, consoante Certeau (1998), a forma de viver o espaço, na sua integralidade. O senhor, de certo modo, perpassa essas relações, mesmo não “dando muita bola” às materializações, pois eram as ideias que o emocionavam e prendiam a sua concentração: “Calvino sentia uma ideia a passar pela cabeça como sentia o frio na garganta [...] era uma sensação efêmera, no entanto excitante” (TAVARES, 2007b, p. 53). Ao longo de sua caminhada, porém, muitas outras situações e espaços serão visitados por ele.

Por conseguinte, para viver o seu dia e fazê-lo existir de verdade em sua mente, Calvino tratou de descrever imperfeitamente a exatidão: “Para ele era indispensável uma irregularidade inicial, um pé em falso, a incapacidade para compreender uma parte, uma expectativa criada por um fato surpreendente” (TAVARES, 2007b, p. 54).

FIGURA 16 – IRREGULARIDADE INICIAL



FONTE: Tavares (2007b, p. 54).

Entretanto, como a realidade não age da mesma forma que as nossas intenções, o senhor Calvino não conseguiu exercer tal feito. Por outro lado, ele tinha a certeza de que esse momento não poderia ser tão simples, visto que, segundo suas ideias, o ser humano não é muito simples e fácil de compreender, logo as suas ações,

os seus cotidianos e as suas relações de espaço também não eram: “Estar triste [, por exemplo,] não era apenas uma fisionomia oficial (pensava Calvino), era mais do que isso” (TAVARES, 2007b, p. 55).

Ao longo desses pensamentos, o senhor Calvino se lembrou de um caso que viveu no bairro na companhia de outro morador, o senhor Bettini⁴⁵ (ele era cego e perambulava pelas ruas do bairro). No dia anterior, ele havia subido em um banco para visualizar as cenas do cotidiano de forma mais inteligível, mas foi interrompido:

– Onde está? – perguntara o senhor Bettini, o cego que fora visitar.
 – Em cima de um banco – respondera o senhor Calvino.
 Como quem pergunta as horas, o senhor Bettini perguntou, então, naquela altura, com as suas maneiras bruscas:
 – De onde se encontra, consegue distinguir claramente os Deuses das ovelhas que pastam?
 – Como? – perguntara, estupefato, Calvino.
 Por que razão se lembrava agora ele disso? Não sabia.
 A memória não era um simples armazém de coisas antigas de que ele tivesse a chave (TAVARES, 2007b, p. 55).

A cegueira é o estado de interrupção da visão. Dessa forma, o senhor Bettini precisa do auxílio do senhor Calvino para conseguir enxergar o mundo no qual ele estava; aparentemente, esse é o meio de encontro do espaço pelo qual aquele se ampara e aguarda, só que Calvino não sabe para onde ir devido às inconstâncias no discurso de Bettini. O fato de ele o questionar acerca de algo vago e sem medida para os tempos atuais faz com que uma irritação e um imbróglio na mente de Calvino despertem. Além disso, Bettini, sendo cego – não sabemos se desde a infância ou não –, provoca a si mesmo um sentimento também de estranheza diante das coisas vistas. A visão dele é substituída, ou talvez transferida, à audição, ao tato, ao paladar e ao olfato.

De acordo com Pankow (1988), o estado de cegueira possibilita o conhecimento de um mundo interior que se exclui de toda forma representativa do mundo exterior; sendo assim, em todos os objetos, há uma forma, porém “não têm nenhuma existência representada em imagem. [... Ele] conhece formas, mas é incapaz de apreender seus conteúdos; [... ele] apreende limites no espaço, mas não

⁴⁵ O senhor Bettini não está apontado no mapa de *O bairro*, segundo a figuração já descrita na introdução desta tese. Entretanto, é certo lembrar a ideia de infinitude que essa série já indicou em outros momentos, como foi discutido – dentre outros momentos – no capítulo acerca do senhor Voltaire, cujos enredos foram apresentados não em obra publicada (ainda), mas se encontram como crônicas em uma coluna virtual na *Revista Magazine*, de Portugal.

tem acesso à representação das coisas” (PANKOW, 1988, p. 175). Ora, as coisas retratadas precisam adquirir uma imagem proporcional na mente daquele que não vê, por obstrução do campo da visão? O senhor Bettini prova que isso não é necessário, a partir do momento em que solicita ao senhor Calvino o auxílio para “visualizar” o universo em que eles habitam. Não é, pois, a mesma imagem obtida do sujeito oposto, mas uma maneira encontrada por ele de admitir tudo que é necessário para (re)apresentar o mundo. Dessa forma, “não tendo controle através dos olhos, ela não apreende a passagem da vida à morte. Vive num perpétuo presente” (PANKOW, 1988, p. 175), ou seja, não se constrói, tampouco se agarra a nenhum parâmetro temporal, mas a um universo de intenções deslocado na existência, como visto, condicionada pela cegueira, como se um mundo paralelo existisse por trás daquele adquirido pelo cego.

Cassirer (2012, p. 75) destaca que muitas vezes os sujeitos adquirem maneiras diferentes de experienciar o espaço e, enquanto alguns indivíduos vivem se adaptando às condições do ambiente para sobreviver, outros – de forma mais impulsiva – são guiados por um tipo de espaço perceptual; “este espaço não é um simples dado dos sentidos, é de natureza muito complexa, e contém elementos de todos os diferentes tipos de existência dos sentidos”. No geral, é preciso ressaltar que todos os sistemas tentam cooperar entre si para criar uma imagem resiliente ao sujeito. Em suma, o homem compensa, na cegueira, a falta de um sentido por outro. Em contrapartida, nas clivagens de Cassirer (2012), a experiência adquirida pela ação e, possivelmente, pelos sentidos acaba por ser cessada e substituída por um espaço geométrico, aquele exato e marcado pela visão. Quer dizer, o cego, quando é barrado a exercer o sentido da exatidão, admite a si um espaço sensorial, deixando de lado a homogeneidade presente a todos os outros homens.

Pouco depois, o senhor Calvino avançou, já não pensando mais sobre essa situação e, sem dar maiores explicações a Bettini, simplesmente se retirou e abandonou-o.

Em outra ocasião, em seu passeio, o senhor Calvino pôde testemunhar que os seus sentidos também eram experienciados. Na esquina de uma das ruas do bairro, estava sediado aquele que era considerado um velho amigo seu, o museu da cidade. Naquele momento, havia uma exposição de instrumentos musicais e outra de quadros expostos para cegos. Também havia uma, em outra sala, de fotografias de grandes artistas de séculos passados. O que o fazia ser um museu singular – como o

senhor Calvino costumava referi-lo – era o fato de ele possibilitar experiências estranhas, algumas com conclusões muito peculiares e espontâneas: “Qualquer pessoa que entra num sítio onde se expõem instrumentos musicais tem a desagradável sensação de estar surdo. Calvino bateu devagar três vezes na orelha direita, depois na esquerda. Não, aquilo era para ver” (TAVARES, 2007b, p. 61). Mais à frente, ao chegar à sala de quadros, percebeu que todos estavam em vitrines: “Como se os órgãos dos sentidos tivessem caído ao chão e o diretor do museu ao recuperá-lo baralhasse localizações e funções” (TAVARES, 2007b, p. 61).

Certo de que mais à frente no museu as coisas seriam diferentes, o senhor, entretanto, deparou-se com um cabelo em um dos quadros. Essa imagem enlouqueceu o seu caminho mental, porque, para ele, isso não poderia passar de uma assinatura de estilo único, tal como seria encontrar um cabelo em um prato de comida (a assinatura de um cozinheiro). Pensar que ali estavam expostas fotografias de grandes artistas de séculos diferentes fê-lo concluir que, para se tornar um “grande artista”, e assim ser conhecido, deve-se, primeiramente, morrer:

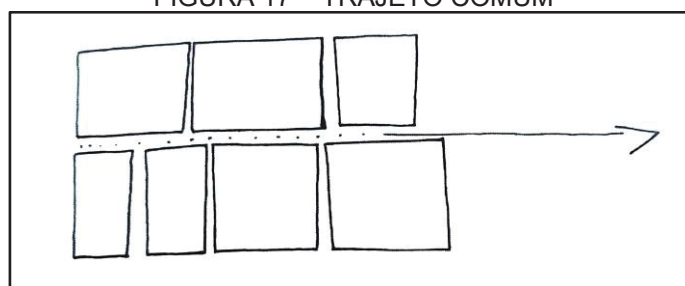
O número de pessoas consideradas como ‘grandes artistas’, já depois de mortos, é bastante superior ao número de pessoas que nos anos anteriores, enquanto vivas, eram consideradas como tal. A única conclusão sóbria é a de que a morte faz bem à arte. Se todos os artistas fossem imortais provavelmente ainda não teríamos um único ‘grande artista’. Felizmente não são imortais, poderia dizer-se – pensou Calvino (TAVARES, 2007b, p. 61-62).

O fato de ter encontrado o DNA capilar na obra provocou uma euforia sem tamanho no senhor. A excitação era tamanha que isso o fez lembrar uma história infantil. Resumidamente, uma princesa, enquanto penteava o seu pai, encontra um piolho. O rei, ao ser indagado sobre o que fazer com aquele parasita, fala para não o matar, pois ele poderia ser útil. Então, o inseto cresce, vira príncipe, casa-se com a princesa e aos poucos vai criando a aparência do rei. A filha dos dois, um pouco depois, também se coloca a pentear os cabelos de seu pai, encontra um piolho e o questiona sobre o que fazer com o novo parasita. Antes mesmo de ele responder, no entanto, a então rainha grita à filha para agora matá-lo e não o deixar crescer, ou seja, era melhor não criar um ciclo infinito naquele reino, tal como muitos eventos se sucedem na realidade: “Bela resposta [da rainha], pensava Calvino; mata-a já! Mas se os problemas do mundo fossem apenas conjugais tudo seria mais fácil. De fato, o

problema principal era outro” (TAVARES, 2007b, p. 63). Para o senhor, o maior dilema era saber o quanto o incontrolável poderia criar nascentes e rios, espalhando-se pelo mundo. Dessa forma, não seria possível voltar atrás e consertar o que agora era tido como um problema.

Sem agora ter interferências de seus sentidos em suas máximas, fora do museu, o senhor Calvino se colocava como um peregrino, sem destino, sem mapa em suas mãos para poder guiá-lo em seu passeio; isso porque ele mesmo caminhava sem rumo pelas ruas do bairro. A certos passos, pela manhã, o senhor explanou acerca de uma máquina em sua casa, dizendo que – comparando-a com o mundo – seria um objeto obsoleto, sem funcionamento efetivo. Ora, se o mundo, para ele, já não funciona mais, bem como a máquina em sua casa, a reflexão – e por que não uma certa incógnita – que fica é a de ele também acredita que o universo não estava do jeito que ele gostaria que estivesse. Esses pensamentos, vindos como lacunas, por vezes o enganavam, uma vez que nem mesmo ele sabia preenchê-los. Com essa indagação, o senhor nem viu o tempo passar e se esqueceu de que estava em uma caminhada pelas ruas do bairro, o que representava um problema, visto que ele não gostava de parar, admirar os objetos e lugares daquele espaço – ele não via as vitrines, como a maioria das pessoas costumava fazer. Permanecer em movimento talvez fosse uma forma de deixar os pensamentos fluírem e acontecerem; se a cabeça se desviasse, as ideias não teriam espaço em sua mente para existir. Dessa forma, preferia caminhar dessa forma:

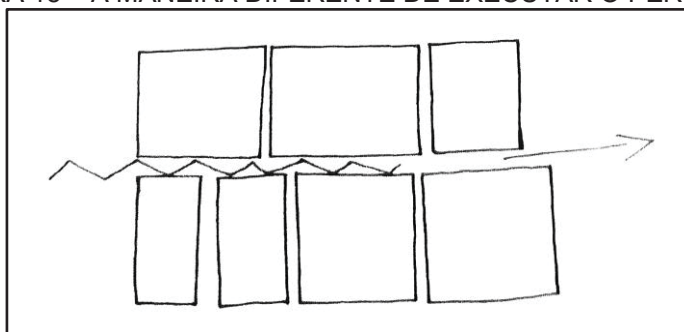
FIGURA 17 – TRAJETO COMUM



FONTE: Tavares (2007b, p. 56).

Era tudo calculado para que os eventos acontecessem como deveriam: “Quando estava atrasado não acelerava, chegava atrasado. E detestava esperar. Por isso, quando sabia que estava adiantado para um encontro não alterava o percurso, mas sim a trajetória nele” (TAVARES, 2007b, p. 56).

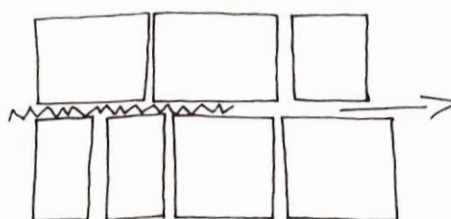
FIGURA 18 – A MANEIRA DIFERENTE DE EXECUTAR O PERCURSO



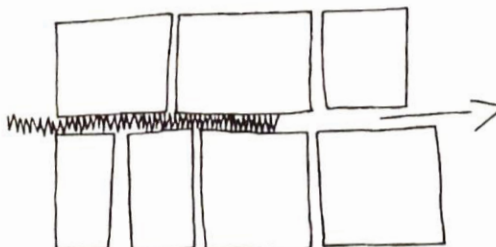
FONTE: Tavares (2007b, p. 56).

Assim, sabia que, estando atrasado, por exemplo, não acelerava o passo, tampouco ia mais devagar. Ele simplesmente mudava a forma de exercer o mesmo percurso dentro daquele caminho, não parando em nenhum momento, pois isso poderia desfazer a linha de raciocínio dos seus pensamentos. Então,

Quando estava muito adiantado, fazia assim



E quando estava mesmo muito, muito adiantado, fazia assim



(TAVARES, 2007b, p. 57).

O trajeto geográfico feito se altera de acordo com as suas necessidades momentâneas, mas, por costume de seus pensamentos, o percurso não se modifica.

Em sua geografia nova, Santos (2012b) analisa o espaço como uma condição passiva do comportamento humano, desenvolvendo variações de acordo com as elocuições e interferências dos indivíduos. Seria o tempo, segundo sua obra, o único elemento capaz de ser dinâmico em sua existência; o espaço, por sua vez, adquire mudanças conforme os valores, interesses e técnicas sociais – ou seja, detentor de intervenções humanas. Entretanto, como ele mesmo aponta, não se pode negociar a ideia de espaço como apenas um reflexo, pois, assim, ele seria colocado no mesmo plano ideológico de um quadro vazio a ser rabiscado, como somente um objeto circunscrito ao exterior do sujeito esperando ser registrado à medida que as ações acontecem. É necessário, sim, que as ações ocorram e as relações sociais se desenvolvam para a existência, de fato, de um espaço, até porque a totalidade representada é o conjunto da existência dos elementos, dos objetos, da natureza e dos seres. Tê-lo como um reflexo coloca-o como um poço aguardando ser preenchido e esvaziado, acumulando registros de acordo com a sua existência. Nesse caso, o espaço é tido, de forma falaciosa, como um nível da sociedade, como uma estrutura, puramente, segundo os pensamentos kantianos (SANTOS, 2012b).

O espaço não é vazio, mas relativo, independentemente da decisão voluntária do indivíduo. São diversas as situações que celebram a permanência de um espaço, para se dizer que ele está ali. É ele uma proposta necessária também para a existência do sujeito, independentemente de sua contribuição. Citando Durkheim, Santos (2012b, p. 161) destaca que o espaço

existe fora do indivíduo e se impõe tanto ao indivíduo como à sociedade considerada como um todo. Assim, o espaço é um fato social, uma realidade objetiva. Como um resultado histórico, ele se impõe aos indivíduos. Estes podem ter dele diferentes percepções e isso é próprio das relações entre sujeito e objeto.

Acontece que o espaço é também um objeto social; ele não se coloca como o resultado das interferências humanas, tampouco como a motivação para tais ações. Ora, o indivíduo se dispõe a viver o seu cotidiano, por meio de suas interações, sentidos e conhecimento; é a pura experiência nova obtida, como já se discutiu em capítulos anteriores.

Pensamos no senhor Calvino, por exemplo, em seu passeio já um tanto alegre ao rever as suas formas de passar por um mesmo lugar de acordo com as suas disposições temporais, estando adiantado ou não. O espaço ali interpretado por ele

pode ocorrer de múltiplas formas, a depender de seu cotidiano. Naquele momento, ele não estava nem adiantado, nem atrasado, só seguiria pela rua – sem parar para não perder o foco do conhecimento – a passos lentos, andando.

Ao final daquela rua, deparou-se com um casal de namorados aos beijos, delimitando um minúsculo espaço entre eles para a ocorrência de seus desejos juvenis. O espaço concretizado ali poderia ser terreno de um parque de diversões, sendo um tanto invisível a outros seres, segundo ele. Os pensamentos de Calvino, naquele momento, não paravam de frutificar e de analisar aquela cena:

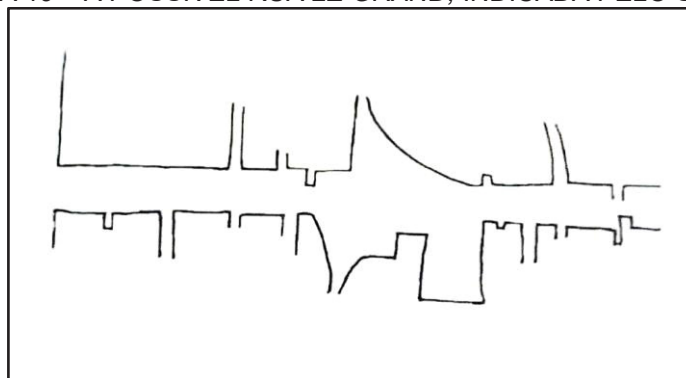
O batimento do coração de Calvino interessou-lhe a seguir como se de uma música regular e monótona se tratasse. Com a mão no peito e o ouvido atento escutava entediante aquela música sabendo que era ele, afinal, que o permitia durar. A repetição salvava o organismo por dentro, mas por fora era indispensável uma expectativa em relação a surpresas, invasões, derrocadas, saltos súbitos e outros percalços (TAVARES, 2007b, p. 58).

Aquele instante era importante para o senhor para ele concluir que o presente deve ser intensamente sentido e vivido pelos indivíduos, independentemente de quaisquer escolhas. Isso ainda o possibilitou se esquecer do que viria a acontecer no futuro, o que, segundo ele, era bom, uma vez que somos sujeitos incapazes de prever o próximo dia: “Era uma espécie de referência existencial” (TAVARES, 2007b, p. 58), diria, além de um alerta para que ele não fizesse “besteiras”, como “comprar um bilhete (muito caro) para entrar num sítio onde não se cabe” (TAVARES, 2007b, p. 58). É uma leviandade se aventurar a enredos como esse, portanto.

Ainda ao longo de seu passeio, novamente, o senhor Calvino é interrompido, dessa vez por um homem perdido pelo bairro: “Quando se está a pensar [...] é-se interrompido como se nada estivesse a fazer, falam conosco como para um preguiçoso” (TAVARES, 2007b, p.58-9), como se a ação de pensar não fosse tão importante como deveria ser, ignorando toda a atividade cognitiva do ser. O homem perdido gostaria de saber onde ficava a rua *Le Grand* e como avistara o senhor Calvino ali, parado a pensar sobre aquela cena romântica entre duas pessoas, decidiu indagá-lo. A resposta, surpreendentemente, foi dada de imediato pelo senhor – isso causa surpresa, é válido lembrar, porque ele não é muito de se relacionar com as pessoas, não gosta de parar de movimentar as ideias para dar atenção a um terceiro elemento, neste caso, outra pessoa: “– Primeiro direita, depois segunda à esquerda.

Depois sobe a rua até lá acima e é aí. Uma grande caminhada” (TAVARES, 2007b, p. 59), indicou o senhor de forma muito solidária. O que não se esperava era que aquele endereço estivesse errado; sim, “Calvino nunca soubera onde ficava a rua *Le Grand*” (TAVARES, 2007b, p. 59).

FIGURA 19 – A POSSÍVEL RUA *LE GRAND*, INDICADA PELO SENHOR



FONTE: Tavares (2007b, p. 59).

A atitude do senhor demonstra o quanto a invenção de ideias é algo importante a ele; muitos poderiam dizer que isso se trata de uma mentira infantil, brincadeira de mau gosto, uma imoralidade, talvez, mas, quanto a isso, o senhor apenas encolheria os ombros, despreocupado. Alguns outros poderiam dizer, como ressalta o narrador, que seria um tipo de vingança por o homem desconhecido ter atrapalhado a sua observação do mundo, do cotidiano dos outros, daquele instante, mas “Calvino não era senhor para sentimentos desses, tratara-se simplesmente de uma reação a uma grosseria fina, essa mania de o mundo, desorientado, interromper, a cada momento, com pedidos de esclarecimento, quem pensa” (TAVARES, 2007b, p. 59). Ora, o conhecimento acaba por não ser valorizado, é certo. O mundo técnico, é esse que acaba sendo mais valorizado por esses pensamentos insanos contrários à sua postura, a busca incessante por mão de obra, pela concretude.

Agora, pensando nesse recorte a partir do que discute Eco (1994), é provável que cheguemos à noção de que toda realidade é múltipla e se dá pelo contexto da verdade de quem presencia, vê ou analisa o espaço social. Não é coerente teimar com o senhor Calvino e negar que aquela cena de fato ocorreu naquele instante, porque se tomaria como verdade aquele espaço ficcional que pôde ser interpretado e compreendido por ele. A indicação do caminho foi tida como realidade pelo homem desconhecido, pois a propriedade do senhor ao orientá-lo era tanta que era impossível

contrariá-lo. Ele estava ali e parecia conhecer o caminho por onde ia, provavelmente saberia indicar um caminho para qualquer outro ser. Eco (1994, p. 95) diz:

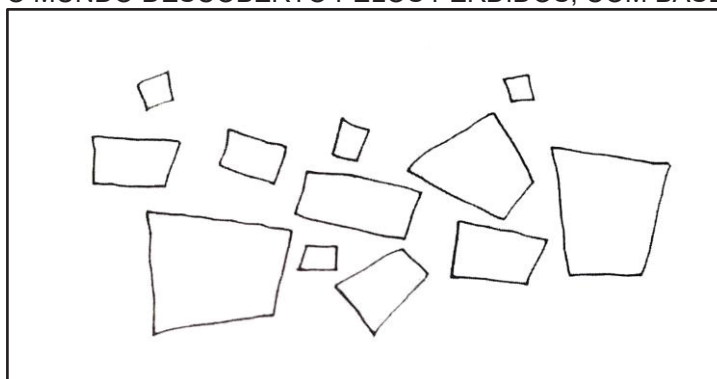
Acreditamos que, no que se refere ao mundo real, a verdade é o critério mais importante e tendemos a achar que a ficção descreve um mundo que temos de aceitar tal como é, em confiança. Mesmo no mundo real, todavia o princípio da confiança é tão importante quanto o princípio da verdade. [...] Há uma 'divisão linguística do trabalho' que corresponde a uma divisão social do conhecimento: delego aos outros o conhecimento de nove décimos do mundo real, guardando para mim o conhecimento do décimo restante.

Então, quando nós mesmos experienciarmos um cotidiano, ou melhor, quando aquele homem chegar às indicações de caminho que o senhor fez e não encontrar a rua *Le Grand*, ele poderá obter o conhecimento pelos seus próprios sentidos. Logo, até certo ponto, é válido confiar na experiência e conhecimento dos outros, até se obter a própria vivência e corroborar ou opor-se ao que o outro indicou. É certo, porém, que Calvino não se sentia culpado por ter atrasado a caminhada daquele homem: “Fazer com que as pessoas se perdessem no bairro era um ato de generosa simpatia” (TAVARES, 2007b, p. 60), era um ato de conhecimento:

Como alguém que tem prazer em mostrar um filme ou um livro de que gostou, também Calvino sabia que se as pessoas fossem diretamente, sem qualquer desvio, para o seu destino, nunca teriam oportunidade de ver e conhecer cantinhos que só os homens muito perdidos descobrem (TAVARES, 2007b, p. 60).

Ora, ele oportuniza o conhecimento, a possibilidade de os outros verificarem por si só o mundo em que vivem, o bairro, que, neste caso, parecem desconhecer. Segundo o narrador de Calvino, não era possível ficar um dia sem dizer mentiras, somente com verdades, pois tudo que se dá na totalidade, em um construto social, é baseado em mentiras. Se passássemos um dia só com verdades, “todas as relações pessoais, sociais e entre nações se desmoronariam” (TAVARES, 2007b, p. 60).

FIGURA 20 – O MUNDO DESCOBERTO PELOS PERDIDOS, COM BASE NA MENTIRA



FONTE: Tavares (2007b, p. 60).

Ressaltamos que um espaço social se realiza por meio da convivência, das relações entre os seres, além das interações ser-espaço. Santos (2012b) considera que o espaço não perde a sua realidade objetiva, que é igual a todos; o que vale, em um plano geral, é o conhecimento de cada ser sobre ele, capaz de o modificar, criando percepções diferentes do espaço. Contudo, é de grande valia considerar que “a base do conhecimento e da interpretação da realidade espacial não pode, pois, ser encontrada nas sensações ou na percepção. [...] Só através de sua própria produção é que o conhecimento do espaço é atingido” (SANTOS, 2012b, p. 161), isto é, o espaço vai sempre permanecer com sua base imutável ao longo das modificações que sofrer pelas interações com o indivíduo; as realizações sobre ele não devem ser a si atribuídos, mas considerados como um totalizante, um espaço geográfico:

O espaço é um fato social [...], um fato histórico, na medida em que o reconhecemos como um elemento de um conjunto e realiza assim uma dupla função que lhe assegura, efetivamente, a condição de fato histórico: de um lado, ele se define pelo conjunto mas também o define; ele é simultaneamente produtor e produto; determinante e determinado; um revelador que permite ser decifrado por aqueles mesmos a quem revela; e, ao mesmo tempo em que adquire uma significação autêntica, atribui um sentido a outras coisas. Segundo essa acepção, o espaço é um fato social, um fator social e uma instância social (SANTOS, 2012b, p. 163).

É um conjunto de socialidades, visto que não é possível entregar a própria interação “ser-espaço” como algo dissociado. O espaço geográfico na série de Tavares é, dessa forma, percebido pelos senhores do bairro, construído por eles e apresentado aos seus leitores conforme se sucede e transparece nas narrativas.

Mais à frente em seu passeio, durante as suas reflexões, o senhor Calvino é novamente interrompido, desta vez por uma senhora, mas, diferentemente das outras

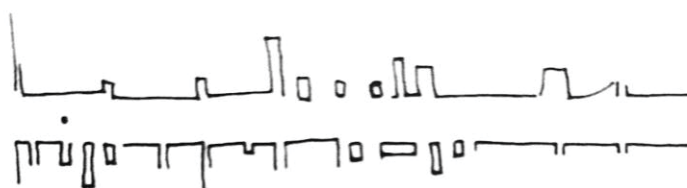
vezes, ela o faz movimentar a memória, ignorando todo o instante de interrupção – quer dizer, o pensamento foi mais forte. Sua subjetividade o fez lembrar a história de uma moça – invulgarmente feia (como a descreveu) – que havia sido impedida de atravessar uma fronteira por ser acusada de traficar sustos. O país de origem não a quis mais e o país de destino não a deixou entrar: “A mulher em questão ficou para sempre numa área de ninguém, entre dois países, sítio neutro que tolera mais facilmente o vazio, o tédio, a fealdade e outros horrores da nossa civilização” (TAVARES, 2007b, p. 66). É como se ela estivesse em uma imensidão sem horizonte. Emprestamos ligeiramente de Bachelard (1978), sob esse viés, o termo “devaneios do infinito” para verificar que esse espaço ilustrado à mulher da memória de Calvino é, por um lado, lúdico demais e, por outro, análogo a pensar as fraquezas da sociedade. Segundo o filósofo, “em tais devaneios [...] os detalhes se apagam, o pitoresco perde a cor, a hora não soa mais e o espaço se estende sem limite” (BACHELARD, 1978, p. 320). Esse lugar sob o qual ela se põe é tão obscuro que a alma dela se aprofunda e o corpo padece de externos julgamentos. Os problemas do mundo deveriam, pelo ponto de vista de Calvino, ser postos nesse mesmo lugar; pelo menos assim, eles não seriam visitados nem externalizados em outros lugares.

Voltando a si, o senhor Calvino tira um pedaço de papel do bolso, em que estava escrito: “Provinciano – no espaço; – no tempo” (TAVARES, 2007b, p. 67). Segundo ele,

provinciano no espaço, pensou, é aquele que é influenciado e tenta influenciar os quarenta metros quadrados à sua volta. Provinciano no tempo é aquele que é influenciado pela tarde anterior e pretende influenciar, quando muito, os dois dias seguintes (TAVARES, 2007b, p. 67).

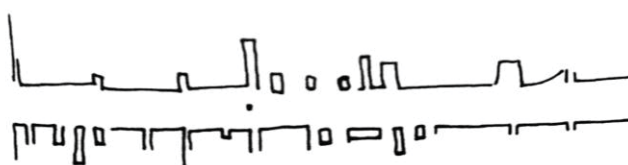
Ora, se o senhor Calvino pode ser visto como um provinciano no espaço, a todo instante, ao longo de seu passeio, por exemplo, ele arriscou influenciar o instante com as suas memórias, incomodando-se a todo momento com as interrupções. Diante dos espaços, ele soube administrar o seu poder diante de seus 40 metros quadrados, valorizando, acima de tudo, os seus pensamentos, percebendo o espaço sobre o qual se colocou.

Já no fim da tarde, em seus últimos momentos provincianos, o senhor Calvino chega a uma rua estreita de duas retas paralelas:

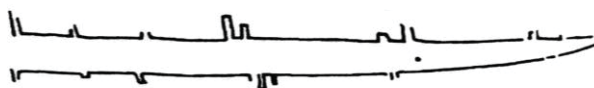


Continuou a avançar.

Duas retas perfeitamente paralelas, e ele no meio.
Que sorte. Duas retas paralelas!



Mas a pouco e pouco algo começou a mudar...



a mudar...

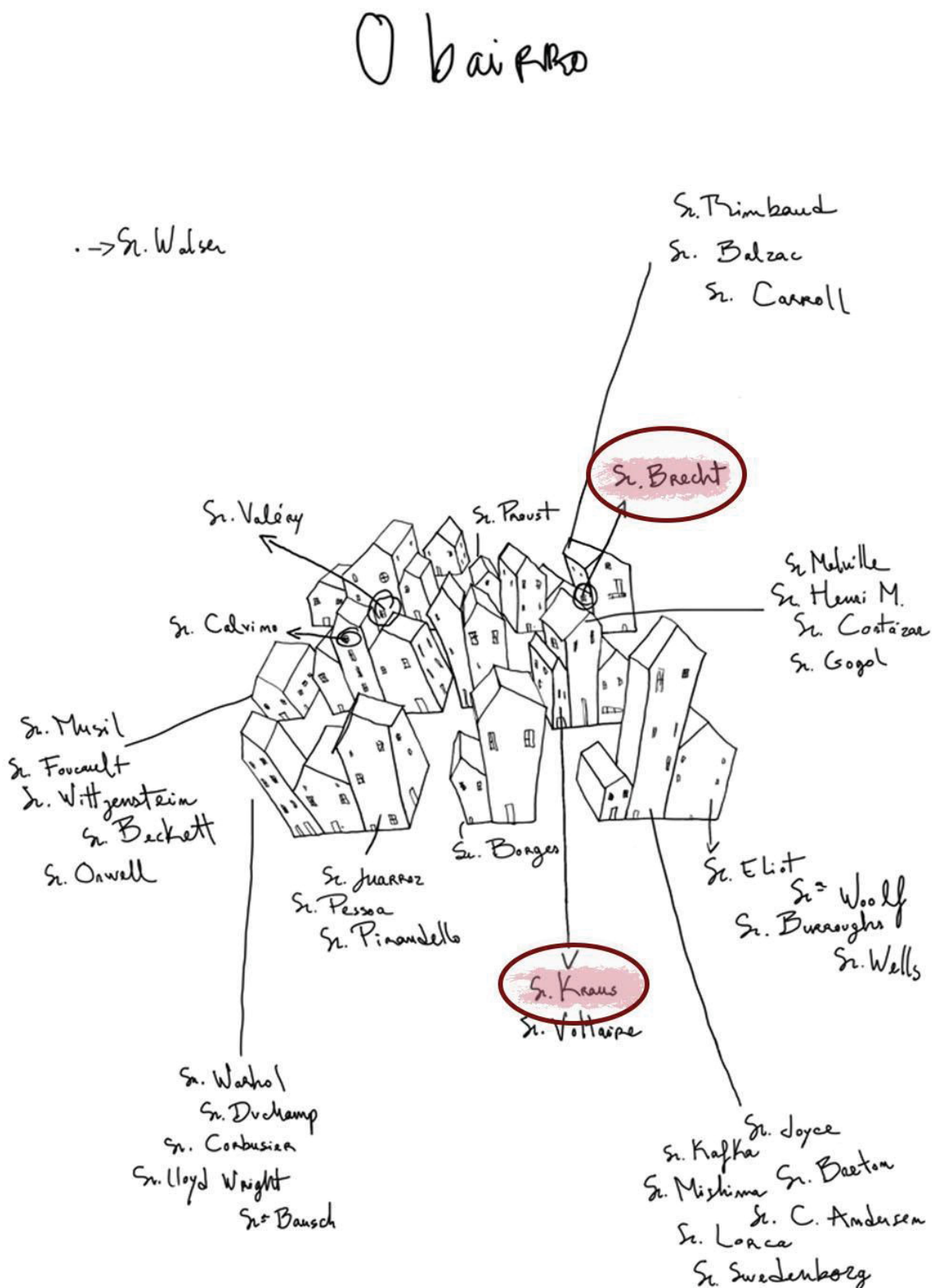


(TAVARES, 2007b, p. 68-69).

Ele não pôde mais avançar, como se pode observar pelo ponto no meio das duas retas, representando onde exatamente o senhor Calvino estava na rua. Por fim, ele estava prostrado em frente a um beco, no final da rua Sevignon.

5 OS CRÍTICOS

FIGURA 21 – OS CRÍTICOS NO BAIRRO



FONTE: extraída da série.

Neste capítulo, centraremos os nossos olhares em dois senhores de discernimento crítico peculiar: o senhor Kraus e o senhor Brecht. O primeiro, habitante do leste de *O bairro*, é cronista de jornal e foi convidado por um veículo a escrever sobre os eventos político-sociais do país. Detentor de um humor certo, Kraus constrói uma personagem-chave para desenvolver as suas histórias: o Chefe. Além dele, temos os denominados Auxiliares, que o apoiarão e ajudarão a executar os seus planos diários para desenvolver (ou não) a sociedade em que vive. Além disso, dois momentos são importantes de delimitar desde já, tendo como fronteira o dia das eleições governamentais: a primeira parte da obra refere-se a um Chefe negacionista, propagandista e trambiqueiro, antes das eleições; em seguida, surge um novo Chefe – pseudoaltruísta, demagogo e egocêntrico – após as eleições.

O senhor Kraus, por meio de seus textos, é capaz de estabelecer críticas de maneira alegórica, possibilitando-nos observar um espaço político muito comum aos nossos olhos. Entretanto, ele não é do tipo fácil de ouvir críticas aos seus comentários. Quando seus vizinhos cruzavam com ele, comunicavam que liam as crônicas no jornal, mas Kraus logo os interrompia, agradecia e dizia: "Estou atrasado!, desculpe" (TAVARES, 2007c, p. 101). Na verdade, ele não queria ouvi-los; alguns passos à frente, quase aos gritos, ele dizia: "Ser razoável é não utilizar a espada em pleno século XXI! Pelo menos a pistola" (TAVARES, 2007c, p. 101). Pois, se fosse para criticá-lo, que o fizessem sem demora.

Seu vizinho do mesmo prédio é o senhor Voltaire; no bloco ao lado, estão os senhores Melville, Henri, Cortázar e Gogol; aos fundos, estão o senhor Proust e o próximo senhor deste capítulo, o senhor Brecht.

O segundo senhor de *Os críticos* é o senhor Brecht, como dito. Habitante também do leste do mapa, sua voz aparece por meio daquilo que podemos chamar absurdo: pois, não atingiria seu sentido por completo, sem predeterminações, sem racionalidade. Suas discussões perpassam o que poderíamos denominar de sentido nefelibata, para criticar o ser humano em suas multiplicidades, em seu terreno mais absurdo, por meio, muitas vezes, de analogias e metáforas. São pequenos contos narrando a história da vida alheia, como se houvesse um julgamento das atitudes diárias de cada personagem, de uma totalidade geográfica. O espaço aqui é tido como o resultado das diversas formas de (sobre)viver em um lugar comum; pensa-se como poliédricas personalidades podem se conjugar e formar o espaço social, político,

econômico e cultural em que habitamos. Ora, o homem é fruto muitas vezes das sociabilidades vividas.

O senhor Brecht é vizinho dos senhores Proust (à direita), Rimbaud, Balzac e Carroll (à esquerda), além dos senhores Kraus, Voltaire, Melville, Henri, Cortázar e Gogol (à frente).

Algo em comum entre senhores Kraus e Brecht é importante de destacar antes mesmo de enxergarmos as suas histórias: ambos constroem as suas críticas esperando que atinjam alguns espectadores – o primeiro, por meio de suas crônicas em um veículo jornalístico; o segundo, em uma sala pública do bairro. Além disso, pouco a pouco os seus objetivos (de terem as suas críticas alcançadas) vão ganhando um *corpus* maior. Além disso, como diz Santos (2012a), é praticamente impossível pensar o espaço sem também pensar na manifestação do Estado e suas influências no desenvolvimento social do homem.

5.1 O CHEFE, SEUS AUXILIARES E UM ESPAÇO SOCIOPOLÍTICO: PONDERAÇÕES DO SENHOR KRAUS

FIGURA 22 – HABITAÇÃO DO SENHOR KRAUS



FONTE: extraída da série.

“A única forma objetiva de comentar a política era a sátira” (TAVARES, 2007c, p. 11). Esse era o pensamento expresso pelo senhor Kraus e que o guiaria ao longo dos seus dias, após ser contratado para comentar os grandes acontecimentos do país para um jornal da região. Escolhera comentar a política, o comportamento de quem a executa e seus propósitos com a coisa pública, com o povo e com os seus próprios interesses. Assim foi.

De início, pensando em Platão (2017), uma cidade adequada é aquela guiada pela justiça, sendo esta praticada somente por quem possui conhecimento, a razão. Para essa virtude acontecer, é preciso que haja equilíbrio e harmonia entre as diversas esferas que compõem um espaço. Entretanto, para chegar a essa ideia, a narrativa platônica percorre diversos percalços que transparecem o que de fato ocorre dentro de um governo: a justiça é trabalhar com a verdade, não restituindo o que pertence ao outro; é beneficiar os que são amigos (bons) e prejudicar os inimigos (maus); por fim, é dar vantagem àquele que é mais forte (o governo).

O Chefe – protagonista do senhor Kraus em suas crônicas – parece se pautar por esses conceitos para estabelecer o seu governo no país. Seus Auxiliares – ajudantes do Chefe ao longo de seu trabalho político – orientam-no, como se estivessem embaixo dos braços com *A República*, de Platão, para seguir aquilo que mais deseja seu governante: o poder cômodo, centrado em si mesmo e com a busca incessante de se manter no governo. Sob esse viés, ressaltamos o que nos apresenta Platão (2012, p. 32) sobre a ideia de governabilidade naqueles tempos e que perdurara, pelo menos na consciência do senhor Kraus, a cada nova crônica enviada para publicação:

A justiça e o justo [são] um bem alheio, que na realidade consiste na vantagem do mais forte e de quem governa, e que é próprio de quem obedece e serve ter prejuízo; enquanto a injustiça é o contrário, e é quem manda nos verdadeiramente ingênuos e justos; e os súbditos fazem o que é vantajoso para o mais forte e, servindo-o, tornam-no feliz a ele, mas de modo algum a si mesmos. E assim, ó meu simplório, basta reparar que o homem justo em toda a parte fica por baixo do injusto.

Em outras palavras, a prioridade, ao observar o espaço real, é o interesse particular; para muitos, é o bem comum segundo os seus valores, ignorando o estado do outro e as necessidades alheias. Se aquilo não o autopromove, não o autobeneficia, não é visto, tampouco atendido. Ocorre que o injusto consegue alavancar e executar os seus planos, enquanto o justo é barrado pela corruptividade do ser. Em virtude disso, todo aquele que adquire a oportunidade de se sobrepor a outro indivíduo, de praticar a injustiça, a faz; isso porque o homem é carregado de emoção, de valores ideológicos, o que pode atrapalhar diante de uma decisão social justa. Logo, muitos dos que se dizem corretos vivem pela aparência, sendo no fundo nada mais do que hipócritas, desenvolvendo-se por meio do Estado. Observa-se que

a *polis* ideal de Platão (2012), guiada pelo saber filosófico e voltada à harmonia entre os povos, não é a prioridade do Chefe nas crônicas de Kraus. O que temos é a falsa impressão de haver uma preocupação com o povo, em face de seu crescimento político.

5.1.1 Antes das eleições

Em uma tarde, o Chefe se trancou em uma sala, como forma, talvez, de se isolar do mundo, criando um exílio particular, ou simplesmente para se afugentar dos seus compromissos. Para os seus Auxiliares, quando fazia isso, ele sempre estava em uma reunião importante, não podendo ser incomodado por nada: “Se ele era o Chefe, portanto o ponto máximo, pensar de si para si próprio era ou não importante?” (TAVARES, 2007c, p. 14). Não proporia mais nada aos outros, mas precisava fazer com que aquele encontro fosse real, por isso, “para se sentir mais convincente, [...] começou a falar sozinho, como se discutisse com um seu qualquer pensamento anterior [...]: – Bravo! Excelente ideia!” (TAVARES, 2007c, p. 14). Dessa maneira, é possível que alguns, pelo menos, acreditassem no que ocorria dentro daquelas quatro paredes, até porque, com o seu costume tirano de ser (às vezes, é claro, uma vez que não conseguia manter nem entender muito a pose de ordem), um governante com aquela compostura era valorizado por seus colegas.

Diante de uma balbúrdia qualquer, por exemplo, o Chefe levantaria o dedo indicador, com uma postura totalitária, e tentaria intervir. Entretanto, “gostava [daquele] gesto; sentia-se a determinar o caminho à população. Só que em cima do seu gabinete não havia nada. Apenas compartimentos vazios. E uns lavabos” (TAVARES, 2007c, p. 15). Ora, a imagem não vale de nada, visto que nem o próprio Chefe sabe o que fazer com a sua postura e a tentativa tirânica de ser. O andar superior vazio, além disso, possivelmente nos dá margem a pensar que, não tendo nada nem ninguém acima dele, sua posição é propositalmente estabelecida naquele lugar.

E como a população nos últimos minutos não lhe saía da cabeça, sentiu-se comovido e espantado consigo próprio. Ele, que antes de ser Chefe nunca, mas nunca, pensara na população, estava agora com os pensamentos totalmente embrenhados nela; na população (que nunca conhecera) (TAVARES, 2007c, p. 15).

O Chefe pouco se importava, como se vê, com aqueles que não o beneficiariam. Ele mal sabia exercer o seu papel de liderança, a não ser que fosse com os seus Auxiliares ou quaisquer outros funcionários de seu gabinete. Não se importar com a população é uma das muitas atitudes que são tomadas por ele ao Outro⁴⁶. Quando os Economistas chegam à sua porta, por exemplo, alertando-o que é preciso cortar as despesas, seus Auxiliares já lhe adiantam que esses valores devem ser os dos Outros:

- Ah, as dos Outros! – exclamou o Chefe, aliviado.
- Sim, Chefe, mas tal não nos deve descansar. Porque os economistas (e esta palavra era dita como se existisse receio de a repetir em voz alta) quando dizem que é urgente cortar as despesas dos outros não deixam de olhar para nós. E fixamente.
- Para nós?! – exclamou o Chefe, indignado. – Mas nós não somos os outros! (TAVARES, 2007c, p. 17).

De fato, eles não eram os Outros, mas, financeiramente falando, os Economistas se referiam a eles pelo substantivo comum, como cidadãos que usufruem do dinheiro público, o que não foi compreendido pelo gestor – ou, talvez, foi entendido, mas sem a intenção de se colocar nesse grupo, visto que para ele não fazia sentido algum. Pensativos, todos daquela sala se ajeitaram, endireitaram o nó da gravata e o cinto das calças: “Esta coisa dos Outros – murmurou... – Esta coisa dos Outros sempre me intrigou...” (TAVARES, 2007c, p. 18), refletiu o sujeito, enquanto os Auxiliares tentavam amenizar a preocupação dele, mas, ao elogiar o povo, acreditando que fosse essa a intenção do Chefe, ele subitamente respondeu: “Calma, senhor Auxiliar – [...] –, não exagere! Os Outros são necessários! Necessários!, perceba bem esta palavra. Não são fascinantes [como haviam dito], isso é outra coisa” (TAVARES, 2007c, p. 18). Ora, se o povo é necessário, simplesmente, como alegou, é válido constatar que o objetivo de relação intencionado por ele é apenas hierárquico, para que ele se mantenha no poder, com os seus privilégios.

Entretanto, Lévinas (2000, p. 80, grifo do autor) propõe, como já apresentado no capítulo sobre Valéry, que a responsabilidade para com o outro, com os assuntos dos outros, é algo essencial e fundamental para a formação de uma sociedade: “Positivamente, diremos que, desde el momento en que el otro me mira, yo soy

⁴⁶ Os termos grafados em iniciais maiúsculas devem ser entendidos como personagens das crônicas do senhor Kraus. Se minúsculas, apenas serão termos comuns, como a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) preconiza.

responsable de él sin ni siquiera tener que *tomar* responsabilidades en relación con él; su responsabilidad *me incumbe*".⁴⁷ Ressaltando seu destaque, verificamos que, tomando sintaticamente o termo, o objeto verbal será definido de alguém a outro alguém, ou seja, indiretamente, a responsabilidade é fornecida sempre àquele que o contata, ainda mais quando nos referimos a um administrador do Executivo, como no caso do enredo de Kraus, aquele que deve por regra, bem como outros do poder público, olhar o outro e as suas formas. A partir do momento em que o Chefe olha para os Outros apenas como "necessários", essas responsabilidades caem por terra e não se cumprem como deveriam. O espaço social, por certo, terá uma lacuna a ser preenchida para o seu pleno desenvolvimento político, social e econômico dentro de uma hierarquia humana. Destarte, tanto Platão quanto Aristóteles, por exemplo, já adiantaram que a vida política surgiu para o homem e não para outro ser, isto é, foi uma necessidade de satisfação individual às próprias necessidades e organização de seu território, embora o sujeito viva de forma natural dentro de comunidades, desenvolvendo rotinas sociais. Entretanto, é relevante que esses grupos estejam vivendo essa comunidade de fato e que, dentro desse espaço social, haja uma instância de poder: "Existe política a partir do momento em que uma comunidade se coloca a questão do poder ou desde que o poder exercido por alguns [...] se exerça no quadro de uma comunidade" (WOLFF, 2003, p. 29). O poder acontece, dessa forma, nesses espaços políticos a partir de relações de autoridade entre os seres, seja para a manutenção comunitária, para a sua continuidade, seja para a separação explícita entre aquilo que pertence (ou incumbe) a nós – grupo de interesses próprios – e a eles – população⁴⁸.

É válido destacar que o Chefe confirmava sua postura individualista também por seus interesses negacionistas: ele "detestava geografia, economia, literatura, química, sociologia, engenharia, matemática, física, e ainda todas as ciências inventadas depois de Cristo. O que ele apreciava era o instinto" (TAVARES, 2007c, p. 19), ou seja, todo e qualquer conhecimento que pudesse favorecer a comunidade por meio do conhecimento científico era excluído de seus métodos de manutenção de

⁴⁷ "Positivamente, diremos que, desde o momento em que o outro me vê, eu sou responsável por ele sem nem ter responsabilidades em relação a ele; sua responsabilidade me incumbe" (Tradução nossa).

⁴⁸ Hobbes (1651), em *Leviatã*, sugere que todos os homens tendem aos interesses individuais naturalmente, não tendo, de forma absoluta, o senso de cooperação; para que isso se reverta, é preciso que um terceiro homem (um chefe) interfira no espaço social e defina formas de cooperação e preservação da vida dos seres.

poder. O instinto é uma atitude muito mais animalesca, como sabemos, do que humana, mas a política – como já dito – é uma atividade hierarquizante do ser humano. O Chefe tentou explicar o termo “instinto” aos seus Auxiliares, pois percebera que estes não haviam entendido o rumo de sua conversa, apenas concordavam com a sua fala, pois tinham a certeza de que ele dizia a coisa certa:

– O instinto (disse o Chefe, completamente envolvido na dissertação), o instinto é algo que nasce aqui (e apontava para o estômago) – e sobe, sobe, sobe (e lá acompanhava com gestos) até chegar aqui! – (e sua mão direita agarrava a própria garganta). – Aqui, percebe! [...] Mais do que à garganta – especificou o Chefe (ele especificava muito bem) –, o instinto sobe até ao meu vocabulário, e todo este fica assim como que possuído por uma força invulgar.
 – Uma força... – disse o Auxiliar – ... que uma inteligência normal não consegue perceber.
 – Exato. Nem uma inteligência normal nem uma invulgar: a inteligência não é ferramenta capaz de entender os meus discursos. Eu falo para a população! (TAVARES, 2007c, p. 19-20).

A população era para ele, portanto, um grupo não detentor de sabedoria suficiente para compreender qualquer informação que ele dissesse, por isso deixava-se ir por sua invulgaridade. Seu instinto o levava a agir conforme suas atitudes negacionistas com a ciência, com a produção de conhecimento, exercendo seu papel hierárquico, não necessitando de nenhum esforço de inteligência, apenas um instinto vocabular retórico construído conforme o momento da ação. Assim também era o Chefe com os objetos de seu espaço social. O mapa do país, por exemplo, foi lido por seus Auxiliares para que ele pudesse exercer o seu trabalho sem confundir as regiões e as localizações daquele território, porém sua distração e sua displicência eram tamanhas que ele confundiu aquele pedaço de papel com um lenço de assoar o nariz: “Raio de lenço que me ofereceram! – protestou. – É para partir o nariz!” (TAVARES, 2007c, p. 21). Sem entender – e sem querer protestar –, os Auxiliares alertaram o Chefe de que aquilo não se tratava de um lenço; este apenas ignorou o valor intencionado dos funcionários de o ajudar a se localizar e assoou novamente, agora orientado a usar a parte que representava o litoral: “É a melhor maneira de não fazer uma ferida no nariz. É mais mole” (TAVARES, 2007c, p. 22).

Essa certa “ingenuidade” do Chefe se apresenta em outros momentos: ao colocar o pedaço de papel como descanso de copo para proteger a mesa do vinho que escorria pela taça; ao servir de rascunho de discurso das falas públicas; às vezes

ele o perdia, como também o extraviava. Entretanto, ele sempre tomava cuidados com a representação geográfica para não a estragar por completo: “Limpava todas as umidades e nódoas líquidas – vinho e outras substâncias – apenas com a parte do mapa que representava o interior do país – a zona mais seca” (TAVARES, 2007c, p. 47), o que não deixava de ser correto e uma solução bem-intencionada para problemas naturais enfrentados por algumas regiões do país. É verdade, portanto, que o Chefe não conseguia diferenciar a realidade de uma representação dela, talvez pelo negacionismo científico já percebido em suas atitudes ou pela simples ignorância em buscar soluções rápidas para problemas grandiosos. O gestor mantinha, no entanto, em seu bolso uma programação dos canais televisivos, porque, segundo ele, tudo que não coubesse na TV não poderia pertencer ao país:

O meu conceito de fronteira – repetiu o Chefe – é definido pelas linhas que delimitam o ecrã da televisão. Tudo o que surge fora do ecrã não pertence ao nosso país, está já para lá da fronteira. [...] Depois de recuperar o fôlego e de dar tempo aos Auxiliares para exercerem os seus olhares de admiração incontida, o Chefe disse, num tom definitivo, enquanto, com o seu polegar esticadinho, e com a intensidade da devoção religiosa, ligava o botão do seu ecrã: – É este o meu país (TAVARES, 2007c, p. 51).

Limitar-se ao senso comum é muito do que alguns indivíduos fazem no cotidiano, talvez por ser mais cômodo e aparentemente preciso, não se dando o trabalho de pensar acerca do que e como fazer. Quando o Chefe define que o mundo dele estava dentro da televisão, ele confessa que o seu trabalho (e de todo e qualquer político) só será bom se estiver sendo transmitido. A relação mídia-política revela-se mais forte do que se imagina, até porque isso se torna responsável pelas deliberações sociais dos sujeitos, pelos pensamentos discutidos entre os indivíduos e pela medição de popularidade de gestão. O sistema político tem como aliados os meios de comunicação, e não só eles, pois, segundo Santos (2014), a globalização advinda desde o século XX permitiu que novos meios de informação ganhassem força, unificando cada vez mais os processos de informatização. Mais do que isso, a televisão, bem como os outros meios, possibilitou que esse agente se aproximasse cada vez mais da população, sem ao menos se deslocar pelas regiões. Eles conseguem, digamos, encurtar as distâncias, permitindo independências presenciais e transmissão de informação em tempo real; a distância não é um motivo, portanto, de isolamento entre os indivíduos:

A instantaneidade da informação globalizada aproxima os lugares, torna possível uma tomada de conhecimento imediata de acontecimentos simultâneos e cria entre lugares e acontecimentos uma relação unitária na escala do mundo. Hoje, cada momento compreende, em todos os lugares, eventos que são interdependentes, incluídos em um mesmo sistema global de relações (SANTOS, 2017, p. 203).

Ora, esses sistemas conseguem registrar todo o mundo e seus respectivos eventos dentro de um quadro múltiplo de acesso às informações diárias da totalidade, por meio de seus noticiários, por exemplo. A interdependência simultânea é, dessa forma, explorada pelos detentores de poder, como o Chefe criado pelo senhor Kraus, de modo a aproximar os seus interesses e sobrepô-los aos dos subgrupos, controlando-os ou pelo menos guiando-os por um caminho nebuloso e falacioso. Seria assim, também, uma forma de chegar a todos os cantos do mapa do país, até mesmo os pequenos vilarejos que, por alguns instantes, recebem alguns fluidos nasais. Aparentemente, ao apresentá-lo dessa maneira, o senhor Kraus critica a postura ditatorial do Chefe, pouco se importando com as regiões ou para garantir que a hierarquia seja respeitada, colocando-o como um ser superior aos indivíduos dos vilarejos:

A vantagem de conhecer bem o país, em particular a sua geografia, é que assim pode enviar ordens para cada cantinho. Se souber de geografia as suas ordens podem ser exaustivas, ao metro quadrado. É quase como ter uma folha quadriculada e preencher todos os espaços com as suas diretivas. Não deixar nem uma pequena elevação ou um miserável riacho fora do benfazejo alcance das suas medidas políticas (TAVARES, 2007c, p. 54).

O pensamento de um dos Auxiliares encantou os olhos do Chefe, que de imediato acatou a sua sugestão e já se apegou ao mapa para encontrar a aldeia mais escondida que teria o privilégio de receber as suas ordens diárias. Todavia, o espaço político se benfazeja pelas atitudes por vezes incoerentes dos indivíduos que o ocupam e o comandam. Um bom político, seguindo os critérios críticos do senhor Kraus, sempre fará as coisas para se promover, mas, para ser algo bom, a ação precisa ser vista; observemos:

Do outro lado, homens seguindo as ordens do Chefe dispararam em direção aos pássaros mais lentos [...].

Deste lado, o Chefe recolhe um ou dois pássaros feridos e, *à vista de todos*, trata de recuperá-los, com entrega, dedicando-se, dia após dia, em exclusivo, à sua recuperação. Salvar, pelo menos um dos pássaros, passará a constituir uma obsessão.

Um homem ingênuo poderá pensar que seria mais fácil não ter dado primeiro ordens para disparar sobre os pássaros. No entanto, no ano seguinte o processo será repetido (TAVARES, 2007c, p. 45, grifo nosso).

Esse homem ingênuo não entende que o fato de aquilo estar sendo feito **à vista de todos** é intencional, a fim de garantir a manutenção da imagem no espaço social. Politicamente, tudo tem de ser visto e parece ser correto, pelo menos para quem executa. De qualquer modo, isso não foi suficiente para que ele se mantivesse no poder. Após as eleições, esse Chefe daria vez a outro Chefe, que entraria, talvez, com as mesmas perspectivas e intenções do antigo, fazendo seu trabalho para ser visto, ignorando os interesses democráticos e a presença da população: “Depois de qualquer eleição a sensação dos políticos [...] é a de que o povo mais profundo acaba de entrar todo num comboio, dirigindo-se [...] para uma terra distante” (TAVARES, 2007c, p. 66). Esse mesmo povo só voltaria a ser visto e percebido pelo político na próxima eleição, que, segundo o senhor Kraus, é um intervalo importante para que haja uma mudança no caráter do indivíduo e para adquirir uma nova paixão genuína. É certo que, após as eleições, esse sistema tem a possibilidade de se modificar ou de fortalecer mais ainda as raízes do antigo governo. Importa, por ora, saber qual postura será tomada pelo Chefe no outro dia.

5.1.2 Depois das eleições

O Chefe agora tinha como missão acabar com as redundâncias, ou seja, aquilo que se repetia no bairro; só, por exemplo, não seriam “eliminados” os Auxiliares, que se mantinham os mesmos, com os seus mesmos objetivos: “O coração dos Auxiliares agora batia melhor! Com mais inteligência, dir-se-ia, não fosse o coração um órgão especializado em outros assuntos” (TAVARES, 2007c, p. 77). Eles estavam há algum tempo sem fazer algo, aguardavam novas ordens, novas orientações para continuar o seu trabalho. Estavam ali, também, dispostos a exercitar as suas habilidades de conselheiros, orientando as ações do Chefe para conseguir um espaço social democrático como deve ser, em todas as esferas.

O regresso parecia (e é importante vermos como aparente desde o princípio) promissor, pois as formulações partiam do gestor de forma muito animada e diferente do antigo agente político. No parque de estacionamento do prédio, o Chefe decidiu reformular a disposição dos espaços, antes tida de acordo com a hierarquia das pessoas. Ele não via com bons olhos o fato de os carros serem diferentes em suas qualidades conforme o poderio dos indivíduos: “Parecia-lhe importante que, à vista desarmada, mesmo um desconhecedor absoluto de marcas, qualidade de arranque e motor, pudesse distinguir um simples diretor-geral de um ministro” (TAVARES, 2007c, p. 81). Assim, os espaços reservados ao governo agora seriam destinados para diferentes tipos de transporte, incluindo bicicletas, cavalos e burros, “como a boa norma do respeito hierárquico aconselha e, apesar da diferença de velocidade atingida nas retas, os que vinham de burro, por hábito, chegavam primeiro” (TAVARES, 2007c, p. 82). Seguindo as suas primeiras (e aparentes) determinações, os de transportes mais simplórios deveriam ser priorizados, visto que a hierarquia era por ele vista de forma invertida, com prioridade – no valor democrático – ao povo.

Contudo, o senhor Kraus já nos alerta que ações como essa servem apenas como meras distrações para outras acontecerem – sejam elas boas ou ruins –: “Quando o político nos fala do céu, e aponta o dedo para o alto dizendo, veem?, é aí, nesse momento, que devemos olhar atentamente para os objetos que ele guarda na cave” (TAVARES, 2007c, p. 83). Mas é correto dizer que o Estado, em caráter organizacional e econômico, é importante para a fluidez geográfica do espaço social. Por mais que o ar corrupto esteja visivelmente sob sentinela dos seres, a existência dessa instância de poder faz com que todos os outros sistemas funcionem; de qualquer forma, o papel político atual do governo é devido “às novas necessidades, às quais a maioria dos indivíduos não poderia isoladamente responder, como as ligadas ao tamanho tecnológico dos instrumentos de trabalho, de comunicação, ou de informação” (SANTOS, 2012b, p. 222). Consideremos, assim, que o Estado parte de um princípio de subespaço para integrar uma totalidade, tomando a frente dos outros para a administração das instâncias superiores, determinando a conjuntura do país, no caso das crônicas do senhor Kraus. É claro que o Estado reforça, por ora, as ações sobre os espaços já existentes, bem como novas determinações para o território:

Ainda que o Estado seja considerado o fator número um, existem variáveis cuja evolução lhe escapam momentaneamente. A explicação

dos modelos de funcionamento destas variáveis deve-se ao fato de que um grupo de variáveis e um pedaço do território são suscetíveis de se modificar diferentemente, segundo a escala de ação respectiva (SANTOS, 2012b, p. 232).

Acontece que, nesse contexto, é preciso avaliar a intensidade de influência do Estado a partir de suas organizações e funcionamento, além do espaço social que sofrerá as alterações julgadas necessárias pelos chefes. Ademais, o espaço de realização das ações políticas encontra (ou deve encontrar) resiliência para perpassar o tempo e as relações determinadas em seu ambiente. Pelas teorias de Santos (2012b, p. 233), um Estado se forma por meio de três elementos essenciais: o território, o povo e a soberania; “a utilização do território pelo povo cria o espaço. As relações entre o povo e seu espaço e as relações entre os diversos territórios nacionais são reguladas pela função da soberania”, ou seja, pelas determinações do Estado (guiadas pelo Chefe!), o território não se modifica por si só, mas recebe alterações de acordo com os interesses soberanos de um sujeito. Ele é marcado pelo tempo, nas extensões dos anos, décadas e séculos. Esse lugar

se chama *espaço* logo que encarado segundo a sucessão histórica de situações de ocupação efetiva por um povo – inclusive a situação atual – como resultado da ação de um povo, do trabalho de um povo, resultado do trabalho realizado segundo as regras fundamentadas do modo de produção adotado e que o poder soberano torna em seguida coercitivas (SANTOS, 2012b, p. 233, grifo do autor).

É a forma como esse poder é exercido que determina o modo de relações a ser desenvolvido pelos moradores de determinado espaço. Em suma, o espaço social para o Estado se desenvolve e acontece diante do modo de produção, do sistema político usado e dos momentos de utilização dos lugares pela população. Acontece que, quando um desses estruturantes não age em sua extrema e genuína função, o espaço social não consegue acontecer em sua integralidade. O Chefe, ao se negar ou preferir as demagogias, é um exemplo disso, ele que, inclusive, vivia em discursos prematuros e pseudoaltruístas. O Chefe, dentre suas primeiras decisões após as eleições, decide criar uma lei que não prejudicasse ninguém. Consoante seu pensamento, era preciso desenvolver uma legislação que satisfizesse todos os anseios, a fim de que os protestos constantes (iniciados sempre após uma lei nova) acabassem antes mesmo de tomar as ruas: “É que, de fato, havia sempre um grupo de pessoas que se sentia prejudicado” (TAVARES, 2007c, p. 87). O trabalho foi

constante e difícil, até porque é difícil fazer com que uma lei que atinge a todos agrade as diferentes classes na sociedade: “– Façam uma lei que não prejudique ninguém, nem uma pessoa, nem um velhinho, nem um desgraçado. [...] - Isso que nos pede não é uma lei, Chefe, é um milagre – disseram os Auxiliares” (TAVARES, 2007c, p. 87). Mesmo após diversas discussões, foi difícil chegar a um consenso e a uma decisão final, porém um dos legisladores propôs algo que poderia agradar o Chefe: uma lei que decidia que essa mesma lei não decidia nada. Assim, seria possível fazer com que os interesses múltiplos de uma totalidade fossem agradados e nenhum protesto ocorresse após a sua deliberação e publicação. Ela ainda permitiria que muitas outras leis no mesmo sentido fossem criadas e a ideia (desses sujeitos) de melhorar a realidade sem ter de modificar nada no espaço social seria concretizada:

- [...] Deixa-se sempre a coisa ambígua, indeterminada. Fala-se de algo como se todos soubessem o que é esse algo. Eu não sei o que é esse algo, o Chefe não sabe, ninguém sabe, porém pode ter uma certeza: a população gosta deste tipo de leis.
- Gosta?
- Claro que gosta. Poder fazer de uma maneira ou de qualquer outra? Há alguém que não goste deste tipo de imposições?
- Mas o que é que muda com isto? – perguntou o Chefe. – O que é que muda, por exemplo, com: ‘Esta lei decide que esta lei não decide nada’.
- Não muda nada.
- Nada?
- Nada. Mas é o que a população quer (TAVARES, 2007c, p. 91-92).

Seria mesmo o que a população gostaria? Não se sabe ao certo, mas o ato de não fazer nada seria, segundo os Auxiliares e a própria aceitação do Chefe, um comodismo necessário, visto que os grupos sociais, como um todo, “não notam a diferença” (TAVARES, 2007c, p. 92), subestimando o potencial e sabedoria da população. O senhor Kraus, de forma crítica como sempre, aponta que esse comportamento do Chefe só revela um *status quo* de superficialidade permanente: “Leituras profundas... – murmurou o senhor Kraus. O político não lê livros, quando muito lê os seus títulos. Faz o mesmo com as pessoas” (TAVARES, 2007c, p. 93). Quer dizer, em um olhar instantâneo, as pessoas não são interessantes para o seu cotidiano, apenas para a sua manutenção no poder. Não há, de todo modo, conhecimento sobre elas, não há sabedoria válida e de proveito, apenas ações diárias vazias.

Coerente com sua postura e posição política e moral do momento, o Chefe gostava de dar o exemplo. Podemos compreender esse complemento verbal de duas formas: ele podia ser alguém exemplar, referência em suas ações, inspiração aos seus auxiliares, à população; ou podia simplesmente exemplificar qualquer coisa, com qualquer comentário aleatório, ter o exemplo como se fosse algo material, que pode ser entregue a alguém. O Chefe prefere a segunda opção. Todas as vezes que alguém ia lhe pedir algo, ele dava o exemplo e o cidadão saía de seu gabinete insatisfeito, pois o que intencionava não era obtido:

E era sempre assim. Não dava apoio às pessoas que precisavam de apoio, não dava dinheiro às pessoas que lhe pediam dinheiro, não dava roupa às pessoas que precisavam de roupa, não dava casa às pessoas que precisavam de casa, não dava guarda-chuva às pessoas que estavam a apanhar chuva. Em suma: não dava alimentos, não dava água, não dava cobertores, não dava uma lâmpada, um bocado de sal, um parafuso, nada, não dava nada a ninguém, nada! Dava apenas exemplo (TAVARES, 2007c, p. 104).

Não se sabe se era preciso que ele desse algo a alguém, mas o que transtornava a população era o fato de ele não ceder nem às suas obrigações como líder político. Agora, ao se referir aos impostos, o senhor Kraus exemplifica muito bem as intenções escondidas por trás do tributo e dos chefes: “Trata-se no fundo [...] de um problema de crença, [...] temos de passar a ideia de que os impostos são bons para a pessoa que paga impostos. Quanto mais pagar, melhor para ela” (TAVARES, 2007c, p. 105). Os Auxiliares, em consonância, ressaltam que isso deve ser feito de forma pedagógica, por meio de “complexas fórmulas e complexos raciocínios econômicos” (TAVARES, 2007c, p. 105). Ironicamente, verificamos que a intenção, na verdade, é que a população, de tão complicados que fossem os cálculos, não se sentisse capacitada para questionar qualquer valor e simplesmente efetuasse os pagamentos. Por esse raciocínio, o Chefe consegue demonstrar qual de fato era a intenção de todos os chefes do mundo:

- A questão é simples: os impostos servem para melhorar a vida do país. Certo?
- Certo.
- Portanto...
- Portanto: quanto mais impostos um indivíduo pagar, mais o país melhora a sua qualidade de vida.
- Ou seja...

- Ou seja: quanto menos dinheiro cada pessoa tiver por mês para viver
- pelo fato de pagar mais impostos – mais dinheiro tem o país, no geral.
- No limite: quando alguém compra um pão com manteiga e o come, está, objetivamente, a roubar esse pão com manteiga ao país.
- Isto é: quanto pior cada pessoa viver, melhor viverá o país.
- Exato.
- Viva pois o país! – exclamou o Primeiro Auxiliar. O segundo concordou.
- A questão é: estamos ao serviço dos interesses do cidadão singular ou do país como um todo?
- Do país como um todo, Chefe! – gritaram, em uníssono, os Auxiliares.
- E repetiram ainda, com os braços levantados:
- Como um todo! Como um todo!
- E o país pertence a todos! – insistiu o Primeiro Auxiliar.
- Exato. A todos!
- Portanto, se o nosso objetivo patriótico é melhorar a qualidade de vida do país, o que temos a fazer é...
- Piorar a qualidade de vida de cada cidadão!
- Aí está! (TAVARES, 2007c, p.107-108).

Para o senhor Kraus, isso nada mais é do que o retrato oficial do Chefe, quem realmente ele era por trás das ações popularmente pensadas, como se estivesse mesmo em uma democracia: “Alguns políticos entendem a palavra ‘povo’ como se fosse um seu pseudônimo – disse o senhor Kraus” (TAVARES, 2007c, p. 109). Tuan (1980, p. 173) infere que uma cidade às vezes, por aparência, consegue se tornar ideal quando uma burocracia também é ideal: “No mundo animal, o poder é raras vezes expresso diretamente como uma força física. No mundo humano, é exercido através do reconhecimento e aceitação dos símbolos de legitimidade”. Sob esse viés, quando aquele que se coloca à frente da democracia se põe como detentor do poder e tenta transmitir isso por suas ações (complexamente, neste caso), a cidade passa a ser percebida como um sistema exequível. É certo, porém, que, “como ideal, a cidade parece em grande parte perdida para nós, enquanto os seus defeitos, como meio ambiente físico, tornam-se cada vez piores” (TUAN, 1980, p. 172). Lembrando os caminhos de Platão, a cidade, quando liderada pelo conhecimento, é capaz de ser um lugar perfeito. É por isso, talvez, que o Chefe prefere não se aliar à ciência, para garantir que ela seja ideal apenas a ele e aos seus Auxiliares. O seu senso de justiça é o único caminho coerente para os seus princípios, mas sem o controle de suas emoções, visto que seu senso ideológico e egocêntrico se disporia a ajudá-lo a tomar as decisões.

O senhor Kraus, por ora, ao entregar a última crônica ao jornal, avisa-nos daquilo que é inevitável em todo espaço sociopolítico: “No mundo, em breve, apareceria outro Chefe, depois outro, e outro. Sempre o mesmo, portanto” (TAVARES, 2007c, p. 114). Os múltiplos chefes, de personalidades únicas, sempre existirão e da mesma forma, com as mesmas posturas e intenções. Contudo, esse posicionamento individualista, às vezes, não se sustenta, embora os seus Auxiliares bajulem-no a todo instante, tentando garantir que os seus propósitos ocorram como devam ocorrer, por conivência. Às vezes, engrandecem as suas atitudes, às vezes falam sobre os seus atributos físicos – um deles costumava enaltecer a qualidade do ar que expirava o Chefe. Este agradecia, procurando uma modéstia esquecida em si mesmo, mas sabia que aqueles argumentos eram apropriados para a pessoa que ele era:

Na verdade, o Chefe ouvia estas palavras como alguém que ouve que dois mais dois são quatro. Alguém lhe dizia o óbvio: ele era excelente sobre todos os pontos de vista, e a sua respiração – em particular a expiração – era magnífica! Ele sentia, de certa maneira, que o mundo, não de um ponto de vista geral, mas o mundo concreto, a natureza, os elementos da atmosfera, deveriam, em conjunto, se falassem e fossem delicados, agradecer-lhe esse brilhante modo de expulsar dióxido de carbono. Ninguém expulsa o dióxido de carbono como eu, pensava o Chefe (TAVARES, 2007c, p. 116).

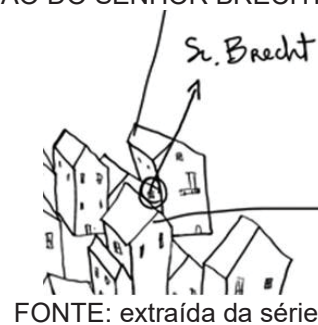
O Chefe gostava daquelas palavras dirigidas a ele; por vezes, os elogios o faziam esquecer o cansaço do dia, mas também o deixavam curioso para saber o quanto aquilo poderia ser verdade. Eles estavam no quarto andar de um prédio, observando a sua expiração, até que um acidente acontece:

O Auxiliar, como estava a meio de um elogio, não foi a tempo de evitar a tragédia. É que o Chefe queria mesmo ver como era o aspecto do seu ar expirado quando saía na vertical, de cima para baixo. Inclinou-se então mais para a frente. E ainda mais. E mais. E mais. E mais. Até que exagerou e não teve tempo de voltar para trás (TAVARES, 2007c, p. 119).

O ego o matou. Todas as suas teorias sobre si mesmo não puderam ser comprovadas.

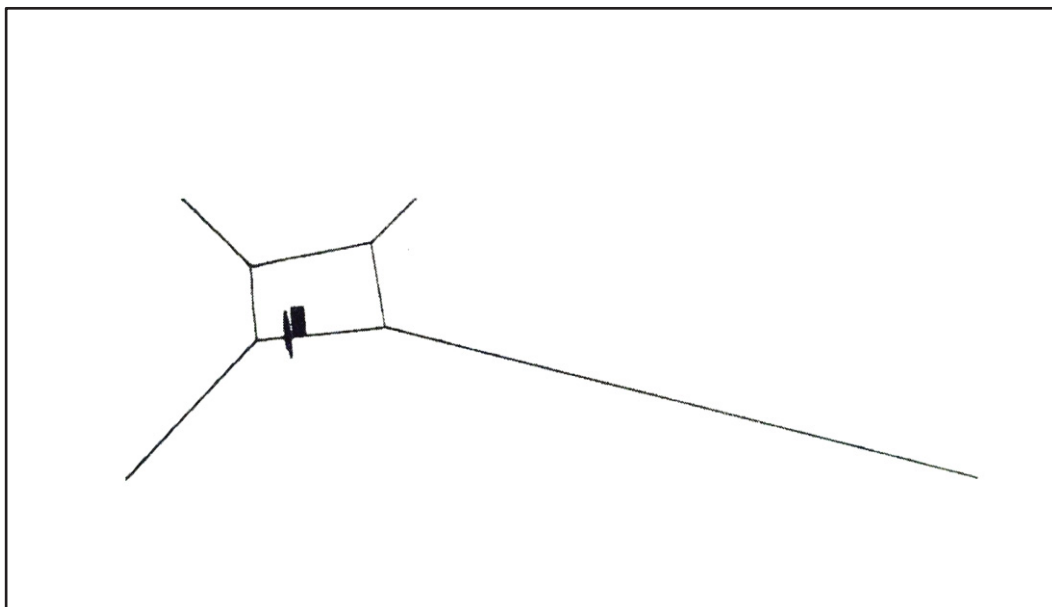
5.2 O SER HUMANO E SEU ESPAÇO *SUB JUDICE*: OLHARES DO SENHOR BRECHT SOBRE O MUNDO CONTEMPORÂNEO

FIGURA 23 – HABITAÇÃO DO SENHOR BRECHT



O senhor Brecht gostava de filosofar e de contar as suas histórias. Em uma sala, naquele instante praticamente vazia, inicia as suas teorias sobre o mundo contemporâneo e as composturas dos seres humanos que o habitam. Sinceramente, ele disserta a esmo, mas com a certeza de que estaria pensando as relações particulares de cada um para acrescer a uma sociedade como um todo. Suas falas iniciais ainda não têm espectadores:

FIGURA 24 – A SALA DE REUNIÃO (INÍCIO DAS REFLEXÕES DE BRECHT)



FONTE: Tavares (2005b, p. 13).

O desenho comprova a solidão momentânea do senhor, mas que não foi suficiente para impedir que se tecessem críticas, como esperado. Pouco a pouco, esse cenário foi se modificando.

5.2.1 O ser humano e as intuições de poder

Resgatando o que nos aponta Platão (2017), uma cidade ideal é aquela guiada pelos filósofos, ou seja, por aqueles que detêm o conhecimento, a sabedoria. Sob essa perspectiva, o poder só pode ser exercido pelos homens, por serem de natureza humana, não animal – este só é capaz de exercer poder por meio da força. Entretanto, ao ressaltar a importância dos filósofos, o senhor Brecht contraria essa concepção, visualizando a prática, de fato. Para ele, o que se sobrepõe no poder não é o conhecimento, mas, sim, a força: “O filósofo dizia que só os homens faziam o importante, enquanto os animais só dispunham de ações insignificantes. Foi então que chegou o tigre e devorou o filósofo” (TAVARES, 2005b, p. 43). Os homens, pois, são insignificantes com o seu conhecimento, quando, na prática, a força se sobressai diante de teorias da antiguidade. O que vale realmente, pensando nisso, não são aqueles que governam com a sabedoria, os que possuem teorias válidas; o que é realmente importante é aquele que desenvolve a prática. Acontece que muitos, infelizmente, nem a prática conseguem demonstrar, de fato, e o que fica é a simples teoria ou, mais raro, até tentam movimentar o espaço social, mas, para isso acontecer, é preciso que as ações sejam feitas coletiva e democraticamente.

Para ilustrar esse pensamento, tomamos o que Brecht narra sobre um possível país agradável. Nesse lugar imaginado, o ambiente é muito agradável para se viver, mas as pessoas são extremamente preguiçosas – mesmo aquelas que não deveriam e, de modo geral, guiariam outras. Com essa característica, as ações e decisões do presidente não conseguiam ser cumpridas, porque a preguiça era maior do que o normal: “Quando o presidente [e todos os outros subsequentes, em outras gestões] ordenou que defendessem as fronteiras, eles [os homens] bocejaram” (TAVARES, 2005b, p. 15). Como consequência disso, todas as fronteiras foram invadidas, uma atrás da outra, ano após ano. Sempre os homens bocejavam e prostravam-se. Em certo momento, o país estava tão cheio que não havia mais um controle populacional: “Já não havia gente em mais lado nenhum: concentravam-se todos naquele país agradável” (TAVARES, 2005b, p. 15). O presidente, então, teve uma ideia que inovaria e mudaria o destino de todos naquele espaço imaginário: invadir o restante dele, visto que todos os outros territórios estavam vazios, “porém, todos os homens bocejaram” (TAVARES, 2005b, p. 15). Diante dessa postura egoísta da maioria, o presidente decidiu avançar sozinho. Às vezes, é certo, algumas atitudes

precisam ser tomadas sozinho; é possível que, depois disso, todos os outros o seguissem, pois, com a liderança atuando, as posturas poderiam ser diferentes. Talvez por isso todos bocejassem, pois não só de imperativos seguiria o indivíduo, sem o exemplo sendo dado.

É preciso, pensando na noção de sociabilidade sartreana, fazer com que o ser humano exerça o seu papel de existência no mundo: o sujeito é forçosamente, em seu estado comum, obrigado a se relacionar; compreendamos essa ação acontecendo com outros sujeitos, consigo mesmo e/ou com as instituições sociais, mas sempre de forma dialética (ora, a instituição governamental, a exemplo do que apresenta Brecht, deve ser aquela que guia, não somente a que ordena). Sartre (1963), Santos (2012a) e Cassirer (2012), vistos em um tênue caminho, afirmam que isso é algo inerente à existência do ser e necessário para a evolução social. A troca recíproca de ações exige, em um espaço social, um reconhecimento da existência do outro lado, de ambos os agentes. Assim, se um deles ignora a presença e as importâncias do outro, as incompreensões podem gerar problemáticas trágicas, conflitando, aos poucos, a existência de uma totalidade geográfica coerente e salutar.

Brecht aponta para o prejulgamento como uma forma de quebra da sociabilidade. Em certa analogia, ele coloca um homem que, aparentemente, não tirava o chapéu para nada, em nenhuma situação. Isso provocava um estranhamento na população, porque aparentava ser uma postura ignorante e mal-educada por parte do indivíduo. Ninguém entendia o porquê de isso ocorrer e quais eram as intenções desse rapaz: “Aos poucos, a população começou a ganhar repulsa pela [possível] indelicadeza desse homem, e, com os anos, esta agressividade cresceu até chegar ao extremo: o homem foi condenado à guilhotina” (TAVARES, 2005b, p. 20). No dia de tal evento, o rapaz apareceu com o seu chapéu e todos ali observaram a sua insistente obsessão pelo objeto em sua cabeça; todos esperavam o fatídico momento ocorrer, até que a lâmina caiu sobre a cabeça, fazendo-a rolar pelo chão ainda com o chapéu grudado: “Aproximaram-se, então, para finalmente arrancarem o chapéu àquele mal-educado. Mas não conseguiram. Não era um chapéu, era a própria cabeça que tinha um formato estranho” (TAVARES, 2005b, p. 20), isto é, as pessoas, segundo Brecht, costumam julgar antes de realmente saber, desenvolvendo estigmas,

estereótipos impertinentes na sociedade, condenando certos indivíduos a cargas de opressão extremas e, por vezes, fatais⁴⁹.

Observando sob o ponto de vista sartreano, os sujeitos em uma sociedade, quando muitas vezes agem da mesma forma, sobrepondo seus valores individuais como mais importantes do que os dos outros, rompem com as barreiras de uma sociabilidade recíproca, em que devíamos olhar também à necessidade do outro. Nós vivemos no prático-inerte, dependendo daquilo que já foi vivido e instituído a nós como certo (SARTRE, 1963). Às vezes, o indivíduo é capaz de seguir outro rumo e não estar com a massa, naquilo que fora preestabelecido socialmente, mas vai depender do prático para que o inerte se reverta:

El campo práctico-inerte es el campo de nuestra servidumbre, y esto significa no una servidumbre ideal sino la sumisión real a las fuerzas ‘naturales’ a las fuerzas ‘maquineas’ y a los aparatos ‘antisociales’; lo que quiere decir que todo hombre lucha contra un orden que lo aplasta real y materialmente en su cuerpo y que contribuye a sostener y a reforzar con la lucha que hace individualmente contra él. Todo nace en esta línea que separa y al mismo tiempo une a las grandes fuerzas físicas en el mundo de la inercia y de la exterioridad [...] y los organismos prácticos (SARTRE, 1963, p. 521).⁵⁰

A alienação presente no espaço social se dá justamente porque o sujeito vive em uma inércia pré-inserida em seu contexto de vida, o que não justifica as posturas e ações de opressão tomadas no cotidiano. Entretanto, como vemos, todo ser tem a capacidade de colocar uma força transformadora prática sobre a passividade inerte. Destarte, as relações entre os indivíduos, por vezes distribuídas pela impotência do ser, buscam posturas antissociais para garantir a sobrevivência em um espaço social opressor e hierárquico, que julga sem antes saber a verdade. A cultura da coletividade,

⁴⁹ Essa peculiaridade humana não é algo tão somente de *O senhor Brecht*. Na série *O reino*, como já referenciado na nota 42, os narradores de Tavares nos apontam a um sujeito opressor, maléfico e problemático em suas relações. Além dessa série, indica-se outras narrativas tavianas que perfazem um caminho analítico perante o comportamento humano inerente a sua natureza: *Histórias falsas* (TAVARES, 2008a) – com algumas paráfrases filosóficas pensando o ser no limiar da ficção; *Os velhos também querem viver* (TAVARES, 2014e) – uma novela inspirada em *Alceste*, de Eurípedes, para avaliar as posturas dos seres diante das incógnitas; e *O torcicologologista, Excelência* (TAVARES, 2017) – que, por meio de diálogos filosóficos, coloca-nos a pensar dois lados das situações da vida.

⁵⁰ “O campo prático-inerte é o campo de nossa servidão, e isso significa não uma servidão ideal, mas a submissão real às forças ‘naturais’, às forças ‘máquinas’ e aos aparelhos ‘antissociais’; o que significa que todo homem luta contra uma ordem que, real e materialmente, esmaga-o em seu corpo, além de contribuir a sustentá-lo e reforçá-lo com a luta que ele individualmente trava contra ela. Tudo nasce nesta linha que separa e ao mesmo tempo une as grandes forças físicas no mundo da inércia e da exterioridade [...] e os organismos práticos” (tradução nossa).

sob os preceitos de Brecht, nada mais é do que o oposto a esse estado, pois há, por trás de tudo, uma força interna ativa e recíproca que se interliga dentre as várias possibilidades de estado comum. Quando o indivíduo se isola do mundo, em seu estado de existência, em seu campo de conforto, ele também recria um espaço de vários seres isolados, que, internamente, se relacionam pelo mesmo ato, vários isolados formando um grupo social.

5.2.2 O ser humano e o estado de resiliência

O senhor Brecht narra: a um sujeito desempregado disseram que lhe ofereciam um emprego com a condição de que lhe cortassem a mão. Como ele estava há muito tempo nessa condição e com os seus filhos para criar, acabou aceitando a oferta, só que, pouco tempo depois, foi demitido e teve de voltar ao estado original, de desempregado com filhos. Novamente, fizeram a mesma oferta a ele, mas agora de cortar a mão que lhe restava. Sem pensar, ele aceitou. “Mais tarde foi despedido e de novo procurou emprego. Disseram-lhe: só te oferecemos emprego se te cortarmos a cabeça. Ele estava desempregado há muito tempo; tinha filhos, aceitou” (TAVARES, 2005b, p. 17). O homem, nas suas condições de carência e necessidade, submete-se a quaisquer situações. Dentro de um espaço, o indivíduo é o outro e demanda atendê-lo conforme os processos de subsistência se aproximam. Viver em um espaço, pensando no que diz Certeau (1998) sobre o fato de que este só se efetiva quando se constroem relações, obriga muitas vezes o ser a se colocar em resiliência.

Em outra metáfora, Brecht conta:

Um pássaro foi atingido com um tiro na asa direita e passou por isso a voar na diagonal. Mais tarde foi atingido na asa esquerda e viu-se obrigado a deixar de voar, utilizando apenas as duas patas para andar no chão. Mais tarde foi atingido por uma bala na pata esquerda e passou por isso a andar na diagonal. Uma outra bala atingiu-o, semanas depois, na pata direita, e o pássaro deixou de poder andar. A partir desse momento dedicou-se às canções (TAVARES, 2005b, p. 19).

Era, assim, o único instrumento que ele poderia usar diante da situação pela qual passou. O pássaro precisou se adaptar a qualquer custo para não se tornar vazio diante das contribuições sociais – há pessoas que agem da mesma maneira: diante de diversas situações de dificuldade, elas adquirem a necessidade de, na falta de uma

parte importante, deixar-se levar por outra que possa ocupar a ausência. Urge, ainda, pensar que as motivações para essas condicionantes, geralmente, vêm de um outro que tenta fazer com que a sua vida seja interrompida. Por vezes, essa situação caminha a partir de uma burocratização estabelecida pelo Estado para o funcionamento de uma sociedade, o que, de acordo com os pensamentos sartreanos, é um sistema de hierarquização em que se coloca aos seres um ponto inferior inerte, no qual devem permanecer para receber as ordens e ser manipulados por aquele que está em um ponto superior. Nesse estágio, o homem é visto, percebido, mas não valorizado pelas suas habilidades, mas, sim, pelas orientações de uma hierarquia estatal superior, tendo sua última oportunidade de existência dentro de um grupo social.

Ora, o poder resigna a vida como instituição, deixando de lado os processos individuais para formar o grande grupo. Santos (2012a, p. 23) afirma que a universalização não exclui as particularidades do ser, mas simplesmente altera as dimensões geográficas, colocando o homem sob um interesse capital, em detrimento do sujeito: “Leis mundiais, definidas pelas necessidades do sistema em seu centro, agem sobre sociedades já desiguais pela ação anterior do capital, contribuindo para manter ou agravar as diferenças”, o que acaba por ser um problema, pois as diferenças se tornam cada vez mais evidentes, deixando mais díspares os territórios e suas respectivas composições.

Entretanto, Santos (2012a, p. 25) alega que uma sociedade globalizada acaba por ter um espaço também mundial e evoluído para permanecer: “num mundo em que as determinações se verificam em escala internacional, num mundo universalizado, os acontecimentos são comandados direta ou indiretamente por forças mundiais”, ou seja, o espaço necessita dessa construção globalizada, ao passo que os acontecimentos e cumplicidades (SANTOS, 2012a, 2017) constituem a unidade da totalidade. Para Brecht, a resiliência é ainda, diante dos eventos do espaço, uma inópia para a evolução da sociedade: “Tinha sido manicure num cabeleireiro. Depois das grandes mudanças no país, e aproveitando a anterior experiência profissional, era agora uma das funcionárias que amputava dedos aos criminosos” (TAVARES, 2005b, p. 23), metaforiza o senhor diante de seu público, agora já com a sala um pouco mais apinhada, com dois ou três visitantes. Além disso, é preciso refletir até que ponto os seres humanos são capazes de ser resilientes diante das imposições do Estado ou diante dos pontos cegos dos olhos hierárquicos de superioridade. Nem sempre todos

se incomodam com essas diferenças; às vezes, essas indisposições são reforçadas pelo próprio homem (e não somente pelo Estado):

A agência de viagens enganou-se e os turistas aterraram mesmo no meio de uma guerra.

Como fazia sol, e já que tinham trazido os bronzeadores e trajes de banho, os turistas sentaram-se nas varandas do hotel, a apanhar no corpo aquela luz quentinha, enquanto soavam os barulhos de bombas e tiros.

Já que traziam mapas e um roteiro da cidade, decidiram dar uns passeios e visitar as ruínas de edifícios, comparando-as com as ultrapassadas indicações do guia turístico.

Já que traziam máquinas fotográficas ao pescoço, decidiram tirar fotografias dos cadáveres espalhados pela rua (TAVARES, 2005b, p. 48).

A “ferida social”, por vezes, é apenas um espetáculo a ser acompanhado (e corroborado) pelos espectadores. Somos esse observador em um ponto inerte quando a desgraça, a dor do outro não incomoda. Partir para a ação depende de que ponto se parte e a que ponto se quer chegar: ser ou contribuir com o opressor ou posicionar-se ao lado do oprimido. Sucede que, como já ressaltado, os interesses capitais sobrepõem, às vezes, os interesses sociais e coletivos. Brecht, em uma de suas narrativas públicas, ilustra-nos isso com a relação entre uma viúva e seu morto: após o fato, o rapaz foi medido, mas – surpreendentemente – a morte havia lhe encurtado as pernas somente em duas horas póstumas, o que deixou a sua esposa muito revoltada, pois o caixão que ela havia comprado não serviria. O que causa estranheza, entretanto, não é o fato de ele não caber adequadamente em sua urna, mas de sua esposa chorar o dinheiro perdido em madeira para um morto 15 centímetros a menos: “A minha madeira, a minha madeira! – murmurava ela, sem que ninguém a ouvisse” (TAVARES, 2005a, p. 31). Seu interesse material foi mais explicitamente revelado ao, no dia do velório, chorar de forma intensa abraçada ao caixão, não com a dor da perda humana, mas pela perda financeira tida com a madeira. Poucos ali talvez não compreendessem sua atitude, pois em sua dor fúnebre só havia a sobreposição do capital sobre a dignidade humana.

5.2.3 O ser humano e as intervenções

O bosque desenvolvia-se lentamente, como era hábito desde há séculos, quando chegou um homem e apresentou um projeto. Durante

três dias deitaram árvores abaixo. Ao 4º dia repousaram do esforço. Passado um ano veio outro homem, olhou para o que agora era uma planície, e disse:

– Faltam aqui árvores. Nos três dias seguintes plantaram árvores.

Ao 4º dia repousaram do esforço. Ao fim de doze anos, o bosque estava outra vez recomposto. Chegou, então, outro homem (TAVARES, 2005b, p. 26).

O ciclo da narrativa anterior se repete na presença do homem, buscando alterar aquilo que é visto e percebido ao longo dos anos. O problema disso é que a presença do sujeito modifica aquilo que não seria modificado por natureza. De acordo com os pensamentos de Santos (2012a, p. 25, grifo do autor), a “Nação-Estado é a formação socioeconômica *por excelência*, não menos pela necessidade e complexidade das relações exteriores que pelas necessidades emergentes das sociedades locais”. Ora, a existência da instituição de organização social acaba sendo uma necessidade para que interferências no espaço sejam controladas – mesmo que as massas hierárquicas superiores contribuam com a expansão do imperialismo estatal. De qualquer forma, isso perpassa um caminho muito mais longo, que não é capaz de se controlar sozinho, senão pela presença do homem:

Hoje, o *espaço humano* compreende as áreas que permaneceram como *espaço biológico*, incluídas, porém, na rede de relações que, em nossos dias, já não são estritamente econômicas, senão também políticas etc., relações efetivas, mas também potenciais. Se existem espaços vazios, já não existem espaços neutros (SANTOS, 2012a, p. 26, grifo do autor).

Todos os espaços, dessa maneira, são (e devem ser?) ocupados pelo ser humano. Por ora, as necessidades de um processo globalizante fizeram com que os espaços naturais fossem substituídos por espaços humanos. Isso é justificado pelos interesses inerentes ao processo de desenvolvimento social, com as múltiplas preocupações do ser humano político. Emprestamos aqui a ideia de **espaço de conveniência** atribuída por Santos (2012a) para entender que esse território muitas vezes é tido pelo interesse e acontece de acordo com as utilizações dos indivíduos para desenvolver as suas relações sociais com o outro, consigo mesmo e com os lugares e subespaços. “Existe atualmente um ‘controle involuntário’ (ou ‘não desejado’) dos ritmos do espaço, desde que o tempo social, considerado como uma duração objetiva dos processos, é tão estreitamente comandado pelo Estado” (SANTOS, 2012a, p. 27), como também por todas as instituições que se colocam

hierarquicamente acima dos outros. Ademais, a exacerbação das relações por desejo próprio planifica o processo de evolução dentro do espaço, visto que a conveniência rege o desenvolvimento social, afetando, inclusive, os interesses racionais e a valoração no mundo do trabalho: “No Terceiro Mundo, [por exemplo], essa racionalidade permanece abstrata: o sistema ainda não pôde, aí, inventar uma falsa verdade para camuflar a realidade do não emprego e da miséria” (SANTOS, 2012a, p. 29).

No pensamento de Brecht, essa condição só vem de um único lado do espaço social e não é o do cidadão, mas, sim, do Estado: “O governo corrigia os desequilíbrios sociais colocando duas sentinelas em redor de cada pobre” (TAVARES, 2005b, p. 35). Dessa forma, possivelmente, o problema seria resolvido, mas pelo ponto de um único olhar, um interesse sendo atendido. É possível depreender que boa parte dos problemas de desigualdades socioeconômicas do mundo se deve às preocupações unilaterais. Não há, portanto, uma preocupação com um sistema de igualdade e justiça plena. O senhor pensa que uma boa opção seria cortar aquele que se sobressai no espaço – seja de maneira intencional, seja de forma involuntária. Pensa-se:

Um jardim tinha vinte e cinco árvores. Vinte e quatro eram pequeninas, e uma era enorme: com um tronco grosso e orgulhoso, com o topo parecendo tocar o céu. Visto de cima o jardim parecia ter uma única árvore.

Essa árvore, porém, cresceu tanto que os seus frutos ou eram comidos pelos pássaros, lá em cima, ou caíam: tornando-se autênticas bombas, tal a velocidade com que chegavam ao solo.

O dono do jardim como não aproveitava nada dessa árvore e como a queda dos frutos se tornava a cada dia mais perigosa, decidiu cortá-la.

Agora quem visse de cima o jardim ficava com a sensação de este ter aumentado, pois conseguia distinguir, claramente, vinte e quatro árvores (TAVARES, 2005b, p. 22).

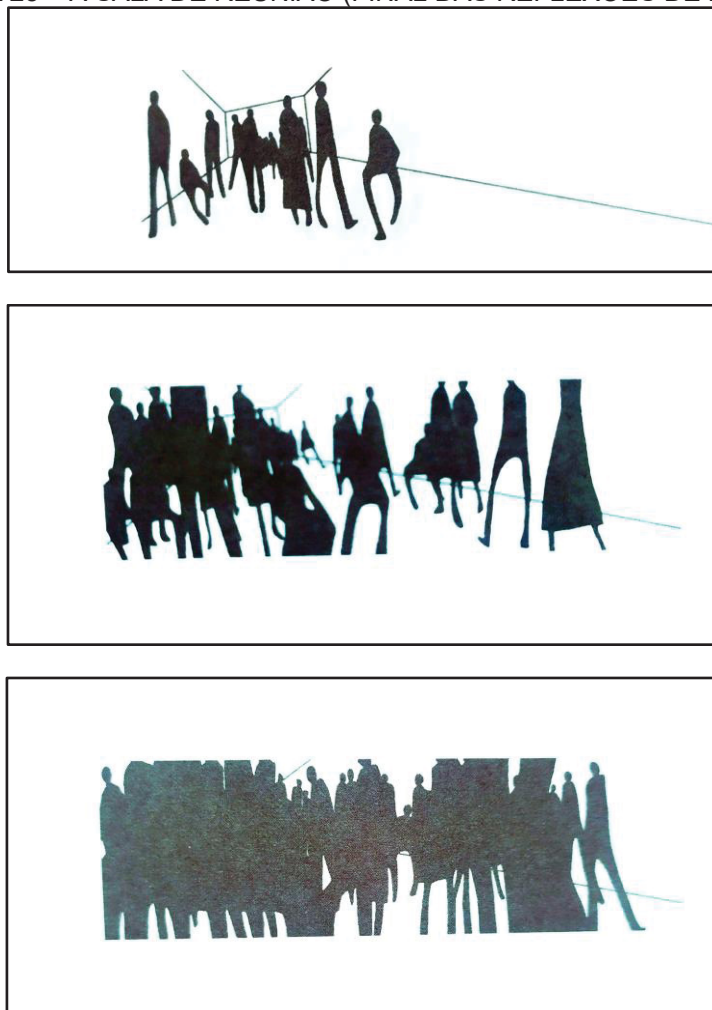
Muitas vezes, aquele que aparece não carrega a essência de sua totalidade. É preciso podá-lo para entender, de fato, de onde parte o sistema como um todo. Assim, ele deixa de prejudicar o espaço social sobre o qual sobrevoa e de ser aparente.

Já era fim de tarde e as falas do senhor Brecht se completavam. Seu último pensamento era tentar resolver o dilema entre as sociabilidades do indivíduo e o Estado. De forma análoga, contou que uma galinha descobrira como resolver alguns problemas da cidade: ela “apresentou a sua teoria aos maiores sábios e não havia

dúvidas: ela tinha descoberto o segredo para todas as pessoas poderem viver tranquilamente e bem” (TAVARES, 2005b, p. 68). Todos os sábios a ouviram atentamente, pediram um tempo para refletir sobre o que havia lhes contado, pensar nas possíveis consequências que poderiam surgir. A galinha aguardava em uma sala à parte, ansiosa para saber o retorno dos sábios: “Na reunião, por unanimidade, e antes que fosse tarde demais, decidiram comer a galinha” (TAVARES, 2005b, p. 68), ou seja, não se querem soluções racionais que, eventualmente, não favoreçam os sábios, que possam, talvez, tirar o poder do Estado e do capital de giro na cidade.

Ao final, depois de sua última história, o senhor Brecht olhou para a sala e percebeu que sua solidão de início já não era a mesma. Naquele instante, havia muitas outras pessoas naquela sala, “as pessoas eram tantas que tapavam a porta. Como poderia agora sair dali?” (TAVARES, 2005b, p. 69).

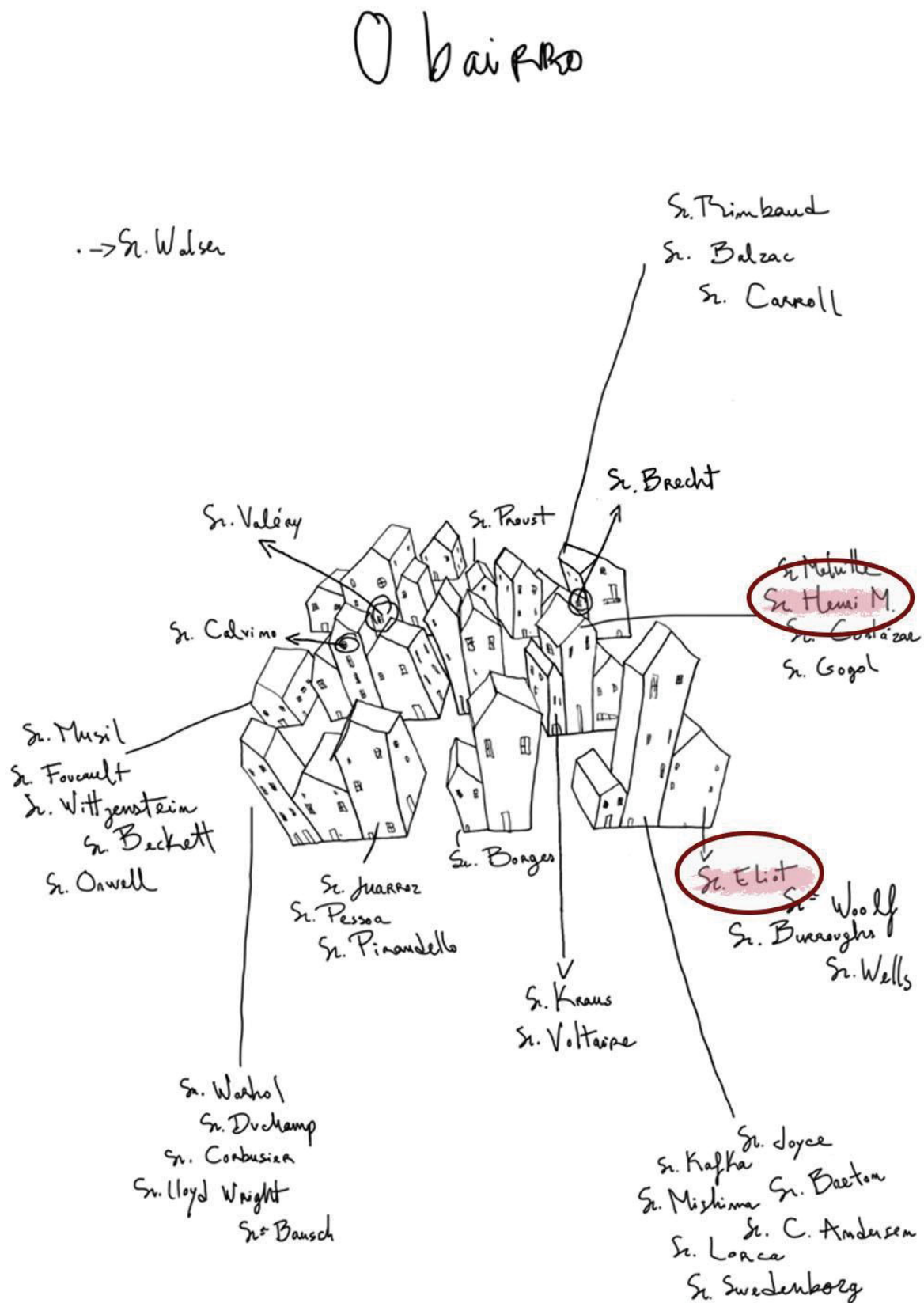
FIGURA 25 – A SALA DE REUNIÃO (FINAL DAS REFLEXÕES DE BRECHT)



FONTE: Tavares (2005b, p. 41-67).

6 OS OBCECADOS

FIGURA 30 – OS OBCECADOS NO BAIRRO



FONTE: extraída da série.

Neste capítulo, a leitura da série será feita a partir dos dois últimos senhores desse bairro (até então, tendo em vista que a série permanece em aberto): Henri e Eliot. Ambos podem ser categorizados como obcecados, em vista de seus vícios proeminentes, o absinto e as análises literárias, que, de tão profícuos, nos possibilitam entender o mundo próprio em que se colocam.

O primeiro, o senhor Henri, habitante do leste do bairro, tem uma relação muito afetuosa com o seu copo de absinto; é ele que enriquece cada vez mais a sua existência, dando força e voz aos discursos construídos ao longo da narrativa. Estes buscam ser reflexivos, mas se perdem, em algumas situações, nas digressões do senhor. É importante destacar que a escrita do narrador tem suas marcas próprias, de forma a demonstrar que o efeito do álcool em seu sangue fragmenta muito mais as suas falas. Todas elas são marcadas, inicialmente, por novos parágrafos e reticências, como se as coisas não precisassem fazer sentido – não é isso que ele busca, inclusive. Aqui, vemos a possível presença de um sujeito em um não lugar na totalidade, mas que, aos poucos, por sua ternura com aquilo que lhe dá prazer, nos mostra outra possibilidade de enxergá-lo.

O senhor Henri mora no mesmo prédio dos senhores Melville, Cortázar e Gogol; é vizinho dos senhores Kraus e Voltaire (ao lado), além de estar próximo dos senhores Brecht, Eliot, Breton, Swedenborg, entre outros.

Vizinho de Henri, o senhor Eliot – habitante do sudeste da região – é o último morador presente nas narrativas dessa série. Da mesma forma que seu vizinho de bairro e capítulo, ele é chamado aqui obcecado por buscar nas entranhas da literatura alguns versos para as suas análises em conferências públicas no bairro. São ao todo sete palestras, de análises feitas pelo senhor Eliot (aqui também um crítico literário, tal qual o seu homônimo T. S. Eliot [1888-1965]), a partir de sete versos, de sete poetas diferentes: Cecília Meireles (1901-1964), René Char (1907-1988), Sylvia Plath (1932-1963), Marin Sorescu (1936-1996), W. H. Auden (1907-1973), Joseph Brodsky (1940-1996) e Paul Celan (1920-1970)⁵¹. Lembremo-nos de que, na obra *O senhor Swedenborg e as investigações geométricas*, já havia sido apresentada a obra pertencente a Eliot. Na narrativa, Swedenborg vai a uma das palestras do companheiro, mas – ainda no início da fala do conferencista – ele se distrai em suas

⁵¹ Não há, a princípio, uma justificativa para a escolha desses poetas, mas, se pudéssemos selecionar algo coerente em comum entre eles, seria o tempo em que se dedicaram à produção literária, todos no século XX, entre a Literatura Modernista e a Contemporânea, tal qual T. S. Eliot.

análises matemáticas e percorre todo o enredo em sua internalização, sem prestar sequer atenção em algo proferido naquela sala. Ao final, durante as palmas dos presentes, ele acorda no final da análise crítico-poética do dia.

O senhor Eliot vive no mesmo prédio da senhora Woolf e dos senhores Burroughs e Wells; ao seu lado, moram os senhores Joyce, Breton, C. Andersen, Kafka, Mishima e Lorca; no bloco ao lado, o senhor Borges; atrás, os senhores Kraus, Voltaire, Melville, Henri M., Cortázar e Gogol.

6.1 UM COPO DE ABSINTO, POR FAVOR: O ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E O NÃO LUGAR

FIGURA 26 – HABITAÇÃO DO SENHOR HENRI



FONTE: extraída da série.

O senhor Henri, na companhia de si mesmo, provoca diversas reflexões acerca dos elementos do mundo. No entanto, a cada novo gole no copo de absinto, essas informações ficam cada vez mais próximas da incógnita do que da exatidão, além de serem carregadas de um enciclopedismo humano – e não culpemos simplesmente a presença do álcool em sua corrente sanguínea, seria candura demais pensar que esse senhor só se aprofunda quando cambaleante após a bebida; suas ideias estão sempre ali, precisam apenas de uma motivação. Henri costuma trabalhar o seu conhecimento, descrevendo-nos, da melhor forma – como uma boa enciclopédia pede –, alguns dos itens de seu cotidiano no bairro.

Por ora, sem ainda ter tocado os lábios na bebida alcoólica esverdeada, ele nos incita a pensar sobre a existência do pensamento humano; diante disso, ele “ia carregado com dois cestos de compras. Eram garrafas. [...] Parou, por instantes, cansado, e pôs-se a pensar encostado a uma árvore [...]: já se faziam cestos no neolítico” (TAVARES, 2012a, p. 13). Depois, ele não falou mais nada, pois aparentava estar muito cansado, com respiração ofegante o bastante para permanecer ainda encostado à árvore. Certamente, faltava-lhe um copo de absinto para que a reflexão pudesse ser completa e palpável; não era possível fazer daquele momento propício

para concluir pensamentos sem antes o álcool tocar a sua corrente sanguínea. O destilado, consumido rapidamente por ele, demoraria em torno de 30 minutos para fazer efeito e ocasionar reflexões mais naturais – pelo menos na própria concepção.

O senhor Henri pensou mais um pouco e depois disse: já percebo por que razão se começa a pensar.

... É por causa do cansaço.

... Se todos os homens tivessem uma boa condição física não haveria um único filósofo (TAVARES, 2012a, p. 13).⁵²

O pensamento, portanto, surge na inutilidade, na inércia, no vazio, segundo ele. Mas o que ele gostaria de ressaltar, na verdade, era que “...o absinto é o melhor estímulo para a cabeça que existe” (TAVARES, 2012a, p. 13). A filosofia só surge, assim, após um longo período de esforço físico e mental, de modo a nos deixar prontos à reflexão. Henri, já não mais ofegante e agora em uma mesa de bar, pede mais um copo de absinto: “Hoje sinto-me particularmente fraco. Já se faziam cestos no neolítico! – disse o senhor Henri. – Cestos!” (TAVARES, 2012a, p. 15). Suas digressões e fugacidades do tempo provocavam incômodos a quem o acompanhava na boemia, que demonstravam se preocupar muito mais com as suas particularidades: “Só me interessam os assuntos do meu bairro” (TAVARES, 2012a, p. 15), gritou alguém de forma ríspida do outro lado do balcão. Henri só teve a opção de concordar com ele, pedindo, ao final, mais um copo de absinto.

Já era tempo de, com quatro doses do destilado, seu corpo não mais agir da mesma forma que um corpo saudável agiria. Rindo às gargalhadas, porém um tanto confuso, ele imaginava ter perdido a hora de se encontrar com um amigo em outro ponto do bairro – havia combinado às quatro e meia da tarde, mas ainda eram 11 da manhã. Acelerou o passo, enquanto suas concepções tentavam se organizar. Antes de tudo, ele refletia sobre onde encontrar o seu pensamento: para ele, localizava-se “no espaço que existe, ainda vazio, entre as células e o absinto. É nesse pequeno espaço, é nesse pequeno resto, que eu consigo pensar” (TAVARES, 2012a, p. 17).

⁵² Essa escrita cambaleante, marcada pelos novos parágrafos iniciados pelas reticências, demonstra – não sabemos se propositalmente – esse apego cada vez mais presente ao absinto. Henri Michaux, poeta francês do século XX e inspiração ao senhor deste capítulo, era viciado em mescalina, um alucinógeno natural. O absinto, em contrapartida, tem em sua composição a presença de tujona, também um composto químico alucinógeno, embora este seja pouco sentido pelo usuário. A escolha pelo absinto talvez tenha sido para também demonstrar, como substituto, uma escrita sinestésica, de constantes (in)percepções e despersonalizações do espaço e do tempo. O absinto, inclusive, foi ensejo reflexivo de outros poetas, como Rimbaud e Verlaine.

Ora, a pensar no que nos traz Certeau (1998), o relato acerca de um lugar é uma possibilidade de transformá-lo em espaço, de fato. Em compensação, a localização do pensamento do senhor Henri não possui ação, sendo apenas o ponto intacto e imóvel, naquele instante; é bom lembrar que encontramos a ideia de espaço “sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram” (CERTEAU, 1998, p. 202). São as consequências das operações e/ou circunstâncias existentes, ou seja, o pensamento de Henri só encontra um espaço quando ele é exercitado, como um pedestre caminhando pela rua.

Aqui, podemos dizer que os relatos deste senhor são os instrumentos para demarcar o território, como sendo extensões das experiências; são “operações sobre os lugares [exercendo] também o papel cotidiano de uma instância móvel e magisterial” (CERTEAU, 1998, p. 207). O discurso se move ao local pretendido, ouvindo e vivendo as circunstâncias esperadas, sendo descritores importantes e necessários para a ocorrência de situações no espaço. Na narrativa do senhor Henri, quando há o relato ao leitor, tentando localizá-lo no lugar, o espaço se efetiva por meio das histórias e descrições: o absinto, o pensamento, os movimentos, as interlocuções, as relações, tudo funciona como um ato criador e organizacional de elementos sociais e culturais do sujeito:

O relato tem inicialmente uma função de autorização ou, mais exatamente, de fundação. Propriamente falando, essa função não é jurídica, isto é, relativa a leis ou a juízos. [...] [O relato] abre um teatro de legitimidade a ações efetivas. Cria um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes (CERTEAU, 1998, p. 209-210).

A heterogeneidade de movimentos e práticas sociais autoriza que os lugares habitados sejam apropriados pelo indivíduo que está sobre ele, ressurgindo a cada instante a funcionalidade de um espaço geográfico: não como somente o lugar imóvel e intacto, mas o retificador e espelho de vivências, neste caso, das experiências das personagens. Em certo momento, por exemplo, o senhor Henri exige o banco do jardim, como se fosse dele, por ser o seu preferido, a uma violinista que o ocupava. Ele, ali, resgata memórias e distribui absinto pelo corpo. A reclamação, para ele, procede, uma vez que há algumas prioridades e hierarquias a ser obedecidas na sociedade. Seu argumento é o de que o álcool havia aparecido muito antes do violino,

por isso aquele lugar lhe pertencia: “...muito antes de existirem violinistas já existiam pessoas inspiradas artisticamente pelo álcool. /... por isso, faça o favor de sair desse banco com o seu violino. /...porque esse banco é meu” (TAVARES, 2012a, p. 19), salienta Henri.

Ao se sentar, sob o efeito do álcool, ele conta que o seu corpo já não se encontrava com o espírito: “A minha alma já se levantou” (TAVARES, 2012a, p. 21), e, observando-se, percebe que não conseguia mais localizar o próprio rosto: “...há partes do meu corpo que só posso ver com os meus olhos, e há outras que só posso ver com a memória” (TAVARES, 2012a, p. 21). Ele se referia à condição de seu subconsciente ter a capacidade plena de usar a visão (um pouco mais antiga, por estar em outro tempo, no passado) em algumas condições, além de observar suas ações futuras, como a sua “vontade” ao obter os objetos antes do corpo. A única condição é pensar que os assuntos da natureza são diferentes (e com trajetórias distintas) dos assuntos do homem. O arco-íris, por exemplo, não consegue ter sua origem datada, pois “... os assuntos da natureza não têm data de invenção, / [...] são sempre mais antigos” (TAVARES, 2012a, p. 53). Após mais um gole de absinto, Henri destaca que algumas pessoas acreditam que existe arco-íris noturno, “que nós não vemos porque somos ceguinhos” (TAVARES, 2012a, p. 53). Isso só se dá porque não percebemos o progresso, e não só o senhor Henri, pois “bebemos um copo de absinto exatamente da mesma maneira que os habitantes da Roma Antiga” (TAVARES, 2012a, p. 53). Assim, a atemporalidade dos assuntos da natureza impede a ação de forma diferente.

Ora, é válido destacar, dessa maneira, que a presença da imaterialidade e da subjetividade de Henri aproxima experiências particulares e isoladas antes mesmo de o corpo poder efetivar as ações. Isso legitima o fato de o senhor querer tomar uma medicação para controlar os efeitos da vida, não só os do absinto:

Uma aspirina, disse o senhor Henri, enquanto engolia uma.
... serve para as dores de cabeça, dores nas mãos e nos dedos dos pés, dores de corno, dores de cotovelo, dores de coração, dores de alma, dores do espírito santo de orelha, dores de dentes, dores de gengivas, dores nas unhas demasiado compridas, dores no pensamento, dores nas conclusões, dores na carteira, dores nas hipóteses, dores na mulher do outro, dores no mandamento não cobiçarás a mulher do outro, dores na pilinha, dores nos testículos, dores no rabo, nas nádegas, nos sovacos, nos pelos dos sovacos, dores na uretra, dores nos seios no caso das mulheres, dores no

cabelo quando nos puxam, dores em todo o lado Nosso-Senhor-nos-acuda. E também para a asma (TAVARES, 2012a, p. 27).

Mesmo diante da falta de fôlego, o senhor Henri pede um absinto para se recuperar e, mesmo questionado por um velho ao seu lado sobre a necessidade de uma aspirina, destaca a importância de tê-la para uma possível ajuda (nos efeitos).

O senhor Henri, na sequência, observa o eclipse que possivelmente começaria no céu – assim ele esperava. Sendo noite, ele acreditava que isso poderia ocorrer tão em breve, embora houvesse alguns atrasos do evento. De acordo com os seus pensamentos, se os astros se atrasavam, o que poderia fazer o restante do mundo? Para ajudá-lo a fazer dessa possibilidade uma realidade, ele trouxe um binóculo junto dele para ser capaz de enxergar mais claramente a atividade: “...se os meus binóculos tivessem o comprimento que vai da Terra ao Sol, aí sim, eu veria as coisas mais próximas” (TAVARES, 2012a, p. 29). O fato é que o eclipse não dependia dele, embora quisesse, mas de uma experiência externa ao seu corpo. Ele relata que, em chinês, havia uma única palavra para eclipse e para comer: “O eclipse é uma coisa escura que come um astro” (TAVARES, 2012a, p. 29), salienta. Entretanto, já havia passado muito tempo e o fenômeno não acontecera. O senhor deixou seu objeto ao lado do corpo e, da mochila, tirou uma garrafa de absinto e:

depois de beber umas boas goladas, o senhor Henri disse: que belo eclipse! E bebeu mais umas goladas. Deitado no chão à espera que algo acontecesse no céu, o senhor Henri acabou por fechar os olhos e adormecer. Quando acordou, pegou a sua mochila e a sua garrafa de absinto e retirou-se. Tive um eclipse privado, disse o senhor Henri para si próprio, satisfeitiíssimo com os astros que conseguira ver no seu céu particular. Um eclipse que só depende de mim, eis o que trago nesta garrafa – disse o senhor Henri (TAVARES, 2012a, p. 29-30).

A experiência particular do senhor Henri se aproxima daquilo que Tuan (1983) chama experiência íntima com o lugar. De acordo com as suas discussões, essas ações são difíceis de explicar e expressar, pois devem ser sentidas; elas não precisam, digamos, da objetividade das descrições de imagens para ser compreendidas. A partir do momento em que esses movimentos passam a ser vistos pelo outro, o espaço deixa de ser algo único do ser e importante para a sua consciência, ou seja, ele se torna público: “Os momentos íntimos são muitas vezes aqueles em que nos tornamos passivos e que nos deixam vulneráveis, expostos à carícia e ao estímulo de nova experiência” (TUAN, 1983, p. 152). Para o teórico, a

criança é um bom exemplo dessa situação, pois ela consegue compreender a experiência íntima de forma mais fácil e menos exata do que o adulto. Ela se coloca tão facilmente em um patamar de fragilidade que sua permanência íntima no lugar demonstra-nos uma busca constante por conforto: digamos que “a pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (TUAN, 1983, p. 153). O homem cria suas pausas para estabelecer cuidado consigo mesmo, com os outros e com o espaço em que circula, o que acentua o seu sentimento com o seu espaço de intimidade. “Uma pessoa convalescente, [por exemplo], está consciente de sua dependência dos outros, [mas] a afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes” (TUAN, 1983, p. 153). Entendemos “convalescente” na sua essência, no sentido de poder (e necessitar) se ligar ao outro com facilidade, algo típico das raízes humanas e naturalmente experienciado em uma sociedade. O homem, lembremo-nos, tem a necessidade do outro para a própria existência. É certo, portanto, que nos lugares de intimidade o sujeito tem a habilidade de se recuperar, de se tornar melhor do que seu estado atual:

Para Santo Agostinho, o valor do lugar dependia da intimidade de uma relação humana particular; o lugar em si pouco oferecia além da relação humana. [...] A intimidade entre pessoas não requer o conhecimento de detalhes da vida de cada um; brilha nos momentos de verdadeira consciência e troca. Cada troca íntima acontece em um local, o qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não são guardados como instantâneos no álbum da família nem percebidos como símbolos comuns: lareira, cadeira, cama, sala-de-estar, que permitem explicações detalhadas. Não se podem desenhar nem planejar deliberadamente, com a mínima garantia de êxito, as ocasiões de troca genuína de intimidade (TUAN, 1983, p. 156).

Em uma experiência íntima com o próprio ser e com os lugares que o rodeiam, o sujeito acaba sendo capaz de encontrar uma afeição e comodismo satisfatórios para a sua existência. Os contatos pretendidos são garantidos com potencial qualidade nos descritores dos narradores das histórias. Muitas vezes, os lugares estão plenos de elementos comuns às personagens (e também aos leitores), como nos relatos de Henri. Eles se tornam conhecidos e capazes de despertar prazeres com a força catártica que por vezes os enredos exploram – é verdade que o encontro com os

efeitos estéticos (pulsando pelo belo) também influenciam para que haja um reconhecimento na leitura dos espaços de intimidade que fazem parte de nós, como na nossa própria casa ou no quintal, até mesmo na sombra da árvore onde repousamos para esperar certo fenômeno lunar surgir.

Inclusive, o senhor Henri às vezes acredita que o próprio corpo se põe como seu espaço de experiências íntimas, não por ser o seu corpo, mas por nele haver dois lados, que precisam ser alimentados com a mesma quantidade de absinto: "... é fundamental para o equilíbrio de um homem" (TAVARES, 2012a, p. 33). Isso porque ele havia usado a mão direita para embebedar o lado direito. Agora, ele usava a mão esquerda para alegrar também o lado esquerdo, na mesma quantidade e velocidade do lado oposto. "... o número dois é o número do equilíbrio. / ... e ainda os seus múltiplos. /...mais um copo de absinto, por favor, avancemos para os múltiplos!" (TAVARES, 2012a, p. 33), sempre aos pares. O senhor Henri avançava a cada múltiplo, aumentando sempre a quantidade de absinto para o seu corpo, obedecendo à regra dos dois lados do corpo. Ao tê-lo como um lugar só seu, Henri consegue se encontrar confortavelmente dentro de seu estado de ingenuidade e de patologia, buscando a experiência pura do encontro com a intimidade. O dilema, entretanto, é controlar a imaginação dos dois lados, sincronizando-as, até porque, segundo Tuan (1983), as ideias são poucas vezes originais, mas um exercício da memória. Esse retorno acaba com a experiência direta e com a proximidade com o espaço, porém as reflexões, quando feitas, conseguem reviver o contato com o espaço anterior, pois é preciso que ele (re)aconteça para compreender a situação pretendida e tentar explorar ao máximo nossos sentidos e todas as partes dos dois lados do corpo: "... é que nos dias que correm aprende-se por todos os lados do corpo. / ... o que na minha opinião é uma falta de higiene" (TAVARES, 2012a, p. 45). O senhor Henri justifica sempre as suas teorias pela presença do absinto em seu sangue. Sua filosofia é a bebida: "... eu tenho um sistema geral do pensamento, chama-se absinto" (TAVARES, 2012a, p. 49). É a sua teoria do mundo e do bairro.

Verificamos que essas suas experiências de intimidade, seus sonhos, desejos, reclamações e relações consigo mesmo percorrem os mesmos subterfúgios: o seu absinto e o estabelecimento onde é comercializado. Este pode ser chamado, de acordo com Augé (2012), como um não lugar ativo, visto que é o lugar de passagem de Henri, o lugar em que se originam todas as suas reflexões cambaleantes, posteriormente ao absinto.

O senhor Henri disse: este honrado estabelecimento tem sido a honra de assistir a alguns dos mais famosos discursos do senhor Henri, eu próprio, aqui presente nesta oportunidade.

... mais um copo de absinto, por favor – pediu.

... hoje, por exemplo, vou falar-vos do microscópio.

... o microscópio é um instrumento inventado para fazer grandes as coisas pequenas, enquanto os políticos são instrumentos inventados para fazer pequenas as coisas grandes (TAVARES, 2012a, p. 57).

E continua dissertando para os membros daquele estabelecimento, como se todos estivessem compreendendo o seu raciocínio. Suas reflexões sempre poderão ser tomadas como poesia, uma poesia que ocupa os espaços vazios dos pensamentos e multiplica o conhecimento das enciclopédias. Ele sempre se diz um bom leitor, um curioso nato que lhe faz saber de tantas informações, organizadas da melhor forma em sua mente.

Todavia, ao pensar esse lugar como um não lugar, segundo as discussões augenianas, excluímos toda a possibilidade de afeição que o senhor Henri mantém com o lugar. Ali, ele se sente próximo e resguardando os seus segredos de vida, como já vimos, até então. Dessa forma, atribuir-lhe tal classificação é um lapso, uma negligência com a própria vida do senhor e com a narrativa. Justifica-se isso a partir daquilo que o próprio Augé (2012, p. 73) considera um não lugar: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional, e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar”. Além disso, esse espaço não é capaz de transmitir memórias, pois é apenas um lugar de passagem, um comércio, é certo, mas “momentâneo”, sem registros e valores históricos:

Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias [...] um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero (AUGÉ, 2012, p. 74).

No bairro, o estabelecimento de passagem do senhor Henri é provisório, mas é também relacional, onde ele garante contatos com outros sujeitos, refletindo a sua enciclopédia. Ali, sua experiência mais íntima é trabalhada, com a sua obsessão pelo destilado. Portanto, por mais que ele seja motivado pelo álcool, o estabelecimento resguarda os seus valores a partir de seu gosto pelo absinto.

O próprio Augé (2012) prevê que o não lugar jamais consegue se efetivar por completo, pois depende de essas circunstâncias – como as do senhor Henri – não se efetivarem. Na maioria das vezes, um não lugar é mais conhecido como uma plataforma de transporte, como os aeroportos e rodoviárias, do que propriamente um estabelecimento, como um bar, embora os supermercados sejam bons exemplos para o autor. Não obstante, Certeau (1998) firma o conceito de não lugar de uma forma negativa, opondo-se a esse conceito já descrito, pensando-o mais como uma refutação de lugar, ou seja, como um espaço que não existe realmente, sendo impossível de se realizar em todas as esferas sociais. Tudo aquilo que não se encaixa como um lugar localizável e não se tornou um espaço – isto é, não se tornou praticável pelo sujeito, não houve interação e uma busca por relações – seria, então, um não lugar. No bairro, esse bar não tem nome próprio, não é chamado de forma identificável por nenhuma personagem, mas é um lugar de conforto e apego de Henri: “... quando eu deixar de frequentar este estabelecimento vossas excelências irão ter saudades minhas./ ...eu sou um dos grandes financiadores deste honrado estabelecimento” (TAVARES, 2012a, p. 59).

Se o senhor Henri fosse um viajante, seria mais fácil para compreendermos um não lugar como um espaço de passagem, simplesmente, pois é assim que se tratam essas situações: um lugar do viajante; inclusive, é preciso incluir nesses lugares, de acordo com Augé (2012, p. 81), o não lugar de si mesmo, pois, quando somos meros espectadores de nós mesmos, também estamos em um momento de passagem, simplesmente, “como se a posição do espectador constituísse o essencial do espetáculo, como se, definitivamente, o espectador, em posição de espectador, fosse para si mesmo seu próprio espetáculo”. Mas isso cabe, especificamente, ao viajante experiente, porque o turista tem o caráter curioso no olhar, apegando-se, mesmo que por um curto prazo de memória, aos lugares e às pessoas com as quais cruza, contemplando-os.

Ademais, o não lugar possui uma finalidade comum a todos os frequentadores: mesmo que neles haja uma frequência de relações iniciadas, percebemos que ali todas elas buscam um mesmo objetivo (comprar, viajar, consumir) e interromper-se-ão naquele instante, não se prolongando nem em tempo, nem em espaço:

Os não lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não lugares criam tensão solitária. [...] A mediação que estabelece o vínculo dos indivíduos com o seu círculo no espaço do não lugar passa por palavras, até mesmo por letras. [...] Os não lugares reais da supermodernidade, aqueles que tomamos emprestados quando rodamos na autoestrada, fazemos compras no supermercado ou esperamos num aeroporto o próximo voo para Londres ou Marselha, têm isto de particular - definem-se, também, pelas palavras ou textos que nos propõem (AUGÉ, 2012, p. 89).

Ora, todo o construto de uso da linguagem diante desses espaços possibilita que o não lugar se efetive, seja para proibir alguém de algo, seja para orientar ou informar o sujeito de algo. O senhor Henri costuma provocar seus discursos no balcão do bar na companhia de um bom copo de destilado e ressalta que, geralmente, se misturar o absinto com a realidade, obviamente a realidade ficará melhor – em todas as circunstâncias:

... podem crer, excelentíssimos ouvintes, que vos falo não por via de uma erudição, que sem dúvida alguma possuo em grandes quantidades; mas não, não é por aí que a minha voz vem.
 ... a minha voz vem da experiência, caros concidadãos!
 ... é verdade que se um homem misturar absinto com a realidade fica com uma realidade melhor.
 ... mas também é certo que se um homem misturar absinto com a realidade fica com um absinto pior (TAVARES, 2012a, p. 63).

O uso dos vocativos, desde o início de sua fala, comprova a companhia nesse não lugar, nesse aparentemente espaço de passagem, que, para muitos, de fato é apenas um lugar para o exercício do consumo, mas, para o senhor Henri, é quase um cômodo de seu lar, de seu espaço íntimo. Aliás, ele nunca teve coragem de misturar o absinto à realidade, para, segundo ele, não estragar o absinto: “... mais um copo de absinto, caro comendador. E sem um único pinga de realidade, por favor” (TAVARES, 2012a, p. 63).

Destaca-se, ainda, que dentro de um não lugar é preciso que haja um contrato firmado para sua existência, como um objeto que determine o modo de uso dele: “A passagem que ele comprou, o cartão que deverá apresentar no pedágio, ou mesmo o carrinho que empurra nos corredores do supermercado” (AUGÉ, 2012, p. 93-4). Para o senhor Henri, o contrato é o absinto, ou melhor, o copo em que se põe a bebida, pois é nele que o apreciador toca para efetivar sua presença no bar, além de, é claro,

sustentar os seus discursos, agora já mais públicos e intrigantes do que antes – já estava ele em seus últimos copos do dia.

Em plena fala sobre a forma como as moscas lavam as mãos, comparando a ação com a de Pilatos, na época de Cristo, alguém espiro, o que tenta o senhor Henri a discursar e ironizar a situação com mais ênfase:

... os lapões acreditavam que um espiro forte pode matar a pessoa que dá o espiro, mas se vissem o espiro que vossa excelência acabou de proferir, julgo que eles mudariam de opinião.
... um espiro desses pode matar os outros (TAVARES, 2012a, p. 88).

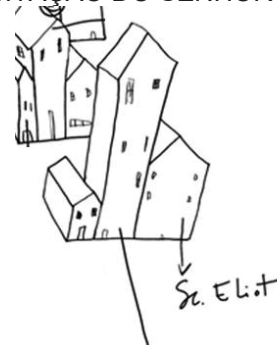
O espiro proferido o irrita de tal maneira que várias ofensas são buscadas ao emissor daquele gesto:

... vossa excelência fique sabendo que é um hipócrita, e a partir de hoje não me dirija a palavra.
... faz favor de fazer a minha conta, caro comendador, e peço desde já desculpas pelo meu nervosismo, mas o excelentíssimo patrão tem aqui na sua sala de visitas alguns intrusos que não dignificam este nobre chão que pisam (TAVARES, 2012a, p. 90).

E continua, enaltecendo a raiva por estar no mesmo lugar que aquele outro rapaz. Não podemos confirmar o porquê de ele agir de tal forma, mas desconfiamos, pela relação demonstrada, que Henri, de fato, tenha transformado aquele não lugar (AUGÉ, 2012) em um espaço social (CERTEAU, 1998), de afeto e experiências íntimas (TUAN, 1983).

6.2 OS ESPAÇOS LITEROGEOGRÁFICOS NAS CONFERÊNCIAS DO SENHOR ELIOT: SETE VERSOS, SETE FRAGMENTOS

FIGURA 27 – HABITAÇÃO DO SENHOR ELIOT



FONTE: extraída da série.

O senhor Eliot rotineiramente faz as suas conferências no bairro a determinado público. Seu objetivo? Analisar versos poéticos levando em conta as múltiplas vivências que um indivíduo pode ter em uma sociedade. Ao chegar ao auditório, logo avistou em uma das paredes grafitado: “O doutor Rojas (cuja história da literatura argentina é mais extensa do que a literatura argentina)” (TAVARES, 2012b, p. 7)⁵³. O senhor Borges, conhecido como o grafitador do bairro, recebeu a culpa por aquela mensagem, mas – decepcionando a todos – ele “murmurou um pouco convincente: não fui eu” (TAVARES, 2012b, p. 7).

Ali estavam os senhores Manganelli, organizador das conferências, Borges, Breton, Balzac e Swedenborg, que sempre se fizeram presentes, ao longo dos sete dias de fala do senhor Eliot. Às vezes, alguns outros senhores do bairro apareciam para saber o que acontecia no auditório, como Warhol, que espreitou no segundo dia o lugar e foi embora. A cada novo dia, o senhor Eliot percebia que não havia muita gente ali para ouvi-lo, mas era algo que não o incomodava a ponto de se negar a fazer as suas falas, com exceção do sétimo dia, quando não chegou a iniciar o seu discurso. Simplesmente a fala não ocorreu e não sabemos o motivo. Além disso, todas as conferências foram iniciadas com atraso; não sabemos exatamente o porquê, pois não temos a indicação, apenas a informação que Manganelli iniciava a fala no auditório e repassava o microfone a Eliot, já depois da hora combinada.

Aqui, propomo-nos a parafrasear essas conferências, como em um processo de metalinguagem realista, mas, por ora, pelo ponto de vista do espaço e das ideias propulsionadas de suas análises dos versos poéticos.

6.2.1 Primeira conferência: “Vem ver o dia crescer entre o chão e o céu”, de Cecília Meireles, e o espaço geográfico, segundo Eric Dardel

O senhor Eliot começa observando as noções implícitas deixadas pelo verbo “crescer” no verso. Para ele, o fato evidenciado no trecho de Cecília é uma mentira, pois o dia não pode crescer, tal qual pensamos sobre outros elementos e/ou seres na

⁵³ Ricardo Rojas foi um poeta argentino interessado nas origens da nacionalidade e identidade argentina; sua principal obra é a *História da literatura argentina*, escrita entre os anos de 1917 e 1922 e publicada em oito volumes (divididos em quatro títulos: *Os gauchescos*, *Os coloniais*, *Os bandidos* e *Os modernos*), sistematizando a literatura do país em cerca de quatro mil páginas (RICARDO, 2020).

natureza: “Note-se neste verso que o crescer de um dia não é em direção a um lugar alto qualquer. O dia poderia crescer em direção ao topo de um edifício. Mas não. Cresce em direção ao céu. [...] Reparem ainda que o dia [...] vem do chão” (TAVARES, 2012b, p. 15). Isso provoca uma incógnita em Eliot, capaz de o pôr a dedicar alguns instantes para pensar sobre o chão de onde parte o dia.

Uma dúvida se instala de imediato sobre este verso. De que chão se trata?

Porque se o dia, imaginemos, crescer desde o chão de uma montanha de três mil metros de altura até ao céu, será evidente que quem vem ver tem menos para ver, pois o percurso é menor (TAVARES, 2012b, p. 15).

A diferença entre os solos enaltecida por Eliot seria vista pelos geógrafos como uma possibilidade de colocar em prática o olhar sob as relações de singularidade que o homem pratica com cada lugar, com os elementos da Terra, com o chão, neste caso, “o conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino” (DARDEL, 2015, p. 2). É certo que a literatura nos ajuda a compreender as expressividades e a existência dessas territorialidades, como já vimos. Ora, na metonímia da obra, os continentes das palavras e narrativas nos fornecem conteúdos e (re)significações do mundo real – se é que podemos chamar assim –: “Os homens nas montanhas veem menos quantidade de crescimento das coisas, veem menos tempo as coisas crescendo” (TAVARES, 2012b, p. 15); a materialização das montanhas garante que esse relato saia da ficção e tenha sentido, embora – como o próprio narrador nos conta – o dia seja o mesmo para todos e possua a mesma quantidade de tempo em diferentes regiões.

No texto, o narrador ainda nos convida a perceber as dimensões dos espaços naturais ao comparar a montanha com o céu ou o chão com o céu, a partir, de acordo com o verso explorado, da voz de alguém que é convidado a ver o dia crescer. Dardel (2015, p. 8) explica que o espaço não é puramente homogêneo, tampouco abstrato pela forma; na verdade, ele “é o azul do céu, fronteira entre o visível e o invisível; é o vazio do deserto, espaço para a morte; é o espaço glacial da banquista, o espaço tórrido do Turquestão, o espaço lúgubre da landa sob a tempestade”, ou seja, são realidades que devem ser observadas nas suas mais diversas expressões, que, eventualmente, ficam isoladas na sua materialidade, mas que, para existirem como

tal, caminham geograficamente no sentido da presença do homem. É ele que explora os sentidos diante desses elementos.

Inclusive, o senhor Eliot pondera as múltiplas possibilidades de estar com o dia crescendo: vendo, ouvindo, cheirando, sentindo. O dia pode crescer, de acordo com as suas perspectivas, não somente pelos olhos, como também pode ser percebido por meio daquilo que ouvimos – como os pássaros ou os movimentos nas estradas: “Poderemos dizer que a cidade é tão monótona que tem horários para cada som” (TAVARES, 2012b, p. 16). Também, para um cego que seja surdo, cheirar é uma maneira de perceber a evolução do mundo, consoante sua reflexão; ainda, se esse cego e surdo perder também o olfato, poderá usar o tato e, depois, a presença do corpo no mundo, “ou seja, eu não vejo, não ouço, não cheiro, não toco; então: sinto. Sentir, poderíamos dizer, é a última hipótese do corpo” (TAVARES, 2012b, p. 17). Essa condição pode ser resumida com a ideia de utilitarismo de Dardel (2015), cuja natureza está centrada no interesse do homem pelo espaço geográfico, a fim de obter utilidade, o uso propriamente dito que gera produtos e enaltece a economia: “Habitável, cultivável, navegável, essas aptidões não esgotam o sentido deste ‘para o homem’, que exprime simples e genericamente o ponto de vista do homem” (DARDEL, 2015, p. 8) e tantos outros adjetivos de dois gêneros que possam ser atribuídos ao homem.

Ademais, destaca-se a importância que Eliot dá à forma verbal “vem”. Ora, esta indica decerto movimento, então é preciso que alguém se desloque de um lugar a outro; o que provoca a curiosidade do senhor, entretanto, é o fato de alguém ter tempo para ver algo crescer: “É que são poucos os que se deslocam para fazer algo inútil. E ver algo crescer é absolutamente inútil. As pessoas, como se sabe, quando muito, deslocam-se para ver algo nascer ou morrer” (TAVARES, 2012b, p. 18). E quando se pede para “vir”, segundo ele, é para fazer algo de interesse e “crescer não acrescenta qualquer caráter lúdico ou competitivo” (TAVARES, 2012b, p. 18); quer dizer, essa ação de importância no verso não possui tanta pertinência quanto se esperava, não havendo nada na natureza que possa impedir (ou tentar tornar concessiva) a ação de crescer. Inclusive, ele se questiona quanto tempo demora para que o dia possa crescer entre o chão e o céu, justificando ser relevante para poder medir a distância entre um ponto e outro, até porque, conforme o raciocínio de Dardel (2015, p. 9-10, grifo do autor), o espaço geográfico se revela quando ele atinge o

homem, comprovando a existência da espacialização cotidiana, em um ciclo de aproximações e afastamentos:

A distância geográfica não provém de uma medida objetiva, auxiliada por unidades de comprimento previamente determinadas. Ao contrário, o êxito de medir exatamente resulta dessa preocupação primordial que leva o homem a se colocar ao alcance das coisas que o cercam. A distância é experimentada não como uma quantidade, mas como uma qualidade expressa em termos de *perto* e *longe*.

A intenção de Eliot, na verdade, é salientar que todos os seres têm atividades a fazer e não podem perder tempo e espaço: “Não há ninguém civilizado numa cidade que tenha um dia vazio como uma gaveta vazia” (TAVARES, 2012b, p. 19). Portanto, quando o convite é feito, de acordo com o conferencista, é preciso que também se diga, especificamente, quanto tempo será usado para que o “vem ver” aconteça, assim como o lugar a que se deve “vir” para ver o crescimento do dia. Dessa forma, as noções de espaço geográfico poderão ser aproveitadas integralmente pelos indivíduos, sem surpresas durante o “crescer” ou, como ele mesmo diz, sem recusas precipitadas pelos homens.

6.2.2 Segunda conferência: “Estais dispensados, meus aliados, meus violentos, meus indícios”, de René Char, e a noção de evento, de Milton Santos

Eliot tenta decifrar, primeiramente, quem seriam esses três dispensados: aliados, violentos e indícios. É preciso localizá-los para poder observá-los, segundo ele: “Os amigos devem ser altos; [...] pois para que servem os aliados se não os localizamos” (TAVARES, 2012b, p. 25). Já o indício, se “é mínimo demais, então é nada, e se o indício é evidente demais então é uma coisa e não a promessa dessa coisa” (TAVARES, 2012b, p. 25); para ser um indício, ele precisa ser sussurrado, mas também compreendido. Por fim, crê-se que “uma coisa violenta é uma coisa forte que passa por cima de uma coisa fraca. Se uma coisa for fraca e quiser ser violenta será pisada, em vez de uma, duas vezes” (TAVARES, 2012b, p. 28). Pois bem, a questão posta por Eliot é da possibilidade de esses três conceitos acontecerem ao mesmo tempo ou de serem parte de um mesmo corpo, até mesmo a possibilidade de haver uma hierarquia, um processo de subordinação, evidenciada pelo uso do pronome possessivo “meus” de uma primeira pessoa a uma segunda pessoa “estais” (há uma

construção implícita de subordinação de alguém a outro alguém – um chefe e um funcionário, por exemplo) – pensando dessa forma, é possível explicar o motivo pelo qual esses três elementos não conversam, pois, obviamente, estão abaixo no nível hierárquico, “mas, se podem ser dispensados num certo momento, é sinal de que podem ser chamados noutra ocasião. São, portanto, disponíveis – como as coisas fracas” (TAVARES, 2012b, p. 28). Entender a noção de evento, assim, seria uma maneira de resolver o dilema para o senhor, visto que “tudo que se diz do mundo é dito a partir de um lugar e de um momento” (TAVARES, 2012b, p. 26).

Santos (2017, p. 145) aponta que as atividades do mundo são transmitidas por um evento que se realiza, dentre diversas possibilidades, em um instante de tempo e em um ponto do espaço; ele é praticamente uma compreensão sinônima da noção de momento, isto é, “os eventos são, todos, presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam. Os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço”. Ora, ambos estão interligados para a realização de uma circunstância, porém, quando se relata algo, retoma-se a presença em dado tempo, sem haver necessariamente uma repetição do evento: “Os eventos são, pois, todos novos. Quando eles emergem, também estão propondo uma nova história. Não há escapatória” (SANTOS, 2017, p. 145), quer dizer, há uma ação presente nova, vendo os eventos, modificando os objetos, oferecendo novas características para o entendimento de tal situação. Eles, basicamente, atribuem-nos outras identidades do espaço, propondo-nos uma nova geografia com base na nossa constituição mental do conjunto de ações, salientando que não há evento sem o sujeito, sem alguém presente executando essas ações (SANTOS, 2017).

Destarte, segundo a conferência do dia de Eliot, é importante darmos atenção a essa ideia de escala, noção de evento, sobretudo quando pensamos que um mesmo corpo pode ser um indício e violento, uma vez que os dois são completamente diferentes em suas intensidades:

Aquilo que é marca, vista do alto do meu um metro e oitenta, pode ser um indício visto de um helicóptero. Ou mesmo nada, se for visto do céu. Uma cadeira partida é uma cadeira partida para um homem que não tenha bebido, é uma cidade para um verme, é uma casa para uma formiga, e uma mancha disforme para um pássaro que voe a quinhentos metros de altitude. Uma cadeira partida pode ser todas essas coisas. Ou seja, e regressando ao verso em análise, algo pode ser, simultaneamente, violento e um indício com a condição de que exista uma mudança de escala. Eu estou próximo e digo: violência;

depois afasto-me, olho de novo, e digo: indício (TAVARES, 2012b, p. 26-27).

Isso nos possibilita dizer, portanto, que a existência de ambos em um mesmo evento vai depender do ponto de partida: do tempo e do espaço de onde eles surgem, até porque não há evento sem sujeito, de acordo com Santos (2017). Teoricamente, os eventos acontecem de acordo com as ações dos indivíduos dentro de determinado espaço e em certo momento. Um evento social, sobre o qual estamos nos referindo aqui, precisa das intervenções humanas, das atividades e escolhas do ser humano dentro de uma sociedade; podemos compreender esses eventos como a escolha de ir a algum lugar, por exemplo, ou até mesmo o fato de conquistarmos a nossa liberdade ou a democracia de um país – muitos desses, inclusive, são planejados, outros são involuntários e naturais (embora esse último pereça na artificialidade criada pelo ser humano).

6.2.3 Terceira conferência: “Não sou ninguém; não tenho nada a ver com explosões”, de Sylvia Plath, e o mundo percebido, conforme Merleau-Ponty

A preocupação do senhor Eliot, nesta conferência, é entender a existência do ser. Ter ou não a ver com explosões é um fato que está em um cotidiano aleatório, mas entende-se que algo ocorre e alguém o executa para que possamos dizer que ele existe, de fato. O senhor constata que, dentro desse verso, há a possibilidade de encontrarmos alguns fatos noticiosos, quase um jornal com várias informações diferentes. Vejamos:

Quando neste verso se alude a explosões, estas são sem nome e sem data. Ora, uma notícia, como sabem, tem um título e é situada num espaço e num determinado dia. Um verso como este, pelo contrário, é desmemoriado – não se lembra nem do *quando* nem do *onde*. Podem fazer-lhe um interrogatório: não falará. Não por resistência, mas por incapacidade natural para o fazer (TAVARES, 2012b, p. 35, grifo do autor).

Lembremos, aqui, o que refletimos anteriormente, a partir de Santos (2017), sobre a existência dos eventos: eles dependem de um lugar e de um momento para se realizar. As explosões seriam um evento, tendo uma origem na história e ocorrendo em determinado espaço. Fixando-nos nessa explicação de Eliot, é possível deduzir

que a presença do sujeito no evento confirma a existência dele, tornando-se um espaço social. Merleau-Ponty (1999) aponta que a percepção de espaço se dá pela experiência externa do indivíduo. O espaço não é tão somente onde as situações ocorrem, mas “o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 328). A experiência de ter a ver com as explosões ou com qualquer outro evento social, ou seja, criado pelo ser humano, é mais um passo para caracterizar o movimento dos seres dentro de um espaço geográfico. Contudo, não podemos isolar a existência deste somente pela presença do indivíduo. É uma situação empírica demais, como lembra Merleau-Ponty (1999, p. 333), ressaltando que as referências que tomamos são capazes de orientar de forma mais convincente dentro de uma totalidade: “Com o empirismo, tratava-se de saber como a imagem do mundo que, em si, está invertida pode aprumar-se para mim. O intelectualismo não pode nem mesmo admitir que a imagem do mundo esteja invertida após a imposição dos óculos”. Mas vejamos isso apenas como uma possibilidade de interação do homem com o espaço. Acontece que o sujeito possui poder para integralizá-lo e fazê-lo existir não somente pela conceitualização, tanto quanto para si mesmo.

Eliot coloca que esse verso de Plath não possui notícias datadas e localizadas, mas contém uma força que nos coloca diante de uma circunstância implícita e transcendental: “A questão que se coloca é: será que uma pessoa só é alguém se estiver relacionada com explosões?” (TAVARES, 2012b, p. 36). Ampliemos a questão para: será que só existiremos se estivermos em contato com algum evento? Em primeiro lugar, é importante observar que as nossas rotinas, por exemplo, já são atividades eventuais, uma ação para o homem. Ademais, o espaço nos permite reconhecer os objetos como de fato um objeto existente no mundo. Unificando-os, esse mesmo ambiente define nossas experiências às espacialidades sociais adquiridas e desenvolvidas ao longo dos momentos presentes: “O espaço e, em geral, a percepção indicam no interior do sujeito o fato de seu nascimento, a contribuição perpétua de sua corporeidade, uma comunicação com o mundo mais velha que o pensamento” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.342). Em suma, segundo o senhor Eliot, existir tem relação com as tarefas rotineiras e com a comunicação que exercemos com o mundo percebido a cada dia, “com o ato de calçar os sapatos de manhã e os descalçar à noite. Eu existo porque aperto os botões da camisa, não [somente] porque estou próximo de explosões” (TAVARES, 2012b, p. 37).

Logo, a existência do indivíduo não se define somente pela possibilidade de pensar ou pela ligação com um único evento, mas, na verdade, de forma a caracterizar uma resposta ao verso de Plath: “sou alguém; me esqueci de apertar os sapatos. E tal seria não diminuir, mas aumentar a grandeza do sujeito deste verso” (TAVARES, 2012b, p. 37), não pormenorizando, enfim, a sua existência.

6.2.4 Quarta conferência: “Tenho tantas coisas na minha cabeça, não pode ser para mim”, de Marin Sorescu, e o corpo como espaço, de acordo com Yi-Fu Tuan

Sorescu, segundo o senhor Eliot, não pensou direito ao produzir esse verso, pois, se há tantas coisas na cabeça, é porque realmente elas são para você: “Perante tal desconforto, deve-se responder de imediato a este verso com a seguinte afirmação: *todas as coisas que tenho na minha cabeça são para mim*” (TAVARES, 2012b, p. 43, grifo do autor). Isso é justificado pelo senhor justamente porque não é possível ter nada no corpo que não seja realmente para o dono dele, é algo intrínseco a ambos: “É que, de fato, eu não posso ter nada no corpo que não seja para mim porque precisamente essa coisa já está dentro, ou seja, já passou a fase de vir na minha direção e já está na fase de ter acertado no alvo” (TAVARES, 2012b, p. 43). Se “a coisa” pertence ao corpo, ela já foi consumida, absorvida pela mentalidade do ser humano; é algo que muitas vezes não está no controle do indivíduo ser capaz de arrancá-lo e negar sua presença, mesmo que temporária: “Pensar que posso ter coisas no meu corpo que sejam como cartas que erraram o destinatário é absurdo. Entra no campo da mitologia” (TAVARES, 2012b, p. 43).

Tuan (1983) considera que o corpo vem antes a ser um objeto do que parte da existência do ser vivo, mesmo que o homem busque, como possuidor dele, organizá-lo dentro do espaço, como se dá no espaço social. É certo que o corpo ocupa um espaço e desenvolve relações (mesmo que por ordens) entre si; já o ser humano, em sua integralidade, ocupa esse mesmo espaço, mas com uma consciência maior, não só como objeto, habitando esse mundo em que se encontra.

Entre os mamíferos, o corpo humano é ímpar, porque se mantém com facilidade na posição ereta. Na posição ereta, o homem está pronto para agir. O espaço se abre diante dele e imediatamente pode diferenciá-lo nos eixos frente-trás e direita-esquerda de acordo com a estrutura de seu corpo. Vertical-horizontal, em cima-embaixo, frente-trás e direita-esquerda são posições e coordenadas do corpo que são

extrapoladas para o espaço. No sono profundo, o homem continua a ser influenciado pelo seu meio ambiente, mas perde seu mundo; ele é um corpo ocupando um espaço. Acordado e em pé, ele recupera seu mundo, e o espaço é articulado de acordo com seu esquema corporal (TUAN, 1983, p. 41).

Quer dizer, o corpo, ao dominar o seu espaço, consegue fazer isso com os referenciais de intenção do ser humano e dos mesmos lados determinados no espaço. O espaço é ainda organizado de acordo com os lados do corpo, simultaneamente. Só sabemos as direções porque derivam da estrutura e dos valores do corpo humano (TUAN, 1983). O corpo está em seu centro e, ao se movimentar pelo espaço, as coordenadas mudam, de acordo com a posição ocupada pelo “objeto”. O que está na cabeça está parado na mesma direção que a posição frontal; caso se vire para a direita, continua-se em frente, mas agora na perspectiva de quem o observa pela direita – e assim vai funcionar para todos os deslocamentos que o corpo fizer. Tuan (1983) quer salientar, na verdade, que as partes do corpo – mesmo que respondendo às ordens do sujeito – são um espaço de ocupação e orientação em um espaço social maior, de relações e perspectivas espaciais.

Eliot tenta explicar que Sorescu, enquanto criava o verso, pensava em situações de sorte ou azar, ou seja, situações que nos chegam por acaso, pelos movimentos rotineiros do mundo:

Por exemplo, há uma bala que é dirigida a Alfred e, por azar, Tennyson passa, nesse preciso instante, à frente, e a bala acerta em cheio na sua cabeça. Apesar da crueza da imagem este é um bom exemplo. Nesta situação o indivíduo que designamos Tennyson, com a bala instalada na cabeça, pode perfeitamente dizer este verso de Sorescu (TAVARES, 2012b, p. 43).

Assim, o verso analisado faria sentido, mesmo considerando a existência do corpo como espaço “das coisas”. Agora, se os pensamentos não são deles, segundo Eliot, é que a cabeça possui pensamento dos outros, isto é, as ideias têm outra origem: “O que se apresenta é a tese de que os pensamentos de um homem não são sua propriedade” (TAVARES, 2012b, p. 46). Então, por mais que agora seja de posse dele, o pensamento vem do exterior e se desenvolve em sua mente, sendo algo de criação coletiva, social, não individual, dentro de um espaço social.

6.2.5 Quinta conferência: “O jardim não mudou, o silêncio está intacto”, de W. H. Auden, e a ideia de sacrifício, de Maurice Blanchot

O fato de o jardim e o silêncio não mudarem exalta que eles permanecem os mesmos, nas suas condições: “O jardim não mudou, o silêncio está intacto, o pássaro canta, o homem negocia e todos, de uma maneira ou de outra, mantêm os seus problemas e soluções” (TAVARES, 2012b, p. 53). Nada mais é, pelas ideias de Eliot, do que fazer com que não haja alterações no cotidiano. Eliot, primeiramente, questiona o que poderia mudar, portanto, no jardim – se assim acontecesse. Segundo ele, há duas respostas possíveis: “Ou um jardim muda tanto que deixa de ser um jardim e passa, por exemplo, a ser o edifício de um banco que se construiu por cima; ou um jardim muda pouco e, em vez de ter 23 flores, passa a ter 22” (TAVARES, 2012b, p. 53), porque talvez algumas crianças retirariam da terra uma flor. É válido dizer que a mudança é exponencial entre uma possibilidade e outra, mas nenhuma delas é explorada por Auden em seu verso.

Por ideias blanchotianas, podemos caminhar para compreender a análise de Eliot sobre esse verso. Para Blanchot (2013), o sacrifício nem sempre significa a morte, mas em certos momentos quer dizer apenas o abandono e a doação ao outro. Em uma comunidade, muitas vezes isso é necessário para o desenvolvimento do espaço social: “Eis o sacrifício que funda a comunidade desfazendo-a, entregando-a ao tempo dispensador que não autoriza nem a ela, nem àqueles que se dão a ela, a nenhuma forma de presença, e remetendo-os assim à solidão” (BLANCHOT, 2013, p. 28). Isso não protege a sociedade como um todo, como se espera, mas a separa de seu conjunto, a fim de que todos se reencontrem diante do abandono. Assim, com o tempo, “esse nada a doar se oferece e se retira como o capricho do absoluto que sai de si, dando lugar a outro que si, sob a espécie de uma ausência” (BLANCHOT, 2013, p. 28).

Durante a conferência, o senhor Eliot destaca a importância de uma ausência, ponderando que o nada nos fornece infinitas possibilidades para algo acontecer:

Vejamos este exemplo: alguém tinha prometido vir e não veio.
Se ficarmos só por esta consideração não obteremos, certamente,
todo o conhecimento acerca deste acontecimento.
Reparem que há múltiplas hipóteses:
Ele não veio porque foi preso.
Ele não veio porque foi fazer compras.

Ele não veio porque se esqueceu.
 Poderíamos continuar a elaborar uma lista infindável de hipóteses. E cada uma traduzir-se-ia num conhecimento, forma de preencher uma não ocorrência (ele não veio) (TAVARES, 2012b, p. 54).

O instante vago entre a promessa e a não realização consegue fornecer múltiplas informações que nos colocam em um estado de sacrifício, de abandono. Em uma cidade, muitos momentos se realizam concomitantemente, mas todos são vistos; é diferente daqui, em que o que temos é o invisível, o senso implícito das ações existentes. Entretanto, Eliot salienta que, por mais que haja o nada, no fundo ainda temos o movimento, “ou seja, é necessário fazer uma quantidade de movimentos para se continuar parado. Não são movimentos visíveis, é certo, mas são movimentos: forças” (TAVARES, 2012b, p. 55). Ocorre que o mundo também age pelo seu oposto – se o jardim não mudou, é porque o homem que interage com ele muda, bem como, se o silêncio não se alterou, é porque falta-lhe o ruído emitido pelos indivíduos.

Pensando em Blanchot (2013), a negativa nesse verso não poderia ser o fracasso da comunidade, pois esses opostos trabalham na coletividade para a sua realização. Há, dessa maneira, um sacrifício para que o oposto se realize, a partir de seu poder simbólico: “Os monges se despojam daquilo que têm, e se despojam de si mesmos para assim fazer parte da comunidade a partir da qual eles voltam a ser possuidores de tudo, sob a garantia de Deus” (BLANCHOT, 2013, p. 29). O sacrifício dado por um é para dar vez ao seu oposto, muitas vezes, saciando a necessidade da ausência.

6.2.6 Sexta conferência: “Uma paisagem absolutamente canônica, melhorada pela inundação”, de Joseph Brodsky, e a produção da racionalidade do espaço, para Milton Santos

A paisagem, sendo, segundo o senhor Eliot, canônica, não precisaria de melhoras, como pela inundação, mas, se isso ocorreu, é porque havia ali um princípio de incompletude:

É como falar de um terço ou de um vigésimo da perfeição. Se ao perfeito e ao exato acrescentas algo e a coisa melhora, é sinal de que o exato, afinal, não o era ou, pelo menos, que a tua forma de medir o exato era errada. Metade da perfeição não é metade da perfeição: é metade de um erro (TAVARES, 2012b, p. 63).

A questão a se pensar é que a inundação, em seu sentido denotativo, tende a ser algo ruim, que invade a partir de sua força um campo que não lhe pertence e que é inferior a ela. Quando dizemos que um espaço é perfeito, quer dizer que a ele nada deve se acrescentar, mas, se isso ocorre, um dilema precisa ser resolvido. Conotativamente, “é um fato que os poetas chamam as palavras para os seus versos como um pastor chama as suas ovelhas. Por vezes o chamar relaciona-se com a imaginação, outras vezes com a memória” (TAVARES, 2012b, p. 64).

Na teoria do espaço, Santos (2017, p. 294) diria que essa inundação é a razão do espaço sendo produzida:

Na realidade, não se trata, apenas, de paisagens reflexivas e racionais, mas de algo mais, isto é, espaços da reflexão e da razão, já que não nos defrontamos somente com uma materialidade, resultado de uma ação já passada, mas da combinação entre ação presente e objetos da ação.

Quando o sujeito invade os espaços naturais, temos uma inundação de técnicas ocupando aquilo que não lhe pertencia. Muitos até diriam que essa materialização de objetos na paisagem seria uma busca pela melhoria pragmática do espaço, visto que a “ocupação começara de forma espontânea, isto é, ‘irracional’ em relação às finalidades que eram desejadas na nova fase econômica” (SANTOS, 2017, p. 295). No entanto, ao longo da história tecnológica, os espaços sociais se desenvolveram pela mecanização engendrada pela razão humana. Seguindo a imagem exposta no verso de Brodsky, Eliot afirma que a inundação vem do estado líquido dos elementos, em contraposição ao estado sólido da paisagem a ser ocupada, “isto é, um comboio atravessa a paisagem e a paisagem é atravessada pelo comboio” (TAVARES, 2012b, p. 64-5). O homem assola o espaço geométrico – aquele inerte, homogêneo e que não demanda a contribuição de interlocutores – e o modifica de acordo com os seus interesses, mesmo que o espaço seja ali canônico, como apontado pelo verso: “Tudo indica, como dissemos, que se trata de um combate entre a ordem (a paisagem canônica) e a desordem (a inundação)” (TAVARES, 2012b, p. 67).

A partir da palavra “melhorada”, aliás, há uma tendência a pensar na bifurcação entre o que pode ser bom e o que pode ser ruim para o desenvolvimento de um espaço social, mas “habituaados a marcar a palavra inundação com um sinal

negativo, estamos, neste verso, obrigados a rever a moral com que julgamos as inundações desde o início dos tempos” (TAVARES, 2012b, p. 68). Uma racionalidade, em princípio, parte da técnica – mesmo que ruim – e nos ajuda a considerar a organização da realidade; as inovações tecnológicas contribuem para a incorporação de um espaço social e suas diversas flexibilidades de realização. Ao surgir, enfim, um espaço racional, supõe-se que, advinda de um planejamento humano, haja uma eficácia para os seus propósitos, com o ideal de racionalidade. “Os espaços da racionalidade funcionam como um mecanismo regulado, em que cada peça convoca as demais a se pôr em movimento, a partir de um comando centralizado” (SANTOS, 2017, p. 301). Assim, as artificialidades regular-se-ão na totalidade, capacitando-se a imitar e superar a natureza natural.

6.2.7 Sétima conferência: “Sete noites mais alto muda o vermelho para vermelho”, de Paul Celan

A sétima conferência está vazia. Não há ninguém, tampouco o conferencista, o senhor Eliot. Talvez as outras palestras não tenham dado certo como esperava o senhor ou deram tão certo que não seria necessário falar novamente, acerca desse último verso. Não sabemos e não podemos confirmar, pois as páginas estão vazias. Paul Celan não tem o seu verso explicado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desconfiar do Mundo

Trata-se no fundo de não querer depender demasiado daquilo que não se controla - apostar no imaginário individual é também, de certa maneira, rezear a desordem, o incontrolável, o mundo. Não confio no mundo, confio nas minhas metáforas. [...]

TAVARES, 2021, p. 394

Parafraseando Bachelard, Gonçalo M. Tavares afirma que o espaço que habitamos é resultado das energias físicas e morais do corpo humano. Segundo ele, usando a casa como guia para tal discussão, toda e qualquer condição espacial é fruto daquilo que pensamos e executamos em nosso cotidiano: “faletos da casa. Bachelard é muito claro quando salienta que o ‘espaço habitado transcende o espaço geométrico’” (TAVARES, 2021, p. 410). Isso porque o geômetra não é capaz de transmitir significados além daquilo que se vê, não há movimento, tampouco interações. Em outro fragmento de seu *Atlas*, Tavares destaca que é possível reduzir a existência humana aos deslocamentos que o corpo desenvolve no espaço: “Pelo percurso, pelos caminhos, temos a revelação da existência: como se a direção dos passos revelasse uma *musculatura existencial*, uma musculatura associada a hábitos, uma *musculatura de hábitos*” (TAVARES, 2021, P. 118, grifos do autor). Ora, tudo isso nada mais quer dizer do que o fato de que a presença do ser humano, e suas devidas relações, efetivam o espaço e fazem-no existir em sua completude.

Pensemos nos seguintes versos:

1. Casa no pé.
 Se pisares uma casa
 ficarás com a casa colada
 aos pés.
 Ou: como limpar uma casa
 que se agarrou aos pés?
 Mudar de casa, mas o
 teu corpo mantém alguns
 vestígios relevantes.
 Ou: pensar que o pé pode
 querer deixar atrás de
 si um carimbo. Marcar
 o itinerário através do
 carimbo-casa.
 2. Nada de intenções
 poéticas, tudo é marca

material; mas, claro, as
pegadas que deixas atrás
de ti são a tua casa.
(TAVARES, 2021, p. 410)

Segundo esses caminhos, os lugares que pisamos recebem nossas marcas, bem como nos deixam seus registros. Somos parte da casa e a casa faz parte de cada um de nós. É, de acordo com esses versos, praticamente impossível nos desgrudar de nossas memórias no espaço, uma vez que ele já se grudou em nossos calçados. “Como limpar uma casa que se agarrou aos pés?”, não se sabe, mas é certo pensar que, de acordo com as proposições de Certeau (1998), o espaço acontece porque o indivíduo nele existe, porque ele provoca relações entre os sujeitos e entre eles e seus respectivos percursos no espaço. Dessa forma, a noção de espacialidade é compreendida e a resposta à questão dos versos anteriores transforma-se em uma eterna incógnita. Nós podemos trocar de localizações, caminhar por trilhas indistintas e desconhecidas, mas os nossos rastros sempre serão deixados, assim como eles ficarão em nossa bagagem de viagem.

De qualquer forma, uma mudança proposta pelo ser humano é também uma mudança na sua forma de viver - como bem salienta Milton Santos, em *A natureza do espaço* -, não se desligando do **onde** tampouco do **quando**: “no limite, alargar os movimentos e os percursos é alargar a experiência; a não ser *que a experiência venha até nós*” (TAVARES, 2021, p. 118, grifos do autor). Os caminhos que criam as nossas experiências podem ser vistos também como uma forma de aproveitar o espaço e as múltiplas formas que ele nos possibilita, sobretudo quando nos referimos aos grandes progressos do mundo.

Gonçalo M. Tavares é um autor que transparece sempre ter essas premissas em vista. É um leitor, escritor, crítico e polêmico; sua escrita ficcional é como essa escrita, sem paralelismo, sem exatidão e sem padrão. Ele nos coloca a pensar em movimento e faz com que tudo adquira sentido, de acordo com a bagagem de cada leitor. É certo, entretanto, que ele possui múltiplos (e opostos, de fato) olhares de leitores: há os que gostam, mas não se arriscam a se aprofundar em seus textos; há os que gostam, aprofundam-se e se perdem nos encantos, maravilhados com cada nova escrita; os que leem, mas não saboreiam com apreço os seus textos; os que não gostam e preferem não arriscar colocar os olhos nas primeiras páginas escritas; além de tantos outros tipos espalhados pelas bibliotecas. Outros pesquisadores, até mesmo, viram e veem problemas na construção do texto tavariano, na forma como o

autor constrói a sua poética. Santos (2018), por exemplo, afirma que a produção de Tavares se vincula, de forma alegórica, com o mal e que provoca uma destruição da dignidade humana ao escrever sobre a violência – como na série *O reino* e em *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai*. Ainda, Fernandes (2019) Meneses (2017), Bueno (2017) e Rachwal (2016) destacam o não pertencimento da obra *Uma viagem à Índia* ao gênero épico, embora ainda haja uma insistência em encaixá-la neste grupo. Em contrapartida, Pinto (2018, p. 95) salienta, não só a paródia epopeica, mas todo o texto de Tavares como potência barthesiana, alertando o leitor de que a escrita contemporânea provoca, de certo modo, efeitos pouco desejáveis:

por um lado, entender o texto como um conjunto de devaneios a partir dos quais Barthes estaria propondo uma roupagem nova para ideias já conhecidas; por outro, ficar fascinado pela qualidade literária do texto, sem se dar conta da sua dimensão política.

A questão é que, para um leitor tavariano, fica o alerta de que a biblioteca é sempre presente e relevante para se conhecer muitos dos textos, ou seja, Gonçalo é antes de tudo um leitor. É, como se refere Pinto (2018), uma assimilação válida aos seus textos, subvertendo os processos literários existentes na contemporaneidade. Suas obras não são (e não podem ser vistas) como uma continuidade, tampouco uma cópia estrutural ou temática dessa base leitora dele. Digamos que ele reinventa o jeito de fazer literatura portuguesa (estando apenas vinculado à língua) e rompe com os preceitos pré-estabelecidos tradicionalmente nos estudos literários, como destaca não só Pinto (2018), mas também Mourão (2018) e Roriz (2018). Acontece que isso é o que alimenta a crítica aos seus trabalhos, pela dificuldade e complexidade de o encaixar em uma única compreensão, talvez.

Em suma, as obras e a linguagem de Tavares sempre provocarão questionamentos, dúvidas e incômodos nos pesquisadores, tal como ocorreu com este pesquisador no desenvolvimento desta tese; embora, no que concerne ao espaço de *O bairro*, este estudo pretenda apresentar um parâmetro possível de leitura, principalmente porque se lê, aqui, uma série de tamanha complexidade, sendo percebida pouco a pouco: *O bairro* de 39 senhores e 11 enredos nos fornece informações valiosas para a compreensão da própria série e de outras obras do autor,

a partir de diferentes cotidianos. São todos textos críticos e que seguram ideias únicas e singulares; como ele mesmo diz:

estamos já na hipótese de o ninho ser resultado não apenas das formas exteriores do corpo, mas das formas interiores; uma casa que responde ao esqueleto do animal que a habita; uma casa, em última análise, que responde aos desejos e defende dos medos, como no verso de um poeta. Neste particular [o bairro], ‘a concha do caracol, a casa que cresce na medida exata do seu hóspede, é uma maravilha do Universo’. E é a imagem da fusão entre construtor e construção, entre anatomia e ação (TAVARES, 2021, p. 411).

Essa casa, vista como o bairro que cuida destes senhores, é como o reflexo da forma de vida de Tavares, de cada intelectual observado e metaforizado para construir cada narrativa, como ele mesmo aponta: “as pegadas que deixas atrás de ti são a tua casa” (TAVARES, 2021, p. 410), são as suas marcas, a sua identidade. Talvez por isso que o autor, nos estudos contemporâneos, muitas vezes é evitado ou vivido intensamente, são sempre os extremos. Destaca-se, aqui, que esta tese não teve a intenção de, em nenhum momento, esgotar as leituras possíveis da série, tampouco de apresentar exclusividades nas discussões teóricas, mas possibilitar que novos caminhos sejam traçados a partir das discussões aqui presentes, abrindo portas para novas pesquisas. Até porque esse esgotamento é difícil de definir diante de uma leitura tão infinita – e ainda em curso - como é a de Gonçalo.

Além disso, a geoliteratura é uma discussão recente e que merece ser contemplada diante de um trabalho literário como é o de Tavares. Podemos dizer que uma geograficidade:

diz respeito aos laços de cumplicidade que o homem estabelece com o meio, trazendo para o campo de interesse do geógrafo a afetividade, os sentimentos, a emoção e o complexo sistema de significações que o conhecimento intuitivo e perceptivo implicam. (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 494).

Trata-se de uma forma de compreender o espaço, atrelando as significações do espaço real e do espaço ficcional, explorando as múltiplas formas de se compreender um contexto, um enredo e uma informação, até porque a literatura capacita-nos a perceber o mundo em que vivemos, diante de seus olhares críticos. Assim, pelos caminhos construídos, perpassamos os conceitos geográficos de Milton Santos, Eric Dardel, Michel de Certeau e Ernest Cassirer para decifrar algumas lógicas humanísticas de relações sociais estabelecidas no cotidiano dos indivíduos. Então, ao

questionarmos no início desta tese o que a literatura de Gonçalo M. Tavares permite dizer acerca da noção de espacialidade, queremos apontar que, tendo o mote de cidade pré-estabelecido pelo autor, as diversas formas de se acontecer um espaço são concretizadas dentro de *O bairro*. O espaço literário tavariano não é suficiente para decifrar os estigmas narrativos, tendo a necessidade, também, de percorrer a geografia para uma natureza espacial quase plena. A série, portanto, abriga várias formas de percepção do espaço e consegue contribuir para a geoliteratura de forma integral, demonstrando, na prática, caminhos que se entrecruzam, neste caso, os da geografia e da literatura. Também, é coerente destacar que toda essa discussão proposta acerca de *O bairro* nos ajuda a compreender mais inteligivelmente essas pequenas narrativas rotineiras dos senhores de Gonçalo, a saber quem são essas personagens e como podem ser vistos pelos leitores, diante de suas variadas peculiaridades: os isolados, os ponderadores, os excêntricos, os críticos e os obcecados.

Em suma, *O bairro* de Tavares resguarda espaços em numerosas nuances, em várias complexidades. A se resgatar as noções de espaço e lugar, para reafirmar essas (geo)teorizações, partindo dos pontos de vista de Certeau (1998) e Augé (2012), sobretudo porque esses dois termos se confundem em diversos teóricos - aqui nossa preocupação, obviamente, não foi essa, mas a de refletir sobre o quanto a contribuição do ser humano se faz importante para verificarmos a existência espacial. Ainda, a importância de se observar o tempo como epicentro dos relatos de espaço, pois é a partir dele, também, que conseguimos confirmar os momentos executados, a existência dos eventos e o trabalho de memória, questões importantes para trilharmos um percurso e leitura crítica d'*O bairro* no que se refere ao espaço literário desenvolvido nessa ficção. Além disso, a topofilia e as experiências no espaço de Tuan (1980; 1983;) mostraram-nos o quanto as relações de afetividade e de rejeição com os ambientes são significativas para a existência deles, bem como para a compreensão dos nossos espaços íntimos. As relações de afetividade e percepção, no limiar de Merleau-Ponty (1999) e Bachelard (1978), por sinal, deram vistas às relações de vizinhanças e de que forma elas são capazes de nos aproximar dos outros, dos objetos e dos lugares fixos no espaço, este último que também é corroborado por Dardel (2015), por exemplo, dentro da essência geográfica do espaço e do ser humano. Ressalta-se, ainda, o quanto Santos (2012a; 2012b; 2014; 2017) nos ajudou a refletir acerca da natureza do espaço: as sociabilidades entre os

indivíduos no espaço social, as decorrências da globalização para o espaço, as intervenções no ambiente, as relações de trabalho, a presença do Estado, as lógicas de poder, as racionalidades e os eventos dentro do espaço social. Foram diversos os conceitos, portanto, que ampliaram a forma de ler criticamente a literatura de Gonçalo M. Tavares na perspectiva do espaço: o corpo, os outros, os pensamentos, as reflexões, as explanações, as paisagens, a casa, as ruas, os estabelecimentos, tudo isso são espaços coordenados geográfica e literariamente, que somente a geoliteratura é capaz de decifrar. Uma análise pelo viés somente do espaço tradicionalmente literário seria insuficiente diante do acervo de discussões espaciais existentes neste bairro. Gonçalo nos fornece, assim, uma leitura de mundo, pelo viés ficcional, enquanto esta tese fornece uma leitura de sua série. É, portanto, isto: um olhar na perspectiva geoliterária.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paulo. **O poeta-espião**: a antilírica de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Org. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: _____. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Trad. Aníbal Alves. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BLANCHOT, Maurice. **A comunidade inconfessável**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme Editor, 2013.
- BORGES, Jorge Luís. O jardim de veredas que se bifurcam. In: **Ficciones**. Buenos Aires: Ediciones Sur, 1944.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**: introdução à toponálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BUENO, Kim Amaral. **Subversões épicas**: Gonçalo M. Tavares e os caminhos camonianos da sobrevivência. Porto Alegre, 2017, 169f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170370>
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Se una notte d'inverno un viaggiatore**. Turim: Einaudi, 1979.
- CAMPOS, Álvaro de. **Poemas de Álvaro de Campos**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000011.pdf> Acesso em 15/05/2021.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. Trad. Tomás Rosa Bueno. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. A dimensão literária da Geografia e a dimensão política da literatura: a mesma fase de uma reflexão múltipla. **Revista da ANPEGE**, Goiás, v. 16, n. 31, 2021, p. 177–190.

CORGA, Pedro. **Breves notas sobre a literatura de Gonçalo M. Tavares** (texto lido na apresentação de *Atlas do Corpo e da Imaginação*, de Gonçalo M. Tavares). Universidade de Aveiro, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/5729320/Breves notas sobre a literatura de Gon%C3%A7alo M Tavares texto lido na Apresenta%C3%A7%C3%A3o de Atlas do Corpo e da Imagina%C3%A7%C3%A3o de Gon%C3%A7alo M Tavares](https://www.academia.edu/5729320/Breves_notas_sobre_a_literatura_de_Gon%C3%A7alo_M_Tavares_texto_lido_na_Apresenta%C3%A7%C3%A3o_de_Atlas_do_Corpo_e_da_Imagina%C3%A7%C3%A3o_de_Gon%C3%A7alo_M_Tavares) Acesso em: 20 nov. 2020.

CUSTÓDIO, Robson José. **Gonçalo M. Tavares e O bairro**: das heterotopias às vicissitudes do absurdo. Ponta Grossa, 2017, 149 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/1491>

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERNANDES, Evelyn Blaut. A apropriação camoniana no século XXI: Gonçalo M. Tavares e a Índia. **Abril - NEPA**. Niterói, v. 11, n. 23, jul.-dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/30285> Acesso em: 18 mai. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

HALL. Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HASSAN, S. E. Pintores e poetas no roteiro da pulsão escópica: anotações preliminares. **Caligrama**. São Paulo, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/68014>. Acesso em: 9 set. 2021.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções**. 38. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

KANT, Immanuel. **A fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LEITE, Sebastião Uchoa. **A ficção vida**. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. 2. ed. Madrid: La balsa de la Medusa, 2000.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**. Rio Claro, v. 34, n. 3, set./dez. 2009, p. 487-508.

MENESES, Pedro. Fora do mapa e, todavia, dentro do território: corpo e imaginação segundo *O dicionário do menino Andersen* de Gonçalo M. Tavares e Madalena Matoso. **Diacrítica**. Braga, v. 30, n. 3, 2016, p. 183-205.

_____. **Um valoroso lugar incerto** – a cartografia do humano em Uma viagem à Índia de Gonçalo M. Tavares. Braga, 2017, 528 f. Tese (Instituto de Letras e Ciências Humanas – Ciências da Literatura) – Universidade do Minho, Braga, 2017. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/54992>

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu: 1800 – 1900**. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

MOURÃO, Luís. A caixa negra do mundo: apontamentos do *Atlas*. In: PINTO, Madalena Vaz. **Gonçalo M. Tavares**: ensaios, aproximações e entrevista. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.

MYERS, David G. **Psicologia social**. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

PANKOW, Gisela. **O homem e seu espaço vivido**: análises literárias. Campinas: Papirus, 1988.

PAULINO, Sibeles. A geografia literária e a voz que vem dos trópicos. **Revista da ANPEGE**, Goiás, v. 16, n. 31, 2021, p. 202–216.

PINTO, Madalena Vaz. Aplicar Barthes: desenvoltura e procedimento em Gonçalo M. Tavares. In: _____. **Gonçalo M. Tavares**: ensaios, aproximações e entrevista. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.

PLATÃO. **A república**. 15. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

RACHWAL, Gabriel Dória. **Os Demiurgos D'Os Lusíadas, do livro do Desassossego e D'Uma Viagem À Índia**. Curitiba, 2016, 149f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/44625>

RELLA, Franco. **Desde el exilio**: la creación artística como testimonio. Trad. Paula Fleisner. Buenos Aires: Ediciones la Cebra, 2010.

RICARDO Rojas, literatura e identidade nacional. **Ministerio de Cultura Argentina**, 2020. Disponível em: <https://www.cultura.gob.ar/ricardo-rojas-9496/>. Acesso em: 2 de mar. de 2022.

RORIZ, Paloma. *Matéria e pensamento: a poética investigativa de Gonçalo M. Tavares*. In: PINTO, Madalena Vaz. **Gonçalo M. Tavares: ensaios, aproximações e entrevista**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.

SANTOS, Maria da Graça. **Umas quantas fulgurações estetizantes para o movimento do medo (Tavares e Blaufuks)**. Universidade de Évora, 2018, disponível em:

https://www.academia.edu/28065199/UMAS_QUANTAS_FULGURA%C3%87%C3%95ES_ESTETIZANTES_PARA_O_MOVIMENTO_DO_MEDO_TAVARES_E_BLAUFUKS Acesso em 20 de nov. 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2012a.

_____. **Por uma geografia nova**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012b.

_____. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **Questão de método**. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

_____. **Crítica de la razón dialéctica**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1963.

STORR, Anthony. **Solidão: a conexão com o eu**. Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Benvirá, 2013.

TAVARES, Gonçalo. M. **1**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

_____. **Atlas do corpo e da Imaginação: teoria, fragmentos e imagens**. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

_____. Uma clareira no absoluto vazio. **A voz da Póvoa**. Póvoa de Varzim. Dez. 2019. Disponível em: <https://www.vozdapovoa.com/noticias/cultura/uma-clareira-no-absoluto-vazio> Acesso em 06 jun. 2019.

_____. **Biblioteca**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009a.

_____. **Canções mexicanas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013h.

_____. **Dicionário ilustrado: vizinhança**. Notícias Magazine, 2014d. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/dicionario-ilustrado-vizinhanca/cronicas/7238/> Acesso em 09 set. 2021.

_____. **Histórias falsas: estórias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008a.

_____. Diante do Enigma. **Jornal Rascunho**. Curitiba. Fev. 2016. Entrevista concedida a Jonatan Silva. Disponível em: <https://rascunho.com.br/entrevista/diante-do-enigma/>

- _____. **Matteo perdeu o emprego.** Rio de Janeiro: Foz, 2013i.
- _____. **O senhor Brecht.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005b.
- _____. **O senhor Breton e a entrevista.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009b.
- _____. **O senhor Calvino.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007b.
- _____. **O senhor Eliot e as conferências.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012b.
- _____. **O senhor Henri e a enciclopédia.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012a.
- _____. **O senhor Juarroz.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007a.
- _____. **O senhor Kraus.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007c.
- _____. **O senhor Swedenborg e as investigações geométricas.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011b.
- _____. **O senhor Valéry e a lógica.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011a.
- _____. **O senhor Voltaire e o século XX:** A fotografia e a dança. Notícias Magazine, 2013a. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2013/o-senhor-voltaire-e-o-seculo-xx-a-fotografia-e-a-danca/cronicas/2160/> Acesso em: 10 fev. 2019.
- _____. **O senhor Voltaire e o século XX:** Danças e facas. Notícias Magazine, 2013b. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/o-senhor-voltaire-e-o-seculo-xx-dancas-e-facas/cronicas/4271/> Acesso em: 10 fev. 2019.
- _____. **O senhor Voltaire e o século XX:** Tudo certo, portanto. Notícias Magazine, 2013c. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/o-senhor-voltaire-e-o-seculo-xx-tudo-certo-portanto/cronicas/4275/> Acesso em 10 fev. 2019.
- _____. **O senhor Voltaire e o século XX:** Rádio e bigode. Notícias Magazine, 2013d. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/o-senhor-voltaire-e-o-seculo-xx-radio-e-bigode/cronicas/4278/> Acesso em: 10 fev. 2019.
- _____. **O senhor Voltaire e o século XX:** Manifestações e antibióticos. Notícias Magazine, 2013e. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/o-senhor-voltaire-e-o-seculo-xx-manifestacoes-e-antibioticos/cronicas/4282/> Acesso em 10 fev. 2019.
- _____. **O senhor Voltaire e o século XX:** O útil e o inútil. Notícias Magazine, 2013f. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/o-senhor-voltaire-e-o-seculo-xx-o-util-e-o-inutil/cronicas/4284/> Acesso em: 10 fev. 2019.
- _____. **O senhor Voltaire e o século XX:** Os dois gêneros humanos. Notícias Magazine, 2013g. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/o-senhor->

[voltaire-e-o-seculo-xx-os-dois-generos-humanos/cronicas/4288/](#) Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. **O senhor Voltaire e o século XX:** Pés, mãos – escrita, matemática. Notícias Magazine, 2014a. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/o-senhor-voltaire-e-o-seculo-xx-pes-maos-escrita-matematica/cronicas/4291/> Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. **O senhor Voltaire e o século XX:** Objetos, homens e animais. Notícias Magazine, 2014b. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/o-senhor-voltaire-e-o-seculo-xx-objetos-homens-e-animais/cronicas/4298/> Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. **O senhor Voltaire e o século XX:** Sobre as dimensões do perigo. Notícias Magazine, 2014c. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/sobre-as-dimensoes-do-perigo/cronicas/4301/> Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. **O senhor Walser.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008b.

_____. **Os velhos também querem viver.** Rio de Janeiro: Foz, 2014e.

_____. **O torcicologologista, Excelência.** Porto Alegre: Dublinense, 2017.

_____. **Short Movies.** Porto Alegre: Dublinense, 2015a.

_____. **Uma menina está perdida no seu século à procura do pai.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015b.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel., 1983.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel. 1980.

VAZ-PINTO, Madalena. O Sr. Eliot e as conferências: heterotopia e profanação. **Colóquio Letras.** Lisboa, n. 203, jan. 2020, p. 21-28.

WOLFF, Francis. A invenção da política. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A crise do Estado-nação.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 23-54.

“Os [seres humanos] inventaram uma maneira coletiva de serem imortais – a cidade”

Gonçalo M. Tavares
Atlas do corpo e da imaginação